



# *Neve na Primavera*

**SARAH JIO**

Autora best-seller de *As Violetas de Março*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# *Neve na Primavera*

**SARAH JIO**

*Tradução:*  
Rafael Gustavo Spigel



Título original: Blackberry winter

© 2012 Sarah Jio

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jio, Sarah

Neve na primavera / Sarah Jio ; tradução Rafael Gustavo Spigel. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: Blackberry winter.

ISBN 978-85-8163-723-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-12083 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Save the Children

Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq – Save the Children**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: [www.fundabrinq.org.br](http://www.fundabrinq.org.br)



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)

*Para meus filhos, Carson, Russell e Colby, e a coleção de estimados animais de pelúcia — um ursinho esfarrapado, três girafas aos pedaços e um pequeno tigre listrado. Ser a mãe de vocês é a maior alegria da minha vida.*

*E para as mães em todas as partes do mundo — principalmente aquelas que tiveram que dizer adeus a um filho.*

# *sumário*

[capa](#)

[folha de rosto](#)

[folha de créditos](#)

[dedicatória](#)

[sumário](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[agradecimentos](#)

[nota da autora](#)

# capítulo 1

VERA RAY

*Seattle, 1<sup>ª</sup> de maio de 1933*

Um vento gélido infiltrou-se pelas tábuas do assoalho, e eu senti um calafrio, envolvendo-me um pouco mais com o pulôver cinza de lã. Só restava um botão. Custando cinco centavos cada, parecia supérfluo pensar em substituir aqueles que haviam desaparecido. Além do mais, a primavera havia chegado. Será? Espiei pela janela do segundo andar e ouvi o vento assoviar e uivar. Um vento ameaçador. Os galhos de uma velha cerejeira batiam contra o edifício com tanta força que eu pulei, preocupada que outra batida dessas pudesse quebrar o vidro. Eu não poderia arcar com uma despesa de conserto, não neste mês. Mas, então, uma visão inesperada fez com que eu me esquecesse de minhas preocupações momentaneamente. Flores rosa-claras giraram no ar. Eu suspirei, sorrindo para mim mesma. *Igual a neve.*

— Mamãe? — Daniel grunhiu debaixo das cobertas. Eu puxei de volta o edredom azul em farrapos, revelando seu belo rosto redondo e o macio cabelo loiro, que ainda enrolava nas pontas. *Seu cabelo de bebê.* Aos três anos, com bochechas rechonchudas, rosadas e olhos arregalados, de tom azul palpitante, ele estava em algum lugar

entre bebê e menino. Mas, quando dormia, parecia-se exatamente como no dia em que nascera. Às vezes eu entrava na ponta dos pés em seu quarto nas primeiras horas da manhã e o observava, abraçando seu ursinho marrom, encantadoramente desbotado, com uma orelha rasgada e um laço surrado de veludo azul.

— O que foi, meu amor? — perguntei, ajoelhando-me ao lado da pequena cama de madeira antes de lançar um olhar cauteloso de volta à janela, onde o vento assolava do lado de fora. *Que tipo de mãe sou eu para deixá-lo aqui esta noite, completamente sozinho?* Suspirei. *Tenho escolha?* Caroline trabalhava no turno da noite. E eu não poderia levá-lo outra vez para o hotel, principalmente depois do incidente do último fim de semana, quando Estella o encontrou dormindo na suíte da cobertura do novo andar. Ela o havia espantado do aconchego do edredom como se ele fosse um camundongo de cozinha pego cochilando no pote de farinha. Isso o assustara terrivelmente, além de quase ter me custado o emprego. Eu respirei fundo. Não, ele ficaria bem aqui, meu menino precioso, confortável e seguro em sua cama. Eu trancaria a porta. As paredes do edifício eram finas, mas a porta era robusta, sim. Mogno sólido com uma fechadura de bronze polido.

Nós dois nos retraímos com o som de batidas na porta, importuno, maçante, insistente. Daniel fez caretas.

— É ele de novo, mamãe? — ele perguntou, antes de baixar a voz até um sussurro. — O homem *mau*?

Eu o beijei na testa, tentando esconder o medo que nascia em meu peito.

— Não se preocupe, meu amor — eu disse antes de me levantar. — Deve ser apenas a tia Caroline. Fique aqui. Vou ver quem é.

Desci os degraus e fiquei na sala de estar por um instante, congelada, tentando decidir o que fazer. As batidas na porta persistiam, agora mais altas, mais furiosas. Eu sabia quem era e

sabia o que ele queria. Olhei de relance para minha bolsa, ciente de que dentro dela não havia mais do que um dólar, talvez dois. O aluguel estava atrasado havia três semanas, e eu estava evitando o sr. Garrison com desculpas, mas e agora? Eu tinha gastado meu mais recente salário com mantimentos e um novo par de sapatos para Daniel, coitadinho. Não dava para esperar que aqueles chinelos de bebê continuassem a servir nele.

*Toc. Toc. Toc.*

A batida refletia a batida do meu coração. Fiquei assustada, imobilizada. O apartamento assumiu a impressão de uma gaiola. As paredes ao meu redor também devem ter virado arames enferrujados. *O que vou fazer?* Automaticamente, olhei na direção do meu pulso. Desde que o pai de Daniel me presenteara com o objeto mais refinado que meus olhos já tinham presenciado, eu estimava a corrente de ouro incrustada com três delicadas safiras. Naquela noite no Olympic Hotel, eu fui uma hóspede, não uma criada usando vestido preto e avental branco. Quando abri a pequena caixa azul e ele pendurou o bracelete sobre meu pulso, pela primeira vez senti-me como alguém que havia nascido para usar tal ornamento. Agora parecia um pouco tolo pensar que eu poderia, bem... Fechei os olhos com força enquanto as batidas na porta continuavam. Comecei a soltar o fecho e em seguida balancei a cabeça. Não, eu não entregaria isso a ele. Não desistiria assim facilmente. Em vez disso, puxei o bracelete mais para cima em meu braço, cobrindo-o com segurança sob a manga do vestido. Eu encontraria outra maneira.

Respirei fundo e caminhei lentamente até a porta, cuja fechadura abri de forma relutante. As dobradiças rangeram, revelando o sr. Garrison no corredor do lado de fora. Ele era um homem grande, tanto em estatura quanto em circunferência; era fácil notar por que Daniel o temia tanto. Seu rosto carrancudo estava quase todo

coberto por uma barba cinza, desleixada. Só eram evidentes suas bochechas vermelhas, esburacadas, e os olhos escuros, insensíveis. Seu hálito exalava gim, com um toque de pinheiro e de azedo, indicando que ele vinha da taverna que ficava no andar abaixo. O rigoroso reinado da Lei Seca ainda não havia terminado, mas a maior parte dos policiais fechava os olhos para esta parte da cidade.

— Boa noite, sr. Garrison — eu disse, da forma mais doce que pude.

Ele se aproximou mais, pressionando a comprida bota com biqueira de aço no solado da porta.

— Poupe as formalidades — respondeu. — Onde está o meu dinheiro?

— Por favor... queira me desculpar, senhor — eu comecei, com uma voz vacilante. — Sei que estou devendo o aluguel. Este mês tem sido muito complicado para nós, e eu...

— Você contou essa história semana passada — ele disse, sem demonstrar emoção. Passou por mim e seguiu o caminho até a cozinha, onde se serviu de uma pequena fatia de pão que eu tinha acabado de tirar do forno. *Meu jantar*. Ele abriu a geladeira e franziu a testa ao não encontrar um pote de manteiga. — Vou perguntar mais uma vez — continuou, de boca cheia. Seus olhos se estreitaram. — Onde está o meu dinheiro?

Eu apanhei o bracelete quando meu olhar alcançou a parede à frente dele, com os rodapés desgastados e a tinta descascando. *O que vou dizer agora para ele? O que posso fazer?*

Ele soltou uma risada profunda, gutural.

— Exatamente como eu previa — ele disse. — Uma ladra mentirosa.

— Sr. Garrison, eu...

Os olhos dele concentraram-se em mim de forma possessiva; ele se aproximou ainda mais até que eu pudesse sentir o ranço de seu

hálito e os pelos de sua barba no meu rosto. Ele agarrou meu pulso com força, e na mesma hora o bracelete escorregou sob o punho da manga, escondido de sua visão.

— Eu não pensei que pudesse chegar a esse ponto — ele disse, com a mão gorda e bruta tateando meu suéter até conseguir movê-lo para o lado e agarrar o corpete do meu vestido. Seu dedo indicador puxou com força um botão. — Felizmente para você, eu sou um homem generoso e vou permitir que você me pague de *outra* forma.

Dei um passo para trás assim que ouvi os passos nos degraus.

— Mamãe?

— Daniel, volte para a cama, meu amor — eu respondi, demonstrando a maior calma possível. — A mamãe já vai.

— Mamãe — ele repetiu, agora começando a chorar.

— Oh, querido — eu disse a ele, rezando para que minha voz não revelasse o terror que eu sentia. — Está tudo bem. Eu prometo. *Por favor*, volte para a cama.

Eu não poderia deixá-lo ver isso, ou, pior, deixar que o sr. Garrison o machucasse.

— Mamãe, estou com medo — ele disse, com a voz abafada pelo ursinho de pelúcia.

O sr. Garrison limpou a garganta e endireitou o sobretudo.

— Bem, se você não conseguir calar a boca dele — ele gritou, encarando Daniel com um sorriso sinistro —, então eu vou ter que voltar. Mas fique certa de que eu *vou* voltar.

Eu não gostava do modo como ele olhava para Daniel, como se ele fosse um bicho de estimação, um estorvo. Ele voltou a olhar para mim, observando-me atentamente como se eu fosse um belo pedaço de carne bovina chiando em uma frigideira.

— E eu venho buscar o meu pagamento.

Eu acenei com a cabeça obedientemente enquanto ele saía pela porta.

— Sim, sr. Garrison. — Eu me atrapalhei com o trinco enquanto ouvia os pesados passos dele no corredor. Antes de me virar para encarar meu filho, respirei fundo, tentando me acalmar, e enxuguei uma lágrima desgarrada. — Oh, Daniel — eu disse, correndo até o topo dos degraus e pegando-o no colo. — Você está assustado, querido? Não fique. A mamãe está aqui. Não há nada para se preocupar.

— Mas o homem — ele respirou pelo nariz —, ele é um homem mau. Machucou você, mamãe?

— Não, querido — respondi. — A mamãe não deixaria isso acontecer.

Levei a mão até o pulso e desapertei o bracelete, deixando-o cair sobre o espaço protegido da minha palma.

Daniel olhou para mim confuso, e eu observei seus grandes e inocentes olhos, desejando que as coisas fossem diferentes para ele, para nós.

— A mamãe ama o bracelete, querido. Eu só quero mantê-lo seguro.

Ele pensou no que eu disse por um instante.

— Pra você não perder ele?

— Isso mesmo — eu me levantei e peguei na mão dele. — Você ajuda a mamãe a colocar ele no *lugar secreto*?

Daniel concordou com a cabeça, e nós dois fomos até o minúsculo armário abaixo da escada. Num dia de manhã, ele tinha descoberto o espaço, menor que uma chapeleira, enquanto brincava, e nós dois resolvemos que o compartimento especial seria nosso segredo.

Daniel guardava tesouros dos mais variados dentro — uma pena de pássaro azul que ele encontrara na rua, uma lata de sardinha que ele preencheria com pedras lisas e outras bugigangas. Um marcador

de página. Um níquel brilhante. Uma concha de molusco, branqueada pelo sol até adquirir um tom brilhante. Eu tinha guardado ali a certidão de nascimento e outros documentos dele que precisavam de segurança. E agora guardei o meu bracelete.

— Pronto — eu disse, fechando a portinha e admirando o espaço sem aberturas visíveis. Ele combinava perfeitamente com o revestimento da escada. Como Daniel descobrira esse lugar, isso eu jamais saberia.

Ele acomodou a cabeça em meu peito.

— Mamãe, canta uma música?

Eu assenti, alisando seu cabelo loiro sobre a testa e admirando-me de como ele era parecido com o pai. *Se ao menos Charles estivesse aqui.* Eu rapidamente descartei o pensamento, a fantasia, e comecei a cantar.

— Nana, neném, que a cuca vem pegar. Papai foi na roça. Mamãe foi trabalhar. — As palavras passaram pelos meus lábios e nos acalmaram.

Cantei três versos, o suficiente para as pálpebras de Daniel ficarem pesadas, antes de levá-lo até a cama, aconchegando-o sob o edredom outra vez.

A expressão dele anuviou-se de preocupação quando ele avistou meu vestido preto e meu avental branco.

— Não vá, mamãe.

Eu passei a mão no queixo dele.

— Logo a mamãe volta, querido — eu disse, beijando suas duas bochechas, macias e frias nos meus lábios.

Daniel enfiou o rosto no urso, esfregando o nariz no focinho dele da maneira que fazia desde a infância.

— Eu não quero — ele parou, enquanto sua mente de três anos de idade tentava arduamente evocar as palavras certas. — Eu fico com medo quando você vai.

— Eu sei, meu amor — eu disse, segurando as lágrimas que ameaçavam cair. — Mas eu tenho que ir. Porque *eu amo você*. Você entenderá isso um dia.

— Mamãe — Daniel continuou, olhando para a janela, onde, atrás do vidro, o vento reunia forças. — A Eva diz que fantasmas aparecem à noite.

Meus olhos arregalaram-se. A filha de Caroline tinha uma imaginação que não correspondia aos seus três anos e meio de idade.

— O que a Eva está contando para você, querido?

Daniel parou, como se estivesse contemplando se deveria responder.

— Bem — ele disse cautelosamente —, quando estamos brincando, às vezes as pessoas olham para nós. Elas são fantasmas?

— Quem, querido?

— A moça.

Eu me ajoelhei para que meus olhos ficassem na altura dos dele.

— Que moça, Daniel?

Ele apertou o nariz.

— No parque. Eu não gosto do chapéu dela, mamãe. Tem penas. Ela machucou um pássaro? Eu gosto de pássaros.

— Não, meu amor — eu disse, jurando que falaria com Caroline sobre as histórias de Eva. Suspeitei que elas fossem a causa dos últimos pesadelos de Daniel.

— Daniel, o que a mamãe disse para você sobre falar com estranhos?

— Mas eu não falei com ela — ele respondeu, com os olhos arregalados.

Alisei o cabelo dele.

— Bom menino.

Ele acenou com a cabeça, aconchegando-a no travesseiro com um suspiro. Eu enfiei o ursinho na curvatura de seu braço.

— Está vendo? Você não está sozinho — eu disse, sem conseguir evitar que a voz falhasse. Fiquei na esperança de que ele não tivesse notado. — O Max está aqui com você.

Ele pressionou o urso em seu rosto outra vez.

— Max — disse, sorrindo.

— Boa noite, meu amor — falei, virando-me para a porta.

— Noite, mamãe.

Fechei a porta em silêncio e em seguida ouvi um abafado “Espere!”.

— Sim, meu amor? — respondi, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

— Você beija o Max? — ele perguntou.

Eu caminhei de volta até a cama e me ajoelhei enquanto Daniel pressionava o urso em meus lábios.

— Eu te amo, Max — sussurrei enquanto caminhava de volta à porta. — E te amo, Daniel. Mais do que você jamais saberá.

Desci a escada na ponta dos pés, coloquei outra tora na lareira, fiz uma oração em silêncio e caminhei até a porta da frente, trancando-a após passar por ela. Era apenas um turno. Estaria de volta em casa antes do amanhecer. Voltei até a porta e balancei a cabeça, tranquilizando-me. Era a única forma. Ele estaria seguro. São e salvo.

## capítulo 2

CLAIRE ALDRIDGE

*Seattle, 2 de maio de 2010*

Meus olhos se abriram e eu pressionei a barriga com a mão. Era aquela dor intensa no meu abdômen outra vez. Do que o dr. Jensen a havia chamado? Ah, sim, uma *dor do membro fantasma* — algo sobre a lembrança de que meu corpo tinha do trauma. Fantasma ou não, eu me deitei ali sentindo a dor familiar, solitária, que havia me cumprimentado todas as manhãs do último ano. Parei para reconhecer a lembrança, imaginando, como fazia todo dia quando o alarme do rádio-relógio disparava, como eu conseguiria me levantar, me vestir — agir como um ser humano normal, quando só queria virar uma bola e tomar um Tylenol para eliminar aquela sensação.

Esfreguei os olhos e olhei de soslaio para o relógio: 5:14 da manhã. Permaneci deitada, imóvel, e ouvi enquanto o vento liberava sua raiva contra o exterior do nosso apartamento do décimo quarto andar. Senti um calafrio e puxei o edredom até o pescoço. Nem mesmo o edredom Siberian era suficiente para cortar o frio. *Por que está tão frio?* Ethan deve ter diminuído o termostato — outra vez.

— Ethan? — sussurrei, esticando o braço no lado dele da cama *king size*, mas os lençóis estavam frios e arrumados. Ele tinha ido

cedo para o trabalho outra vez.

Eu me levantei e peguei o roupão da cadeira de estofado listrado em azul e branco, ao lado da cama. O telefone tocava persistentemente, então saí do quarto e me dirigi até a sala de estar. As janelas panorâmicas do apartamento proporcionavam uma vista do Pike Place Market de Seattle e da Baía de Elliott, com seu firme fluxo de balsas indo e vindo. No dia em que conhecemos o apartamento, havia quatro anos, eu dissera a Ethan que parecia que estávamos flutuando no ar.

— Seu castelo no céu — ele dissera três semanas depois, entregando-me uma chave prateada e brilhante.

Mas não foi a vista familiar que me fascinou naquela manhã. Na verdade, não *havia* vista. Estava tudo... *branco*. Esfreguei os olhos para enxergar melhor a paisagem do lado de fora do vidro insulado. *Neve*. E não era apenas uma nevada — era uma verdadeira nevasca. Olhei para o calendário pendurado na parede, próximo à minha mesa, confusa, balançando a cabeça. Uma tempestade de neve em 2 de maio? *Inacreditável*.

— Alô — eu murmurei no telefone, finalmente.

— Claire!

— Frank. — Meu chefe no jornal, sim, mas, a esta hora da manhã, minha saudação carecia de profissionalismo polido.

— Você está vendo pela janela? — Editor dedicado, Frank costumava estar à sua mesa antes do amanhecer, enquanto eu geralmente aparecia no escritório por volta das nove horas. E isso num dia bom. O departamento de colunas não estimulava a mesma urgência que o departamento de notícias, e ainda assim Frank agia como se os perfis de jardineiros locais e as resenhas das produções teatrais infantis fossem assuntos essenciais e urgentes. A equipe dele, e eu me incluo nela, mal conseguia contestar sua atitude. A esposa de Frank falecera havia três anos e, desde então, ele se

dedicara ao trabalho com tal intensidade que às vezes eu suspeitava de que ele dormia no escritório.

— Você está falando da neve, certo?

— Sim, *a neve*! Dá para acreditar?

— Eu sei — respondi, verificando a sacada, onde a mesa e as cadeiras de ferro forjado estavam cobertas de branco. — Acho que os meteorologistas erraram.

— Erraram mesmo — comentou Frank. Eu podia ouvi-lo manuseando papéis em sua mesa. — Vejamos a previsão do tempo, conforme o jornal de hoje: “Nublado, máximo 15 graus Celsius, chance de chuva leve”.

Eu balancei a cabeça.

— Como é que isso pôde acontecer? Estamos quase no verão... pelo menos estávamos, quando verifiquei pela última vez.

— Eu não sou meteorologista, mas sei que isso é raro. Temos que cobrir isso. — A voz de Frank tinha todas as marcas de um editor em busca de evidências de uma história.

Eu bocejei.

— Você não acha que é mais um furo jornalístico? Uma tempestade de neve não serve de objeto para uma coluna a menos que você queira que eu faça um texto sobre os bonecos de neve da cidade.

— Não, não — Frank continuou. — É uma história bem maior. Claire, andei vasculhando uns arquivos antigos e você não vai acreditar no que encontrei.

— Frank — eu disse, mexendo no termostato. Aumentei a temperatura para vinte e quatro graus. Ethan odiava gastar energia. — Ainda não são nem seis da manhã. Há quanto tempo você está no escritório?

Ele ignorou a minha pergunta.

— Esta não é a primeira vez que Seattle presencia uma tempestade assim.

Eu virei os olhos.

— Certo. Nevou em janeiro, não foi?

— Claire — ele continuou —, não, ouça. Uma tempestade de neve de final de estação caiu nesta mesma data em 1933. — Ouvi mais papéis sendo remexidos. — A época é excepcional. Mais de oitenta anos atrás, uma tempestade idêntica, uma gigantesca nevasca, paralisou completamente a cidade.

— É interessante — eu disse, sentindo o impulso de fazer uma xícara de chocolate quente e voltar para a cama. — Mas ainda não entendo por que isso é uma matéria para a coluna. Não é a Debbie do noticiário que deveria estar cobrindo isso? Está lembrado de que ela cobriu aquele tornado maluco em South Seattle?

— Porque é *maior* do que aquele evento — ele respondeu. — Pense a respeito. Duas nevascas, compartilhando a mesma data do calendário, separadas por quase um século? Se você achar que essa coluna não vale a pena, eu não sei o que vale, Claire.

Eu podia detectar o tom de chefe aumentando em sua voz, então cedi.

— Quantidade de palavras e prazo?

— Você tem razão sobre a notícia — ele disse. — Eles vão cobrir hoje e amanhã, mas eu gostaria de algo maior, um relato pormenorizado da tempestade naquela época e agora. Vamos dedicar os esforços de todo o departamento a isso. Posso dar seis mil palavras a você, e gostaria disso pronto na sexta-feira.

— Sexta-feira? — protestei.

— Você não terá que procurar muito suas fontes — ele prosseguiu. — Tenho certeza de que há uma grande quantidade de material nos arquivos. A sua perspectiva pode ser: "O grande retorno da tempestade".

Eu forcei um sorriso.

— Você faz parecer que a tempestade é um ser vivo.

— Quem sabe? —olveu Frank. — Talvez seja um aviso para voltarmos no tempo. Para vermos o que perdemos... — A voz dele diminuiu.

— Frank — eu disse, suspirando —, o seu sentimentalismo em relação ao tempo é adorável, mas não se anime muito. Ainda estou pensando em como vou escrever seis mil palavras sobre bonecos de neve.

— O Inverno das Amoras-Pretas — ele murmurou.

— Perdão?

— A tempestade — continuou. — Ela é chamada de inverno das amoras-pretas. É como os meteorologistas chamam uma repentina onda de frio de final de estação, porque nessa época as amoreiras estão em flor. Interessante, não acha?

— Acho — eu disse, apertando na parede o interruptor da lareira a gás. A lição sobre o tempo de Frank me deixou com desejo de um pedaço quente de torta de amora-preta. — No mínimo teremos uma ótima manchete.

— E espero que uma ótima história também — ele disse. — Te vejo no escritório.

— Frank, espere... você viu o Ethan por aí hoje? — Meu marido, o gerente editorial do jornal, me superava e trabalhava mais dias do que eu, mas vinha começando suas manhãs mais cedo progressivamente.

— Ainda não — ele disse. — Só estou eu aqui e mais alguns no departamento de notícias. Por quê?

— Ah, nada — eu disse, tentando esconder a emoção que sentia. — Eu só estava preocupada se ele chegaria bem, com toda essa neve caindo.

— Bem, tome cuidado lá fora — ele disse. — A Quinta Avenida está um verdadeiro rince de patinação no gelo.

Eu desliguei o telefone e olhei para baixo na direção da rua, piscando os olhos para distinguir duas figuras, um pai e o filho pequeno, ocupados em uma guerra de bolas de neve.

Encostei o nariz na janela, sentindo o vidro frio na pele. Sorri, compreendendo a cena antes de minha respiração embaçar o vidro.

*Um Inverno das Amoras-Pretas.*

## *capítulo 3*

### **VERA**

— **V**ocê está atrasada — Estella disse, observando-me por detrás de sua mesa cinza de aço quando eu entrei nos alojamentos das criadas no Olympic. Havia uma única lâmpada pendurada em um fio no porão parcamente iluminado. Ela acenou com a cabeça na direção de uma pilha de roupas de cama brancas recém-lavadas, que precisavam urgentemente ser dobradas.

— Eu sei — respondi com pesar. — Me desculpe mesmo. O bonde estava atrasado, e bem antes de sair eu tive que resolver um problema com meu...

— Não estou interessada em suas desculpas! — ela vociferou. — As suítes do quinto andar precisam ser limpas, e rápido. Teremos um grupo que se hospedará hoje à noite. Dignitários. O trabalho deve ser feito de forma rápida e com o máximo de atenção. E fique de olho nos cantos das camas. Ontem eles estavam mal limpos, e eu tive que mandar a Wilma refazer todos eles. — Ela suspirou e retornou à papelada diante dela.

— Me desculpe, senhora — eu disse, guardando minha bolsa em um armário e apertando meu avental antes de me dirigir até o elevador de serviços. — Vou fazer melhor.

— E, Vera — Estella chamou —, você não trouxe *o menino* de novo, trouxe? — Ela esticou o pescoço como se esperasse encontrá-lo escondido debaixo da minha saia.

— Não, senhora — eu resmunguei, pensando de repente se tinha deixado um copo de água para Daniel. *Deixei? Será que ele vai sentir sede?* Eu contive o pensamento quando Estella parecia me fuzilar com os olhos.

— Bom — ela disse. — Porque, se você confundir o melhor hotel de Seattle com uma escola maternal outra vez, receio que serei obrigada a dar seu emprego a uma das muitas mulheres que adorariam tê-lo. Você tem que agradecer por estar empregada numa época em que muitas pessoas não estão.

— Sim, senhora — respondi. — *Sou* muito grata. Não vai acontecer de novo.

— Muito bem — ela disse, gesticulando na direção de uma bandeja prateada que tinha dois enormes pedaços de bolo de chocolate e uma garrafa de champanhe. *Se ao menos o Daniel pudesse comer um pedaço desse bolo.* Fiz uma anotação mental para juntar gorjeta e fazer um para ele com o dinheiro. Toda criança merecia provar um bolo, mesmo as pobres. — Leve isto para o quarto 503 — mandou. — O Manuel está fazendo outra entrega. É para um hóspede *importante*, então seja rápida, está entendendo?

— Sim, senhora — respondi, empurrando o carrinho pela porta.

Enquanto o elevador de serviço subia, eu analisei o bolo — chocolate amargo, com recheio de chocolate entre cada camada — e a garrafa de espumante francês, cujo rótulo impresso com palavras exóticas eu não compreendi. Senti uma pontada de fome, mas me forcei a desviar o olhar. Com alguma sorte, eu encontraria por acaso um pedaço de queijo ou um pãozinho em um dos quartos que limparia naquela noite. Na semana passada encontrara um

sanduíche de carne. Ele estava mordiscado na ponta, mas não me importei, pois não tinha comido nada naquele dia.

Eu firmei o carrinho quando o elevador parou de forma abrupta e estremei quando as taças de champanhe tilintaram, evitando por pouco derrubá-las no chão. *O que a Estella diria se eu quebrasse estas taças?* Empurrei o carrinho pelo corredor, acenando com a cabeça para um casal elegante que passou por mim. Eles me ignoraram. *Para onde estão indo? Para o teatro? Para a ópera?* É fácil se perder nesses sonhos fantasiosos quando se trabalha em um hotel, e, para passar o tempo, permiti a mim mesma pensar como seria deitar em uma cama com os lençóis recém-arrumados e os travesseiros fofinhos. Enquanto tirava o pó dos adornos dourados, eu espiava os closets e admirava as vestimentas de alta-costura penduradas, as joias espalhadas nas partes superiores da cômoda, os frascos de perfume que custavam seis vezes o valor do meu aluguel. Uma vez eu apliquei um pouquinho no meu pulso, inalando o aroma exótico floral de riqueza e luxo, até me lembrar de Estella, e então, com sabão e água, esfreguei a mão rapidamente.

Enquanto me deslocava até cada suíte, eu sonhava com histórias sobre a vida dos hóspedes, imaginando sempre como seria comigo, com *Daniel*, se nossas circunstâncias fossem outras.

Parei no quarto 503 e bati na porta. Dava para ouvir o som de música. *Jazz*, talvez.

— Só um minuto — uma voz feminina bradou, seguida de um som de risadinha.

Momentos depois, a porta foi aberta e uma bela mulher apareceu, mais ou menos da minha idade. Os seios dela transbordavam à beira de uma camisola de renda rosa-clara apertada com força na cintura. O cabelo curto, tingido de um loiro estonteante, enrolava levemente nas pontas, como nas propagandas. Quando ela olhou para baixo,

na direção do carrinho, eu pude ver o tom escuro da cor natural de seu cabelo nas raízes.

— Oh, que bom — ela gritou, passando o dedo indicador ao redor de toda a beira do bolo e lambendo-o, sem sequer notar minha presença. — Lon — arrulhou para dentro do quarto —, seu diabinho. Você sabe que champanhe e chocolate são meus pontos fracos.

Eu a segui para dentro do quarto. O ar cheirava a colônia almiscarada, e meu rosto queimou quando notei um homem seminu deitado na cama. Com a colcha cobrindo-o até a cintura, ele parecia um rei escorado em um monte de travesseiros.

— Coloque isso aqui do meu lado, boneca — ele disse gentilmente, olhando diretamente nos meus olhos. Eu me virei, constrangida ao ver seu peito exposto, bronzeado e úmido, como se ele tivesse acabado de se esforçar. — Ah — falou o homem, sorrindo e gesticulando para que eu mantivesse contato visual com ele. — Não seja tímida, docinho. Você é nova aqui?

— Não, senhor — respondi. — Digo, bem, sim, senhor. Há apenas seis meses.

A mulher parecia muito incomodada com nosso diálogo.

— Lonnie — ela choramingou —, me deixe dar um pouco de bolo para você.

— Em um minuto, Susie — ele disse, sem tirar os olhos de mim. — Sou Lon Edwards. Não acredito que já tive o prazer de conhecê-la. — Estendeu a mão. A mulher demonstrou preocupação.

Eu a peguei sem jeito, sem saber bem o que dizer, e grunhi:

— Sou Vera. Vera Ray.

— Prazer em conhecê-la, querida — ele respondeu, guardando uma nota de cinco dólares no bolso do meu avental.

Eu recuei e fiz uma reverência.

— Obrigada, senhor, é, Lon; digo, sr. Edwards.

— Espero vê-la novamente — ele disse, sorrindo, antes de voltar o olhar para Susie, que parecia faminta por sua atenção (e pelo bolo de chocolate).

— Sim, senhor — eu gaguejei. — Obrigada, senhor. Boa noite.

Quando a porta estalou após ser fechada atrás de mim, soltei a respiração e logo vi Gwen me esperando no corredor. Baixa, rechonchuda, com uma cicatriz lastimável na face esquerda, ela raramente franzia a testa ou reclamava, motivo pelo qual eu simpatizara imediatamente por ela.

— A Estella me enviou para ajudar você com o chão — ela gorjeou. — Tem um grupo grande vindo. Temos que ser rápidas. — Ela sorriu. — Pelo visto você conheceu o Lon.

Eu dei de ombros, batendo no bolso.

— Ele dá uma boa gorjeta.

Gwen abriu um sorriso.

— Ele tem uma queda por camareiras.

— Gwen! — eu bufei. — Você não está dizendo que eu faria...

— Não, não — ela respondeu, cutucando-me alegremente do lado com a ponta de seu espanador. — É que a mulher que está com ele agora, a Susie, ela costumava trabalhar na manutenção, antes de você começar.

— Você quer dizer que ela era...?

Gwen confirmou com a cabeça.

— Exatamente como nós. E agora ele a mantém em sua suíte, toda pomposa e maquiada, a serviço dele.

Meu rosto ficou vermelho ao me lembrar da cena.

— Que coisa terrível.

Gwen deu de ombros.

— A Susie não parece pensar assim. Ele lhe dá cem dólares por semana e a deixa usar o carro e o motorista dele. Com certeza é bem melhor do que esfregar o chão.

— Cem dólares por semana?

Gwen parecia pensativa.

— Uma fortuna.

— Bem — eu disse, respirando fundo e em seguida dissipando o pensamento. — Eu jamais me venderia desse jeito.

Gwen deu de ombros.

— Nunca diga nunca — ela retrucou enquanto fechávamos o primeiro dos onze quartos que precisavam ser limpos. — Estes tempos são alarmantes. Tantas pessoas que não têm essa sorte. Minha irmã mais velha mora no Kansas. O marido dela está desempregado, e eles têm oito filhos. *Oito* bocas para sustentar. Imagine o que ela faria para sustentar a família. Sou grata por ter só a minha própria boca para alimentar.

Pensei em Daniel e no apuro que eu enfrentava com o pagamento do aluguel. Eu não conseguiria enganar o sr. Garrison por muito mais tempo. Nós estaríamos morando na rua dentro de alguns dias, talvez uma semana, se tivéssemos sorte.

— Gwen — murmurei —, por acaso você não tem vinte dólares para emprestar, tem? É para pagar o meu aluguel. Estou num dilema terrível.

— Quem me dera, querida — ela respondeu, e seus bondosos olhos brilharam de compaixão. Senti uma pontada de culpa. *Como posso esperar que ela me socorra sendo que ela está no mesmo barco que eu?* — Tome — disse, entregando-me duas notas amarrotadas. — Meus últimos dois dólares.

— Eu prometo que te pago de volta — falei.

— Não se preocupe com isso — volveu ela, apontando para a cama. — Vamos começar logo tirando esses lençóis. Eu vou até deixar você ficar com toda a gorjeta que encontrarmos nos quartos. Talvez tenhamos sorte.

— Talvez — respondi.

Às cinco da manhã, havíamos terminado o chão e até a suíte da enorme cobertura, e minhas mãos já estavam esfoladas, rachadas. Gwen bocejou, entregando-me um frasco de creme facial descartado que ela havia surrupiado de um quarto vazio. — Passe um pouco deste creme — ela disse. — Vai ajudar.

Eu sorri com o bondoso gesto dela.

— Quer parar na lanchonete antes de ir para casa?

— Não posso — respondi. — Tenho que voltar antes que o Daniel acorde.

Gwen colocou a mão no meu braço.

— É duro ter que deixá-lo em casa, não é?

Eu acenei com a cabeça, ciente de cada segundo perdido. Daniel estava esperando.

— É insuportável, para falar a verdade — completei. Meus olhos arderam um pouco e eu desviei o olhar.

— Mas isso não é para sempre, você sabe — ela disse. — Você encontrará seu caminho. Encontrará alguém. Uma pessoa maravilhosa.

Eu queria dizer: *Mas eu já encontrei, e veja o que aconteceu*, mas preferi confirmar com a cabeça.

— Sim — respondi. — O sol vai nascer para mim um dia desses, certo? E para você também.

Gwen piscou.

— É isso aí, querida — ela disse, me apertando. — Então, quanto você juntou com as gorjetas?

Eu dei de ombros.

— Quatro dólares.

Gwen sorriu.

— Junte isso com os meus dois e os cinco do Lon e você terá...

— Não é suficiente para pagar o aluguel — eu disse, abatida.

Ela suspirou.

— Bem, já é um começo. Dê um beijo naquele menino lindo por mim.

— Darei — respondi, abrindo a porta que dava para a rua. Senti um vento frio no rosto, jogando seus cachos nas fendas do meu pulôver e enviando arrepios por todo o meu corpo. Quando pisei na calçada, ofeguei no instante em que meus pés afundaram em pelo menos dez centímetros de neve branca e fresca. *Oh, céus, neve? Em maio?* O tempo combinava com a incerteza, a crueldade do mundo. Eu suspirei. *Como vou chegar em casa agora? O bonde não deve estar funcionando;* não com este tempo.

Eu sabia que teria que caminhar, e rápido. O apartamento não era longe, mas na neve, e com um buraco na sola do meu sapato direito, ele poderia muito bem estar a quilômetros. Mas não importava; Daniel era meu destino. Eu me arrastei, com o passo constante, mas meia hora depois meus pés doíam, e estremeci de dor com a intensidade ardente da parte que estava em carne viva. Fui mancando até uma ruela, rasguei o forro do meu vestido na costura e o enrolei ao redor do pé. Um homem com o rosto coberto de fuligem pairava próximo a uma lata de lixo. Ele zelava por uma pequena fogueira sob um abrigo improvisado, cutucando as brasas com um pedaço de pau. Minhas mãos estavam congeladas e eu ansiava por algo quente, mas o olhar nada convidativo dele me dizia para seguir em frente. Além do mais, não havia tempo para paradas; Daniel estava me esperando. Subi uma encosta e depois uma segunda. A faixa de tecido só atenuou a dor da minha pele congelada por um instante, mas logo a dor aguda voltou, palpitando com pontadas violentas. *Mais duas encostas. Continue.* Eu poderia chegar em casa ao amanhecer, para cumprimentá-lo com um beijo no instante em que ele abrisse os olhos. Eu devia isso a ele.

Quando cheguei ao prédio, não conseguia mais sentir meus pés. Ainda assim, me apressei para entrar, arrastando os membros

dormentes degraus acima. Mesmo sem aquecimento, o aumento de cinco graus que senti ao subir a escada me aqueceu.

— Ei, olá, bonita — um homem me cantou do corredor. Eu odiava morar em cima do bar. Era obrigada a passar por meia dúzia de beberrões, alguns inconscientes no corredor; outros zangados, à procura de uma briga; e outros ainda à procura de uma mulher. Um mais descarado esticou o braço e pegou na minha mão, mas eu me liberei dele a tempo de seguir meu caminho até o andar de cima e me barricar dentro do apartamento. Quando tranquei a porta, me apavorei por um instante. Como estava muito exausta, não conseguia me lembrar se tinha entrado com uma chave ou se a porta estava destrancada. *Certamente devo ter trancado antes de sair para o trabalho a noite passada.* A fadiga estava pregando uma peça em mim.

O fogo que eu havia acendido na lareira na noite anterior tinha se apagado havia muito tempo. O ar estava frio. Extremamente frio. *Coitado do Daniel, com apenas um acolchoado para esquentá-lo. Será que ele passou frio?* Eu senti calafrios só de pensar na riqueza da cidade — quente e confortável sob milhões de plumas, comendo bolo à meia-noite — enquanto meu filho tremia na cama em um apartamento sobre um bar de arruaceiros, sozinho. *O que há de errado com o mundo?* Coloquei minha bolsa de lado e tirei o casaco coberto de neve, todo mosqueado com pedaços de gelo que brilhavam sob a luz da manhã. Caminhei até o compartimento sob os degraus e arrombei a portinha, puxando meu bracelete de seu esconderijo secreto. Daniel adorava passar os pequenos dedos pela corrente dourada. Prendi-o no pulso, ciente de como ele ficaria feliz ao vê-lo novamente.

Contive um bocejo enquanto subia os degraus até o quarto de Daniel, mas minha exaustão não se equiparava à emoção que senti porque veria meu menininho. Ele ficaria tonto com a neve, é claro.

Nós faríamos bonecos de neve e depois nos abraçaríamos junto do fogo. Eu dormiria por uma hora à tarde enquanto ele cochilasse. Um dia perfeito.

Abri a porta do quarto dele.

— Daniel, a mamãe chegou!

Eu me ajoelhei ao lado da pequena cama dele e puxei o acolchoado, revelando apenas lençóis amarrotados, frios e curtos. Meus olhos vasculharam o quarto, sob a cama, atrás da porta. *Cadê ele?*

— Daniel, você está se escondendo da mamãe, meu amor?

*Silêncio.*

Corri até o lavatório e descii os degraus até a cozinha.

— Daniel! — gritei. — Daniel, onde você está se escondendo? Saia já!

Meu coração bateu no peito com tanta intensidade que silenciou o som dos homens ocupados com brigas de socos no andar de baixo. Meus olhos percorreram cada centímetro do apartamento, e fiquei rezando para que fosse apenas uma de suas brincadeiras. Certamente, em um instante, ele surgiria por detrás da porta da despensa e diria: “Surpresa!”, assim como fazia quando brincávamos juntos.

— Daniel? — eu o chamei outra vez, mas só a minha voz ecoou no frio e solitário ar.

Passei pela porta do apartamento e descii correndo os degraus. Eu não tinha parado para vestir uma roupa quente, mas isso não importava. Não estava sentindo frio; apenas terror. *Ele tem que estar perto. Quem sabe ele acordou, viu a neve e resolveu sair para brincar?*

Passei correndo pelos homens que vagueavam no bar e saí na rua.

— Daniel! — gritei sob aquele ar frio, e minha voz foi imediatamente abafada por uma camada de neve. — Daniel! —

gritei de novo, desta vez mais alto. Parecia até que eu estava gritando sob uma mordaca cheia de bolas de algodão. Um silêncio sufocante pairou sobre o ar. Olhei para a esquerda, para a direita.

— Você viu meu filho? — implorei a um homem de negócios de sobretudo e cartola. — Ele tem três anos, tem esta altura. — Encostei a mão na minha perna onde batia a cabeça de Daniel. — Ele estava usando pijama xadrez azul. Ele tem um ursinho de pelúcia com um...

O homem franziu a testa e passou por mim.

— Que mãe é você? Deixar uma criança de três anos de idade na rua com *este* tempo — ele resmungou ao se afastar.

As palavras dele machucaram, mas eu continuei, correndo em direção de outra pessoa na calçada.

— Senhora! — gritei para uma mulher guiando sua jovem filha pela calçada. Ambas vestiam casacos iguais com elegantes chapéus cinza. Senti um aperto no coração. *O Daniel não tem nem um casaco quente. Se ele estiver aqui fora, neste frio...* Olhei diretamente para a mulher, e meus olhos imploraram, de mãe para mãe. — Por acaso você viu meu filhinho andando por aqui? O nome dele é Daniel. — Mal reconheci a minha voz. Desesperada. Aguda.

Ela me analisou, desconfiada.

— Não — respondeu, sem emoção. — Não vi — continuou. Puxou a filha para mais perto dela enquanto se afastavam.

— Daniel! — eu voltei a gritar, desta vez em uma ruela, onde às vezes eu o deixava brincar de amarelinha ou vete com outras crianças enquanto eu costurava à tarde. *Sem resposta.* Então, ocorreu-me procurar por pegadas na neve. Os pés dele eram pequenos o bastante para que eu conseguisse distinguir suas impressões. Mas, após procurar por alguns minutos, percebi que meus esforços eram em vão. A neve, caindo tão forte agora, cobria qualquer traço de rastro com sua cruel manta branca.

Dei mais alguns passos à frente e, desta vez, na direção do final da ruela, uma mancha azul chamou minha atenção. Corri até ela e caí de joelhos, soluçando, chacoalhando a cabeça violentamente. *Não. Não, Deus, não!* O precioso urso de Daniel, Max, com o rosto virado para baixo, sobre a neve. Eu o recolhi e o apertei contra o peito, balançando-o para a frente e para trás assim como teria confortado Daniel após um pesadelo. Estremeci bem no fundo. Meu filhinho tinha *sumido*.

## *capítulo 4*

### **CLAIRE**

**T**odos nós nos comportamos de forma distinta diante do trauma e da agonia, costuma dizer minha terapeuta, Margaret. Algumas pessoas agem impulsivamente; outras se reprimem — contendo a dor e guardando-a bem no fundo, deixando-a se formar e inflamar, e era assim que eu agia desde o terror que eu vivera no último mês de maio. Ethan, por outro lado, parecia lidar com a dor agindo impulsivamente. Jogando-se no serviço. Bebendo abundantes quantidades de uísque escocês. Saindo com os amigos tarde da noite — amigos, devo complementar, que não haviam tido importância alguma para ele no último ano. Até mesmo um BMW vermelho ele comprara sem mais nem menos em março. Tudo estava ligado à sua dor, dizia Margaret. Quando eu o vira entrando no conversível, do lado de fora do escritório, meus olhos se encheram de lágrimas. Não era a despesa que me incomodava, mas a escolha. Ethan não era o tipo de cara que tem um BMW vermelho berrante.

Eu tinha tentado levá-lo comigo em meus compromissos semanais. Pensei que, se pudéssemos conversar sobre o passado juntos, nós dois talvez parássemos de fingir que isso nunca havia acontecido e

aprendêssemos a encarar o novo normalmente, fosse lá o que fosse. Mas ele balançara a cabeça.

— Eu não me consulto com psiquiatras — respondera. E assim nossos caminhos divergiram. O amor ainda se prolongava. Eu o sentia nos momentos velados, no modo como ele deixava o fio dental sobre a pia do banheiro nas manhãs porque ele sabia que eu tinha o hábito de esquecer; ou na forma como os olhos dele se demoravam nos meus toda vez que eu dizia boa-noite. Mas aquele vazio crescia como um câncer, e eu temia que se espalhasse de forma incontrolável. Nosso casamento, ao que parecia, estava beirando um diagnóstico terminal.

— Bom dia, Claire — gorjeou Gene, o porteiro de nosso prédio, assim que eu saí do elevador. — Dá para acreditar neste tempo?

Apertei o cinto do meu leve casaco de trincheira, pensando se deveria voltar e subir até o quarto para trocar de roupa. Luvas e um cachecol, em primeiro lugar, e — eu olhei para baixo, na direção das minhas botas de couro na altura da panturrilha — talvez um par de botas para neve. Eu deveria ter optado por algo com um pouco mais de tração, mas não suportava amarrar meus tênis. Eu não os usava desde *o acidente* e não tinha confiança de voltar a calçá-los. Ainda não.

— Uma nevasca em maio — comentei com Gene, balançando a cabeça, incrédula, enquanto olhava para fora, na direção das portas duplas do edifício. — Por que eu moro aqui mesmo?

Gene abriu um sorriso.

— Você acha que está com agasalho suficiente? — Ele apontou na direção da rua. — Está um ar ártico lá fora. — Desde *o incidente*, ele, e todos os outros, ao que parecia, cuidavam de mim como se eu fosse um passarinho perdido. *Você está com muito frio? Muito calor? Vai ficar segura caminhando até o mercado da esquina depois de escurecer?*

Eu valorizava a preocupação dele, mas da mesma forma isso me irritava. *Será que tenho uma enorme placa grudada nas minhas costas dizendo* SOU FÍSICA E MENTALMENTE INCAPAZ DE CUIDAR DE MIM MESMA. POR FAVOR, ME AJUDE?

Ainda assim, eu não culpava Gene.

— Vou ficar bem — respondi, confiante, revelando um sorriso forçado. — Posso ter vindo da Califórnia, mas já enfrentei invernos do Noroeste e posso evitar o gelo no caminho do escritório.

— Mesmo assim — ele disse, puxando um par de luvas do bolso —, use estas. As suas mãos vão congelar sem elas.

Eu hesitei, mas acabei aceitando a confusa combinação de fios azuis e brancos.

— Obrigada — agradei, calçando-as só para agradá-lo.

— Que bom — respondeu Gene. — Agora você pode jogar uma bola de neve sem problemas.

Passei pela porta, afundando as botas em pelo menos oito centímetros de neve. Os dedos dos meus pés sentiram o frio na mesma hora. *Por que eu não vesti minhas meias de lã?* As ruas estavam vazias, com exceção de um grupo de meninos que trabalhavam duro para fazer um boneco de neve. *Será que o Café Lavanto está aberto?* Eu odiava pensar em ter que caminhar vários quarteirões íngremes até o meu café favorito, mas o chocolate quente coberto com chantilly valeria o esforço, pensei. Além do mais, eu ainda não queria ir para o escritório e poderia fazer do passeio uma pesquisa. Uma pesquisa sobre o caso da tempestade.

Vinte minutos depois, quando encontrei a porta do café trancada, xinguei minha decisão e minhas botas, que estavam ensopadas e quase congelando meus pés, formando dois blocos de gelo com formato de bota.

— Claire?

Virei-me para ver Dominic, o proprietário do Café Lavanto, caminhando em minha direção. Alto, com o cabelo castanho-claro e um agradável sorriso, ele sempre me parecera deslocado atrás do balcão do café. Era uma daquelas duplas que não se complementavam, como meu professor de literatura inglesa na faculdade que fazia um bico como tatuador.

— Graças a Deus — eu disse, apoiando-me na porta. — Cometi o erro de vir caminhando até aqui com isto — comentei, apontando para meus sapatos. — E agora estou com receio de que os dedos dos meus pés estejam muito congelados para fazer o caminho de volta. Você se importa se eu descongelar lá dentro um pouquinho? — Observei atentamente a fachada da loja, que normalmente estaria cheia de pessoas a esta hora da manhã. — Acho que eu não esperava que a cidade estivesse completamente paralisada.

— Você conhece Seattle — respondeu Dominic com um sorriso. — Alguns flocos de neve e ocorre um pandemônio coletivo. — Ele esticou a mão para dentro de uma bolsa preta de couro estilo carteiro e apanhou a chave do café. — Sou o único que conseguiu chegar. Os ônibus não estão rodando e os carros estão deslizando por todos os lados. Você viu o engavetamento na Segunda Avenida?

Balancei a cabeça e pensei em Ethan.

Ele enfiou a chave na tranca.

— Entre, vamos nos aquecer.

— Ainda bem que aqui está aberto — comentei, seguindo-o para dentro do estabelecimento. — Seattle está uma cidade-fantasma agora.

Ele balançou a cabeça, trancando a porta por dentro.

— Não, acho que não vou abrir hoje. Bem que estou precisando de um dia de folga. Mas alguém tinha que ver como o Pascal estava.

— Pascal?

— O gato — ele respondeu.

— Você quer dizer que eu frequento este lugar há seis anos e não sabia da existência do residente felino?

Dominic abriu um sorriso.

— Ele é um velho ranzinza. Mas tem uma quedinha por morenas.

Senti as bochechas formigarem quando começaram a descongelar com o calor do café.

— Ele passa a maior parte do tempo lá em cima, no sótão — ele continuou.

— No sótão?

— Não é muito grande, é só um depósito onde guardo os mantimentos. O Mario, o antigo proprietário, deixava a mesa dele lá em cima. Estou pensando em transformar esse sótão em um apartamento tipo estúdio, para morar em cima da loja.

— Parece uma vida agradável — respondi, observando a vibração do meu celular dentro da bolsa. Eu o ignorei. — Ouvi dizer que faz pouco tempo que você comprou o café. É isso mesmo?

Dominic acenou com a cabeça.

— Sim. E vou ficar endividado até os cento e cinco anos. Mas vale a pena arriscar. Adoro este lugar. Só que vou fazer algumas mudanças. Começando por um toldo novo, um cardápio de almoço. E um novo nome.

— Sério? O que há de errado com Café Lavanto?

— Nada de mais — ele respondeu. — É que não tem nenhuma ligação com este lugar... com a história daqui.

— E você mudaria para...?

Ele despejou leite em uma jarra de aço e a colocou sob a vara do vaporizador da máquina de café espresso.

— Ainda não estou certo — disse. — Talvez você possa me ajudar a pensar em algo bom. — Ele piscou. — Você é escritora, não é? Escritora profissional? — As bolhas irromperam na jarra quando o vapor fez ruído.

— Você se lembra?

— Claro. Do *Herald*, certo?

— Isso mesmo. Mas, se você perguntar à minha mãe, que me mandou estudar em Yale por quatro anos esperando que eu me tornasse editora da equipe do *The New Yorker*, eu sou uma picareta. — Esfreguei as mãos juntas para esquentá-las.

— Ah, sem essa — disse Dominic, abrindo um sorriso. — Você não acha que está sendo um pouco exigente consigo mesma? Seus pais devem ter orgulho de você, não?

Dei de ombros.

— Eu escrevo coisas sem importância para o jornal local. E na verdade é o que estou fazendo hoje, cobrindo a tempestade de neve. Não é exatamente o que se chamaria de conteúdo.

— Bem, eu, por exemplo, acho que o seu trabalho é bem interessante e digno — ele comentou, apoiando-se no balcão. — Certamente melhor do que o de um barista de trinta e cinco anos. Imagine os comentários que ouço todos os anos no Dia de Ação de Graças.

Eu gostei da humildade dele.

— O que você fez antes disso?

Dominic olhou por sobre o moedor de café, que ele havia acabado de preencher com grãos de espresso, brilhante e de aparência lisa sob as luzes do balcão.

— Uma tentativa fracassada atrás da outra — respondeu.

— O fracasso constrói o caráter — retruquei.

Ele não respondeu na mesma hora, e fiquei preocupada, achando que o havia ofendido.

— Desculpe — eu disse. — Eu não quis dizer que *você é...* — *Por que eu fui abrir a boca?*

— Que eu sou um fracassado incorrigível? — ele perguntou. — Por mim, tudo bem. Este lugar não foi exatamente a decisão profissional

mais sábia.

Eu mordi o lábio. *Pelo menos ele está sorrindo.*

— Mas, mesmo que eu abra falência em um ano, não vou me arrepender — continuou, olhando fixamente ao redor, para o café, com orgulho. — Às vezes você tem que se arriscar, principalmente quando isso o faz feliz — suspirou. — Quando vim trabalhar aqui, há três anos, eu tinha acabado de ser demitido de uma empresa de contabilidade que me contratou assim que saí da faculdade. Minha vida ia muito bem na época. Eu tinha um salário decente, uma noiva, um apartamento e um *pug* chamado Scruffles.

Eu reprimi uma risada.

— Scruffles?

— Nem me pergunte — ele disse, com um sorriso aflito. — O cão era dela.

Meneei a cabeça conscientemente.

— Quando perdi meu emprego, ela me largou.

— E levou o cachorro?

— Levou o cachorro — confirmou, polindo o revestimento cromado da máquina de espresso com um pano branco.

Eu sorri sem graça.

— Então você conseguiu um emprego aqui?

— Sim, de barista — ele disse. — Era para ser apenas temporário. E daí eu percebi o quanto amava o trabalho: ficar com as mãos pegajosas e manchadas de borra de café, despejar a espuma perfeita nas xícaras de cerâmica. Eu não tinha saudade das longas horas na empresa ou do processamento dos dados ou de qualquer outra coisa. Fazer café era, de alguma forma, catártico. Parecia estranho, mas eu *precisava* disso. E, quando o Mario propôs vender o estabelecimento, eu estava pronto, embora minha família tivesse me alertado e sido contra isso.

Eu sorri.

— Bem, você tem sorte. Faz ideia de quantas pessoas odeiam seus empregos?

Ele saltou por sobre o balcão com uma caixa de ração de gato nas mãos, despejando uma generosa porção em um prato branco no chão, perto da porta.

— Pascal — chamou. — Aqui, gatinho.

Instantes depois, um gato preto e branco acima do peso apareceu, observando-me cautelosamente antes de se acomodar para fazer sua refeição.

— Posso preparar algo para você? — Dominic perguntou, virando-se para a enorme máquina de espresso. Era divertido ser a única cliente no café, como se estivesse nos bastidores de um teatro antes de as cortinas se abrirem.

— Ah, não precisa fazer nada para mim, não — respondi.

Ele virou o moedor de café e o zumbido dele preencheu o ar com uma trégua consoladora.

— Eu insisto.

Eu abri um sorriso.

— Bem...

— Não tem problema algum — ele disse. — Estou fazendo um cappuccino para mim. Você gosta de chocolate quente, certo?

— Você se lembra?

— É claro que me lembro — respondeu. — E eu sempre vejo você salpicando canela por cima. Quer que eu misture alguns condimentos no chocolate? Posso fazer um chocolate quente mexicano. Você certamente vai gostar.

— Sim, obrigada.

Ele se virou rapidamente para apanhar uma lata de cacau em pó.

— Longe de mim me intrometer — disse —, mas por que é que o seu marido... — ele hesitou. — Ele é o seu marido, certo?

— Sim — respondi.

— Certo — ele continuou. — Por que ele sempre pega no seu pé quando você pede chocolate quente?

Eu sorri forçadamente.

— Então você ouviu ele caçoando de mim?

Dominic acenou com a cabeça.

Eu dei de ombros.

— Sou casada com o homem que mais tem orgulho do café de Seattle.

Ethan tinha morado em Seattle a vida toda, nascido e criado. Ele havia crescido com a cultura do espresso e desconfiava de qualquer um que não compartilhasse seu amor pelo refinado café, ou pior, qualquer um que pronunciasse espresso como “expresso”. Nossa cozinha era o lar de onze prensas francesas, uma cafeteira italiana do século XIX, duas cafeteiras elétricas tradicionais e uma máquina de espresso que custa mais do que o carro da maioria das pessoas.

— Então ele tentou converter você?

— Sim — respondi. — O Ethan simplesmente não entende por que eu não consigo gostar de café.

Ele me entregou uma caneca cheia até a borda, habilmente decorada com chantilly e canela em pó.

— Para você — disse, abrindo um sorriso. — E, só para constar, eu não acho que haja algo indecente em ser um especialista em chocolate quente.

Eu sorri, dando um gole generoso no chantilly.

— Eu gosto da forma como você fala disso — eu disse. — Especialista em chocolate.

Pascal ronronou a meus pés antes de perambular de volta ao andar de cima. Observei a antiga lareira de tijolos do outro lado do ambiente. A argamassa estava se desintegrando em alguns lugares, mas um azulejo pintado logo acima da lareira chamou minha atenção. Pisquei os olhos para enxergar melhor, mas não conseguia

compreender a cena pintada na tabuleta cor de marfim. Engraçado: em todas as vezes que havia visitado o café, eu nunca tinha notado isso. Fiz uma anotação para inspecionar essa tabuleta mais de perto na minha próxima visita.

— E daí se não foi um bom empreendimento comercial? — eu disse. — É o café mais legal da cidade.

Dominic olhou fixamente ao redor do pequeno ambiente e acenou com a cabeça.

— É um lugar especial, não é? — ele disse, abrindo um sorriso. — Na verdade, é um pouco surpreendente que alguém não tenha esvaziado o lugar e o transformado em um Starbucks.

Eu sorri, olhando rapidamente para meu relógio.

— Bem — falei —, olhe para mim, ocupando o seu tempo. É melhor eu sair e encarar a neve. Tenho um editor me esperando.

— Para onde você vai?

— Bem, para o prédio do *Herald*, na Alaskan Way — respondi. — Isso se eu conseguir chegar lá.

— Me deixe acompanhar você — ele se ofereceu, um pouco acanhado. — Pelo menos até você encontrar um táxi.

— Eu adoraria — respondi, e juntos seguimos até as ruas tomadas de neve.

Apesar da nevasca caindo violentamente do lado de fora, a sala da redação estava agitada como se o termômetro registrasse a aprazível temperatura de vinte e um graus. Mas isso não me surpreendeu. Os repórteres de jornal raramente se ausentam sem motivo. A dedicação está no sangue deles, e é por isso que eu ficava pensando se tinha realmente a habilidade natural para a função. Tanta coisa havia mudado desde o último mês de maio, desde... Fiquei imaginando se ainda tinha o que era preciso.

— Aí está você! — Eu me virei e vi Abby se aproximando da minha baia. Editora de pesquisa do jornal, ela tinha um senso de humor que me atraía imediatamente. No meu primeiro dia no *Herald*, ela foi até a minha mesa após eu conhecer os funcionários, me olhou nos olhos e disse: — Eu gosto de você. Você não usa sapatos pontudos. Depois, inalou o ar ao redor da minha mesa. — Mas você fuma?

— Não — respondi, um pouco atordoada.

— Que bom — ela retrucou. Sua expressão me dizia que eu passara no teste da amizade. — Sou Abby. — Eu soube na mesma hora que seríamos amigas.

Abby tinha o dom de descobrir fatos obscuros sobre qualquer coisa ou qualquer pessoa. A cor do cabelo da filha do ex-prefeito, por exemplo, ou a sopa servida em um restaurante atualmente extinto na Marion Street em 1983 — qualquer coisa ela encontraria. Ela viera me salvar por várias vezes nos últimos meses, quando eu estava muito atarefada, mas não tinha o material de que eu precisava para escrever uma matéria decente.

— O Frank está procurando você — ela disse, com um sorriso sagaz.

Eu cocei a testa.

— Ele está mastigando o lápis?

— Sim — Abby respondeu. — Soe os alarmes. Acho que vi um lápis sendo mordido.

— Ótimo — eu disse, me encolhendo na cadeira para evitar ser vista sobre as divisórias da baia. Tanto Abby como eu sabíamos que não deveríamos irritar Frank quando ele mordia o lápis. Isso indicava um editor exalando fogo pelas ventas à solta.

— Você sabe o que ele quer? — Abby perguntou, afundando na minha cadeira de visitante.

Liguei o computador e observei enquanto o monitor lentamente se iluminava, revelando uma foto de Ethan e eu no México havia três anos. *Como estávamos felizes*. Suspirei e me virei de volta para Abby.

— O Frank quer que eu escreva sobre a tempestade.

Ela deu de ombros.

— E? Não parece um grande problema para mim.

— É isso mesmo — eu disse. — Não há nada *grande* nisso. Não dá para escrever uma matéria sobre o tempo; nenhuma boa, pelo menos. — Reuni alguns papéis soltos na minha mesa e os endireitei em uma pilha organizada, balançando a cabeça. — Eu não sei, Abs. Talvez seja eu. Não consigo ter animação com *qualquer* matéria nestes dias.

— Querida, então se afaste por uns dias — ela sugeriu. — Você quer que eu converse com o Frank para que ele te dê uma folga? Sabe, você nunca parou para descansar depois... — ela hesitou para examinar meu rosto, procurando permissão, talvez, para dizer o que viria a seguir — ... após sua internação. Além do mais, diferentemente de mim, você, querida, tem estabilidade. Você é uma Kensington, afinal de contas. Você pode dar as ordens.

Eu enrolei um release que estava sobre minha mesa e o atirei na direção de Abby com um sorriso.

— Engraçadinha — respondi. — Eu posso ter me casado com um Kensington, mas *não* sou uma Kensington.

A família de Ethan era dona do jornal, um dos últimos diários que pertenciam a uma família no país. Eu assinava Claire Aldridge antes de conhecê-lo, então não fazia sentido mudá-lo profissionalmente. Além disso, eu gostava bastante do sentido disso para seus pais muito tradicionais, Glenda e Edward Kensington. Ambos acionistas no jornal, eles conduziam o negócio a distância, deixando Ethan lidar com as questões do dia a dia, uma vez que sua irmã, Leslie, não

tinha interesse em manter um emprego de verdade com uma agenda recheada de eventos sociais e horários marcados em salões. O avô dele, Warren, redator-chefe patriarcal do jornal, não aparecia mais com tanta frequência agora que estava com mais de oitenta anos e a saúde debilitada, mas seu nome permanecia no topo do cabeçalho do jornal.

O jornal, fundado pelo bisavô de Ethan na virada do século, era uma instituição familiar, que tinha a expectativa de que todos os Kensington, inclusive nossos futuros filhos, se os tivéssemos, participassem dela.

— Bem — Abby continuou —, eu ainda acho que você deveria usar o cartão Kensington e pegar uma folga. Tem sido um ano duro. Por que não dar a si mesma um tempo para reorganizar as coisas, descansar?

Embora eu fosse rápida para mudar de assunto quando os outros traziam o passado à tona, não me incomodava quando Abby fazia isso.

— Obrigada — respondi, concordando com a cabeça. — Mas estou bem. De verdade.

Olhei para cima e vi o rosto de Frank espiando por sobre a baia, com o lápis firmemente preso na boca.

— Aí está você — ele disse. Consegui ouvir a gravidade em sua voz. — Alguma coisa para relatar?

Inclinei a cabeça para a direita, pensando se os lápis ainda continham chumbo. Talvez isso pudesse explicar o comportamento levemente neurótico de Frank.

— Relatar?

— Sobre a matéria.

— Ah, sim — eu disse. — Eu estava apenas, é, conversando com a Abby sobre isso.

— Que bom — ele respondeu, enfiando o lápis atrás da orelha. — Me atualize sobre isso hoje à tarde, se possível.

— Farei isso — respondi, acenando com a cabeça enquanto Frank se virava e caminhava de volta para seu escritório. Eu me virei para Abby. — Socorro.

Ela entrelaçou as mãos sobre o colo.

— Então, uma matéria sobre uma tempestade de neve.

— Isso aí.

— Lembra do que eu disse sobre tirar uns dias de folga?

— Não vou fazer isso.

Ela assentiu.

— Está certo, então vamos trabalhar. Você começou a entrevistar?

Balancei a cabeça, negando.

— Qual é a sua perspectiva?

— Não tenho nenhuma. — Suspirei, derrotada, antes de me lembrar do que Frank havia dito sobre a tempestade em 1933. — O Frank quer que o título do texto seja “O Inverno das Amoras-Pretas”.

— O Inverno do quê?

Eu tentei me concentrar.

— Das amoras-pretas. É como os meteorologistas chamam o clima frio de final de estação, acho. O Frank disse algo sobre uma tempestade similar que ocorreu no mesmo dia em 1933. Ela praticamente parou a cidade.

Abby endireitou o corpo na cadeira.

— Você está brincando.

Eu encolhi os ombros.

— O Frank está com essa ideia maluca de que a tempestade retornou cheia de consequências. Ele quer que eu faça uma comparação “antes e depois”. Dá para acreditar? Um artigo sobre o *tempo*. Não consigo pensar em uma tarefa mais tola que essa.

Abby balançou a cabeça.

— Tola? Claire, você não pode estar falando sério. Isso é uma coisa boa. Você começou pelo menos a pesquisar o que aconteceu naquela tempestade de neve em 1933?

Eu balancei a cabeça.

— Honestamente, Abby, acho que prefiro limpar o toalete a começar a pesquisar para essa matéria. Estou encrascada.

— Tudo bem — ela disse. — Me dê uma hora e eu vou descobrir algo bom para você. Você sabe que eu adoro uma desculpa para pesquisar nos arquivos. — Ela parecia ansiosa. — A década de 1930 e a Grande Depressão. Com certeza vou encontrar algo bom.

Eu dei de ombros.

— Espero que sim.

Abby se levantou e acenou com a cabeça, confiante.

— Peça comida tailandesa. Eu volto ao meio-dia.

— Vou tentar — eu disse, esticando a cabeça na direção do corredor. — Não sei se algum entregador vai conseguir chegar com este tempo.

— Diga que você dá quarenta por cento de gorjeta — ela sugeriu. — Uma boa pesquisa requer um *pad thai*.

O escritório de Ethan, do outro lado da sala da redação, estava trancado quando eu caminhei até lá para vê-lo, meia hora depois. Quando bati na porta, me ocorreu que eu tinha começado a me sentir mais como funcionária dele do que como esposa. Nos últimos meses, nós tínhamos compartilhado uma cama, mas pouca coisa além disso.

— Oi, Claire — a assistente de Ethan, Tracy, me cumprimentou de sua mesa, a poucos metros dali. Ela gesticulou para a porta do escritório. — Ele acabou de sair, me desculpe. Está numa reunião e depois vai sair para outra, no almoço.

— Ah — eu disse, forçando um sorriso. — Com quem?

Tracy hesitou por alguns segundos desconfortáveis.

— Ah, acho que ele disse que ia se encontrar com a Cassandra naquele novo restaurante italiano, no final da rua.

— Com este tempo? Está aberto?

— Abriu especialmente para ela — Tracy revelou, seu tom indicando uma leve irritação. — Ela está fazendo uma crítica, sabe?

Eu me servi de uma bala de caramelo do pote de Tracy, atirando a embalagem em uma lata de lixo.

— E o Ethan está fazendo hora extra como assistente de crítico de restaurante?

Tracy encolheu os ombros.

— Ela disse algo sobre nhoque.

— Nhoque.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele odeia nhoque.

Tracy lançou um olhar compreensivo para mim.

Teoricamente, fazia perfeito sentido que o editor-geral do jornal se juntasse à crítica de gastronomia para um evento de degustação. Mas Tracy e eu sabíamos a verdade: naquele mesmo instante, meu marido estava almoçando com sua ex.

— Obrigada — eu disse, recompondo-me. — Falo com ele mais tarde.

Até mais recentemente, não me incomodava o fato de Cassandra, a crítica de gastronomia do jornal e ex-namorada de Ethan, trabalhar três portas abaixo de nós e aparentar empolgação ao incluí-lo em suas frequentes saídas para almoçar e jantar. Mas ultimamente, bem, eu só me preocupava com isso. Cassandra, alta, loira — tudo o que eu não era —, não namorou sério desde que eles terminaram, apenas alguns meses antes de Ethan e eu nos conhecermos. E o rumor entre os funcionários do jornal era de que ela nunca tinha superado o fim do relacionamento deles. Passei

caminhando pela mesa dela, também vazia, e, nervosa, puxei com força minha aliança.

Meu almoço chegou ao meio-dia e eu dobrei uma nota de vinte dólares na mão do entregador, cujo chapéu estava coberto de uma poeira fresca de neve.

— Obrigado, senhora — ele disse, quase colidindo com Abby ao sair pela porta.

— Sinto cheiro de comida tailandesa! — ela exclamou, apanhando um grosso fichário.

Abri uma caixa de macarrão coberto por molho de amendoim, e o aroma doce subiu no ar.

— Um rolinho primavera ou dois?

— Dois — Abby respondeu, sentando-se no chão, onde abriu o fichário e começou a espalhar os papéis no carpete. — Fazer pesquisa me deixa faminta. E espere só até você ver o que descobri.

Entreguei um prato para ela e sentei ao seu lado no chão.

— Então?

— Então — ela disse, entregando-me uma cópia de um recorte de jornal datado de 7 de maio de 1933 —, leia isto.

Percorri os primeiros parágrafos da matéria com os olhos, mas nada chamou minha atenção.

— É só um apanhado geral do registro policial da semana — eu disse. — Transeuntes presos, roubos insignificantes... Estou deixando de enxergar algo?

— Sim — Abby respondeu antes de comer uma garfada de macarrão. Ela apontou para o parágrafo da metade para baixo e eu redirecionei meus olhos. — Neve interrompe a visita do príncipe George.

— Sério? Você está toda animada por causa da visita de um monarca britânico tolo?

— Bem, é o pano de fundo que é fascinante — ela disse, entregando-me outro recorte de jornal. — Aparentemente, ele estava namorando uma mulher de Seattle. Se não fosse a tempestade, Seattle poderia ter tido sua primeira princesa.

Eu franzi a testa.

— Não gosta da realeza?

— Abs, eu nem fiz parte da febre *Diana* quando todo mundo só falava dela — contei, colocando meu prato pela metade na mesa com um suspiro. — Tem que haver outra coisa.

Recolhi o recorte de jornal outra vez e o li com desânimo, na esperança de encontrar algo, qualquer coisa — e então meus olhos pararam.

— Um menino de Seattle com três anos de idade, Daniel Ray, foi tido como desaparecido na manhã de 2 de maio, depois de sair de sua casa em First Hill. A suspeita é que ele tenha fugido.

— Triste — comentou Abby. — Perdeu-se no dia da nevasca.

Eu acenei com a cabeça.

— Minha irmã tem uma filha de três anos. Criança dessa idade não foge.

— Então você acha que ele foi raptado? — perguntou Abby, inclinando o corpo para olhar o artigo mais de perto.

— Bem, é a única coisa que realmente faz sentido — eu disse, levantando-me e me sentando na cadeira de minha mesa. — Mas vamos ver o que podemos descobrir. — Teclei o nome do menino na base de dados da biblioteca e vários resultados apareceram. Cliquei no primeiro e percorri a página com os olhos para descobrir mais detalhes da polícia. — A mãe do menino era Vera Ray. — Li rapidamente antes de me virar para Abby. — Ela chegou em casa depois do trabalho e ele tinha desaparecido — eu disse. — Ela encontrou o ursinho de pelúcia dele na neve. — Coloquei a mão no peito. — Meu Deus, é de cortar o coração.

Abby acenou com a cabeça.

— Você acha que chegaram a encontrá-lo?

— Eu não sei — respondi, clicando nos artigos remanescentes. — Não parece haver nenhum desfecho do caso aqui.

Abby encostou-se na parede próxima do meu arquivo.

— E a mãe dele?

Pesquisei o nome dela e cliquei no primeiro resultado que surgiu.

— Olhe — eu disse. — O nome dela está em vários boletins de ocorrência policial. — Selecionei todos e os enviei para a impressora que ficava no saguão. Teclei de novo o nome do menino e analisei um dos recortes de jornal mais de perto. — Todos esses recortes são do *Seattle Post-Intelligencer*, e não do *Herald*. Não noticiamos esse fato?

Abby analisou a lista de artigos.

— Por incrível que pareça, parece que não noticiamos — ela disse. — O *Herald* não deve ter sabido dessa história.

Eu cliquei em outro *link*, e este trouxe um artigo com a fotografia de um menininho de cabelo claro e bochechas rechonchudas. Seus olhos grandes e redondos olharam fixamente de volta para mim. Apertei a barriga, sentido a dor familiar, e fechei os olhos com força.

— Claire — Abby sussurrou —, você está bem?

— Vou ficar quando descobrir o que aconteceu com esse menino — respondi. Eu não conseguia explicar para ela, nem para mim mesma, mas havia algo sobre essa criança, o pequeno Daniel Ray de 1933, que me encorajava.

Abby abriu um sorriso.

— Então suponho que você tenha encontrado sua matéria.

— Sim — eu disse, sem tirar os olhos da tela.

## capítulo 5

### VERA

— Pronto, pronto — disse alguém pairando por cima de mim. — Tome. Fará bem a você.

*Onde estou? De quem é essa voz?* Abri os olhos e a imagem turva lentamente passou para o primeiro plano. *Caroline*. Chamas castanho-amareladas tremeluziam na lareira. Um cobertor de lã esfarrapado cobria meu colo.

— Tia Vera, a senhora está acordada? — A pequena Eva, filha de Caroline, pressionou a bochecha em meu peito. Pouco mais velha que Daniel, ela tinha um nível de maturidade acima do normal para sua idade.

Meus olhos ardiam e minha cabeça doía. Apertei os pés em agonia. Eles doíam e palpitavam, uma dor que eu nunca havia sentido antes.

— Geladura — Caroline disse baixinho. — Você tem sorte de termos encontrado você a tempo. Estou trazendo seus pés de volta à temperatura ambiente há uma hora. Acho que salvamos os seus dedos. — Ela examinou meu pé direito e pôs um copo de água nas minhas mãos. — Beba.

Eu afundei o rosto no travesseiro do sofá, mas Caroline gentilmente inclinou meu queixo para a frente, pressionando o copo

em meus lábios. Deixei o líquido se infiltrar em minha boca, engasgando um pouco quando a água fria lavou minha garganta ressecada.

— Nós encontramos você na rua há uma hora — ela continuou. — Você estava delirando, querida, antes de desmaiar. O sr. Ivanoff foi muito gentil ao ajudar a carregar você.

O sr. Ivanoff, um construtor vindo da Rússia, sempre fora bondoso conosco. No mês passado ele vira Daniel no saguão do prédio e sorria com benevolência.

— Menino não tem pai? — perguntara, com seu forte sotaque.

— Não, ele não tem — eu dissera baixinho, enquanto Daniel se maravilhava com as ferramentas do sr. Ivanoff.

O homem acenara com a cabeça.

— Então eu deixo ele me ajudar com meu trabalho hoje. Você se importa?

Eu sorria com seu gesto bondoso.

— Por favor, mamãe? — Daniel pedira, com a voz esganiçada.

— É claro, querido — eu dissera.

Eu tinha apanhado minhas agulhas de costura e me acomodado em uma cadeira no canto enquanto Daniel e seu novo amigo partiam para consertar a argamassa da lareira do bar.

De repente eu me sentei com o corpo ereto, olhando freneticamente ao redor do apartamento de Caroline. *Daniel. A névoa* tinha se elevado para revelar o terror que eu sentia mais cedo. *Meu filho. Sumiu.*

Eu me levantei, colocando o copo em uma mesinha com a mão vacilante. Ele caiu no chão e se estilhaçou, espalhando água no surrado capacho azul.

— Eu tenho que encontrá-lo! — gritei. — Temos que fazer algo. Alguém o levou. Alguém levou o Daniel!

Caroline correu até o meu lado.

— Calma, calma — ela disse. — Você ficou lá fora na neve a manhã toda. Os seus pés devem estar congelados. Você não pode voltar para lá. Eu não vou permitir.

Afastei os braços dela e dei um passo à frente na direção da porta, mas minhas pernas estavam esgotadas. Quando Caroline ergueu minha cabeça até apoiá-la em seu colo, meu coração bateu tão forte que foi só o que consegui ouvir. *Quanto tempo já se passou?* A escuridão perdurava do lado de fora da janela de Caroline.

— Ele deve estar faminto e com frio — choraminguei, tentando sem sucesso me levantar novamente antes de ceder aos apelos de Caroline.

Ela me ajudou a caminhar até o sofá e acariciou meu cabelo até meu soluço diminuir.

— Nós vamos encontrá-lo — ela disse baixinho.

A pequena Eva, melhor amiga de Daniel, sentou-se ao lado da mãe com o olhar assustado.

— Tia Vera? — ela sussurrou, espiando com a cabeça sobre meu ombro.

— Não incomode a tia Vera agora, querida — disse Caroline. — Ela precisa descansar.

— Mas, mamãe — Eva contestou. — Estou com medo. A mulher dos pássaros levou o Daniel?

Eu abri os olhos.

— Mulher dos pássaros? Eva, como assim?

— A mulher má que mata os pássaros — ela continuou.

— Eva! — Caroline vociferou. — Quieta! Suba já e fique com sua boneca.

A criança concordou com a cabeça, obedientemente, e saiu da sala.

— Não dê ouvidos a ela — disse Caroline. — Ela não sabe o que está dizendo.

Afundi o rosto nas minhas mãos trêmulas.

— Mas eu... — Minha voz falhou quando comecei a chorar, desta vez sem lágrimas. Eu não tinha mais lágrimas. — Oh, Caroline — lamentei. — Temos que encontrá-lo. Por favor, me ajude a encontrá-lo. Por favor, Deus, traga-o de volta para casa, para mim.

— Eu vou ajudar, querida — ela disse, calmamente. — Assim que terminar de cuidar de você.

Uma hora depois, Caroline foi até o mercado da esquina atrás de lenha, e eu me sentei e levei as mãos à cabeça. Ela latejava violentamente, mas eu me levantei mesmo assim. Meus joelhos tremeram e eu rapidamente me equilibrei no braço do sofá. *Tenho que sair daqui. Tenho que encontrá-lo. Preciso voltar para o apartamento.*

— Fique aqui, querida — sussurrei para Eva. — A sua mamãe vai voltar logo. Diga a ela que eu tive que ir atrás do Daniel. Peça a ela para me perdoar. Ela vai entender.

Eva acenou com a cabeça enquanto eu passei pela porta. Eu não poderia perder mais nenhum segundo. Sentia meus pés palpitarem. Agarrei o corrimão, mancando a cada degrau, até alcançar a rua, onde um vento gélido soprou em meu rosto com tanta força que tirou meu fôlego. Mas eu continuei em frente, mancando pela calçada, resistindo à dor. Eu tinha que ser forte. Mas meus pés doíam tanto, e a neve sob eles parecia ácido sobre uma ferida. *Continue andando. Ele pode estar esperando.* A imagem à frente entrava e saía do foco. A força estava me faltando, eu sabia. *Seja forte. Continue andando.* Uma figura aproximou-se. Grande, indistinta, batendo com um punho na palma da outra mão. Eu fixei os olhos no rosto dele; senti um calafrio passar por todo o meu corpo. *Meu Deus, o sr. Garrison.*

— Olha só o que temos aqui — ele disse, formando um sorriso enjoado com os cantos da boca. — Saiu correndo antes de pagar o aluguel, não foi? — Ele pôs sua mão no meu antebraço, me puxando para perto dele.

— Por favor! — gritei. — Meu filho sumiu. Eu tenho que encontrá-lo!

— Tarde demais — ele disse, sem demonstrar emoção. Consegui enxergar uma crosta seca de cerveja espumosa no bigode dele. — Sem aluguel, sem casa.

— Mas eu... — Antes que eu pudesse terminar a frase, meu corpo começou a pender; em seguida, minha visão escureceu.

Não sei quanto tempo se passou, mas, quando abri os olhos, senti um frio congelante no pescoço. Escorria sangue do meu lábio.

O sr. Garrison pairou sobre mim, com seu hálito quente, azedo em meu rosto.

— Você vai vir comigo — ele disse, levantando-me nos braços.

— Pare! — gritou Caroline. — Solte-a!

Um homem mais velho veio correndo do outro lado da rua.

— Algum problema por aqui?

— Este homem — Caroline gritou, apontando para o sr. Garrison —, ele fez algo com a minha amiga.

O homem mais velho inflou o peito.

— Onde está o seu senso de decência? — ele gritou. O sr. Garrison me soltou e eu caí no chão, sobre a neve úmida. — Deixe a coitada da mulher em paz!

O sr. Garrison olhou o homem com desdém e se retirou de volta para o bar, resmungando sob a respiração.

— Precisa de ajuda para levá-la para casa? — o homem perguntou a Caroline.

Ela ergueu meu braço sobre o ombro e me ajudou a ficar de pé.

— Não — respondeu —, mas obrigada. Eu moro a poucos quarteirões daqui. Consigo levá-la.

— Eu não vou parar de procurá-lo — falei, com a voz debilitada.

— Eu sei, querida — ela disse. — Mas eu não vou deixar você morrer tentando encontrá-lo. Quando voltarmos, vou acomodar você; depois eu vou até a polícia.

— Você vai?

— É claro que vou — ela disse, apertando meu ombro com mais força. — Vamos registrar um boletim de ocorrência. Eles vão começar a procurá-lo. — A convicção na voz dela me tranquilizou.

De volta ao apartamento, ela me cobriu com uma manta, vestiu o pulôver e saiu para a rua para fazer sinal a um policial. Eva encostou a cabeça no meu peito enquanto eu esperava, ouvindo o tique-taque do velho relógio cuco na parede, ciente de cada segundo que passava. Eu me sentei quando ouvi passos no corredor do lado de fora. A porta foi aberta e Caroline entrou com um policial. Ele tinha um cassetete preto e observou a cafeteira no forno, antes de se virar para Caroline.

— Teria uma xícara de café para um policial que está o dia todo no frio, senhorita?

Ela aquiesceu e correu até a cozinha para acender a luz antes de despejar o último pó da lata sobre a cafeteira.

— Vai levar só um minuto, policial — ela disse. — A Vera está aqui. Como eu disse ao senhor lá embaixo, o filho dela está desaparecido. O policial parecia desinteressado.

— Senhorita Ray?

— Sim — eu respondi. — Muito obrigada por...

— Eu não tenho muito tempo — ele vociferou. — Seja breve.

— É claro — eu disse, ajeitando a manta sobre minhas pernas. — Esta manhã, quando eu cheguei em casa do trabalho, meu filho, Daniel, tinha sumido.

O policial ergueu as pálpebras e tomou um gole de café na caneca que Caroline havia acabado de lhe entregar.

— Então a senhorita está dizendo que ele estava sozinho em casa? Quantos anos tem o menino?

— Três — respondi. Os olhos do policial me fuzilaram.

— Ela trabalha no Olympic Hotel — contou Caroline, intrometendo-se para preencher o silêncio. — Ela trabalha duro para sustentá-lo. Eu cuido dele sempre que posso, mas ontem à noite eu também estava trabalhando, e ele...

— Ele teve que ficar sozinho em casa — eu disse. Não havia como mentir. — Eu o levei para o trabalho na semana passada, e minha supervisora disse que me demitiria se eu o levasse outra vez. Policial, com tantas pessoas desempregadas hoje em dia, eu não posso tolerar perder...

— Eu não preciso de uma aula sobre condições de emprego nesta cidade, senhorita — ele disse, observando-me desconfiado. — Onde está o pai do menino?

— O Daniel não tem pai — eu respondi. — Pelo menos não tem um que faça parte da vida dele.

O policial abriu um sorriso forçado.

— Sei.

Eu mostrei a ele o ursinho de Daniel.

— Eu encontrei isto na neve. É do meu filho.

O homem pegou um caderno e rabiscou algumas palavras, acenando com a cabeça para si mesmo.

— Fugiu de casa — ele disse, enfim. — Provavelmente ele vai voltar. Eles sempre voltam.

Meu estômago revirou.

— Não, não — eu disse. — O senhor entendeu tudo errado. O Daniel jamais fugiria. Só pode ter sido levado por alguém. Disso eu tenho certeza.

O policial continuou a forçar o sorriso.

— Havia algum sinal de arrombamento? Alguma janela quebrada? Ou porta? Objetos de valor roubados?

Olhei fixamente para ele, confusa.

— Não, não que eu percebesse.

Ele pôs a xícara de café vazia sobre a mesa e fechou o caderno de anotações com um movimento apressado do pulso.

— Exatamente como suspeitei. O menino vai voltar. — Ele parou para soltar uma risada irritante. — Quando estiver com fome.

A porta se fechou com uma pancada e eu levei as mãos ao rosto.

— Tenho que voltar para o apartamento — eu disse, entre soluços. — Tenho que voltar. Caso ele apareça.

Caroline balançou a cabeça.

— Não com aquele proprietário tirano à sua espreita. Você vai ficar aqui. Podemos pedir para o sr. Ivanoff nos escoltar até lá de manhã. Por enquanto, você precisa descansar.

Eva reapareceu no pé da escada, onde Caroline estava em pé.

— Mamãe! — ela gritou. — O Daniel se lembrou de abotoar o casaco? Ele sempre se esquece, e eu digo para ele... — Caroline levou a mão até a boca de Eva para silenciá-la.

Do lado de fora, a neve rodopiava no ar, glacial e implacável, e eu não sabia nem se meu pequeno levava o casaco.

## *capítulo 6*

### **CLAIRE**

— **A**dorei! — Frank exclamou após eu ter contado a ele sobre minha perspectiva para o artigo. — Menininho perdido em uma tempestade de neve. Isso vai emocionar os leitores. De quanto tempo você precisa para escrever?

— Pelo menos uma semana — respondi. — Eu gostaria realmente de entrar de cabeça nisso, ver se encontro alguns parentes e amigos para entrevistar.

Frank acenou com a cabeça.

— Posso lhe dar esse tempo. Mantenha-me informado.

Mais tarde naquela noite, encontrei Ethan na cozinha, olhando fixamente para a geladeira vazia.

— Oi — eu disse, colocando as chaves sobre a mesa. O som ecoou em cada fenda do apartamento, amplificando o silêncio, carregado e constrangedor.

— Oi — ele respondeu, sem se virar. — Tempestade maluca hoje, não? Ei, não tínhamos umas sobras de burrito aqui em algum lugar?

— Eu joguei fora — contei.

Ethan virou-se e franziu a testa, como se jogar fora comida comprada fosse uma traição — não, um genuíno ato de guerra.

— Por que você fez isso? — perguntou, magoado.

— Porque já estava aí há duas semanas e coberto de mofo.

— Ah — respondeu, antes de se dirigir até o sofá. — Já passou todo esse tempo?

— Sim — eu disse, percebendo então que devia fazer igualmente duas semanas desde a nossa última conversa para valer.

— Ligaram do consultório da sua médica.

Eu tentei me ocupar com a correspondência.

— Você deveria ir àquela consulta, Claire.

Senti o ódio subir por dentro, pelo tom de sua voz — distante, insensível —, pelo almoço com Cassandra hoje, mas principalmente pela dor do passado.

— Não me diga o que eu preciso fazer, Ethan — falei, irritada.

Ele encolheu os ombros e alcançou o controle remoto, resmungando alguma coisa.

Abri uma caixa de farelo de cereais com uva-passa, despejei um pouco desordenadamente em uma tigela e coloquei leite de soja por cima antes de me retirar para o quarto. Não me incomodei em limpar o líquido que respingou na bancada de granito da cozinha.

*Como ele pode ser tão insensível? Tão indiferente? Ele sabia como eu me sentia quanto a voltar à clínica, ver o rosto da minha médica, reviver tudo aquilo. Por que ele trouxe isso à tona? Ele quer me magoar?* Comi uma colherada e deixei o ruído da mastigação abafar os pensamentos sobre Ethan, sobre o passado. Em vez disso, pensei no pequeno Daniel Ray. *O que aconteceu com ele e sua mãe? Será que eles voltaram a se encontrar um dia? A tempestade de neve teve um papel na tragédia?*

Na infância, em uma viagem no Natal para visitar meus avós no Maine, tinha nevado pouco mais de trinta centímetros. Meu irmãozinho e eu, duas crianças da Califórnia, ficamos de olhos arregalados com a paisagem e passamos a semana construindo bonecos de neve, fazendo anjos e pegando flocos com a língua.

Alegria pura. Eu tinha saudade de sentir aquilo de novo, de reparar a dor no meu coração, o buraco. *Será que Daniel brincou na neve na manhã em que desapareceu? Ele sentiu a mesma alegria?*

Sentei-me na cama e apanhei o telefone, buscando confiança para fazer a ligação. No hospital, a médica me dera o número do seu celular e me encorajara a entrar em contato. Eu disquei o número, deixando o telefone tocar por um longo e assustador segundo, depois desliguei rapidamente. *Não. Ainda não.*

Em vez disso, puxei o edredom na cama e me escondi sob o calor dele. Uma hora mais tarde, ouvi Ethan entrar. As chaves retiniram em sua mão, e, quando me virei, eu o vi tirar roboticamente um pulôver do closet e sair. A porta do apartamento se fechou com um estrondo despreocupado.

Na manhã seguinte, a neve ainda cobria as ruas, e os meteorologistas alertaram que havia mais por vir. Fiz a árdua subida até o Café Lavanto, desta vez com calçados mais adequados. Eu tinha concordado em encontrar Abby ali às nove, e ela esperou em uma mesa perto da lareira, a qual fiquei contente em ver acesa e crepitante.

— Bom dia — ela disse, dando um gole no característico triplo americano.

— Oi — respondi, deslizando para uma cadeira ao lado dela.

Ela franziu a testa.

— Por que essa carinha triste?

Pus minha bolsa ao lado, desanimada.

— Ethan.

— Sinto muito, querida — ela disse. — Qual foi a última?

Eu suspirei.

— Ah, Abs, eu não sei nem por onde começar. Está péssimo.

— Bem — ela começou —, vocês passaram por algo terrível. Ninguém sai inteiro disso. — Embora fosse solteira, Abby era a melhor conselheira sobre casamentos que eu conhecia.

— Você tem razão — respondi. — Não quero perdê-lo, mas também não sei como consertar as coisas. — Parei e olhei ao redor do café, notando Dominic atrás do balcão de espresso. — O Ethan almoçou outra vez com a Cassandra.

Abby franziu a testa.

— Só digo que essa mulher é perigosa.

— Eu sei — comentei, notando o toque abafado do celular em minha bolsa. — Desculpe. É melhor eu atender.

Não reconheci o número.

— Alô?

— Senhorita Aldridge?

— Sim?

— Aqui quem fala é o Jerry, da joalheria Elliott Bay. O seu relógio está pronto para ser entregue; o pedido especial veio de Nova York esta manhã — um homem disse. Eu tinha quase me esquecido do relógio que havia encomendado de presente para Ethan, sem mais nem menos, havia um mês. Ele estava esperando um relógio Hugo Allen havia pelo menos um ano. Tinha um cronômetro, que Ethan dizia que seria útil para os jogos e esportes das crianças. Para um pai. O Dia dos Pais estava se aproximando, e eu sentira que um presente no terceiro domingo<sup>1</sup> de junho talvez o fizesse sorrir. Seria um gesto de boa vontade.

— Ah, sim — eu disse, meio que desejando nunca ter pedido o objeto. — Eu vou... vou passar aí para pegá-lo.

— A senhorita quer que nós gravemos algo na parte interna?

— Gravar algo?

— Bem, certamente não precisa — ele respondeu. — Mas muitos de nossos clientes gostam de personalizar seus presentes. Para torná-los mais especiais.

— Ah — eu disse. — Certo.

— Então, o que gostaria de gravar?

*O que eu gostaria de gravar? Para meu marido. O homem que está escapulindo de mim. O homem que receio nem conhecer mais. Balancei a cabeça. Como você resume seu coração em uma única frase?*

Ele obviamente notou minha apreensão.

— Quer pensar melhor e depois ligar de volta quando resolver? — Os joalheiros têm um sexto sentido em relação ao amor.

— Sim, seria bom — respondi. — Obrigada. — Encerrei a ligação e olhei para Abby. — Eu não consegui.

Ela deu de ombros.

— O quê?

— Era o joalheiro. Comprei um relógio para o Ethan — contei. — É aquela droga de relógio caríssimo que ele viu em algum lugar. Eu ia dá-lo no Dia dos Pais. — Puxei a manga da camisa, sentindo todo o calor irradiado pela lareira. — Perguntaram o que eu gostaria de gravar no relógio, e eu fiquei sem palavras. Não consegui pensar em nada, Abby.

Ela abriu outro sachê de açúcar e o virou sobre a xícara.

— Posso te contar uma coisa?

— Conte.

— Eu acho que ele não tem nenhum interesse na Cassandra — comentou. — Eu acho que ele quer você.

— Ele me *tem*. — Forcei um sorriso.

— Não, querida, ele não tem. Não a garota com a qual se casou. Ela não existe mais há muito tempo, mergulhada em dor.

Analisei minhas mãos no colo e o diamante solitário em meu dedo. Ela tinha razão. Eu estava mergulhando num abismo.

— Ouça — Abby continuou. — Ontem, no escritório, eu vi algo em seus olhos que não via fazia muito tempo. Por um instante, você estava de volta. Estava animada com *algo*. Meu Deus, Claire, fazia tempo que eu não via você daquele jeito.

Acenei com a cabeça, sentindo uma ligeira emoção por dentro — que logo desapareceu.

— Eu acho que essa história do menininho está ressoando em você — ela prosseguiu, antes de dar um gole no café. — Qual era mesmo o nome dele?

— Daniel — respondi, olhando fixamente nas chamas da lareira. — Daniel Ray.

Senti um tapinha no meu ombro e, quando me virei, vi Dominic em pé diante da mesa.

— Bom dia — ele disse todo animado. — Espero não estar interrompendo. — Colocou na minha frente uma caneca cheia de cobertura de chantilly. — Pensei que você gostaria do seu chocolate quente.

Meu rosto queimou. Eu devo ter ficado vermelha, mas tive esperança de eles não notarem.

— Obrigada — respondi, gesticulando para Abby. — Vocês dois já se conhecem?

Ele balançou a cabeça.

— Abby, Dominic. Dominic, Abby.

— Prazer — disse Abby, sorrindo mais para mim do que para ele.

Dominic ajoelhou-se e colocou outra tora na antiga lareira.

— Espero que não fique muito quente para vocês — disse.

— Está ótimo — assegurei, tirando meu pulôver. Observei os tijolos na lareira, lembrando-me do azulejo que tinha visto do outro lado da sala no dia anterior. Agora eu o observava mais de perto. O texto

dizia "Pub House Lander". — Aquele azulejo — eu disse para Dominic —, o que significa?

— Ah — ele respondeu, olhando de relance para a cerâmica. — Este lugar era um pub antigamente, ou um bar; seja lá como eles chamavam este tipo de lugar naquela época. Ele sobreviveu à Lei Seca também. — Apontou para um entalhe nas tábuas do assoalho que tinham aparentemente ficado de fora dos reparos. — Era onde os bebedores da cidade se reuniam. A polícia os mandava para cá. Era um local de arruaceiros na época. Ainda temos alguns barris antigos de cerveja e um ou dois canecões de cerveja no sótão. — Ele passou o dedo na lareira, tirando um pedaço de argamassa cinza que estava se desprendendo. — Mas isto — continuou —, isto é especial. Está vendo as iniciais aqui? — Apontou para a beira do azulejo, onde havia a assinatura "S. W. Ivanoff". — Um dos construtores mais famosos de Seattle. O homem fez a maioria das lareiras decoradas do antigo Olympic Hotel e de outros locais importantes na cidade. Um verdadeiro artesão. É claro, seu trabalho só foi verdadeiramente reconhecido após a sua morte.

Peguei meu caderno e rabisquei o nome dele.

— Quem sabe? — comentei. — A seção de arquitetura pode se interessar em traçar o perfil do trabalho dele.

— Bem — Dominic disse, quando o sino na porta nos avisou de que chegava um cliente. Senti uma rajada de ar congelante no rosto que diminuiu o calor do fogo. — Que bom ver você de novo — ele disse, olhando diretamente para mim.

— Digo o mesmo — respondi, antes de ele se virar e voltar caminhado até o bar.

— *Alguém* está apaixonado por você — Abby disse com um sussurro monótono.

Eu desviei o olhar.

— Ah, pare com isso.

— Tudo bem, tudo bem — ela cedeu. — Mas, ei, pelo menos você *tem* um admirador.

— Você também — complementei. — Quer que eu traga o Rick aqui?

Nós duas caímos na gargalhada. Rick — doce, sim, com um *mullet* grande — tinha uma paixonite longa e sofrida por Abby. Infelizmente, ele tinha o charme de um jabuti-piranga — e morava com os pais.

Abby deu o último gole no café e em seguida pegou seu casaco branco e pomposo da North Face que ia até a coxa. Ela fechou o zíper e abriu um sorriso.

— Esta roupa me deixa parecida com o boneco da Michelin?

— Você quer saber a verdade? — perguntei, tentando conter a risada.

Ela acenou com a cabeça.

— Mais ou menos — respondi, deixando escapar uma risadinha. — Mas pelo menos você está aquecida.

Ela abriu um sorriso.

— Bem, é melhor levar este meu traseiro de boneco da Michelin para o escritório. O Frank me passou uma pilha de pesquisas para o jornal de domingo, e você nem acreditaria nos pedidos que a Cassandra me mandou ontem à noite.

*Cassandra.* Eu me encolhi. O nome dela me dava brotoejas. Eu queria dizer *ai* quando alguém dizia o nome dela em voz alta.

— A mulher quer um livro inteiro sobre os restaurantes italianos da cidade nas décadas de 1980 e 1990 — Abby continuou. — Os críticos de gastronomia se levam um *pouquiiinho* a sério demais. Seja como for, a única coisa que consegui até aqui foi um desejo impressionante de *ziti* gratinado.

Eu sorri.

— Boa sorte.

Ela olhou de relance para Dominic do outro lado da sala.

— Você vai ficar mais tempo?

— Não — respondi, levantando-me. Meus olhos encontraram os de Dominic. Rapidamente desviei o olhar. — Vou com você. Podemos rachar um táxi.

\* \* \*

— Toc, toc.

Eu olhei por sobre meu computador para ver Ethan de pé diante da porta.

— Olá, estranha — ele disse firmemente, entregando-me um enorme buquê de tulipas cor-de-rosa, brancas, laranja e amarelas. Embrulhadas em papel marrom parafinado e amarradas com barbante, elas ostentavam as marcas reveladoras do Pike Place Market.

Eu me esforcei para piscar os olhos, sentindo o cheirinho das pétalas em tons pastel, deixando a doçura momentaneamente me intoxicar.

— São lindas — eu disse, recobrando os sentidos. — Obrigada.

— Eu estava passando pelo Market e lembrei de você — Ethan comentou, deslizando para se sentar na cadeira de visitante. Alto, de ombros largos, cabelo castanho e um sorriso de deixar os joelhos bambos, ele não precisava tentar ser charmoso. Simplesmente era. Neto do patriarca do jornal, Ethan tinha aprendido o ofício em um diário no leste do país e, quando iniciara no *Herald*, havia muitos anos, no cargo recém-criado de editor-geral, eu me sentira atraída por ele na mesma hora. E ainda me sentia. Mas as coisas eram diferentes agora. Nós já fomos pessoas que se amavam loucamente. E agora? Bem, eu não conseguia me lembrar da última vez que tivemos qualquer tipo de intimidade.

— Que gentil da sua parte — usei um tom que eu normalmente utilizava com os colegas de trabalho. Ouvi o alarme de e-mail e me

virei de frente para a tela do computador.

— Ah — ele disse —, você está com o prazo curto?

— Não — respondi. — Bem, sim, na verdade, mais ou menos. O Frank me pediu uma matéria inútil e acho que estou finalmente fazendo progresso sob uma perspectiva que vale a pena pesquisar.

Ethan levantou-se abruptamente.

— Bem, não vou tomar seu tempo, então. Acho que nos vemos hoje à noite na festa?

— Festa?

— Você não esqueceu, esqueceu?

— Me desculpe — eu disse, confusa. — Acho que esqueci.

Ethan franziu a testa.

— A festa da Ronald McDonald House Charities — ele disse. — Aquela que meus pais estão organizando? Meu avô está sendo homenageado pelo conjunto da obra. — Ele suspirou. — Claire, você sabia disso há meses.

Eu *sabia* disso havia meses. Vagamente. Eu me lembrei de conversar sobre o evento, e da agitação da mãe de Ethan, Glenda, quanto à minha necessidade de encontrar um vestido longo, formal e adequado. Eu não uso vestido longo, mas meu manso protesto não havia sido páreo para a mãe de Ethan.

— Ah, sim — eu disse, desinteressada.

— Você comprou um vestido?

— Não — respondi.

— Não pode usar algum que já tenha?

*Que insensível, principalmente depois de tudo pelo que passei.*

— Você sabe que nenhum vestido do meu closet serve em mim! — eu disse um pouco mais alto do que tinha previsto. Olhei para os meus pés e afundei os dedos no carpete. Tinha me arrependido de repreendê-lo. Afinal de contas, ele estava apenas tentando ajudar. —

Desculpe — pedi. — A sua mãe vai me odiar por eu ter me esquecido.

Ethan cruzou os braços.

— Claire, ela não vai te *odiar*.

— Não se preocupe — falei, bufando mais do que pretendia. — Eu vou estar lá. E não vou vestir um saco de papel. Vou passar na Nordstrom no caminho de casa.

Os olhos de Ethan pareceram sensíveis por um instante.

— Claire — ele disse baixinho —, eu estive pensando...

Sentada, eu endireitei o corpo.

— No quê?

— Nada — respondeu, com a voz rapidamente voltando ao tom sério que costumávamos usar no trabalho. — Não é nada. — Ele abriu um sorriso forçado antes de sair pela porta.

Passei a manhã pesquisando e rapidamente percebi que localizar um menino perdido de 1933 não era uma tarefa fácil. A recepcionista do departamento de polícia deixou isso muito claro no telefone.

— Você está procurando *quem*?

— Um menininho — respondi. — Ele desapareceu em maio de 1933. Até onde eu sei, ele nunca foi encontrado.

— Senhora — a mulher disse, estalando a gengiva —, o que quer que eu faça? Está ligando para registrar uma ocorrência? — Pude imaginar o olhar exasperado no rosto dela.

— Não, não — eu disse. — Só estou com esperança de que você consiga consultar os seus registros para ver se encontra um Daniel ou Vera Ray. Estou trabalhando em uma matéria para o jornal.

Ela suspirou, claramente indiferente.

— Nossos arquivos não possuem registros tão antigos *assim*.

— Ah — eu disse, afundando na cadeira.

— Ouça — a mulher disse finalmente, após um longo momento de silêncio. — Se a senhora não se importar em ter um trabalho um pouco pesado, venha até o centro de operações da polícia. Eu posso mostrar nossos arquivos, e a senhora poderá olhá-los à vontade. Tem credenciais de imprensa, certo? A senhora é do jornal?

— Sim — confirmei. — Do *Seattle Herald*.

— Tudo bem — ela disse. — Só não queime o filme do departamento com a sua matéria. O chefe odeia quando isso acontece.

— Farei o meu melhor — garanti, desligando o telefone e ao mesmo tempo apanhando meu casaco.

— Estou surpreso que a senhora tenha conseguido chegar até aqui — disse um policial novato. Ele me escoltou pelo longo corredor que levava até os arquivos no subsolo, lar dos registros policiais de décadas passadas. — Os meteorologistas estão prevendo pelo menos mais cinco centímetros de neve para esta tarde.

Apontei para minhas botas, ainda coberta de branco, e sorri.

— Quase não consigo.

O policial abriu um sorriso.

— Creio que tenha uma história importante para contar, certo?

Acenei com a cabeça.

— Sim. Pelo menos eu acho que tenho.

— É tão estranha esta tempestade — ele continuou. — Um dos policiais recebeu uma ligação da mãe dele. Ela mora aqui na cidade e disse que uma tempestade igual a esta caiu aqui em maio, nos anos 1930.

— Eu sei — respondi.

— Ah, a senhora tem algum parente que se recorda disso?

— Não — falei. — Mas estou escrevendo sobre um menininho que desapareceu no dia daquela tempestade de neve.

— Eu mesmo tenho três meninos — ele contou. — Um de cinco, um de três e outro de um ano. — Balançou a cabeça pesarosamente. — Não consigo imaginar o que seja perder um filho. Mas a reação da minha esposa é o que me preocuparia mais. Ela jamais superaria algo assim, isso é certo.

Concordei.

— Nenhuma mãe deveria jamais perder um filho — eu disse, olhando fixamente para a porta à frente. — Acho que é por isso que esta história é tão importante para mim. Até onde eu sei, esse menininho nunca mais se reencontrou com a mãe dele. Eu quero saber o que aconteceu.

Nós entramos em uma sala escura, e o policial acendeu o interruptor. Lâmpadas fluorescentes piscaram e zuniram sobre nossas cabeças.

— Em que ano ele foi levado? — A voz dele ecoou contra as paredes cinza de concreto.

Tirei o caderno da bolsa, examinando minhas anotações.

— Mil novecentos e trinta e três.

— Por aqui — ele disse. — Os homicídios ficam no final deste corredor, e a senhora pode encontrar tudo o que não for homicídio depois daquela parede.

*Homicídios.*

Analisei as prateleiras cheias de caixas, tentando não imaginar os macabros artefatos que elas deveriam guardar. *Roupas com manchas de sangue. Armas usadas em assassinatos. Ossos.* Estremeci.

— Obrigada — respondi, caminhando na direção de uma prateleira identificada como “pessoas desaparecidas”.

— Vou ficar no corredor se a senhora precisar de alguma coisa — o policial disse, virando-se para a porta. Um instante depois, olhou

de volta para mim. — É muita bondade da sua parte tentar encontrar essa criança.

Eu dei de ombros.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho.

Com a ajuda de uma escada próxima, puxei algumas caixas da prateleira e manuseei seus arquivos até chegar à seção R. Uma olhada completa não teve resultado, e eu desci da escada desanimada. *Como ele poderia sumir sem um único registro?*

Então, examinei a prateleira de cima. Será que tinha perdido algo? Subi na escada outra vez, analisando a prateleira atentamente em busca de uma caixa importante. Mas logo balancei a cabeça. Elas estavam todas na ordem alfabética, e só havia uma caixa para a letra R. *E se alguém tivesse se enganado ao etiquetar a caixa?* Abri a caixa seguinte, intitulada S. Nada. Então tentei a caixa com um Q impresso. Bem no fundo dela, repousavam dois registros com a letra R. *Eles devem ter se enganado ao arquivar.* Puxei o primeiro, li-o e coloquei-o de lado. Mas meus dedos congelaram quando, no segundo registro, deparei com o nome datilografado do pequeno Daniel Ray.

Vera Ray, de Seattle, relata que seu filho, Daniel Ray, desapareceu. Ele foi visto pela última vez na residência da Quinta Avenida, 4.395, #2. A suspeita é de fuga.

*Como puderam ser tão rápidos em considerá-lo fugitivo? Crianças não fogem aos três anos de idade. Ele era apenas um bebê. Não, tinha que haver outra explicação.*

Anotei o endereço, vasculhei rapidamente o arquivo, ávida por descobrir mais informações, mas, após uma hora, nada apareceu. Caminhei de volta até o corredor, de onde o policial me conduziu até o piso superior.

— Encontrou alguma coisa? — ele perguntou.

— Sim — respondi, olhando para as portas que davam acesso à rua coberta de neve. — Um endereço. — Eu só era capaz de imaginar o que poderia me aguardar lá.

Voltei para o escritório às duas horas, na esperança de apanhar meu *laptop* e fazer algumas ligações antes de visitar o antigo lar de Daniel e Vera Ray. Antes que eu pudesse tirar a bolsa do braço, quase trombei com Cassandra.

— Oh, oi — ela disse, obstruindo a passagem até a minha baia. Estava vestindo um *top* de seda, e a renda da roupa íntima dela ressaltava através de um botão solto.

— Oi — respondi, imaginando o que ela estava fazendo ali, mas, principalmente, por que ela sempre aparentava estar perfeita, com um aspecto jovem e saudável. Eu tinha visto meu reflexo no espelho do banheiro mais cedo e ficara boquiaberta com as sombras escuras sob meus olhos.

— O Ethan e eu acabamos de voltar do almoço no Giancarlo's e trouxemos um pouco de comida para você— ela disse.

*O Ethan e eu.*

Olhei fixamente para o pequeno saco de papel marrom pendendo em sua mão bem cuidada.

Ela colocou o saco na minha mesa, observando o vaso de tulipas de Ethan.

— Ah, elas não são maravilhosas? Nós passamos por elas no Market e eu disse para o Ethan que ele tinha que comprá-las para você de qualquer jeito.

Senti um aperto no coração. *Então as flores foram ideia dela.*

— Às vezes os homens só precisam de um pouco de estímulo — continuou, torcendo um cacho de seu cabelo comprido ao redor do dedo. — Bem, nos vemos hoje à noite então? Na festa?

— Certo — eu disse, desinteressada. — Vejo você hoje à noite.

— Claire — ela disse, virando-se para mim. — Você deveria realmente experimentar o risoto de aspargos. Estava incrível.

Acenei com a cabeça sem me virar, jogando o saco de comida no cesto de lixo sob minha mesa assim que ouvi os passos dela retrocederem.

Restavam duas horas antes de eu ter que me preparar para a festa, então saí apressada e encontrei um táxi. Recitei o endereço para o motorista, imaginando o que eu encontraria quando chegasse lá. Seria um velho prédio de apartamentos? Talvez, se eu tivesse sorte, haveria um residente idoso com uma lembrança da tempestade — e até do pequeno Daniel.

O táxi derrapou para parar, e eu estava muito distraída vasculhando minha bolsa em busca de uma nota de dez dólares para notar onde estávamos, até abrir a maçaneta e olhar para cima.

— Me desculpe — eu disse, confusa, olhando fixamente para fora da janela, para o Café Lavanto, com seu toldo verde coberto de neve. — Eu devo ter dado o endereço errado para o senhor. Não pode ser aqui.

— Quinta Avenida, 1495, certo? — ele disse, olhando para a placa com o endereço na janela do café.

Olhei de relance em meu caderno de anotações, balançando a cabeça.

— Bem, foi isso que eu escrevi aqui. — Paguei a corrida e saí para a calçada. Minha respiração transformou-se em vapor assim que foi de encontro ao ar congelante.

O café estava tranquilo, com um único cliente em uma cadeira estofada, próximo à lareira. Encontrei Dominic no bar. Ele limpou o balcão com um pano de prato e o jogou sobre o ombro.

— Desejo de chocolate de final de tarde?

Balancei a cabeça.

— Se eu te contasse, você nunca acreditaria.

— Não custa tentar.

Puxei o fichário de dentro da bolsa e o coloquei sobre o balcão, abrindo-o em um recorte de jornal fotocopiado de 1933, com o rosto melancólico de Daniel borrado em preto e branco.

— Este menininho — eu disse. — Ele morava aqui.

— Aqui?

Olhei para o alto, na direção do teto, imaginando a disposição do prédio acima dele. — Bem, nos andares de cima, provavelmente. Os apartamentos devem ter sido construídos no começo do século passado, possivelmente até antes disso.

— Faz sentido — disse Dominic, olhando mais de perto a história da notícia. — Os andares acima do sótão estão vazios, são armazéns, mas eu acho que já foram apartamentos em certo momento. A maioria dos prédios nesta rua era formada por antigos conjuntos habitacionais. Quase todos foram convertidos em espaços empresariais ou condomínios de luxo. — Ele olhou ao redor do café com admiração. — Eu jamais seria capaz de vender este local.

Eu sorri.

— Você é especial, sabia?

Ele pareceu confuso.

— Por quê?

— Você gosta mesmo deste lugar, não gosta?

— Eu gosto — respondeu simplesmente. — Ele me salvou, de certo modo. Vim trabalhar aqui quando pensei que tivesse perdido tudo, quando não sabia como seguir em frente. E agora eu sou o proprietário. Me sinto muito sortudo.

Eu sorri, apontando para a porta que dava acesso ao andar superior.

— O sótão sobre o qual você me falou ontem — eu disse. — Você se importaria de me deixar dar uma olhada nele? Será que era ali que ficava o apartamento que o Daniel e a mãe compartilhavam?

— Claro — ele respondeu, levando-me pelo corredor e em seguida para o pé de um pequeno lance de escada estreito demais para satisfazer as atuais leis de construção. Acenei com a cabeça, seguindo-o pelos degraus que rangiam sob os pés para aquilo que podia ter sido uma pequena sala de estar décadas atrás. Ela se ligava a uma minúscula e primitiva cozinha em mau estado de conservação. Os armários de marfim pareciam gastos, e fissuras ziguezagueavam pela antiga pia de porcelana, amarelada pelos anos de uso e com manchas enferrujadas próximas do ralo.

Notei outra pequena escadaria à direita. Então, olhei para Dominic.

— O que há ali em cima?

— Apenas um quartinho — ele respondeu. — Um sótão, na verdade. Guardamos caixas de documentos ali. Suponho que deve ter sido um quarto um dia.

— Você se importa se eu der uma olhada?

— De jeito nenhum — ele disse.

A escadaria parecia se curvar a cada passo dado, e eu senti a mão de Dominic nas minhas costas, estabilizando-me bem antes de eu quase escorregar no penúltimo degrau. Desde a internação no hospital, meu equilíbrio não andava muito bom, e a deficiência fazia me sentir uma senhorinha idosa às vezes.

— Obrigada — eu disse, com um pouco de nervosismo.

Caminhei até a sala e cruzei os braços para me esquentar.

— Desculpe — disse Dominic. — Eu não deixo este piso aquecido.

Caminhei até uma antiga janela de vidro único, que dava vista para o beco e para um grande tronco de árvores abaixo, e, respirando fundo, virei-me para Dominic.

— Você costuma ter sensações sobre alguns lugares? Certa vibração?

Ele assentiu com a cabeça.

— Para ser honesto — respondeu —, esta sala sempre me causou arrepios.

Analisei as paredes, que tinham camadas de tinta descascando e vestígios de papel de parede de décadas atrás.

— Dá quase para sentir — eu disse.

— Sentir o quê?

Peguei o recorte de jornal da pasta outra vez e olhei fixamente para a foto do menininho na página.

— Dá quase para sentir a tristeza. Algo muito ruim aconteceu aqui. Ele acenou com a cabeça.

— O que você acha que *aconteceu*?

Apontei para a página na minha mão.

— Acho que este menino foi sequestrado aqui.

— Chegaram a encontrá-lo?

— Não — respondi. — Quero dizer, até onde eu sei.

Dominic sorriu.

— E você, Sherlock, pretende encontrá-lo?

— Bem — comecei —, eu pretendo descobrir o que aconteceu com ele, de todo modo. — Olhei para o relógio. Quatro e meia da tarde.

— A festa! — Quase soltei um grito. — Tenho uma hora para comprar um vestido e chegar a um lugar muito importante.

— Conheci muitas mulheres — ele disse com um sorriso —, mas nunca conheci uma que conseguisse comprar e se vestir em menos de uma hora.

Agitada, enfiei o fichário de volta na bolsa.

— Bem, eu não sou o tipo de mulher que você vê no dia a dia.

— Posso ajudar? — ele voltou a perguntar, já no piso de baixo.

— Me ajudar? Só se você conseguisse fazer um vestido para mim...

— Eu posso te levar de moto — disse, entregando-me um capacete. — Coloque isto. Vou fechar mais cedo hoje. Posso te levar até a Nordstrom mais rápido do que um táxi.

— Mas na neve?

— Confie em mim — ele disse, amarrando a correia de outro capacete. — Já pilotei em condições piores. Além do mais, as estradas estão cobertas de areia agora. Não teremos problemas.

— Tudo bem — respondi, hesitante, seguindo-o até a porta dos fundos.

Mesmo a uma velocidade baixa, o vento frio zunia em meu casaco e eu instintivamente apertava mais Dominic com os braços.

— Muito frio? — ele perguntou, excedendo o tom de voz para não ser abafado pelo motor da motocicleta, que roncava e estourava tão alto que as crianças, ao lado de seus bonecos de neve na calçada, olhavam perplexas.

— Estou bem — respondi. Mas não compartilhei o que estava realmente pensando. *E se o Ethan me visse? O que ele diria? Desde quando eu, uma mulher casada, subo na garupa de uma moto com um cara que mal conheço? Por outro lado, quem deu permissão a ele para começar a almoçar com a ex? Estamos quites.*

Dominic parou em uma vaga em frente ao Nordstrom e nós dois descemos, guardando os capacetes sobre o assento com uma corda elástica.

— Vai precisar de uma segunda opinião?

Eu sorri.

— Você está falando sério? Iria mesmo à loja de vestidos comigo? Acho que meu marido preferiria ter os olhos arrancados a fazer isso.

— Eu tenho quatro irmãs — ele disse. — Consigo me controlar na Nordstrom.

Olhei de relance para a vitrine, onde um manequim exibia um vestido prateado, e senti o coração palpitar de medo. *Por que estou tão preocupada com isso? É apenas uma compra, que coisa! Por que a ideia de experimentar um vestido está me deixando tão ansiosa?* Olhei para os olhos dóceis de Dominic e apreciei a presença dele ali. Mais que isso, eu *quis* que ele estivesse ali.

— Sim — respondi, retribuindo o sorriso. — Eu adoraria a sua ajuda. Meu senso de moda é zero, e, se eu não encontrar o traje adequado, minha sogra vai fazer picadinho de mim.

— Deixa comigo — ele disse, cavalheirescamente segurando a porta.

Juntos, subimos a escada-rolante até o departamento de moda feminina, no segundo andar, e vasculhamos os corredores em busca de um vestido adequado.

— Que tal este? — Dominic ergueu um modelo longo de lantejoulas pretas.

— Muito apertado — respondi, balançando a cabeça em desaprovação. — Eu pareceria uma salsicha dentro dele.

Ele voltou a concentrar os esforços e arrancou um vestido azul de um cabide próximo.

— Este — disse — é bem legal.

Acenei com a cabeça.

— É, sim.

— Azul é a sua cor.

Mostrei meu bracelete. A corrente de ouro e suas três safiras azuis cintilaram sob as luzes da loja de departamentos. Ethan tinha me dado a joia no meu aniversário de trinta anos. Eu jamais me esqueceria de como ele ficara radiante, todo orgulhoso, quando o prendera no meu pulso.

— A combinação perfeita — Dominic comentou. — Tome, experimente.

Apanhei o cabide e caminhei rapidamente até o provador. Vi de relance o meu corpo exposto no espelho antes de deslizar o vestido sobre a cabeça. Desviei o olhar mais que depressa. *Meu Deus, como fui me esquecer? Hoje é 3 de maio. O aniversário de tudo isso.*

Senti um repentino desejo de vestir minhas roupas de volta, sair correndo do provador e continuar correndo até me sentir segura dentro do meu apartamento. Eu ficaria enrolada na cama. E um sonífero atenuaria a dor. Eu ainda tinha alguns no frasco, em meu armário de remédios. Eles sempre ajudavam por um tempo. Mas as safiras no meu pulso voltaram a cintilar, e as joias refletiram o brilho nas minhas lágrimas. Pensei em Ethan e na promessa que tinha feito a ele. Fechei o zíper do vestido, alisando-o nas laterais, onde enrugou um pouco. *Eu posso fazer isso.*

Mal reconheci a mulher que me encarava no espelho, talvez porque meu uniforme do último ano consistira em roupas largas, banais. Tinha quase me esquecido que eu tinha um *formato*. Abri a porta do provador e saí.

— Você está... estonteante — comentou Dominic, que esperava pacientemente no corredor. — É este.

— É melhor que seja, porque tenho que estar no Olympic Hotel daqui a quinze minutos.

— Tire o vestido — ele disse. — Eles podem cortar as etiquetas no caixa.

Sorri, apontando para minhas botas nude.

— Seria melhor pegar uns sapatos também.

— Sim — respondeu ele, sorrindo.

Eu me despedi de Dominic e chamei um táxi para ir ao Olympic Hotel, onde encontrei Ethan esperando por mim no saguão, andando

de um lado para o outro. Havia um luxuoso lustre vintage brilhando no teto. Compreendi na mesma hora o olhar no rosto dele: irritação.

— Aí está você — ele disse, olhando de relance para o relógio. — Percebeu que está meia hora atrasada?

— Que bom te ver também — respondi sarcasticamente, passando a mão nas beiradas do vestido para me certificar de que não havia etiquetas nele.

Ethan franziu a testa.

— Por que você tem que ser tão...

Cruzei os braços.

— Tão *o quê?*

— Tão defensiva — respondeu. — Tão revoltada o tempo todo.

Suspirei.

— Claire — ele continuou —, foi um longo dia. Podemos entrar e nos sentar? Podemos fingir que estamos bem? Só por esta noite?

Senti um nó na garganta.

— Você não está se lembrando, está?

— Do quê?

— Hoje — eu disse, buscando os olhos dele. — Você não se lembra de que dia é hoje.

Ele olhou na direção do salão de baile e depois para mim, irritado.

— Eu não sei do que você está falando, mas, se não entrarmos, vamos perder...

— Há um ano, no dia de hoje... — eu disse quase num sussurro, com a lembrança muito sagrada para deixar um estranho que estivesse passando ouvir por acaso.

Então, o rosto dele mudou. A inflexibilidade suavizou. Ele deu um passo na minha direção.

— Oh, querida, me perdoe. — Ele pôs a mão nas minhas costas.

— Não consigo acreditar que me esqueci.

— Bem — eu disse, enxugando uma lágrima —, talvez você estivesse muito ocupado almoçando com a Cassandra.

Ethan ficou com a expressão mais séria.

— Claire, não seja ridícula. Ouça, vamos entrar e nos sentar. Podemos conversar mais tarde.

Odiei o tom da voz dele, assim como odiei o tom da minha. Fria. Insensível. *Que casal petulante é este que nos tornamos?* Olhei para os sapatos pretos que Dominic tinha me ajudado a selecionar havia alguns minutos, antes de voltar a encarar Ethan. *E se eu o abraçasse? Ele me seguraria em seus braços como costumava fazer?* Senti um ímpeto de tristeza.

— Você me culpa — eu disse sob a respiração — pelo que aconteceu. — Desabafei.

— Ah, pare com isso, Claire. Você não pode estar falando sério.

— Não finja que não guarda rancor de mim — continuei. — Eu sei que você acha que a culpa foi minha. Consigo enxergar isso em seus olhos toda vez que olho para você.

— Claire — Ethan disse —, isso é injusto.

— Bem, você não está negando.

Ele olhou fixamente para os pés.

— Eu...

Nós dois olhamos para cima quando ouvimos passos vindos de trás.

— Ah, Ethan, aí está você — disse Cassandra, segurando duas taças de champanhe. Seu vestido dourado de lantejoulas estava agarrado ao corpo dela, ressaltando suas curvas de uma forma que nenhum vestido faria por mim. — Está tudo bem por aqui? — ela perguntou. — A sua mãe me pediu para ver se eu conseguia te encontrar. O seu avô está prestes a entrar no palco.

Ethan acenou com a cabeça.

— Obrigada, Cassandra, eu...

— Eu já estava de saída — anunciei, arrancando meu bracelete enquanto voltava para a calçada. Acenei para um táxi que se aproximava e subi no banco traseiro, afastando-me rapidamente da janela. Eu não poderia deixá-los ver minhas lágrimas.

1 Nos Estados Unidos, o Dia dos Pais é comemorado no terceiro domingo de junho. (N.T.)

## *capítulo 7*

### **VERA**

*Charles.*

**N**ão era preciso muito esforço para me lembrar do rosto dele, mesmo fazendo quatro anos que eu notara aqueles dóceis olhos, aquele queixo robusto, aquele sorriso que me encantara em um instante.

Eu quase não o conheci. Na verdade, nem deveria tê-lo conhecido. Charles era bom demais para mim. Da alta sociedade. Todos sabiam disso. Todos, talvez, menos ele. Ele veio da riqueza, do privilégio, um ótimo partido para uma menina do lado pobre da cidade, filha de um pescador. Mas Caroline me convenceu a acompanhá-la naquela noite na inauguração do hotel mais extravagante que Seattle já tinha visto, e ali, atrás das refinadas portas duplas, estava ele, no saguão do grandioso hotel, sob um lustre de cristal, fumando um charuto enquanto os empregados se apressavam equilibrando bandejas pesadas, cheias de canapés. Em seu campo de visão havia uma porção de belas mulheres, todas adornadas, empoadas e de cabelo encaracolado. E ainda assim, por alguma razão que até agora não consigo compreender, ele olhou somente para mim.

— Vamos — Caroline sussurrou.

Rebati o olhar dele, sentindo-me tola.

— Vamos nos infiltrar.

Franzi a testa.

— Você sabe que eles vão nos botar no olho da rua assim que nos virem.

— Bobagem — ela disse. — Olhe para você, com esse vestido deslumbrante.

E era verdade. Nós estávamos vestindo nossos trajes mais finos, e, se você olhasse de soslaio, talvez confundisse os vestidos feitos a mão, perfeitos trajes de jovens rebeldes, com os assinados por Coco Chanel. Mas, examinando mais de perto, a verdade ficaria evidente: duas pobretonas de dezenove anos com um pouco mais do que dois centavos para se virarem juntas.

Suspirei.

— Tudo bem — eu finalmente cedi. — Contanto que você garanta que não vamos nos meter em encrenca.

— É claro que não vamos — ela respondeu um pouco confiante demais, pegando em minha mão e me arrastando na direção da entrada.

Desconfiado, um segurança ficou olhando para nós.

— E vocês são?

— Eu sou a senhorita Ella Wentworth e esta é minha prima debutante, Gilda, de Atlanta — respondeu Caroline.

Pisquei os olhos, fingindo que concordava e tentando conter uma risada. *Ela tinha que usar a palavra debutante?*

O homem consultou seu caderno de anotações.

— Parece que os nomes de vocês não estão na lista — ele disse.

— Ah, isso é uma vergonha — Caroline protestou, com um tom doce na voz. — Papai vai ficar chateado ao saber disso. Você sabe quem é o meu pai, não sabe?

O homem balançou a cabeça.

— Alexander Wentworth — ela disse. — Da *Imobiliária* Wentworth.  
— Caroline olhou para cima, observando o alto edifício. — Ele investiu tanto dinheiro nesta propriedade. É uma pena que a lista de convidados não tenha sido organizada como deveria. — Ela suspirou, cutucando uma corrente de ouro do pescoço. — Vou ter que conversar com o papai sobre isso.

— Espere, espere — o homem gaguejou. — Certamente foi apenas um mal-entendido. Por favor, entre, senhorita Wentworth. E queira transmitir nossas sinceras desculpas para o seu pai.

— Pode deixar — Caroline respondeu, meneando a cabeça como se fosse da realeza, enquanto passamos pela entrada e nos dirigimos à animada festa. Ela roubou uma taça de ponche da bandeja de um garçom e a entregou para mim antes de pegar outra para si mesma. — É assim — disse, tomando um gole — que a coisa deve ser feita.

— Caroline — sussurrei —, você é louca.

Ela deu risadinhas por detrás da taça.

— Ah, pare com isso. Vamos nos divertir um pouco.

Balancei a cabeça.

— Acho que deveríamos ir embora.

Ela olhou para mim e jogou a cabeça para trás, rindo.

— E perder a melhor festa da temporada? Acho que não.

Observei as mulheres ao nosso redor, seus ornamentos coletivos. Naquele instante eu queria ter costurado uma franja a mais ao redor da bainha do meu vestido. Ele parecia tão comum perto de tantos centímetros de cetim e renda.

— Este lugar não é para nós — sussurrei para ela.

— Mas é claro que é — ela disse, despreocupada com minhas inseguranças. — E olhe ali. — Apontou para dois homens que estavam de pé bem à nossa frente, e eu vi, outra vez, o homem que tinha feito contato visual comigo instantes antes. Ele me contemplou

com um sorriso convidativo e eu me virei rapidamente. — Você acha que deveríamos ir lá falar com eles? — ela continuou, flertando ao sacudir um cacho do cabelo com a mão.

— Caroline! — puxei o braço dela e a levei depressa para uma sala à nossa esquerda, onde algumas pessoas rodeavam um grande piano. — O que deu em você?

Ela sorriu.

— Olhe, vamos só nos divertir um pouco. Além do mais, eu gostei bastante da ideia de passar a noite na companhia de homens *ricos*.

Balancei a cabeça.

— Eu não vou ficar aqui e... — hesitei quando senti um tapinha no ombro, e então me deparei com os dois homens do saguão.

O que vestia terno cinza sorriu.

— Você não vai ficar aqui e...? Continue.

Fiquei vermelha.

— Ah, nada — resmunguei, olhando em pânico para Caroline, mas os olhos dela já tinham sido devorados pelo amigo do homem.

— Eu sou Charles — disse o mais alto dos dois, esticando a mão para mim. Eu a peguei por educação, mas descobri que, assim que nossas palmas tocaram, eu não queria mais soltá-la. — E você é?

— Vera — respondi, desviando o olhar para não ser hipnotizada pelo dele. — Vera Ray.

Ele gesticulou para duas poltronas próximas a uma lareira crepitante à nossa direita.

— Gostaria de se sentar?

Olhei para Caroline em busca de aprovação, mas ela estava muito entretida na conversa com o amigo de Charles para perceber.

— Claro — respondi, demonstrando nervosismo. Os únicos homens com os quais eu já me relacionara faziam parte do proletariado. O terno do homem e suas mãos asseadas me diziam que ele era de uma estirpe completamente diferente. De repente, tive receio de

que, ao me ver de perto, ele me achasse incompatível. Agradei pelo fato de a sala estar parcamente iluminada, pois assim a pobreza do meu vestido e os arranhões nos meus sapatos não ficariam tão evidentes.

— Que festa — ele comentou, olhando ao redor do salão.

— Sim, de fato — respondi, agarrando a bolsa com mais força.

Ele me examinou por um longo e desconfortável momento.

— Sabe — disse —, acho que nunca vi você por aqui antes. Você não esteve no evento do museu de arte no mês passado, esteve?

— Não — repliquei, com os nervos à flor da pele.

Charles pareceu satisfeito.

— Bem, você não perdeu muito. Foi bem entediante. — Ele inclinou o corpo mais próximo de mim. — Consegue guardar um segredo?

Acenei com a cabeça de forma hesitante.

— Eu odeio essas solenidades. Meu pai insistiu para que eu participasse.

— Minha amiga insistiu para que *eu* participasse — devolvi, abrindo um sorriso.

Charles afundou o queixo na mão e sorriu.

— Bem, não somos um belo par?

Meu rosto esquentou.

Ele tirou um tufo de cabelo da testa.

— A verdade é que eu preferiria estar em qualquer lugar, menos aqui. — Apontou para um homem de sua idade que, distante, esfregava uma mesa. — Eu o invejo.

Meu olhar para ele foi de incredulidade.

— Por quê?

— Porque ele tem liberdade.

— E você não tem?

Charles abriu a gola da camisa claramente apertada, como se ela fosse uma algema.

— Não muito. As pessoas esperam que eu assuma um papel. O do sr. Charles Kensington segundo.

— Bem — eu disse —, com o devido respeito, muitas pessoas fariam qualquer coisa para estar na sua posição.

— E elas logo perceberiam que essa posição não é tudo o que costumam dizer — ele suspirou. — Eu preferiria ser um fazendeiro.

— Você? Um fazendeiro?

Os olhos dele brilharam.

— Eu cultivaria milho, assim poderia me perder em meio ao milharal. Você sabia que na Califórnia eles cultivam labirintos de milho? Caules tão altos como eu que se espalham até onde o olho consegue enxergar?

Balancei a cabeça, negando.

— Bem, isso é o que eu faria — ele comentou — se pudesse escolher outra vida. E você? — Os olhos dele brilharam de interesse.

— Você é feliz?

Alisei meu vestido, acanhada. *Será que ele consegue compreender minha situação? Será que sabe que não pertencço a este meio?*

— Por que eu não estaria? — respondi, um pouco mais na defensiva do que pretendia.

Uma banda começou a tocar uma música calma, e alguns casais levantaram-se das cadeiras e começaram a caminhar até a pista de dança. Ele olhou para mim timidamente.

— Vamos dançar.

Meu coração disparou. *Dançar? Eu?* Balancei a cabeça.

— Me desculpe, receio que não.

— Oh — Charles reagiu, magoado. — Prometo que não vou morder.

Desviei o olhar, tentando pensar em uma desculpa.

— Não, não, é que... bem...

— Diga-me — ele disse com ternura. — Do que você está com medo? Não, deixe-me adivinhar. Você está noiva? — Ele levou a mão ao coração dramaticamente, como se Cupido tivesse acabado de atirar uma flecha bem no meio da lapela de seu terno.

— Não — respondi com um sorriso que não pude controlar. — É que eu... não sei.

— Não sabe o quê?

— Eu não sei *dançar* — sussurrei.

Charles achou graça.

— Ah, só por isso? — Ele pegou na minha mão. — Vamos. Vou ensiná-la.

Meu coração acelerou quando ele me conduziu até o chão de assoalho recém-encerado. Olhei para os lados, para os casais movendo-se graciosa e elegantemente ao nosso redor. Eu sabia dançar *swing*, mas isto? Estava me sentindo um peixe fora d'água.

Charles pôs minha mão esquerda no ombro dele e segurou minha mão direita, posicionando meu corpo tão próximo do dele que senti o calor que irradiava de dentro de seu terno.

— Esta é a valsa — disse. — É fácil. Apenas siga meus passos.

Em minutos, eu aprendi e segui a condução de Charles pela pista de dança. Ele me guiou com tanta precisão que compensou minha falta de talento para dança.

— Você leva jeito para isso — comentou, sorrindo para mim com os olhos verdes calorosos.

Abri um sorriso, desviando o olhar.

— Bem, graças a você.

Ele me observou curiosamente, determinado a continuar a conversa.

— Conte-me, senhorita Ray, de onde é a sua família? Eu não reconheço o seu sobrenome. O seu pai trabalha no ramo imobiliário?

Soltei minha mão da dele e, de repente, parei de dançar.

— Eu tenho que ir mesmo.

— Me desculpe — ele reagiu. — Eu disse algo errado?

Fiquei nas pontas dos pés para ver onde pensei que Caroline estivesse, mas não consegui enxergar no ar turvo e esfumaçado. *O que estou fazendo aqui? Este lugar não é para mim.*

— Me perdoe — pedi, virando-me na direção da porta. — Boa noite.

Corri em meio à multidão, abrindo caminho pelo saguão e procurando freneticamente por Caroline. Talvez ela conseguisse se misturar com os ricos sem fazer esforço, mas eu não conseguia fingir. Aquilo não fazia parte da minha natureza.

— Com licença — murmurei ao passar por um grupo de homens fumando charutos. Dei um passo mais à frente e colidi com uma criada do hotel que reconheci na mesma hora.

— Gwen?

Ela olhou para mim, confusa.

— Vera? O que  *você*  está fazendo aqui?

Balancei a cabeça.

— A Caroline convenceu o segurança a nos deixar entrar.

Gwen ergueu uma sobrancelha.

— Aquela ali é capaz de convencer um animal a dar sua pele a ela. Eu suspirei.

— Isso tudo é lindo e tal, mas... eu não consigo fingir ser... — Olhei para trás, em direção à festa — ... um deles. Eu não pertencço a este lugar.

— Talvez não — disse Gwen —, mas parece que você tem um admirador.

Eu me virei e vi Charles se aproximando.

— Rápido — falei —, me ajude a me esconder.

Gwen encolheu os ombros e me conduziu por um corredor, onde nós duas entramos em um quartinho de criadas. Afastei um esfregão para abrir mais espaço.

— Certo — ela disse assim que a porta foi fechada com segurança. — Por que é que você está se escondendo do solteiro mais desejado de Seattle?

— O Charles?

— Sim, bobinha — respondeu ela, soltando um suspiro. — O pai dele é dono de metade de Seattle. E deste hotel também.

— Bem — eu disse —, então vou poupá-lo da decepção quando ele descobrir que não sou uma moça da alta sociedade.

— Querida — Gwen bufou —, me desculpe por ser tão franca, mas tenho certeza de que ele já sabe que você não é uma moça da alta sociedade.

A implacável luz no quartinho só revelava o buraco que estava começando a se formar sobre o dedo do meu sapato direito.

— Ah.

— Está na cara que ele não está nem aí para isso — ela continuou. — Talvez ele goste de você do jeito que é.

— Gwen, você é um amor, mas acho que está ficando maluca. — Apertei a mão dela. — Vou para casa. Tem uma saída pelos fundos que eu possa usar?

— Sim — ela disse, abrindo a porta e apontando para o corredor. — Por ali.

— Obrigada. E, se você vir a Caroline, pode avisá-la? Discretamente?

— Pode deixar — respondeu. — Vou passar um recado junto com o caviar. — Ela conteve o riso. Eu caminhei até o final do corredor e abri a porta que dava acesso ao beco. Dei dois passos e saltei após ouvir passos atrás de mim. Virei-me e vi Charles encostado no prédio com um sorriso tímido.

— Aí está você — ele disse. — Pensei que estivesse fugindo de mim.

— Eu estava — respondi com toda a sinceridade.

Ele deu um passo na minha direção.

— Eu preciso saber — falou. — O que eu disse que a deixou tão assustada? Fiz algo que a chateou?

— Ouça — respondi —, você está achando que eu sou quem não sou. Não sou uma debutante. Não terminei a escola. E nem sequer fui convidada para este evento.

Charles deu de ombros.

— E você acha que eu me importo com tudo isso?

Hesitei, analisando o rosto dele — honesto, bondoso.

— Você não se importa?

— Eu não suporto essas moças daqui — respondeu, gesticulando em direção à festa. — Elas são todas iguais. Se você me permitir, eu adoraria conhecê-la melhor. Podemos recomeçar do zero?

Eu sorri, estendendo a mão.

— Sou Vera Ray; muito prazer em conhecê-lo.

## *capítulo 8*

### **CLAIRE**

O táxi estacionou em frente ao prédio e derrapou por um instante nas ruas congeladas até parar de forma brusca. As luzes da rua faziam as lantejoulas do meu vestido brilharem. Eu suspirei, ansiosa por uma calça de moletom e uma camiseta.

— Ele é um homem de sorte — o motorista gracejou, observando meu vestido.

— Como?

— O seu par esta noite — ele continuou.

— Oh — eu disse. Acho que ele não notou meus olhos vermelhos e o rosto coberto de lágrimas. — Sim. — Dei de ombros e entreguei a ele uma nota de vinte antes de pisar na calçada. — Ele nem sabe mais que eu existo — sussurrei para mim mesma após o táxi se afastar.

Gene abriu a porta para mim, e eu recolhi a batinha do vestido antes que ela enroscasse na dobradiça.

— Chegando cedo esta noite? Pensei que você e o Ethan estivessem na...

— Você sabe que eu não gosto daquele luxo todo — respondi antes que ele pudesse me pressionar mais. — Além disso, o vestido está me dando coceira.

Gene olhou para mim por um longo momento.

— Claire, como você está? — perguntou, com os olhos arregalados e dóceis, cheios de bondade. — Desde o acidente — disse, meio hesitante — você não é mais a mesma.

Eu acenei com a cabeça.

— Você tem razão. Não sou.

Ele me envolveu com seu braço forte, e, de certa forma, isso me deu permissão para libertar os sentimentos que pairavam dentro de mim, aqueles que eu havia tentado tanto manter escondidos, para não senti-los.

— Hoje faz aniversário, não faz?

— Oh, Gene — lamentei. — Às vezes sinto como se meu coração fosse explodir.

— Então, deixe explodir — ele disse, alisando meu cabelo como meu pai costumava fazer quando eu era uma menininha. — Você tem carregado esse fardo há muito tempo. Liberte-o. Libere tudo, querida.

Fechei os olhos, deixando as lembranças verterem como um deslizamento, destruindo o mundinho inflexível que eu havia criado para mim mesma, a blindagem emocional que me protegia de sentir a dor do passado. Fechei os olhos. E me lembrei.

### *Um ano atrás*

— Rosa ou azul? — Ethan perguntou, tocando o nariz em minha nuca.

Eu me virei para vê-lo, e ele segurava em cada mão uma minúscula peça de roupa — uma era um casaco azul-cinza com calça azul-clara; a outra era um vestido cor-de-rosa com meia-calça branca e babados na parte de baixo. Meu coração se derreteu.

— Com qualquer uma este bebê vai estar bem vestido.

Ethan observou a roupa cor-de-rosa, sorrindo para si mesmo.

— Eu acho que vamos ter uma menina.

Balancei a cabeça.

— Vai ser menino.

Ele me puxou para perto de seu corpo, passando a mão carinhosamente sobre toda a minha enorme barriga. Nós decidimos que não descobriríamos o sexo do bebê com antecedência, apesar dos protestos consideráveis de nossos familiares, principalmente dos de Ethan.

— Você sabe o quanto eu te amo? — ele sussurrou em meu ouvido.

Eu abri um sorriso, dando-lhe um forte beijo no rosto, notando meus tênis de corrida perto da porta.

— Vou sair rápido para uma corrida leve antes do jantar.

Ethan franziu a testa.

— Claire, eu preferiria que você não fosse. Você está se esforçando demais.

Admito que me ver com uma enorme barriga de grávida de oito meses correndo pelas ruas de Seattle tinha provocado alguns olhares assustados, mas eu havia pesquisado sobre correr durante a gravidez, e tudo o que lera sobre o assunto indicava que, em geral, era seguro. E, embora minha obstetra não fosse muito fã da ideia de eu continuar minhas corridas de seis quilômetros e meio já no final da gestação, ela também não me proibiu. Eu parava quando estava excessivamente sem fôlego e sempre me hidratava de forma adequada. Além do mais, como corredora que sempre fui, parar de correr teria sido como parar de respirar.

— Ethan — contestei —, a dra. Jensen diz que não há nada de errado em correr durante a gestação.

— Sim, talvez no início — ele comentou. — Mas agora não me parece uma boa ideia.

— O bebê não vai *cair* — eu disse, rindo. Então, acariciei o braço dele. — Querido, vai ficar tudo bem. — Peguei meu iPod, levando o fone até os ouvidos. — Volto em meia hora — anunciei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

Acenei para Gene enquanto me dirigia à calçada. O sol de maio estava radiante. O ar ameno passava em meu rosto enquanto eu aumentava o volume e começava a acelerar minha passada. Senti o bebê chutar ao passar pela James Street e fiquei pensando como seria empurrar um carrinho de bebê correndo. Como qualquer outra coisa, eu sabia que me acostumaria a isso. Imaginei minhas manhãs na companhia de meu bebê. Nós correríamos juntos.

*Ele.*

Meu menininho. Ou talvez minha menininha, como Ethan havia previsto. Meu coração acelerou, agora rápido demais, então reduzi o ritmo e respirei fundo a brisa do mar que era soprada pela Baía de Elliott, salgada e fresca. Aumentei o volume da música, recuperei o ritmo e então algo surgiu em minha visão periférica. Um carro. Vermelho. Chegando perto. E mais perto. A música explodiu em meus ouvidos quando me joguei para a esquerda, e meu tênis do pé esquerdo prendeu em uma grande fenda na calçada. Por um instante, foi como se eu estivesse voando, deslizando sem gravidade pelo ar, até o para-lama do veículo atingir meu corpo. Não senti o impacto, não mesmo. A reação do meu corpo ao choque abrandou a dor. Foi só a pressão e o que parecia ser um estalo bem profundo. E então tudo escureceu.

Abri os olhos e fiquei piscando. A luz sobre minha cabeça, que brilhava de forma aguda, fez com que meus frágeis olhos tremulassem. Ethan surgiu à minha direita; mamãe, à esquerda. Os dois vestiam aventais cirúrgicos e toucas azuis. Minha visão do quarto ficou borrada, e eu fechei os olhos com força, abrindo-os um

momento depois com um foco bem maior. *Por que não consigo sentir minhas pernas?*

— Ethan — sussurrei —, o que aconteceu? Minhas pernas... elas estão dormentes. O que está acontecendo? Eu estava correndo... — A princípio, a lembrança veio lentamente, e em seguida surgiu de forma tão nítida quanto no momento em que o carro me atingiu. — Um... um carro — gaguejei. — Um carro me atropelou. Ethan... o bebê! — Olhei rapidamente para minha barriga. Ela parecia menor. Entrei em pânico, levando as mãos ao estômago. Ele estava macio, mole, vazio. Eu gritei. — Cadê o meu bebê? Cadê o meu bebê? Para onde levaram o meu bebê? Tragam-no para mim! — Eu me sentei, e, embora minhas pernas estivessem sem vida, dormentes, lancei-me em direção à beira da cama, determinada a me levantar, a encontrar meu filho.

Ethan pulou à minha frente, puxando meus braços com cuidado de volta para a cama.

— Não, Claire — ele disse calmamente. Notei um tom de derrota, de dor em sua voz. — O bebê...

— Pare! — minha mãe gritou. Eu me virei para encará-la, mas ela olhou apenas para Ethan. — Ela não está pronta ainda. Dê tempo a ela.

Ethan balançou a cabeça.

— Ela precisa saber. — Ele se virou de volta para mim e me olhou com uma expressão que cortou meu coração. Não precisava me contar. Eu já sabia. Olhei fixamente para a parede enquanto as palavras passavam pelos lábios dele, as palavras que mudariam minha vida para sempre: — O bebê não sobreviveu.

O quarto começou a girar.

Ele se sentou em uma cadeira ao lado da minha cama.

— Eu segurei...

— Não! — gritei. — Não. Não me conte.

Ethan olhou para mim com os olhos marejados.

— Por quê? Você não quer saber se tivemos um menino ou uma menina? Não quer saber que eu segurei nosso filho nos braços por um breve instante antes de...

— Não — soluzei, afundando o rosto no travesseiro à minha direita.

— Eles trouxeram o bebê para você — comentou Ethan, enxugando uma lágrima. — Você estava inconsciente, mas você...

— Pare — gritei. — Não consigo suportar isso.

Olhei para baixo, na direção da mancha de sangue em meu peito, e comecei a tremer de forma tão descontrolada que uma enfermeira correu até mim e espetou uma agulha em meu braço, deixando o frio conteúdo da seringa gotejante entrar em minha veia. Quando meu corpo adormeceu, fiquei presa dentro de minha mente, assombrada pelo bebê que eu jamais conheceria e pelo marido que eu temia me culpar por isso.

## capítulo 9

### VERA

Já fazia seis dias desde o desaparecimento dele, seis dias desde que os céus tinham coberto a cidade com um véu branco e mudado meu mundo para sempre. Eu procurei pelas ruas de dia e fiz vigília no minúsculo apartamento de Caroline à noite, orando, esperançosa.

— Eva! — Caroline vociferou ao passar pela porta pouco antes das sete da manhã. Ela parecia cansada, pálida. Consequência dos turnos de doze horas na fábrica sem um único intervalo. — Traga para a mamãe um pedaço de queijo que está no congelador — ela disse, colocando a bolsa de lado antes de despencar no chão, ao lado da lareira. Recolhi um pouco minhas pernas para lhe dar espaço no sofá, mas ela não percebeu, ou talvez estivesse muito exausta para se levantar outra vez.

— Mas, mamãe. — Eva olhou para mim com nervosismo, antes de voltar a olhar para a mãe.

— Eva, o que eu disse? Traga o queijo — Caroline virou-se para mim e estendeu a mão direita. Ela tremia tanto que eu estremeci. — O dia do pagamento é amanhã. Eu não como desde ontem. — Ela apontou para a janela. — Se essa droga de neve parasse logo...

— Mas, mamãe — Eva grunhiu. — A tia Vera... *comeu* o queijo.

— Me perdoe — eu disse para Caroline antes que ela pudesse responder. — Não havia mais nada. Dei para Eva a maior parte. Só havia um pedacinho, e eu...

Caroline contraiu as pernas à frente do peito e afundou o rosto nas mãos.

— Está bem. Está bem. — Um soluço seco, solitário, passou pelas aberturas entre seus dedos. — Eu não sei quanto tempo mais vamos conseguir ficar nesta situação. Tem o aluguel. A comida. Vou ter que bater na porta da sra. Harris outra vez. Você deveria ter visto o modo como ela me olhou na semana passada quando eu pedi emprestadas algumas fatias de pão. Eu já não consigo comprar leite há meses. A Eva merece leite. — Ela olhou repentinamente para cima e enxugou as lágrimas com a manga da blusa. — Olhe para mim, chorando assim enquanto você perdeu...

Eu me ajoelhei ao lado de minha velha amiga. Ela estava esquelética, com o rosto encovado e um olhar distante — em contraste com uma mulher que eu conhecia havia quatro anos, a mulher que tinha tido o mundo na palma da mão. Não, eu não podia permanecer ali. Não mais. A última coisa que Caroline precisava era de outra boca para sustentar.

— Está na hora de eu ir — falei, apanhando o pulôver pendurado num prego enferrujado da parede.

— Não! — Caroline gritou, levantando-se mais que depressa. Ela me agarrou pelo braço, insistindo para eu voltar ao sofá. — Não vou deixar. Você não tem para onde ir. Fiquei quieta no seu lugar.

Balancei a cabeça.

— Ouça, você mal consegue sustentar a Eva, o que dirá a mim. Além do mais, eu preciso voltar.

— E o proprietário?

— Vou dar um jeito — respondi vagamente. — Preciso estar lá para receber o Daniel quando ele for para casa. — Meu coração

ficou mais leve quando eu disse essas palavras. É claro que ele *vai voltar para casa*. Imaginei meu menininho passando pela porta, sorrindo da maneira que revelava a covinha em seu queixo. Ele correria até mim, e eu passaria o nariz em sua testa, e seus cachos loiros e macios absorveriam minhas lágrimas. Foi tudo uma confusão, ele explicaria. Ele me contaria que tinha visto a neve e se perdido. Uma bondosa família o tinha acolhido até que a tempestade passasse. Eles tinham sido bons com ele, dando-lhe uma cama quente. E chocolate quente. Eu sorri para mim mesma.

— Ah, querida — Caroline lamentou. — Eu quero acreditar que o Daniel está vindo para casa; o Senhor sabe que eu acredito. Mas, a certa altura, você vai ter que...

— Não! — vociferei, fechando os olhos com força. Então respirei fundo, serena. — Ele vai voltar para casa. Eu *sei* disso.

Caminhei até a porta e segurei a maçaneta. Pouco antes de eu pisar fora de casa, senti um puxão leve no meu vestido.

— Tia Vera? — Eva sussurrou, com os olhos arregalados e precavidos.

Eu me ajoelhei para falar com ela.

— Sim, querida?

Ela me entregou um pedaço de papel.

— Eu fiz isto para você.

Uma lágrima atrevida rolou pelo meu rosto e se aconchegou na dobra da minha boca, salgada e amarga.

— Ora, isto é... lindo, querida — eu disse, olhando superficialmente o desenho que ela havia feito para mim.

— Este é o Daniel — ela disse, apontando para um boneco de palito segurando um ursinho de pelúcia. — E esta sou eu — complementou.

Uma terceira figura pairava sobre as crianças grosseiramente desenhadas. Uma mulher, talvez? O chapéu bem trabalhado que ela

usava parecia um pavão.

— Quem é esta, Eva?

A menina apertou o nariz.

— Ninguém.

— Ela deve ser *alguém* — eu disse. — Você a desenhou aqui, atrás de você e do Daniel. Quem é ela, querida?

— É só uma moça, nada de mais.

Eu acenei com a cabeça.

— Bem — falei, levantando-me novamente. — Eu adorei.

Obrigada. Vou guardar isto para sempre.

— Você sabe que pode voltar — Caroline disse antes de eu me virar para sair. — Você é sempre bem-vinda aqui.

Respondi com um ar de determinação que eu não conseguia mais conter:

— Obrigada por tudo, querida amiga.

Caminhei pelo trajeto familiar de volta ao apartamento, mas não senti meus pés tocarem o chão. Eu simplesmente flutuei. Como um fantasma, invisível em minha dor. As pessoas passavam, mas ninguém olhava para mim. *Será que elas estão me vendo?*

Passei por uma multidão de homens zangados fazendo hora perto do bar. O ar cheirava a cerveja, tabaco grosseiro e suor da noite anterior.

— Com licença — eu disse a um homem de aparência razoável próximo da passagem. — Você viu o sr. Ivanoff? — Ele havia trabalhado no bar na manhã da tempestade. Talvez tivesse visto algo, alguém.

O sorriso do homem transformou-se em olhar de desprezo, e eu me arrependi de ter perguntado.

— Ivanoff, o construtor?

— Sim — respondi, avançando centímetros em direção à escada.

O homem coçou a barba rala do queixo e deu um passo à frente.

— O que você quer com ele?

— Eu quero falar com ele — afirmei.

— Bem, então você vai ter que ir até a prisão — ele disse com um olhar de satisfação no rosto. — Ele foi preso ontem à noite.

— Preso?

— Isso mesmo — ele confirmou. — Bateu na mulher dele.

Machucou ela para valer. O doutor teve que costurar ela.

Meu coração acelerou. Eu me lembrei de como o sr. Ivanoff havia sido gentil com Daniel, da delicadeza com que falara com ele. Como um pai. Senti um calafrio. *Como não percebi que ele poderia ser violento?*

O homem aproximou-se ainda mais.

— Se você estiver procurando mais alguém para se divertir, eu...

— Passar bem — eu disse, voltando a caminhar.

Segurei a saia e corri até os degraus, quase tropeçando em um velho de barba desmaiado no patamar da escada enquanto eu subia até o segundo andar. Tirei a chave do bolso, e uma veia em minha mão saltou quando eu a pressionei dentro da fechadura.

Meu coração inchou. *Talvez o Daniel esteja aqui. Talvez ele tenha subido na cerejeira e entrado pela janelinha. Quem sabe ele está esperando aqui dentro.*

Virei a chave, mas ela emperrou. Tentei outra vez, virando para a direita e para a esquerda, sem sorte. *Meu Deus. O sr. Garrison. Ele deve ter trocado a fechadura.*

— Não! — gritei, pressionando o rosto contra a porta. Ouvi passos do lado de dentro. — Olá? — bati na porta. — Olá? Quem está aí dentro?

Dei um salto para trás quando a maçaneta começou a virar. O rosto confuso de uma menina de no máximo onze anos de idade apareceu na porta.

— Posso ajudá-la? — perguntou.

Eu passei por ela.

— O que você está fazendo aqui na minha casa? Onde está o Daniel? — Corri até os degraus. — Daniel! É a mamãe. A mamãe chegou em casa.

Um homem de camisa branca amarrotada, amarelada e manchada ao redor da gola saiu da cozinha, com os suspensórios presos à calça.

— Jane, quem é?

A menina deu de ombros.

— Eu não sei, papai. Ela tá dizendo que o apartamento é dela.

— Este... este apartamento é *meu* — gaguejei. — Por que vocês estão aqui? Onde está meu filho? Daniel!

— Deve haver algum engano — o homem disse. — Nós nos mudamos há três dias. O proprietário disse que a inquilina anterior morreu. Falou também que ela não tinha família, por isso nos vendeu os móveis por cinco dólares.

— Morreu?

O homem deu de ombros.

— Eu pareço morta para você?

Olhei para os vestígios da minha casa — a pequena mesa de centro com as flores esculpidas em madeira nas beiradas. Meu pai a tinha feito antes de morrer. As duas cadeiras, gastas, mas confortáveis. O vaso branco na mesa onde eu expunha as flores silvestres que Daniel pegava para mim nas caminhadas ao longo da Quarta Avenida. Minhas coisas. Minha vida. *Tiradas de mim*.

Desinteressada, a menina pegou sua boneca no sofá e subiu os degraus.

— Espere aí — o homem disse para mim, claramente incomodado. — O jantar está fervendo no fogão.

Assim que ele saiu, dei alguns passos até o pé da escada. Uma pequena cômoda tinha sido disposta contra a parede, e eu me esforcei, tentando movê-la para a frente até descobrir o compartimento secreto. Eu o abri e suspirei. A pena de Daniel, as conchas. As lembranças pairaram na sala e eu quis me perder nelas, mas sabia que não havia tempo. Peguei minha bolsa e tirei Max. Endireitei a curvatura azul da cabeça do ursinho e o enfiei dentro do espaço entre a parede. Ele pertencia àquele lugar. E Daniel o encontraria novamente. Meu coração me dizia isso.

Ouvi passos atrás de mim e fechei a portinha rapidamente, derrubando a bolsa. Recolhi-a em um segundo.

— O que acha que está fazendo, senhorita? — o homem perguntou desconfiado.

— Eu estava apenas...

Ele franziu a testa.

— Vou ter que pedir para você sair agora.

— Por favor — eu disse —, se você vir um menininho...

— Se eu vir *você* de novo, vou denunciá-la para a polícia.

A menina apareceu na sala outra vez e olhou para mim com olhos simpáticos antes de seu pai me empurrar pelo corredor e fechar a porta com uma pancada.

Do lado de fora da rua, inspecionei minha bolsa, grata pelo fato de meus recursos financeiros, por mais escassos que fossem, continuarem ali dentro. O pequeno desenho de Eva, no entanto, não encontrara um destino tão favorável. *Devia ter caído.*

Caminhei com o corpo dormente até a calçada. As crianças, encapotadas com casacos quentes, brincavam de amarelinha na rua enquanto as mães as observavam.

— Daniel! — gritei em vão. Gaivotas voavam no alto, descendo e guinchando de forma ridícula. O mundo, e cada criatura dele, parecia cruel e indiferente.

— Vera, é você? — uma voz familiar chamou da calçada à frente.

— Gwen?

— Oh, querida — ela disse. — Estive tão preocupada com você. Acabei de ver a Caroline. Ela me contou o que aconteceu. Lamento muito.

— Ele desapareceu — afirmei. As palavras soaram estranhas ao cruzarem meus lábios, como se outra pessoa as tivesse proferido.

— Como assim *desapareceu*?

— Quando eu cheguei do trabalho, ele não estava mais lá — contei, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos. — A polícia não vai fazer nada porque pensa que ele fugiu, mas, Gwen, ele jamais teria fugido.

Ela pôs o braço sobre meu ombro, puxando-me para mais perto dela.

— Olhe para você — ela disse. — Está um esqueleto. Você tem comido?

Balancei a cabeça.

Ela acariciou o meu braço.

— Não faz sentido ficar chorando aqui no frio. E sua aparência é de quem não come há dias. Me deixe comprar uma refeição quente para você.

Meu estômago roncava. Eu odiava ter que parar para lidar com a fome numa situação como essa, mas sabia que seria inútil para Daniel se eu desmaiasse de fraqueza, então cedi.

— Tudo bem — respondi, obediente.

Gwen e eu caminhamos até o Lindgren, um pequeno café no Market, onde costumávamos jantar numa época mais feliz.

— Dois sanduíches de presunto com molho de carne — ela pediu à garçonete atrás do balcão.

Quando nossa refeição chegou, comi distraidamente, sem sentir os sabores na boca. Experimentar o prazer parecia errado de alguma

forma. Em vez disso, me confortei na dormência.

— Você vai voltar ao trabalho? — Gwen perguntou, com certa cautela.

Suspirei.

— Acho que vou ter que voltar. Isto é, se eu tiver um emprego me esperando. Devo ter perdido uma meia dúzia de turnos desde...

— A Estella vai entender.

Balancei a cabeça.

— Você acha mesmo?

— Eu vou conversar com ela por você — garantiu, separando trocados e colocando-os sobre a conta. — Vamos até o hotel comigo. Pode deixar que eu explico a situação.

O aquecedor estalava e chiava como era de costume dentro dos quartos das criadas do hotel. As roupas de cama repousavam em enormes pilhas, à espera de serem passadas a ferro. Estella estava sentada em sua mesa, exatamente como sempre fazia. No entanto, tudo parecia diferente. O eixo do mundo parecia ter mudado desde o desaparecimento de Daniel, alterando tudo para sempre.

— Olhe só quem está aí — Estella me cumprimentou sarcasticamente.

Gwen logo saiu em minha defesa.

— Você não vai acreditar no que ela passou, Estella — ela disse. — O filho dela foi raptado. Ela tem andado por aí dia e noite em busca dele.

Os olhos de Estella se estreitaram, e eu percebi um lampejo de pena em seu rosto.

— Bem — ela disse, observando um pedaço de papel diante de si distraidamente —, isso é muito triste.

— Então você vai deixá-la voltar ao trabalho? — Gwen prosseguiu.

Estella suspirou, dobrando o papel e enfiando-o em um envelope.

— Quem dera eu pudesse — ela disse. — Já contratei outra moça.  
— Você o quê? — Gwen enfureceu-se. — Como pôde fazer isso?

Olhe, esta pobre mulher precisa de um emprego mais do que nunca. Ela está aqui para trabalhar mesmo com o filho desaparecido. Não é possível que você não tenha uma vaga para ela.

Estella balançou a cabeça.

— Receio que não. Ela não apareceu para trabalhar, então fui obrigada a contratar uma substituta. Sem ressentimentos. — Ela endireitou os óculos sobre o nariz. — Esta discussão está encerrada. Gwen, a suíte do sexto andar precisa ser limpa. Seja rápida com isso.

— Sim, senhora — Gwen resmungou.

Juntas, nós caminhamos até o corredor. Minha cabeça estava pesada.

— Gwen, você fez o que pôde. Eu vou ficar bem.

— Eu vou te dar toda a minha gorjeta — ela disse — até você se recuperar.

— Não vai, não — respondi. — De qualquer modo, é muito gentil de sua parte.

Ela me seguiu até o saguão.

— E como você vai conseguir sobreviver?

— Eu dou um jeito — respondi. — Sempre dei. Olhe, é melhor você subir até o sexto andar antes que a Estella te encontre.

Gwen acenou com a cabeça.

— Tudo bem. Cuide-se, Vera.

— Pode deixar.

Ela desapareceu no corredor que dava acesso ao elevador das criadas, e eu permaneci por um instante, atordoada, sem saber para onde ir ou o que fazer. Dei alguns passos e então me sentei em uma cadeira estofada no saguão azul-petróleo com listras brancas de cetim. Era uma sensação boa descansar em um assento designado

para os ricos do hotel. Meus pés doíam, e uma enorme bolha tinha se formado próximo ao buraco do meu sapato. Fechei os olhos.

— Com licença — uma voz interrompeu meu devaneio. — Vou ter que pedir para você sair.

Abri os olhos e vi a gerente da recepção, uma mulher chamada Martha, de pé diante de mim.

— Você sabe tão bem quanto eu que o saguão é só para hóspedes e visitantes do Olympic.

Acenei com a cabeça, colocando-me de pé.

— Me desculpe — pedi, mancando em direção à porta.

— Ela é uma visitante — uma voz profunda, masculina, disse por detrás de mim.

Eu me virei e vi Lon Edwards, o homem que tinha conhecido na suíte da cobertura na semana anterior. Hoje ele estava completamente vestido.

— É *minha* convidada — ele disse para Martha, com autoridade.

Martha abaixou os olhos de forma submissa, ignorando meu olhar confuso.

— Claro, sr. Edwards — ela respondeu com um sorriso meloso. — É claro.

Após Martha voltar apressada à recepção, Lon sorriu para mim.

— O seu nome é Vera, certo?

— Sim — eu disse. — Foi muito gentil da sua parte fazer isso por mim, mas eu realmente não preciso de ajuda, sr. Edwards.

— Mesmo assim — ele respondeu —, eu gostaria de levá-la para jantar.

Balancei a cabeça firmemente.

— Não posso.

— Ah, deixe disso, srta. Ray, é só um jantar — ele disse alegremente. — Deve ter algum jeito de eu conseguir convencê-la a

ir, certo? — Ele estalou os dedos e um homem com mais ou menos a metade da idade e altura dele se aproximou.

— Sim, senhor? — ele disse.

— Andrew, esta é a srta. Ray. Leve-a para o salão e para a Frederick and Nelson. Garanta que ela tenha o que quiser.

O homem acenou com a cabeça.

— Senhorita, quando estiver pronta, o carro está do lado de fora aguardando.

— Não — falei repentinamente. — Não. Eu não posso. Digo, é muito gentil da sua parte se interessar por mim, Lon... digo, sr. Edwards, mas o senhor não entende. É o meu filho. Meu filho sumiu. Ele foi levado. Eu não posso jantar com o senhor porque tenho que *encontrá-lo*.

Os olhos de Lon demonstraram compreensão, e, quando notei, senti um forte anseio por isso. Fiquei *faminta*. Meus joelhos cederam.

— Coitadinha — ele disse. — Você já foi à polícia?

— Sim — respondi. — Mas eles não vão fazer nada. Acham que ele fugiu.

— Vou fazer umas ligações. Eu conheço o chefe da polícia. Senti o coração mais leve.

— O senhor o conhece?

A expressão dele parecia confiável e segura.

— Certamente — respondeu. — Frequentamos a escola juntos. Deixe isso comigo. — Ele pausou a fala e piscou. — Talvez possamos discutir os detalhes durante o jantar.

Respirei fundo. Por um instante, senti uma nova esperança. Lon sabia o que fazer. Ele era um homem poderoso. Poderia ajudar a trazer Daniel de volta para mim.

— Está pronta agora, srta. Ray? — perguntou o assistente de Lon.

*Para onde mais eu iria sem um emprego, sem uma casa, sem meu filho? Por que não deveria entrar na limusine de Lon Edward, ainda mais se ele conseguir me ajudar a encontrar o Daniel?*

— Sim — eu disse baixinho, com um suspiro de derrota. — Estou pronta.

## capítulo 10

### CLAIRE

Ethan não veio para casa na noite da festa, nem telefonou. E, enquanto eu quebrava um ovo sobre uma frigideira na manhã seguinte, observando a clara endurecer ao redor das beiradas e tomando cuidado para manter a gema intacta, meu sentimento era de ódio por sentir a falta dele. Eu ansiava por deslizar o ovo — virado, ligeiramente tostado, como ele preferia — sobre um pedaço de pão de fôrma integral, salpicá-lo com sal de cozinha e uma quantidade absurda de pimenta moída, do jeito que ele gostava, e levá-lo para ele. Sentia falta do velho ir e vir de nossas manhãs. E, mais do que tudo, ansiava por vê-lo sorrir outra vez, um sorriso desanuviado pelo passado ou pela incerteza em relação ao futuro.

Fiquei observando o ovo chiar na frigideira. *Ele provavelmente está na casa dos pais, é isso.* Às vezes Ethan ficava lá quando brigávamos, ou quando trabalhava até tarde e precisava de um ambiente livre de distração. Depois de perdermos o bebê, ele passava um tempo considerável na casa deles, que ficava a alguns quilômetros do centro da cidade. Eu inclinei a frigideira em certo ângulo sobre o prato, mas o café da manhã deslizou de forma frustrada para o piso. *Ploft.* Olhei fixamente para a bagunça da

gema escorrendo enquanto a lembrança da última noite voltava ao foco da minha mente como um tapa na cara.

*Cassandra.* Senti um gosto amargo na língua antes de me livrar do pensamento. *Não, ele não faria isso.* Mas o relógio batia na parede acima. Onze horas da manhã. E eu não fazia ideia de onde meu marido estava.

Meu coração bateu mais forte quando o telefone tocou. Era ele. Ligando para pedir desculpas, sem dúvida.

— Ethan? — Senti-me esperançosa de que ouviria a voz dele, embora meu tom soasse furioso e esgotado.

Mas a pessoa do outro lado da linha não era meu marido. Familiar, homem, mas não era Ethan.

— Claire, é o Dominic.

— Dominic?

— Do café — ele disse, com um pouco de timidez. Consegui ouvir no fundo o alvoroço da clientela matutina no Lavanto: uma máquina de espresso chiando; o zunido das conversas; a gaveta da máquina registradora abrindo e fechando a distância. — Me desculpe por te incomodar, é, por ligar para sua casa. O seu número estava na lista telefônica, e... — Ele soava atrapalhado. — Ouça, eu não quero que você pense que sou um perseguidor ou algo do tipo. É que encontrei uma coisa para o seu artigo. Você vai querer ver isto.

— Sério? — Vi meu reflexo de relance na janela e fiz uma careta. A maquiagem dos olhos da noite anterior, borrada de lágrimas, escorreu pelas bochechas.

— Tenho que desligar — Dominic continuou. — Está uma loucura aqui hoje, e um dos nossos baristas pediu dispensa médica. Mas você acha que consegue passar aqui no café esta manhã?

— Sim — eu disse, olhando para fora, vendo os resquícios da nevasca da semana. Com a neve, enfim, derretendo um pouco, as calçadas estavam cheias de lama e sujeira e tinham assumido uma

cor cinzenta, lamacenta. Neve suja. — Eu consigo chegar aí em meia hora.

Entrei no Café Lavanto com novos olhos naquela manhã, sabendo que Vera e Daniel tinham vivido ali — bem, no andar de cima, pelo menos. Olhei ao redor do café, onde universitários estavam sentados, escorados à frente de *laptops*, e casais felizes trocavam olhares sonolentos sobre xícaras de bebidas espumosas. *Será que a Vera e o Daniel eram felizes aqui?*

Dominic acenou para mim atrás do balcão, com a camisa branca manchada no bolso de pó de café moído.

— Você veio — ele disse, abrindo um sorriso. Gesticulou para um barista assumir a máquina de espresso antes de vir caminhando em minha direção.

— Obrigada por ligar — falei.

— Como foi a festa?

Eu dei de ombros.

— Não muito bem.

— Lamento — ele disse, desamarrando o avental e pendurando-o em um gancho na parede. — Você quer falar sobre isso?

Balancei a cabeça, deixando os olhos vagarem pela vitrine de doces à minha frente.

— O que eu realmente quero é me empanturrar com um daqueles bolinhos de framboesa.

Dominic sorriu furtivamente.

— Então vou pegar um para você. — Ele apanhou o pegador no balcão e deu a volta no bar para tirar um enorme bolinho da vitrine. — Coma tudo — disse, entregando-me o prato.

Dei uma mordida, deixando migalhas caírem da boca sem a menor vergonha. Era uma sensação boa comer, cravar meus dentes no bolinho grosso, amanteigado.

— Então, o que é essa coisa que você descobriu?

Dominic acenou com a cabeça.

— Venha comigo.

Nós caminhamos até os fundos do estabelecimento, e ele apontou para um arquivo encostado à parede.

— Eu estava vasculhando uma papelada ontem à noite e encontrei isto. — Mostrou um envelope, amarelado e enrugado, com uma ponta rasgada.

Coloquei outro pedaço do bolinho na boca e pus o prato de lado.

— O que é?

Ele se escorou na parede.

— Por que não vê com seus próprios olhos?

Com cuidado, ergui a ponta do fecho do envelope e espiei dentro, puxando um pedaço de papel dobrado e uma fotografia preta e branca. Deixei o frágil papel de lado e ergui a foto na direção da luz. Gasta, com as beiradas recortadas e surradas, ela retratava uma mulher e um homem perdidos em um romântico abraço. A mulher, com uma beleza de certa forma tímida, de cabelo aparado que enrolava nas pontas e um vestido simples com um cinto, olhava fixa e apaixonadamente para o homem de traje elegante. Ele sorria para ela com adoração. Claramente, era um casal apaixonado. Qualquer um podia notar. *Será que poderia ser a Vera e seu marido? O pai do Daniel?* Virei a fotografia e descobri uma anotação no verso. "Vera e Charles, março de 1929, Maratona de Dança de Seattle."

Abri um sorriso.

— Maratona de dança? — As palavras soaram estranhas em minha língua. — Você faz alguma ideia do que seja isso?

Dominic coçou a cabeça.

— Espere aí. Você se lembra daquela cena de *A Felicidade Não se Compra*? Aquela em que eles estão dançando e...

Imediatamente percebi que ele conhecia o filme, um dos meus favoritos.

— Sim! — respondi. — Eles caem na piscina sob a pista de dança.

— Isso — confirmou. — Acho que aquilo é uma maratona de dança. Eu li em um romance. As pessoas tentam dançar até ficar exaustas e não conseguir mais. E competem por prêmios em dinheiro, brindes, qualquer coisa. Às vezes elas dançam por dias.

— Dias?

— Sim, eu lembro que o personagem do livro ficava com os pés ensanguentados no final.

Então, olhei outra vez para a foto do jovem casal e imaginei o que havia acontecido na noite da maratona de dança. A foto fora tirada antes do nascimento de Daniel. *Será que a Vera era feliz naquela época? E quem era esse homem, esse tal de Charles? Como essa foto foi deixada aqui?*

Passei o dedo pelas beiradas recortadas e me lembrei da caixa de fotos da família que eu resgatara da casa da minha avó antes de ela se mudar para a casa de repouso. A tia Beth as tinha deixado ao lado da lata de lixo.

— São só fotos velhas, em preto e branco — ela dissera, movendo o pulso de forma que alguém pudesse entender que devia descartar um monte de lixo postal. — Ninguém se lembra dos parentes.

— Não — eu respondera, correndo até a caixa. — Não as jogue fora. Eu vou guardá-las. — Eu podia não saber os nomes da maioria dos ancestrais retratados ali, mas enviar as lembranças deles para o depósito de lixo era como traí-los. Não conseguia nem pensar nisso.

Guardei a foto dentro do envelope de forma segura e peguei o papel amarelado outra vez, desdobrando-o com cuidado para não rasgá-lo.

— Olhe — eu disse para Dominic. — É um desenho. — O boneco de palito na página era trabalho de criança, isso era certeza. Pisquei os olhos para decifrar a desbotada imagem feita com a ponta da caneta. — É um desenho de... — eu o segurei mais perto dos olhos

— ... duas crianças e uma mulher, eu acho. Está vendo? Olhe para o chapéu. Todas as mulheres usavam chapéus grandes e lindos naquela época. Eu acho que esse é de penas, ou talvez seja de laço. Não sei dizer.

— Você é boa — comentou Dominic.

Sorri comigo mesma.

— Tenho uma sobrinha de três anos que me envia desenhos pelo correio de vez em quando. Estou ficando entendida nesse negócio.

Dominic aproximou-se, analisando a folha em minhas mãos.

— Então você acha que o menino desenhou isto? O desenho poderia ser dele?

O braço dele roçou minha mão. Minha pele estava seca e tensa. Cansada. Eu queria ter tido tempo de tomar um banho em vez de só passar uma escova no cabelo e vestir um boné de beisebol.

— Desculpe — ele disse.

Balancei a cabeça, desfazendo qualquer desconforto prolongado.

— Não, não acho que seja dele.

— Por quê?

Apontei para o canto direito superior da página.

— Está vendo o coração?

Dominic assentiu.

— Meninos não desenham corações.

— Arrá — ele disse. — Bem observado. Mas que droga. Pensei que pudesse ser algo que o Daniel tivesse feito. Tinha esperança de que fosse uma pista para a sua matéria.

Virei a folha de forma brusca e percebi duas palavras rabiscadas no verso. Analisei as letras grosseiras cuidadosamente.

— Ah, é uma pista, sim — eu disse. — Está vendo isto? É um nome. Acho que diz... — hesitei. — Eva. Eva Morelandstead.

— Você acha que ela pode ter alguma relação com o menininho que foi raptado?

— Talvez — respondi, dobrando o papel de volta ao seu minúsculo quadrado e acomodando-o dentro do envelope. — Se importa se eu guardá-lo por um tempo?

— É todo seu — respondeu Dominic.

— Obrigado — eu me virei para a porta, antes de olhar novamente para ele. — Ei, o que você vai fazer hoje?

Um sorriso surgiu no rosto dele.

— Nada, por quê?

— Se você puder dar uma saída, quer almoçar em algum lugar? — Se Ethan podia almoçar com Cassandra, eu podia almoçar com Dominic.

— Eu adoraria — ele respondeu, pegando a jaqueta. — Que tal aquele lugarzinho no mercado, o bistrô italiano recém-inaugurado?

Sorri comigo mesma.

— Ouvi dizer que o risoto de aspargos é fantástico.

— Ótimo — ele disse, fechando o zíper da jaqueta. — Saiu o sol. Vamos caminhar.

— Perfeito — concordei. O vento frio afligiu minha pele fatigada, mas meu coração, naquele momento, sentia-se bem aquecido.

A crítica elogiosa que Cassandra fizera do Giancarlo's tornou impossível a tarefa de conseguir uma mesa. A fila que havia do lado de fora nos obrigou a mudar de plano.

— Eu conheço um lugarzinho no subsolo, na parte mais baixa do Market. Existe desde que me conheço por gente. Mas não é nada sofisticado. Preço de restaurante pequeno, mas você tem que provar os lanches de presunto com molho de carne deles.

— Estou dentro.

Descemos os degraus até as profundezas do Market, onde o cheiro de caril e pimenta-da-jamaica era levado pelo ar.

— Eu adoro aqui embaixo — Dominic comentou baixinho, como se tivesse pisado em um terreno sagrado. — Lá em cima é para turistas. Aqui é a *alma* do Market.

Olhei ao redor, impressionada.

— Não posso acreditar que estou em Seattle há tanto tempo e nunca desci até aqui — eu disse. — Eu nem sabia que existia um piso inferior. Estou perplexa.

Dominic apontou para uma loja à nossa direita.

— É ali que você encontra alguns dos temperos mais exóticos do mundo.

— Estou sentindo o cheiro deles — comentei, respirando fundo o aroma no ar.

— E você tem que provar os bolinhos fritos do Al. — Ele acenou com a cabeça, cumprimentando um homem mais velho que estava de pé atrás de um pequeno trailer de comida. — Vamos levar quatro, com açúcar de confeitiro extra — disse, e o aroma de massa frita elevou-se. Dominic entregou cinco dólares ao homem e, em seguida, pôs um saco quente e fumegante em minha mão. — Para a sobremesa.

Andamos mais um pouco e chegamos ao restaurante. Assim como Dominic havia dito, não era nada sofisticado; havia apenas alguns balcões encostados à parede e mesas e cadeiras espalhadas, arrumadas apenas com porta-guardanapos e frascos de ketchup Heinz que pareciam carecer de uma boa limpeza. Alguns poucos homens estavam sentados no bar em banquinhos com dobradiças rangentes e assentos rasgados de vinil. Na entrada, uma simples placa verde dizia “Lindgren”.

Uma garçonete mascarando chiclete aproximou-se de nós, oferecendo-me um cardápio engordurado antes de entregar outro a Dominic.

— Você tá bem, amor?

— Muito bem, obrigado. — Ele se virou para mim. — Claire, esta é a Donna. Donna, esta é a Claire.

— Prazer em te conhecer, amor — a mulher disse, com uma voz áspera, antes de se virar para Dominic. — Faz tempo que não te vejo. Engraçado, ainda esta manhã havia alguns homens de terno aqui falando sobre o seu...

— Ah, sim, eu estava ocupado — ele respondeu, desconfortável, interrompendo seja lá o que fosse que ela estava prestes a dizer. Ele me deu um sorriso nervoso e tímido.

Donna deu de ombros.

— Tudo bem. Bom, vamos arrumar dois lugares pra vocês.

Ele apontou para o canto mais longe do restaurante.

— Você se importa se pegarmos aquela mesa lá, do lado das janelas?

— Claro que não, querido — ela respondeu, piscando. — É toda sua.

Minha curiosidade persistia enquanto eu me sentava em uma cadeira oscilante.

— Homens de terno? O que ela quis dizer?

Ele puxou um guardanapo de um antigo suporte de aço e começou a dobrá-lo em pequenos quadrados.

— Ah, vai saber — respondeu, disfarçando com um ar nada convincente de desinteresse. — Talvez eles estivessem reclamando da lentidão do serviço no café. Alguns homens de negócios não percebem que leva tempo para preparar um bom *cappuccino*. — A voz dele soou estranhamente distante por um momento antes de ele voltar rapidamente a demonstrar ânimo. — Desculpe, eu não queria me queixar — ele disse. — Talvez seja um sinal de que eu deveria tirar aquelas férias das quais sempre estou falando.

Uma gaivota grasnou de seu galho do lado de fora, o que sugeriu um olhar de relance para as antigas janelas de batente. Com apenas

um vidro e ventosa, elas ficavam de olho nas balsas que entravam e saíam da Baía de Elliott. Tive a sensação de que ele não estava me contando tudo e fazia um esforço para mudar de assunto, mas não me importei, de verdade.

— Para onde você iria? — perguntei, repousando o queixo na mão, o cotovelo firmemente plantado na mesa. — Nessas férias?

Os olhos de Dominic brilharam.

— Ah, bem, primeiro para a Austrália — respondeu, traçando um ponto na mesa como se ela fosse um mapa do mundo disposto diante dele. — Eu sempre quis ver os recifes. Depois a Nova Zelândia, e talvez as Ilhas Fiji.

Eu o imaginei mergulhando pelas águas azuis, com a pele dourada ainda mais escurecida pelo sol.

— Parece incrível — falei. — Então, por que você não planejou a viagem ainda?

— Bem, eu...

Donna retornou para anotar nosso pedido.

— O que vão querer? O de sempre?

Dominic olhou para mim.

— Eu sempre peço o lanche de presunto com molho de carne.

— Nós o fazemos desde a Grande Depressão — Donna intrometeu-se. — Naquela época, o molho de café era o alimento básico do pobre. Agora é produto de classe alta. Uma das revistas de gastronomia falou disso no ano passado. Eles enviaram um fotógrafo de Nova York para fazer as fotos. — Ela apontou para um quadro na parede.

— Me desculpe — eu respondi, um pouco confusa. — Você disse molho de *café*?

Ela acenou com a cabeça.

— O presunto é tostado em uma frigideira e, quando a gordura é derretida, nós despejamos um pouco de café e deixamos que ela se

reduza até um molho espesso e gostoso. Era assim que as pessoas faziam o dinheiro render na época.

— Bem, eu não sou muito de beber café — comentei —, mas acho que vou experimentar.

— Bom — disse Donna. — Você não se vai decepcionar. Os clientes comem esse prato há quase um século. É um clássico. Acompanha purê de batata?

Dominic e eu acenamos com a cabeça.

— Então, como está o seu artigo?

— Bem, eu não sei bem se ele vai chegar a algum lugar. Meu editor está esperando receber uma cópia amanhã, e eu não tenho uma única palavra escrita ainda. — Franzi a testa. — Não consigo parar de pensar naquele menininho.

— Não desanime — ele disse. — As coisas mais difíceis sempre se transformam nas mais recompensadoras.

As palavras de Dominic pareciam verdadeiras. Pensei na primeira e única maratona que eu havia corrido, logo depois de ter me casado com Ethan. Treinei por nove meses e passei a linha de chegada com um dedo do pé sangrando e câimbras, mas nunca me senti tão orgulhosa de mim mesma, tão segura de mim. Quando Ethan me acolheu nos braços e esfregou seu rosto no meu, suado e vermelho, senti uma paz que nunca havia sentido antes.

Olhei pela janela, comprimindo os olhos no distante horizonte.

— O que está procurando lá fora? — Dominic perguntou.

— Bainbridge Island — respondi, virando-me de volta para ele. — Vou pegar a balsa para visitar um velho amigo amanhã.

Ele acenou com a cabeça.

— Ah — disse, como se estivesse se recordando de lá. — É um belo lugar. Eu adoraria morar lá um dia.

— Por que você não se muda para lá? Poderia vir para o trabalho mesmo assim. Leva só meia hora de balsa.

Ele olhou para as mãos sobre o colo.

— Não posso — respondeu. — Pelo menos não neste momento. Os imóveis estão caros na ilha, e cada dólar que sobra eu envio para casa.

— Casa?

— Minha mãe está doente — explicou. — Não tem convênio médico. A medicação que ela toma é cara, mas é o que a mantém viva.

— Puxa. Lamento. Então você a está ajudando?

Ele acenou com a cabeça.

— Você a adoraria.

Meu rosto ficou corado. Ouvei meu telefone tocando na bolsa, mas o ignorei.

— Ela deve realmente amar você — eu disse. — Existe algo especial no relacionamento entre mãe e filho. — Redobrei o guardanapo sobre meu colo e repousei o queixo na palma da mão. — Não consigo parar de pensar na Vera e no Daniel. Só de saber que um dia eles tiveram seu lar ali no café... — Voltei a suspirar. — É inquietante.

Dominic abriu um sorriso.

— Eu sempre pensei que havia fantasmas ali.

Alguns momentos depois, Donna retornou com dois pratos. Fazendo jus à descrição, do lanche de presunto escorria um molho de carne marrom-escuro. Afundei os dentes no meu descadamente.

— O que você acha? — Dominic perguntou.

— Uau — respondi. — Isto é *bom*.

Ele sorriu orgulhoso.

— Eu sabia que você ia gostar.

Ouvei meu telefone tocar de novo. Desta vez levei a mão até a bolsa, de forma relutante, e o fisguei, vendo imediatamente o

número de Ethan na tela.

— Me desculpe — eu disse para Dominic. — Você me dá licença por um instante?

— Sem problemas.

— Alô — atendi, caminhando rapidamente para fora do restaurante.

— Claire, estou tentando falar com você a manhã toda.

Abri um sorriso de canto da boca.

— Para explicar por que você não veio para casa ontem à noite?

— Claire, eu passei a noite toda no hospital.

Eu ofeguei.

— Está tudo bem com você?

— Sim, estou bem. Foi o meu avô. Ele teve um ataque cardíaco. Logo após receber o prêmio. Estou ao lado da cama dele desde que ele saiu da cirurgia.

— Nossa — eu disse. — Ele vai ficar bem?

— Ainda não sabemos ao certo — ele respondeu. — Só o tempo dirá. Tentei ligar para você ontem à noite, mas você deve ter desligado o telefone. E não encontrei ninguém no apartamento hoje.

— Ele hesitou, percebendo o ruído ao meu redor. Um homem que parecia passar por maus bocados começara a tocar um banjo a alguns metros da mesa. — Onde você está?

Olhei dentro do restaurante, na direção de Dominic, e senti uma pontada de culpa.

— Estou almoçando no Market. Com um amigo.

Warren era o avô que eu nunca tivera. Os meus dois tinham falecido antes de eu nascer, e, quando eu começara a fazer parte da família Kensington, Vovô Warren me acolhera de braços abertos. Na verdade, eu senti uma ligação forte com ele no momento em que nos conhecemos. Ele me desafiou para um jogo de copas, e eu venci.

— Essa aí é para preservar — ele tinha dito a Ethan. — Qualquer mulher que derrote um homem num jogo de cartas é uma mulher com quem você pode passar a sua vida.

Eu sabia que ele não estava falando de mim, não mesmo. Sua última esposa, avó de Ethan, tinha falecido anos antes de eu entrar na família. Mas não precisei conhecê-la para saber que ela e Warren tinham compartilhado um amor profundo. Dava para ver isso nas fotos da vida que os dois tiveram, mas era ainda mais perceptível nos olhos dele. Mais de quinze anos após a morte da esposa, ele ainda ia às lágrimas ao falar sobre ela.

— Vou pro hospital assim que puder — disse a Ethan. — Diga a ele que logo estarei aí.

Corri de volta até a mesa, apanhando minha bolsa sobre a cadeira.

— Me perdoe, Dominic, mas tenho uma emergência. O avô do meu marido está no hospital. Ele teve um ataque cardíaco. Preciso ir.

— Oh, lamento muito — ele disse, levantando-se. — Posso ajudar?

— Não, não — gaguejei, sentindo repentinamente a culpa que eu antes conseguira evitar. — Eu vou só pegar um táxi aqui na frente. Eu... eu te ligo. — Olhei para baixo, na direção do meu prato deixado pela metade, antes de correr até a porta.

Warren conseguiu abrir um leve sorriso quando entrei no quarto. Os braços dele repousavam sem firmeza ao seu lado na cinzenta cama de hospital.

— Olhe para você — sussurrei. — Você sabe que não pode ter um ataque cardíaco sem me dar um aviso prévio. — Ouvi Ethan entrar; não me virei para cumprimentá-lo.

Warren piscou.

— Desculpe, querida; acho que este velho coração tem vontade própria.

— Bem — eu disse, contendo-me para não chorar —, você ainda tem bons anos pela frente. Precisamos te deixar bem.

O velho homem acenou com a cabeça.

— Se você diz, querida... mas, se para você der na mesma, eu preferiria ir embora agora e encontrar o meu amor. Sinto falta dela.

— Eu sei que você sente, Warren — respondi. — Mas *nós* te amamos também, não se esqueça disso.

Senti o calor do corpo de Ethan perto de mim.

— Ele precisa descansar — sussurrou para mim. — Vamos nos sentar.

Não gostei do tom sabichão dele, mas concordei que Warren parecia cansado, então segui Ethan para fora do quarto, onde nos sentamos num banco no corredor. As enfermeiras alvoroçaram-se ao nosso redor. O ar cheirava a estrogonofe de carne e desinfetante.

— Eles acham que ele vai se recuperar — contou Ethan. — Por enquanto.

— Isso é um alívio — respondi, esfregando as mãos juntas com nervosismo.

Olhei para cima e vi os pais dele, Glenda e Edward, caminhando em nossa direção.

— Como ele está? — Glenda perguntou a Ethan. Ela ignorou minha presença.

Meu marido deu de ombros.

— A mesma coisa. O médico diz que o coração dele está frágil. Ele não vai conseguir manter o mesmo ritmo que tinha. Temos que ajudá-lo a controlar o estresse. Chegou finalmente a hora de ele ir com calma.

Glenda olhou para Edward e depois para mim.

— Claire, querida — ela disse.

Engoli seco. Ela só se dirigia a mim como *querida* quando um favor ou uma ordem era iminente. Ela lançou um olhar intencional para Ethan.

— Claire, nós achamos que você provavelmente deveria restringir as suas visitas semanais ao Warren por ora.

— Perdão? — respondi, um pouco atordoada. — Como assim? — Eu vinha visitando Warren na casa dele uma vez por semana nos dois últimos anos. Nós jogávamos copas, assistíamos a filmes antigos ou apenas líamos juntos, ele com seus romances de guerra e eu com meus romances de amor.

— É por causa do coração dele, querida — ela continuou. — Você ouviu o que o Ethan disse. O médico disse que ele está frágil. Com todo o seu... bem, é que o Warren não precisa de nenhum drama a mais neste momento.

— *Drama* a mais? — Meu rosto queimou. — Vocês acham que minhas visitas fazem mal à saúde dele? — Olhei para Ethan em busca de apoio.

— Bem, é claro que não quisemos dizer *isso*, querida — respondeu Glenda, dando-me tapinhas cerimoniosos nas costas. Eu odiava o tom arrogante na voz dela. — Estamos apenas atentos ao bem dele enquanto ele se recupera...

— Mãe — Ethan a interrompeu, erguendo a mão em protesto. — O vovô *ama* a Claire. Ela é uma das poucas pessoas que o fazem feliz. — Ele apertou minha mão em solidariedade, mas eu estava muito traumatizada para retribuir o aperto.

Senti o olhar frio de Glenda em minha direção quando me virei para Ethan. Uma onda de lágrimas deixou meus olhos marejados, e eu não podia suportar deixar que os pais dele as vissem transbordar sobre as pálpebras, embora eu soubesse que não podia impedi-las.

— Obrigada — sussurrei para meu marido, antes de soltar a mão dele e me virar na direção do elevador.

— Claire, por favor — disse Ethan, após os pais dele terem se afastado até o corredor. Ele me puxou para perto dele e deu um beijo em minha testa. — Não dê ouvidos à minha mãe.

Acenei com a cabeça quando a porta do elevador se abriu. Uma enfermeira com roupa de cirurgia azul observou a placa à frente.

— Opa, andar errado — ela comentou. Em uma cadeira de rodas ao lado dela, havia uma mulher com camisola hospitalar que segurava um recém-nascido coberto próximo a seu peito, com o rosto vermelho e inchado. A nova mamãe abriu um sorriso cansado, satisfeito, enquanto o orgulhoso marido dela pairava sobre os dois. O amor emanava de cada uma das pontas dos dedos deles. Então, a porta se fechou.

— Desculpe, Ethan — eu disse com a voz trêmula. — Não posso ficar aqui. Tenho que ir.

Esperei as portas se abrirem novamente e então entrei no elevador vazio. Quando elas se fecharam, levei as mãos ao rosto e chorei.

## capítulo 11

### VERA

**A** rechonchuda vendedora da Frederick and Nelson me observou com desaprovação antes de olhar para cima, na direção da assistente de Lon, e soltar um suspiro de incômodo.

— Outra?

Andrew apontou para um cabideiro de vestidos formais a distância.

— Ela precisará de uma coleção de vestidos — ele comentou. — O sr. Edwards prefere vermelho, mas intercale um pouco com outras cores, para variar. E ela precisará de *outras* peças de roupa também. — Ele lançou um olhar intencional para a mulher, antes de consultar o relógio. — Inclua na conta do sr. Edwards, como sempre.

— Tudo bem — respondeu a atendente, erguendo uma sobrancelha. — Temos trabalho pela frente.

— Que bom — Andrew disse. — Por favor, assegure-se de que ela chegará ao cabeleireiro até as quatro e meia. O sr. Edwards a encontrará para o jantar às cinco, e nem um minuto depois.

Eu me senti como um produto em um caminhão de entrega.

Segui a vendedora até um provador e permaneci imóvel diante de um espelho enquanto ela tirava minha roupa com dificuldade. Meu

vestido caiu largado no chão, uma pilha amarrotada de tecido azul-escuro desgastado.

Outra mulher, mais nova, adentrou o recinto.

— Melinda! — a mais velha vociferou. — Livre-se deste vestido. Ela não vai mais precisar dele.

Senti uma onda de tristeza enquanto observei a assistente de vendas recolher meu vestido e levá-lo embora. O bolso estava rasgado e a bainha, esfarrapada. Mesmo assim, eu o tinha usado na última vez que embalara Daniel nos braços. Era como se, de certa forma, eu estivesse descartando uma parte dele. Uma parte nossa.

— Por favor — implorei. — Posso ficar com ele?

A mulher soltou uma gargalhada seca.

— Com aquele trapo velho?

Olhei fixamente para meus pés descalços, tentando com todas as forças conter as lágrimas que estavam vindo.

— Felizmente para você, o sr. Edwards foi com a sua cara — a mulher continuou. — Agora você pode vestir roupas melhores.

Fechei os olhos com força enquanto ela mexia em minhas roupas íntimas. Eu meio que ouvi enquanto ela media meu busto:

— Ele geralmente prefere mulheres mais curvilíneas — ela comentou, olhando fixamente para meus seios com uma expressão fria. — Comer mais vai te fazer bem.

Fiz uma careta enquanto ela abria meu espartilho, expondo meu corpo completamente. A sensação do ar frio em minha pele nua foi cruel. O reflexo do espelho revelava um estômago que se curvava para dentro no centro, onde eu carregara Daniel havia apenas três anos. Eu dera à luz a ele em casa, sozinha. Caroline aparecera lá no final; ela ficara enxugando meu rosto com um pano frio e cantara para mim. O parto havia sido longo e doloroso. Mas, quando eu o segurara nos braços, nada disso importou. Eu teria feito tudo aquilo novamente por ele. *Meu Daniel*. Senti as lágrimas voltando a se

acumular. *Eu não vou chorar. Não vou deixar essa mulher me ver chorar.*

— Vejo que você teve filhos — ela disse, em tom de desaprovação, prendendo um corpete bege ao redor das minhas costelas.

Acenei com a cabeça.

— Sim — respondi baixinho. — Só um. Um menininho maravilhoso que...

— Que bom que você abriu mão dele — ela comentou. — Não faz sentido criar um filho bastardo.

— Como ousa? — eu disse, dando um passo para trás.

A mulher deu de ombros.

— Eu não quis ofendê-la — ela disse, talvez mais preocupada em perder a comissão da conta de Lon do que em magoar meus sentimentos. — Só quis dizer que, se é difícil criar um filho nos dias de hoje sob qualquer circunstância, imagine um *extraconjugal*.

Ela se aproximou e passou uma camisola branca de seda por sobre minha cabeça, ajustando-a confortavelmente em meu corpo. Cruzou os braços enquanto me olhava rapidamente de cima para baixo.

— Você sabe o que aconteceu com a última, não sabe?

Balancei a cabeça.

— A última o quê?

— A última garota do sr. Edwards.

Balancei a cabeça outra vez, lembrando-me de Suzie, a ex-criada.

— Ela engravidou — disse. — Tolinha. Ele foi obrigado a dispensá-la.

Eu não queria dividir a cama com Lon mais do que queria dividir sua mesa de jantar. Mas faria qualquer coisa para encontrar meu filho. Lon era bem relacionado. Gwen o tinha visto almoçar com um senador. Se alguém tinha o poder de conseguir que a polícia procurasse Daniel, essa pessoa era ele.

— Contraia a barriga — a mulher pediu. — Este espartilho precisa entrar apertado para que o vestido sirva em você esta noite. O sr. Edwards vai querer que você esteja estonteante na pista de dança.

Eu respirei fundo e contraí a barriga. Fechei os olhos e pensei na última vez que havia dançado. Com Charles. Deixei a lembrança me confortar como uma coberta quente.

### *Quatro Anos Antes*

Uma buzina soou do lado de fora. Caroline gritou:

— O *Charles* está aqui!

Passei a mão no cabelo antes de correr até a janela do apartamento que dividia com três amigas. Olhei para a rua, onde ele estava no banco da frente de seu Buick cinza e brilhante, com os cabelos escuros penteados para trás e um sorriso discreto no rosto. Elegante. Já fazia um mês e meio que nos conhecêramos no hotel. Ele tinha me acompanhado, a pé, até em casa naquela noite e prometera telefonar após suas férias na Europa. Comecei a pensar nele com frequência, apesar de minhas tentativas de eliminar sua lembrança da mente — e do coração. Ele era maravilhoso, sim, mas pertencia aos tipos de mulheres que eu havia visto no hotel — refinadas, cheias de joias —, e não a alguém que tinha um furo no sapato e nenhum dinheiro em seu nome. Ainda assim, quando ele telefonara para o apartamento na semana anterior, eu não pude deixar de me perguntar, apesar do que ele dissera no Olympic Hotel, como um homem abastado poderia realmente amar uma mulher pobre.

Georgia cruzou os braços.

— Não é justo — ela se queixou. — Ele tem um irmão?

— Não a distraia, Georgia — Caroline a repreendeu. — Ela tem que se aprontar!

Olhei para meu vestido, que dificilmente poderia ser considerado vistoso, com suas pregas simples e a bainha que eu tinha emendado naquela manhã. Eu esperava que a linha azul-cobalto — a única que eu tinha — não ficasse muito evidente em contraste com o azul-claro do vestido.

— Estou bonita?

Caroline franziu a testa.

— Querida, você quer impressioná-lo, não quer?

Acenei com a cabeça.

Caroline começou a desabotoar os botões do meu vestido.

— É claro que você quer, e é por isso que você vai usar o meu vestido vermelho.

— Caroline, eu não posso — respondi. — Ele é tão...

— Decotado?

Assenti.

— Bem, sim, querida, e esse é o ponto. Vamos tirar você de dentro desse saco de batatas.

Após Caroline desabotoar o último botão, meu vestido caiu no chão, onde permaneceu ao redor dos meus tornozelos. Ela caminhou até o closet dela e retornou com o vestido vermelho. Cheia de orgulho, ergueu-o diante de si.

— Ele vai adorar te ver com isto. — Caroline tinha investido os ganhos de um mês naquele traje depois de vê-lo na vitrine de uma boutique na Pioneer Square. — Aqui — ela disse, passando o vestido por sobre minha cabeça. Ele grudou no meu corpo como uma faixa apertada, e eu puxei o espartilho, um pouco acanhada. — Pronto — ela disse, dando um passo para trás para me contemplar. — Estonteante.

— Não sei, Caroline — falei, de forma hesitante. — Você acha mesmo que tem a ver *comigo*?

— Tem a ver com você esta noite — ela respondeu, segurando um colar de contas ao redor da minha nuca. — Não são pérolas de verdade, mas ninguém vai notar. — Senti um calafrio correr pela minha espinha quando ela prendeu a joia. — Perfeito — ela disse, dando outro passo para trás para dar a última olhada. — Vá, senão vai se atrasar. — Ela me tocou em direção à porta. — Você está linda.

Eu me virei para agradecer-lhe.

— Obrigada, Caroline. Eu sei que este vestido é o seu favorito. Vou cuidar bem dele.

— Pode até derramar vinho nele — respondeu. — Nunca mais vou usá-lo mesmo. — Ela alisou a barriga, que havia inchado um pouco, revelando os primeiros meses de gravidez. — Já nos divertimos muito juntos.

Num gesto impulsivo, Caroline havia se casado com um pescador chamado Joe na semana seguinte ao evento no Olympic. Eles ficaram juntos ocasionalmente por um ano, mas, quando ele trouxera a aliança de compromisso que pertencera a sua avó, ela dissera sim. E então, pouco depois, ele morrera em um acidente de carro e ela descobrira que estava esperando um filho dele. Caroline aparecera no apartamento com todos os seus bens enfiados em uma única mala. O *flat* de um quarto já estava apertado com outras três mulheres, mas nós a acolhemos mesmo assim. Os pais dela a haviam expulsado de casa.

— Oh, Caroline — eu disse, passando o braço ao redor de sua cintura. — Você vai vesti-lo novamente. Você vai ver.

— Bem — ela respondeu com um suspiro —, é a sua noite. Aproveite muito, querida.

Acenei com a cabeça.

— Vou tentar.

Charles me esperava na calçada. Ele se apoiou no carro e ficou me observando sair de casa.

— Ei, mocinha — um homem obviamente bêbado gritou para mim da rua. — Procurando alguém para amar?

— Olha como fala com ela! — Charles gritou para o homem. — Como é que você fala assim com uma dama?

O homem retirou-se em um beco enquanto eu abri um sorriso de agradecimento para Charles.

— Bem-vindo ao bairro — eu disse.

— Você tem que suportar isso o tempo todo?

Acenei com a cabeça.

— Você se acostuma depois de um tempo. A maioria deles é inofensiva.

Ele balançou a cabeça, inspecionando a rua. Um andarilho chutou uma lata na calçada, resmungando. Uma senhora levantou-se de um banco e abordou Charles. Um veículo vistoso daquele jeito era raramente visto em nossa parte da cidade, e atraía uma multidão de observadores tanto como uma suculenta ameixa atrai as ruidosas moscas-das-frutas.

— Com licença, senhor — a senhora disse quase num sussurro. Ela estendeu a mão, exibindo unhas sujas de bolo. — Poderia dar alguns centavos para uma velha faminta?

— É um Buick de verdade? — um adolescente perguntou, passando a mão sobre o capô. Charles olhou para mim com uma expressão de impotência.

Eu limpei a garganta.

— Perdoem-nos — pedi, com uma voz firme. — Estamos de saída. A mulher acenou com a cabeça, dando um passo para trás. O menino deu de ombros. Os outros continuaram.

— Me desculpe por isso — eu disse assim que entramos no carro. — Pessoas ricas são uma novidade por aqui.

Ele parecia confuso.

— Ah — disse, dirigindo lentamente.

Permanecemos em silêncio por alguns instantes, até que Charles virou-se para mim.

— Eu queria ter dado algo a ela.

— A quem?

— Àquela mulher lá atrás — respondeu. — Eu poderia ter dado um pouco de dinheiro a ela. Não sei por que não dei.

Balancei a cabeça.

— Bem, ela precisaria de muito mais do que alguns poucos dólares para resolver os problemas que tem.

Charles assentiu.

— Eles odeiam pessoas como eu?

— É claro que não — respondi, notando que as luzes da rua faziam a abotoadura dourada do punho dele brilhar. — Você é de outro mundo, só isso. Um mundo que eles não compreendem.

Charles balançou a cabeça, como se estivesse tentando entender a diferença entre nós.

— Estou constrangido — ele finalmente disse — por não fazer a menor ideia do que essas pessoas estão enfrentando.

Toquei no braço dele.

— Você é diferente — eu disse, olhando para ele com admiração. Charles tinha uma bondade que outras pessoas na posição dele não tinham. Seu coração parecia sentir a dor dos pobres; algo raro, uma vez que a tendência entre os que frequentam a classe alta era simplesmente ignorá-los.

Ele parou o carro em frente ao restaurante, onde uma mulher usando um vestido em crepe desbotado fumava um cigarro do lado de fora. Com o cigarro entre os lábios vermelhos, ela deu uma baforada elegante nele e jogou a bituca na calçada, pisando nas últimas brasas com um espesso e brilhante salto preto.

— Pensei em jantarmos no Blue Palms — ele disse. — Isto é, se você estiver com fome. — Os olhos gentis dele sorriram de esperança.

— Sim — respondi. — Sim, seria adorável.

Charles entregou a chave para o manobrista antes de se dirigir até o outro lado para abrir minha porta. Senti-me como se fosse uma herdeira ao pisar no meio-fio, dando o braço a ele. Duas mulheres nos observaram da calçada, admiradas. Elas olharam para Charles e depois para mim, medindo-me dos pés à cabeça e sussurrando algo entre elas. Eu podia ler nos olhos delas. *Fraude*. Sabiam que eu não pertencia àquele lugar. Então, olhei para a frente, seguindo Charles dentro do restaurante.

Senti um desejo enorme de espiar no espelho da parede à minha esquerda só para me certificar de que eu era realmente a mulher naquele reflexo. Caroline e eu já tínhamos sonhado com um jantar no Blue Palms milhares de vezes. Conhecíamos uma garçonete que trabalhava ali nos fins de semana. Ela tinha relatado histórias de socialites e celebridades que entravam aos montes por aquelas portas. Segui Charles para dentro do saguão parcamente iluminado, onde casais elegantes entregavam os casacos ao impassível porteiro. O local emanava glamour.

Charles sussurrou algo para o recepcionista que estava à mesa. Este deu um salto e abriu um sorriso de nervosismo.

— Sim, muito bom revê-lo novamente. A sua mesa de sempre está à disposição.

Tentei não pensar em todas as outras mulheres que Charles havia trazido aqui antes de mim. E deveria ter sido um *desfile* de mulheres. Em vez disso, olhei para a frente enquanto seguíamos o recepcionista por um corredor escuro, com as luzes percorrendo as laterais do chão como nos cinemas que eu havia espiado na infância. Vários olhares curiosos vieram das mesas em nossa direção,

imaginando, observando. Uma banda tocava uma balada no palco, e eu acompanhei o ritmo do trombone a cada passo. Um pé à frente do outro. *E se eu tropeçar? E se eu deixar Charles constrangido?*

Senti uma mão delicada na minha cintura, seguida de uma respiração quente em meu pescoço.

— Eu simplesmente não consigo me sentar enquanto esta música estiver tocando, você consegue?

Fiquei com os pelos do braço arrepiados. Eu conhecia a música, é claro. *Stardust*. Caroline e eu ouvíramos essa canção na loja de discos dezenas de vezes, até o lojista nos dar duas escolhas: comprar ou sair da loja. Sem ter dinheiro suficiente para adquirir o disco, nós saíamos mal-humoradas.

Charles estendeu a mão para mim.

— Vamos?

— Eu adoraria — respondi, seguindo-o até a pista de dança. Senti que olhos me fuzilavam pelas costas, mas, quando Charles envolveu minha cintura com o braço e me puxou para perto dele, minhas inseguranças diminuíram sem o menor esforço.

— E você dizia que não sabia dançar — ele sussurrou no meu ouvido.

— Eu não sei — retruquei. — Você é que me faz parecer boa nisso.

Ele balançou a cabeça.

— Sabe — comentou, com uma expressão séria —, você é uma pessoa muito especial, Vera Ray.

Charles me conduziu pela pista de dança. Seu aperto firme e os passos seguros me fizeram sentir leve sobre os pés, ágil, enquanto ele me abaixava e me girava. Ao término da música, meu rosto corou quando ele me puxou para perto dele. Nós olhamos nos olhos um do outro fixamente por um instante.

— Vamos jantar — ele propôs, assim que a banda começou a tocar outra canção.

Entramos em um compartimento particular que proporcionava uma visão completa do palco. O estofamento macio e acolchoado parecia uma nuvem, e, com Charles ao meu lado, o resultado era sobrenatural — era um mundo que eu desconhecia.

Ele pediu vinho e repetiu de memória algumas poucas opções do cardápio para um garçom que estava diante de nós com uma toalha branca dobrada sobre o braço.

— Já provou ostra? — Charles me perguntou. — Caviar?

Balancei a cabeça. *Por que fingir ter paladar luxuoso quando ele sabe que não tenho?*

— Que bom — ele disse, virando-se para o garçom. — Traga os dois.

Instantes depois, o garçom retornou com uma tigela de metal repleta do que pareciam ser brilhantes amoras-pretas.

— Caviar — explicou Charles, sorrindo.

Apertei meu nariz.

Na sequência, o garçom trouxe uma travessa coberta por um estranho arranjo de moluscos repousando sobre uma manta de gelo. Uma fatia de limão e uma seleção de molhos estavam engenhosamente dispostas em um segundo prato. Engoli em seco.

— Primeiro — Charles começou — você espreme o limão por cima, depois pega a casca, assim. Depois, deixa a ostra escorregar para dentro da sua boca.

— Fácil assim?

— Fácil assim.

Então, ocorreu-me que toda essa comida extravagante era algo muito tolo. Por que se preocupar com tudo isso sendo que você poderia comer um belo lanche de presunto? Mas eu não quis decepcionar Charles.

— Tudo bem — concordei, com certo ceticismo. — Se você está dizendo...

Estiquei a mão e apanhei uma das conchas, observando a textura irregular e estranhando as pontas afiadas. Meu pai, um pescador, tinha trazido uma casca de ostra para casa quando eu era menina, e eu tinha cortado o dedo com aquela ponta afiada. Minha mãe, que estava trabalhando no turno da noite na fábrica, não estava ali para enfaixar meu dedo. Então eu rasguei um pedaço de pano de um trapo da cozinha e envolvi a ferida com ele, com pressão suficiente para estancar o sangramento. Quando mamãe voltou de seu segundo emprego, após passar dias cuidando dos filhos de uma abastada família no subúrbio de Seattle, mostrei o dedo machucado para ela.

— A culpa é toda sua! — ela vociferou sem levantar os olhos. — Você tem cinco anos; deveria saber que não pode mexer nisso. — Era possível ver olheiras escuras de exaustão sob os olhos dela. Ela não tivera intenção de dizer aquilo. Nunca tinha intenção de dizer nada que dizia após um longo dia de trabalho. Eu a perdoei, como sempre fazia. E, quando ela adormeceu na cadeira da sala, com o uniforme do serviço, puxei uma coberta sobre ela.

Segurei a casca da ostra na mão, sentindo sua agudez em minha pele, e recuei, derrubando-a de volta no prato. Esfreguei meu dedo indicador e observei a cicatriz irregular que me prendia ao passado.

— Todo mundo fica um pouco acanhado quando experimenta ostra pela primeira vez — comentou Charles. — Deixe-me ajudá-la.

Deixei meus olhos encontrarem os dele, tão tenros, tão acolhedores. *Não sou mais aquela menininha.* Ele colocou a casca em meus lábios e eu abri a boca, sentindo a carne fria e delicada da ostra rolar em minha língua. Senti o gosto do sal do mar, com sua pungência salgada, seguido da acidez do limão. A mordida despertou meus sentidos, e eu abri os olhos.

— Achei bom, por incrível que pareça — eu disse, apanhando outra casca.

Nós comemos. Bebemos. E *dançamos*. Com Charles me conduzindo, meus pés me levaram por toda a pista de dança com uma agilidade que eu desconhecia possuir.

Assim que a música terminou, e após uma salva de palmas para a banda, um casal se aproximou de nós. A mulher, com o cabelo perfeitamente penteado e tingido de louro claro, cumprimentou Charles com um aceno, e sua mão exibia uma aliança de compromisso de diamante do tamanho de uma moeda de dólar. Ela brilhou sob as luzes do palco quando a mulher estendeu os dedos em minha direção. O homem ao lado dela, aparentemente seu noivo, olhou para mim com curiosidade.

— Sou Delores — ela sussurrou, virando-se para Charles com um olhar magoado. — Charles, você não nos contou que tinha uma namorada nova. Pensei que você ainda estivesse namorando a Yvonne. Vocês dois eram...

— Sim — ele interrompeu. — Esta é a Vera. Vera Ray.  
Delores pareceu entretida.

— Ah — ela disse, inspecionando-me da cabeça aos pés. — Senhorita Ray. É um prazer conhecê-la.

— Prazer em conhecê-la também — respondi, sentindo um aperto no peito.

— Como vocês se conheceram? — continuou Delores. — No clube de campo? — Ela analisou o meu vestido. Algo me dizia que sabia que eu não fazia parte do clube de campo.

— Não — Charles respondeu —, a Vera e eu nos conhecemos no...

— No Olympic Hotel — eu me intrometi. — Minha amiga e eu estávamos lá para a inauguração.

Delores ergueu uma sobrancelha.

— Ah, é? — disse, como se estivesse tentando compreender minha presença no Olympic Hotel. — Querida, me conte uma coisa. — Ela agarrou meu braço. — Como foi que  *você*  conseguiu um convite para aquela festa? Conheço pelo menos uma dúzia de mulheres da elite da cidade que não foram convidadas.

Charles envolveu minha cintura com a mão e me deu um aperto protetor.

— Ela era  *minha*  convidada — ele disse, e a confiança em sua voz pôs fim a qualquer conversa sobre minha presença no hotel.

— Pois — Delores falou, puxando a manga da camisa do noivo — nós vamos indo. — Ela deu risadinhas. — Pelo modo como  *você*  dois estavam dançando, alguém poderia pensar que estavam naquelas maratonas de dança que acontecem na Sexta Avenida.

Charles pareceu confuso.

— Maratona de dança?

— Ah,  *você*  jamais ouviria a respeito disso — ela respondeu. — Não é de fato da sua estirpe. — Delores, então, virou-se para me olhar.

— Talvez seja da  *minha*  estirpe — eu disse, num momento de ousadia. Meu rosto ardeu. Eu sabia o que ela estava querendo dizer: que eu não era boa o suficiente para Charles. Estava escrito em meu vestido surrado, em meus sapatos usados e em minhas mãos malcuidadas.

— Boa noite, Delores — Charles disse antes de acenar com a cabeça para o companheiro dela. — Vamos sair daqui — sussurrou para mim enquanto voltávamos para a mesa.

— Para onde?

— Vera — ele disse, como se de repente tivesse tido uma ideia —, por que não vamos para essa maratona de dança?

Balancei a cabeça.

—  *Você*  não pode estar falando sério.

— Nós formamos uma dupla incrível — afirmou, abrindo um sorriso. — Aposto que poderíamos vencer. Além do mais, estou cansado deste lugar velho e abafado.

— Você sabe o que é uma maratona de dança?

Ele me lançou um olhar ingênuo. Cá estava um homem que sabia dançar valsa, mas e quanto ao suingue?

— Eu acho que sei.

— As duplas dançam por horas, às vezes a noite toda — expliquei.

— Os vencedores são os últimos que permanecem dançando.

— Eu gostaria de ser o último homem a dançar com  *você*  — ele disse, pegando na minha mão.

Eu conseguia ouvir a música da banda tocando no ginásio que ficava na Sexta Avenida. Charles e eu ficamos na calçada, olhando fixamente para as portas duplas, onde uma multidão de jovens baforava em seus cigarros, vestindo ternos surrados, ou muito pequenos ou muito grandes.

Charles coçou a testa de nervosismo. *Onde eu estava com a cabeça para trazê-lo aqui?* Certamente nenhum dos seus amigos jogadores de polo frequentava esse salão de baile improvisado nas noites de sexta-feira. Os homens, desconfiados, ficaram observando Charles enquanto nos dirigíamos à entrada.

— Ei, bonequinha — um deles disse para mim. — Procurando um par para dançar?

Charles estendeu a mão.

— Ela já tem um, obrigado — ele respondeu.

— Bela garota  *você*  tem aí — ouvi o homem comentar enquanto entrávamos. A voz dele foi abafada pela música. Mas foi a visão diante de nós que chamou nossa atenção. Havia duplas dançando por todos os lados com tanta energia, tanta paixão. Notei um homem erguer sua parceira no ar e depois trazê-la para o chão,

levando-a da esquerda para a direita como uma bola amarrada na ponta de uma corda.

Charles ficou de queixo caído.

— Uau — ele murmurou. — Nunca vi algo *assim*.

— Podemos ir embora se você quiser — propus, olhando em direção à porta.

— Não, não — ele respondeu, assistindo a um homem abaixar tanto a parceira que o cabelo dela passou levemente pelo chão. — É que nunca vi pessoas dançando desse jeito. É... é incrível. Eu quero experimentar. Você consegue?

— Dançar suingue? Sim — respondi. — Bem, um pouco. — Peguei a mão dele, mas, antes que pudéssemos entrar na pista de dança, uma senhora bateu no ombro de Charles.

— Vocês se inscreveram? — ela perguntou.

— Inscrever? — retruquei.

— Um níquel cada um — ela disse. — Cobre seu ingresso, o custo da foto e uma tigela de pimenta-malagueta.

Charles parecia divertido.

— E uma tigela de pimenta-malagueta.

Ela apontou para uma mesa bem à frente.

— Vocês podem pagar ali.

Ele tirou uma nota de dólar da carteira e a entregou para um homem atrás da mesa.

— O seu troco de...

— Fique com ele — Charles disse.

— Obrigado, senhor — o homem respondeu, olhando impressionado para Charles. — A Alice passou as regras para vocês?

Ele balançou a cabeça.

— Nós vamos parar de vender ingressos daqui a cinco minutos, então vocês conseguiram entrar por pouco. As regras são as seguintes: não podem se sentar, nem comer, nem beber. Os

dançarinos não devem parar de dançar nem ficar parados em um lugar por mais de três segundos, senão serão eliminados. A última dupla a continuar dançando ganha este bolo de dinheiro aqui. — Apontou para uma jarra de vidro cheia de moedas. — As fotos são tiradas à esquerda de vocês.

Charles e eu demos alguns passos e ficamos lado a lado à frente de uma cortina branca.

— Sorriam agora — o fotógrafo gritou por detrás da câmera com um complicado *flash*. Era fácil sorrir com Charles ao meu lado. — Isso — o fotógrafo disse. — Se voltarem sexta-feira que vem, a foto estará aqui, à espera de vocês.

Nós nos aproximamos timidamente da pista de dança. Charles prendeu as mãos ao redor da minha cintura e começou a mexer os pés de forma desajeitada. Eu sorri, pegando nas mãos dele e demonstrando o passo básico do suingue.

— Assim — eu disse, mexendo os pés no compasso da música. Acenei para Lola, uma antiga colega de escola, a distância. Ela parecia chocada por me ver nos braços de Charles. Chocada ou enciumada, quem sabe?

— É mais difícil do que parece — ele comentou, tentando fazer o movimento outra vez e pisando no meu pé direito. — Me desculpe.

— Você está indo bem — afirmei. Era boa a sensação de ensinar algo a *ele*.

Após um tempo, Charles entendeu como funcionava o suingue e me girou pela pista com a confiança de um profissional experiente.

— Agora entendo por que você gosta mais disso do que de valsa — ele disse, abrindo um sorriso. — É muito mais divertido.

Senti uma gota de suor na minha sobancelha.

— E o que pessoas como você fazem para se divertir?

Ele abriu um sorriso sem graça.

— Você age como se eu fosse de outro planeta.

— Bem — respondi, enxugando a sobrancelha —, de certo modo, você é. — Olhei fixamente para as pessoas comuns na pista de dança: filhos de trabalhadores de fábricas, filhas de costureiras. E ali estava Charles, de uma das famílias mais abastadas da cidade, e talvez do país, pela estimativa de Caroline.

— Ah, deixe disso — ele disse. — Não acha que está sendo um pouco dramática demais?

Uma figura diminuta entrou no ginásio, e eu a reconheci na mesma hora: Ginger Clayton, uma velha amiga. A irmã mais nova dela havia falecido seis meses antes porque sua família não pudera arcar com as despesas de um medicamento que a salvaria. De repente, não senti mais vontade de dançar. Como eu podia jantar ostras e caviar enquanto pessoas como a pequena Emma Clayton perdiam sua vida?

Soltei a mão dele.

Ele voltou a envolver minha mão na dele.

— Cuidado — disse. — Seremos desclassificados se pararmos. Qual era essa regra mesmo? A de três segundos?

Desviei o olhar.

— Eu disse algo errado?

— Não — eu disse. — Bem, sim. Eu só não gostaria que os pobres tivessem que sofrer tanto.

A banda diminuiu o ritmo, e eu achei isso ótimo. Era uma sensação estranha ter uma conversa tão séria enquanto dançávamos a um ritmo tão frenético.

— Ouça — continuei, notando a preocupação nos olhos dele —, eu acredito de fato que você se importa, e sei que você é diferente da maioria das pessoas na sua situação. Eu só gostaria que mais pessoas com as suas circunstâncias privilegiadas se importassem com o a condição dos pobres. São tempos difíceis. A viúva que vive no andar abaixo do meu tem que deixar os filhos sozinhos o dia todo

enquanto trabalha porque não tem ninguém que possa cuidar deles. Pessoas dignas estão nas ruas por aí, implorando por esmolas. E enquanto isso os ricos...

— Enquanto isso os ricos não fazem nada a respeito? — ele disse.

— Sim — respondi, acenando com a cabeça.

— Bem, você tem razão — concordou, com um olhar de convicção.

— Somos muito mesquinhos. Sou o primeiro a admitir isso. Meus pais não pagam sequer um salário digno para os ajudantes da casa. A maioria deles tem um segundo emprego para alimentar suas famílias. Isso não é certo. Tentei falar com meu pai, mas ele não me dá ouvidos. Ele mesmo veio da pobreza. Para chegar aonde chegou, trabalhou em uma lavoura no leste de Washington. Ele é um homem que venceu na vida pelos próprios esforços. Acredita que o trabalho árduo e a disciplina são a saída da pobreza. Na mente dele, qualquer um pode fazer sua fortuna.

Balancei a cabeça.

— Mas nem sempre isso é verdade.

— Eu sei.

— O que ele não percebe é que pessoas decentes, trabalhadoras, têm má sorte — eu continuei. — Não há empregos suficientes por aí. As pessoas que querem trabalhar não conseguem.

Charles desviou o olhar.

— Eu não sei o que dizer, Vera. Não gosto dessa situação tanto quanto você.

— Eu não pretendo culpar você, ou o seu pai — eu disse, preocupada em estar extrapolando os limites. — É que eu fui ensinada assim: se você tiver dois itens, deve compartilhar um com outra pessoa. Por que os privilegiados não podem fazer mais para ajudar os necessitados?

Charles acenou com a cabeça.

— Aquela viúva da qual você falou, qual é o nome dela?

— Laura — respondi. — O nome dela é Laura.

— Onde ela trabalha?

— Em uma fábrica de roupas no distrito industrial.

— Quantos filhos ela tem?

A banda começou a tocar uma canção mais rápida, então retomamos o ritmo.

— Pelo menos cinco — contei. — O mais velho nem completou nove anos. É uma situação terrível. Eu levei uma fatia de pão para ela na semana passada. O lugar estava uma bagunça impressionante. Uma miséria, para falar a verdade.

Charles olhou para mim com ternura.

— Eu quero ajudá-la.

— Como?

— Por exemplo, vamos tirá-la desse emprego infeliz na fábrica, assim ela poderá tomar conta da família — ele disse.

— Para fazer isso ela vai precisar de...

— Recursos financeiros, sim. Eu tomo conta disso.

Abri um sorriso que veio de algum lugar bem profundo.

— Você faria isso?

— Sim — ele respondeu. — Mas ela não deve ser informada do meu envolvimento.

— Eu posso ajudar — me ofereci.

— Ótimo.

Encostei a cabeça na lapela do seu paletó.

— Essa é uma coisa muito decente a fazer.

— Não — ele disse, alisando meu cabelo —, é a coisa *certa* a fazer, e eu me envergonho por não ter feito mais antes.

Charles me rodopiou pela pista antes de eu ricochetear como uma mangueira de incêndio de volta nos braços dele. A música parou por um instante enquanto eu olhava nos olhos dele. Seu olhar me fazia

sentir meu corpo inteiro formigar, e, quando ele me inclinou na direção dele, deixei nossos lábios se encontrarem.

— Aí está você! — uma voz feminina aguda ecoou pela pista de dança. Dei um passo para trás e observei a mulher se aproximar. O vestido bege de seda e o chapéu estavam enfeitados com penas brancas que pareciam uma página rasgada de uma das inúteis revistas *Vogue* que Georgia trazia às vezes para casa de seu emprego de doméstica. No desorganizado ginásio, essa mulher se destacava como um cisne em uma mina de carvão. — Estive procurando você por toda parte, Charles — ela continuou, em um tom de repreensão.

Ele dividiu sua atenção entre a mulher que o abordava e um homem que apareceu diante de nós acenando com o dedo.

— Vocês ficaram parados por muito tempo — ele informou. — Por favor, queiram se retirar da pista de dança. Vocês foram desclassificados.

— Desculpe, Vera — Charles me disse. — A culpa foi minha.

A mulher abriu caminho entre uma multidão de pessoas, e Charles e eu a seguimos.

— Por que a minha *irmã* está aqui? — ele disse sum sussurro. Distante dos dançarinos, ele cruzou os braços. — Josie? — O tom dele não estava exatamente receptivo.

— Uau, eu não achava mesmo que o encontraria *aqui* — ela disse, incomodada. Escondeu um tufo de seu cabelo castanho perfeitamente penteado sob o chapéu antes de suavizar um vinco imaginário no vestido. — Saí à sua procura na Blue Palms e a Delores disse... — ela olhou para mim com desaprovação e respirou fundo, frustrada —, enfim, não há muito tempo. É a nossa mãe. Ela está doente.

Charles largou minha mão.

— Ah, não — ele disse. — O que aconteceu?

— O médico está com ela agora — ela respondeu. — Mas você precisa vir rápido.

Charles virou-se para mim.

— Desculpe, Vera, tenho que ir. Eu vou... eu vou ligar em breve para você.

— Não se preocupe comigo — eu disse, tentando esconder minha decepção. — Vá.

Fiquei observando Charles e Josie saírem rapidamente do ginásio. Eles desapareceram nas sombras da noite antes de eu me virar na direção dos outros dançarinos na pista. Restavam apenas algumas dúzias. Gotas de suor pingavam de suas sobrancelhas. Nós teríamos vencido, eu e Charles. Teríamos dançado até o amanhecer.

— Nossa, você está linda, Vera! — Lon exclamou quando me viu no saguão. Eu mal reconheci o meu nome. E, quando me vi de relance no espelho dourado da parede à minha esquerda, uma moça da alta sociedade olhava para mim. Minha cintura parecia centímetros mais fina, aspirada pelas elegantes roupas íntimas sob o vestido de seda azul. Meus seios transbordavam no corpete de um modo que fazia com que eu me sentisse um peru assado em uma bandeja, amanteigado e dourado, pronto para ser devorado. Mantive a mão sobre o peito, pouco à vontade.

— Sua beleza é estonteante — Lon comentou, deslizando um braço possessivo ao redor da minha cintura.

Eu não gostei da mão dele ali, ou em qualquer outro lugar. Engoli em seco. *Eu posso fazer isso. Pelo Daniel.* Se eu soubesse aproveitar essa oportunidade, Lon poderia usar os recursos dele para ajudar a encontrar meu filho. Eu seria a convidada de jantar dele. Eu sorriria e ficaria linda. Eu faria qualquer coisa, de verdade, se isso me deixasse mais perto de encontrar meu filho.

## capítulo 12

### CLAIRE

**A**baixei a cabeça quando saí do elevador no escritório no dia seguinte, fazendo propositalmente o caminho longo e tortuoso pelo mar de baías cinza. Parecia tolo adotar medidas extremas para evitar meu próprio marido, mas, após os acontecimentos da última noite, eu não tinha coração, ou forças, para encará-lo. Além do mais, eu havia dormido em uma cama vazia outra vez. Eu sabia que ele provavelmente permanecera no hospital com Warren, mas, ainda assim, ele nem sequer me ligara para avisar. Desde quando voltar para casa se tornara opcional?

O sol havia retornado a Seattle, e o tempo mais quente deixara Frank particularmente agitado.

— Como anda a matéria? — ele perguntou da entrada da minha baía meros dez segundos após eu ter plantado meu traseiro na cadeira.

Girei para ficar diante dele.

— Bom dia para você também.

— Não sei ao certo se você percebeu — ele disse, apontando para a janela —, mas a neve *derreteu*. Antes que os leitores se esqueçam completamente da tempestade, eu estava meio que esperando ter a sua matéria impressa. Você disse que a entregaria para mim hoje,

mas isso obviamente não vai acontecer, então talvez eu possa tê-la em mãos, aah, não sei, antes do *Dia de Ação de Graças*? — Ele tirou um lápis mordido do bolso da camisa e o colocou na boca.

Permanecia sendo o único chefe que eu achava adorável quando ficava bravo comigo.

— Ouça, Frank — eu disse, cruzando os braços com ponderação.

— Você sabia que esta matéria seria uma espécie de busca do tesouro perdido.

Ele voltou a pôr o lápis de volta no bolso da camisa.

— Você tem razão — respondeu ele. — Mas não pensei que seria uma busca épica pelo tesouro perdido.

Olhei para o meu caderno de anotações, na esperança de ter mais partes da pesquisa para mostrar.

— Frank, é como se alguém tivesse apagado esse menininho da história.

— Então você está me dizendo que não tem um único indício? — ele disse, soltando um suspiro.

— Bem — continuei —, eu encontrei um desenho de criança com o nome Eva Morelandsteed escrito no verso.

— Um desenho de criança? — Pelo olhar dele, concluí que não estava impressionado.

— Eu acho que, ela pode ter alguma relação com o menino perdido. Talvez seja uma irmã, ou amiga.

— Bem — ele disse —, vou demover você da história.

— O quê?

— Claire, você é minha melhor repórter. Eu não posso te manter em uma matéria que não vai render. — Ele colocou sobre minha mesa uma pasta tirada de um arquivo suspenso. — Temos muita coisa para cobrir este mês.

Olhei para a pasta verde a contragosto.

— O que é isto?

Ele falou para o tampo da mesa:

— Um kit de imprensa para os Dias Culturais de Seattle. Eu quero que você escreva a parte da publicidade.

— Você só pode estar brincando comigo, Frank — respondi. — Um *publieditorial*?

Frank sabia muito bem que qualquer repórter que se preze preferiria ter os olhos arrancados a redigir um texto publicitário.

— Sim — ele disse, com sinceridade. — Acabei de ser informado pelo departamento de publicidade. É uma matéria de duas páginas. Precisa ficar pronta até semana que vem.

Balancei a cabeça.

— Não posso acreditar nisso.

Ele deu um passo à frente.

— Estou preocupado com você, Claire. Você não é mais a mesma há muito tempo.

Eu balancei a cabeça.

— Por que você diz isso?

— Bem — ele continuou, escolhendo cautelosamente as palavras —, é que você nunca deixou de cumprir um prazo.

Corri os dedos no meu cabelo. Ele tinha razão. Eu temia perder meu instinto de repórter, meu dinamismo, e Frank havia acabado de confirmar isso. *O que está acontecendo comigo?*

Abri a pasta verde.

— Não se preocupe — respondi, virando-me para o computador. — Vou deixar isso pronto. Me dê o fim de semana e eu prometo que entrego na segunda-feira.

— Claire, ouça — Frank começou —, eu não queria magoar você; eu estava apenas...

— Tudo bem — eu disse duramente, cerrando os punhos sob a mesa. — Me desculpe por desapontar você. Pensei que conseguiria escrever a história. Pensei que poderia encontrar aquele menininho.

Frank acenou com a cabeça e saiu para o corredor.

Alguns instantes mais tarde, ouvi passos se aproximando.

— Toc, toc. — Eu me virei e vi Abby à porta, com uma caixa grande nas mãos. — Bom dia.

— Bom dia — respondi, pontuando a saudação com um suspiro exagerado.

— Ah, não — ela disse. — O que foi?

— Acho que minha carreira está acabada, e o Ethan não voltou para casa ontem à noite — respondi, incapaz de tirar os olhos da pasta verde.

— A sua carreira *não* está acabada — ela replicou. — Você é uma das melhores repórteres, se não for *a* melhor, de nossa equipe. E, com relação a seu marido, me conte os detalhes.

Eu suspirei.

— Obrigada, mas prefiro não falar sobre isso agora. É capaz de eu não aguentar. Você lembra de nossa regra de não chorar no trabalho.

Abby sorriu, me entregando a caixa.

— Tome.

— O que é isso?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei, mas tem seu nome nela. A Jenna trouxe até o meu escritório por engano.

Coloquei a caixa na minha mesa e peguei a tesoura na gaveta para cortar a fita; só então notei o remetente.

— Abby, isto é do hospital sueco. — Senti meus batimentos cardíacos acelerarem. — O que eles poderiam ter me enviado?

Eu odiava o fato de algo tão simples como o logo de um hospital em um rótulo de correspondência poder criar uma reação tão visceral em mim. Eu podia ouvir o alarme do aparelho de pressão no meu braço, ver o azul-claro da cortina da sala de emergência, sentir

o gosto das lágrimas que escorriam dos meus olhos. Em um instante, senti o terror do acidente novamente. Fechei os olhos, tentando bloquear as lembranças, afastá-las, enviando-as de volta para o hospital, onde eu as havia deixado. Mas, quando voltei a abrir os olhos, elas estavam ali, diante de mim, à espera de serem confrontadas.

— Claire — Abby disse baixinho —, o que foi?

O ódio subiu pelo meu corpo quando eu arranquei uma aba da caixa de papelão para abri-la, e depois outra. *O que eles estão me enviando?* Tinham ligado várias vezes para marcar consultas de acompanhamento, mas eu nunca retornava. *Eles não sabem que cada ligação, cada droga de conta no correio, é um lembrete da minha perda? E agora isto?* Não podem me deixar em paz?

Dentro da caixa havia um envelope selado. Eu o rasguei para abri-lo.

*Prezada sra. Aldridge,*

*Nós tentamos contatá-la em diversas ocasiões para solicitar que retirasse os itens pessoais deixados durante sua internação em nosso hospital. O único endereço que tínhamos em nossos registros era o do seu local de trabalho. Faz parte de nossa política devolver os pertences a nossos pacientes.*

*Cordialmente,*

*Katie Morelandstead*

Espiei cautelosamente dentro da caixa e tirei um moletom cinza canelado. Estava um trapo, rasgado na lateral pelo motorista da ambulância — uma vaga lembrança que voltava ao foco —, com uma mancha de sangue na manga. Eu me lembrei do momento em que o tinha comprado. Ethan e eu tínhamos comprado algumas

roupas para gestantes na Gap. Eu amarrara uma daquelas barrigas falsas e saído do provador para desfilarmos, o que proporcionara o maior choque da vida dele.

— Sua barriga! — ele exclamou. — Está...

— Enorme? — Eu sorri, erguendo a bainha do moletom para revelar o enchimento. — Te enganei?

— Enganou — respondeu ele, um pouco aliviado. — Por um instante, pensei que poderíamos ter gêmeos.

Naquele dia eu comprei aquele moletom em três cores, várias calças, todas com elástico na cintura, e um vestido preto transpassado que a revista *Fit Pregnancy* havia declarado ser o traje mais agradável para as futuras mães. Estremeci com a lembrança, colocando o moletom de lado antes de tirar um legging preto com um buraco irregular na altura do joelho. Sob as duas peças estavam minha roupa íntima e meu sutiã esportivo, dobrados cuidadosamente em um embrulho. *Por que eles foram se incomodar de devolver estas coisas? Por que não... queimaram tudo?* No fundo da caixa estavam meus tênis de corrida. Eu tinha outros em meu closet, mas este era meu par favorito. Manchados de lama e perfeitamente laceados, eles tinham viajado comigo quilômetros de ruas chuvosas de Seattle, atravessado a linha de chegada de diversas corridas, mas eu não consegui olhar para eles naquele instante. Eles tinham me traído.

Atirei os tênis e as roupas esfarrapadas de volta na caixa, olhando para cima, na direção de Abby.

— Tem uma caçamba em algum lugar aí fora?

Abby ajoelhou-se ao meu lado.

— Claire — ela sussurrou —, talvez você não devesse se precipitar.

Meus olhos arderam, e eu rapidamente enxuguei uma lágrima perdida no rosto, incomodada por sua presença.

— Ah, querida — ela disse. — Venha cá. — Pôs o braço sobre meu ombro, e eu me encostei nela, sentindo seu perfume de lavanda. — Você adorava correr — ela continuou. — Por que não tenta de novo?

— Não consigo — respondi, balançando a cabeça. — Não vou.

Ela pegou a caixa e puxou meus velhos tênis de corrida.

— Mesmo assim — disse —, vamos guardar isto. Jogue fora as roupas, se você preferir, mas estes tênis têm que ser guardados. — Ela os enfiou debaixo da minha mesa. — Quando você estiver pronta, calce-os.

— Eu nunca vou estar pronta — retruquei.

— Vai, sim — Abby reagiu. — Depois que meu pai morreu, minha mãe guardou todas as roupas dele no closet, exatamente como ele as havia deixado. Elas acumularam poeira por três anos até que ela encontrasse forças para encará-las outra vez. Eu só tinha treze anos, mas me lembro do dia em que ela abriu aquele armário velho e tirou uma das camisas do cabide. Ela a pôs sobre a cama e deitou ao lado dela por um longo tempo, chorando, lembrando-se. Precisou de muita força para fazer isso. Força e *tempo*. — Ela parou para tomar fôlego. — O que eu quero dizer é que minha mãe precisou dessa sensação de alívio, e, se ela tivesse pedido para alguém encaixotar as roupas dele na semana posterior à morte dele, como minha tia Debbie sugeriu, nunca teria tido a oportunidade de encarar sua tristeza, de encontrar sua própria sensação de alívio. — Abby segurou minha mão. — Todo mundo se aflige e se livra dos males em seu próprio ritmo, querida. Dê tempo ao tempo.

Olhei fixamente para os tênis sob minha mesa, desejando, como fizera a cada dia desde o acidente, ter ficado em casa em vez de sair para aquela droga de corrida.

— Eu não sei, Abby — falei, desviando o olhar dos tênis.

— acredite em mim — ela respondeu, fechando as abas da caixa e deixando-a do lado de fora do cubículo. — Então, você encontrou a

criança?

— Não. O Frank me tirou da matéria. — Apontei para a pasta que continha as informações do texto publicitário ao qual eu fora designada. — Agora estou redigindo a seção especial de publicidade para a semana que vem.

Abby franziu a testa.

— Não, ele não fez isso. — Ela sabia tão bem quanto eu que aquela tarefa equivalia a ficar de castigo.

— Sim, ele fez.

— Talvez eu consiga falar com ele — ofereceu.

— Eu nem perderia meu tempo — disparei. — Ele estava com *aquela* olhar.

Abby cruzou os braços.

— Bem, eu acho que você deveria continuar a sua pesquisa mesmo assim. Surpreenda-o com um rascunho. Você não deveria largar esta matéria, Claire.

— Mas o Frank não a quer — eu disse, encolhendo os ombros. — Mesmo se eu entregasse, seria tarde demais. A neve já derreteu. Todo mundo já partiu para outra. Acho que perdi esta.

— Não — retrucou ela. — Você não perdeu. Você mal começou. — Os olhos de Abby se estreitaram. — Ouça, querida, eu já vi você trabalhar com centenas de histórias, e nenhuma nunca te afetou tanto quanto a desse menininho. Escreva-a. Mesmo que seja apenas para você. Além do mais, eu quero saber o que aconteceu com a criança.

— Eu também quero — respondi, antes de pegar meu caderno de anotações da bolsa e dispô-lo sobre a pasta verde. — Sim — continuei, com mais segurança na voz. — Vou terminar esta matéria.

— Boa menina — ela disse.

Olhei de relance para os tênis de corrida sob minha mesa e depois de volta para Abby.

— Sabe o que é engraçado? — Peguei a carta do hospital. — Esse nome, Morelandstead. É o mesmo nome que consta no verso de um desenho de criança que eu encontrei.

Ela abriu um sorriso.

— Você acha que pode haver alguma ligação?

Eu dei de ombros.

— Seria uma coincidência totalmente maluca — eu disse, e minha curiosidade de repórter foi aguçada. — Mas, como é um nome incomum, quem sabe?

— Continue atrás disso — ela sugeriu, acenando com a cabeça e se virando para a porta. — Fico aqui até as seis, se precisar de mim.

— Obrigada — respondi, voltando a olhar para a tela do meu computador, onde digitei o endereço eletrônico do hospital. Assim que encontrei o número do PABX, tirei o telefone do gancho.

— Olá — eu disse à telefonista. — Eu gostaria de falar com uma funcionária chamada Katie Morelandstead.

— Só um instante — a mulher respondeu.

— Aqui é a Katie — uma voz esganiçada anunciou alguns segundos depois.

— Hã, olá, Katie, sou Claire Aldridge, do *Seattle Herald*. Bem, vamos lá. Você me enviou uma encomenda recentemente. Uma caixa de...

— Sim, *Claire* — ela disse. — É claro. Espero que não tenha se importado de termos enviado a caixa para o seu local de trabalho. Por alguma razão, não tínhamos o seu endereço residencial no registro. E, bem, de qualquer modo, vínhamos tentando entrar em contato com você fazia algum tempo. Você pode achar estranho nós termos enviado todas as suas roupas do acidente, mas sabemos que reconhecer os vestígios de uma tragédia pode ajudar na cura...

— Sim — interrompi —, tudo bem. Na verdade, estou ligando para falar sobre outro assunto. Espero que não se importe com o que vou

perguntar: por acaso você tem algum tipo de ligação com uma mulher chamada Eva Morelandstead? De verdade; eu...

— Bem, na verdade, sim — ela disse. — Eu tenho uma tia-avó chamada Eva.

Meu queixo desabou.

— Sério?

— Sim, ela mora em Seattle, bem perto do Pike Place. Está com oitenta e poucos anos, mas você nunca diria. A tia Eva é uma pessoa muito lúcida. Mas espere... Como é que você a conhece?

— É uma longa história — respondi. — Estou trabalhando num artigo e descobri algo com o nome dela, de muito tempo atrás. Estava na esperança de entrar em contato com ela.

— Claro — Kate disse. — Eu tenho o número dela no meu celular. Vou pegá-lo para você. Ela trabalhou como bibliotecária por décadas, então, sempre apoia esse tipo de pesquisa. Tenho certeza de que ela não se importaria.

Alguns instantes depois, eu estava rabiscando o número em um pedaço de papel.

— Obrigada, Katie.

— Não tem de quê.

Apertei o gancho para encerrar a ligação e, na sequência, tecliei os números de Eva. O telefone tocou uma, duas, três vezes.

— Alô?

— Senhorita Morelandstead? Eva Morelandstead?

— Sim, é ela.

— Olá — eu disse, limpando a garganta. — Meu nome é Claire Aldridge. Sou repórter do *Seattle Herald*. Peço desculpas por incomodar a senhora, mas a sua sobrinha, Katie, me passou seu número de telefone. Bem, estou trabalhando em uma história sobre a tempestade que atingiu Seattle em maio de 1933 e acabei descobrindo algumas informações sobre um menino chamado

Daniel Ray. — Parei, esperando pela reação de Eva, mas um silêncio se fez na linha. — Sra. Morelandstead? A senhora ainda está aí?

— Sim — respondeu. — Você terá que me perdoar. Eu não ouvia esse nome fazia muito, mas muito tempo.

Endireitei o corpo na cadeira.

— Então a senhora o conhece? Ou melhor, *conheceu*?

— Conheci — ela disse. — Mas faz tanto tempo.

Meu coração começou a bater mais forte.

— Como você disse que descobriu meu nome? — ela perguntou, desconfiada.

— Em um desenho — respondi. — Um desenho de uma criança que estava guardado no Café Lavanto.

— Bem — ela disse, com um rígido pragmatismo que dava o tom em sua voz. — Não sei bem como posso ajudá-la. Eu era apenas uma criança quando ele desapareceu.

— Poderíamos nos encontrar pessoalmente? — Como repórter, eu tinha aprendido desde cedo que as pessoas sempre revelam mais face a face do que quando estão ao telefone. Um senador tinha confessado uma vez seu caso extraconjugal para mim em uma conversa no restaurante Canlis, enquanto comíamos uma salada. Eu me lembro de estar mastigando um pedaço de alface-romana quando ele me contou sobre a tonalidade dos olhos da amante. — Talvez, quando conversarmos, a senhora se lembre de algo. Até mesmo um detalhe pode ajudar.

— Bem — ela falou, com a voz amolecendo um pouco —, suponho que não haja problemas. Você gostaria de passar aqui amanhã de manhã?

— Eu adoraria.

— Muito bem — respondeu. — Eu moro em Brighton Towers, uma casa de repouso perto do Market.

— Vejo a senhora amanhã, então.

— Sabe — ela acrescentou, com a voz diminuindo, perdida em lembranças —, meu sobrinho me levou até Nordstrom na semana passada, e nós passamos pelo velho prédio.

— O prédio onde moravam o Daniel e a Vera?

— Sim — respondeu. — Fiquei animada por ver que aquele lugar não foi demolido. É um café agora, certo?

— Sim, o Café Lavanto.

— Os construtores tratam os edifícios antigos como ervas daninhas — ela afirmou. — Eles mal podem esperar para derrubar e construir seus condomínios altos e elegantes. Não sabem que estão destruindo a história, e as lembranças das pessoas, com suas bolas demolidoras. Seja lá quem for o dono daquele edifício, ele é uma boa pessoa, para mantê-lo intacto daquele jeito.

Sorri para mim mesma.

— Eu conheço o proprietário — contei. — E ele é um ótimo rapaz.

— Que bom, querida — Eva disse. — Vejo você amanhã.

— Até logo.

Um instante depois, um e-mail surgiu na minha caixa de entrada. O assunto era: "Mal posso esperar para te ver!". Olhei para o meu calendário de mesa, onde "visita com Emily" estava escrito em tinta azul no campo da tarde. Eu tinha prometido uma visita a minha velha amiga Emily Wilson. Ela se mudara alguns anos antes para Bainbridge Island, onde morava com o marido, Jack, em uma antiga propriedade colonial que pertencia a sua tia-avó doente. Abri o e-mail dela.

*Se você quiser pegar a balsa do meio-dia, posso te buscar no terminal às 12h45. Você não vai acreditar como as gêmeas estão grandes. Beijos.*

Eu só havia visto os bebês dela uma vez, quando tinham apenas duas semanas de vida. Ethan e eu a tínhamos visitado quando eu acabava de saber que estava grávida. Nós demos a notícia a eles, e

nunca vou me esquecer de segurar uma das gêmeas dela, maravilhada ao pensar que logo estaria carregando o meu próprio filho. A menininha era tão delicada, tão leve. Eu me lembro de ficar assustada com o choro dela, imaginando se estava preparada para ser mãe. Para Emily foi tudo tão natural. Ela tirou o bebê dos meus braços com tanta facilidade, aconchegando a filha no seio como se tivesse feito isso milhares de vezes antes. Eu olhara para a minha barriga, onde havia um bebê crescendo, e fiquei imaginando se seria uma boa mãe, como Emily parecia ser. Voltando ao presente, fechei os olhos com força, afastando a lembrança mais profunda em minha mente, forçando-a de volta para seu canto escuro. Olhei para o relógio sobre minha mesa. Já eram onze e meia. Eu teria que correr para tomar o táxi até o terminal.

Afundi em uma cabine na balsa e encostei-me a um banco de vinil, contemplando o rastro em V que a embarcação provocava na água salgada. Gaivotas batiam as asas ao longo da lateral da barca envelhecida, gritando e grasnando, como se a desafiassem para uma corrida. No final, as aves cantantes cansaram-se da brincadeira e voaram para longe.

Ethan adorava a ilha. Os pais dele tinham uma cabana naquela praia, e nós viajávamos para lá com frequência. O chalé de quatro quartos com vista para a Eagle Harbor, no entanto, mal poderia ser considerado uma cabana. Ele tinha um banheiro de luxo, uma sacada na suíte máster e uma cozinha gourmet, onde Ethan preparava panquecas de creme de leite para mim. Mas ultimamente ele ia para lá sozinho. Quando minha mãe ficou em casa para cuidar de mim depois do acidente, Ethan passou seis dias na cabana. Minha mãe nunca o perdoou por isso. Porém, por mais que eu ficasse magoada com a ausência dele, de certo modo eu compreendi. Ele precisava sofrer à sua própria maneira. Ele viera

para casa com a barba por fazer e olhos que pareciam vazios, distantes.

Peguei meu laptop em seu estojo preto de couro e pluguei o cabo na tomada abaixo do banco. O documento do Word que eu tinha salvo como “Daniel-Ray-Characterísticas” continha apenas um título, “Inverno das Amoras-Pretas: A História de um Menino Perdido em uma Tempestade de Neve de 1933”. Olhei fixamente para o cursor brilhante e escrevi algumas frases, e depois mais algumas. Quando a buzina da balsa soou anunciando nossa aproximação da ilha, eu tinha escrito uma introdução da qual me orgulhava. *Será que vou conseguir terminar o resto? Será que um dia vou descobrir o que aconteceu com Daniel Ray?*

Bastou uma breve caminhada rampa abaixo até o terminal para eu avistar Emily acenando pela janela do lado do motorista do Fusca 1963 verde que pertencia a sua tia.

— Você conseguiu! — ela gritou, com a voz abafada pelo som do motor.

Abri a porta do lado do passageiro e enfiei minha bolsa e o estojo do laptop dentro antes de me virar e olhar para o banco de trás, onde eu meio que esperava ver as gêmeas protegidas em suas cadeirinhas.

— Elas estão em casa com o Jack — Emily disse, como se estivesse lendo minha mente.

Ela parecia feliz, com as bochechas rosadas e o cabelo loiro e fino preso em um simples rabo de cavalo. Em sua mão, o diamante em formato de pera, adornado com rubis, brilhava sob a luz do sol que atravessava a janela. Emily tinha contado a história do anel para mim uma vez. Ele pertencera a uma mulher que o avô de Jack amara havia muito tempo. Eu não me lembro dos detalhes, mas o relato transpirava amor de décadas passadas. Dava para sentir isso quando você olhava para ele.

— Completaram um ano e oito meses ontem — ela disse. — Dá para acreditar? — A alegria dela era evidente.

— Mal posso esperar para vê-las! — respondi. Era uma afirmação verdadeira, mas, se eu fosse honesta comigo mesma, admitiria que estava apreensiva. Cada etapa da vida daquela família seria um lembrete da minha perda.

— Desculpe, Claire — ela disse de repente. — Eu sei que você passou por uma situação terrível este ano. É muito difícil para você estar perto de...?

— Bebês?

— Sim — ela respondeu com cautela. — Eu não sei como você está suportando tudo isso. Eu estaria destruída.

Não fazia sentido mentir para uma velha amiga.

— Eu *estou* destruída.

— Ah, Claire — disse Emily, com os olhos estreitos, refletindo minha dor. — Me perdoe. Lamento muito. Ouça, se for difícil ver as meninas, me avise. Eu acabei de alimentá-las, então podemos sair para almoçar. Não temos que voltar para casa.

Eu pus minha mão no braço dela e o apertei com força.

— Eu *quero* vê-las. Ficaria de coração partido se não as visse.

— Você é incrível, sabe? — ela comentou, conduzindo o carro para fora do terminal da balsa. — Você realmente *entende* o que é amizade.

— Como assim?

— Minha tia Bee sempre disse que, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, a definição de um verdadeiro amigo não é uma pessoa que te ajuda quando você está passando por maus bocados.

— Ela balançou a cabeça. — Qualquer um pode fazer isso. A verdadeira amizade, ela diz, é quando alguém pode apreciar a sua felicidade, até *celebrar* sua felicidade, mesmo quando ele mesmo

não está feliz. — Olhou para mim com olhos compreensivos. — Você é assim, Claire.

Meus olhos brilharam.

— Obrigada, Em.

Ela desviou o olhar da estrada por um instante.

— Digo isso com muita sinceridade.

— Aposto que elas estão enormes agora — eu disse, pausando para olhar para fora da janela. As suntuosas sempre-vivas da ilha pareciam soprar com o vento. — Como é ser mãe?

Emily suspirou, agarrando o volante com um pouco mais de força.

— É assustador e maravilhoso, tudo ao mesmo tempo. E exaustivo. Vou ser sincera com você: por cerca de um mês após o nascimento delas, eu quis, em segredo, devolvê-las.

Eu não contive o riso.

— Não estou mentindo, Claire — ela disse. — Nunca vou me esquecer de quando o Jack entrou no quarto uma noite e uma das meninas estava chorando nos braços dele; a outra estava chorando no berço. Era por volta de duas da manhã. Eu estava tão cansada. Esgotada. Eu me sentei e tirei as pernas para fora da cama, e naquele instante eu só conseguia pensar: *Cometi o pior erro da minha vida*. — Balançou a cabeça. — Mas consegui administrar a situação. Era o período de adaptação. Agora não consigo imaginar minha vida de outra forma. — Ela virou na tortuosa estrada que levava para a propriedade de sua tia e me deu um rápido sorriso.

— Aposto que o Jack é um pai maravilhoso — comentei.

— Ele é incrível com elas — Emily concordou. — Ele está caminhando na praia com elas neste momento. Nós compramos um daqueles carrinhos duplos com enormes rodas turbo, que dão conta das cracas da praia.

— Como está a sua tia Bee? — perguntei. Eu não sabia muito bem a idade dela (oitenta e poucos, ou até noventa e poucos), mas ela

não se enquadrava no modelo de uma mulher idosa. Quando visitei Emily na ilha pela primeira vez, Bee tinha me oferecido uma dose de uísque.

Emily suspirou.

— Ela não está bem — respondeu. — O médico disse que é o coração. Estão dando todo o tipo de medicamento para ela agora. Ela fica a maior parte do tempo na cama. Eu tomo conta dela durante o dia, e nós temos uma enfermeira que cuida dela à noite. — Ela balançou a cabeça. — A Bee odeia ser confinada em casa. Eu a peguei tentando ir até a praia escondido ontem à tarde. A pobrezinha está tão frágil que quase caiu do andador.

— Lamento ouvir isso — eu disse. — Deve ser tão difícil vê-la esmorecer.

— É, sim — ela respondeu. — E pode soar estranho, mas a casa parece outra sem ela no comando. Algo mudou. Posso sentir isso. Faz algum sentido para você?

— Eu entendo o que está querendo dizer. Quando minha avó ficou doente, há alguns anos, a velha casa passou a ter uma atmosfera diferente também — contei. — Como se sua alma tivesse sido sugada das paredes.

— É exatamente isso — Emily concordou. — O Jack e eu viemos morar com ela logo após nos casarmos. A Bee insistiu. A princípio eu receava que o plano não desse certo, mas acabamos adorando. É engraçado, acho que nós precisávamos tanto da Bee quanto ela precisava de nós. Mas a saúde dela tem piorado rapidamente, e as mudanças me assustam. Ela não fica mais perambulando por aí às seis da manhã nem comenta mais sobre a vida marinha pela janela. Os jornais se amontoam na entrada da casa porque ela não os lê mais. As revistas *The New Yorker* também. Eu chorei outro dia quando tirei o último pote de geleia caseira do refrigerador. Fiquei diante da geladeira percebendo que aquele poderia ser o último pote

que eu apreciaria. Ela ainda está aqui, é claro, mas já estou começando a sentir a sua falta.

Sofri por ela, pois conhecia o tipo de tristeza do qual falava.

— Eu não sei o que é mais difícil — falei. — Perder alguém de forma rápida ou gradualmente.

Emily enxugou uma lágrima no rosto com a lateral da palma.

— A Bee vai ficar feliz em te ver. Ela adora receber visitas.

Quando nos aproximamos da casa, ela diminuiu a velocidade. Olhei fixamente para a janela, na direção das flores ao longo da margem da rua, nos tons de vermelho-escuro, roxo-claro, branco e coral. A rua serpenteava até a orla, onde a antiga e branca propriedade colonial contemplava o Puget Sound. Parecia erudita, com suas venezianas pretas e colunas imponentes. Erudita e um pouco triste.

— Aqui estamos — Emily disse, abrindo a porta do carro. Pisei no chão e a segui pelo atalho até a porta da frente, onde um carinho duplo de bebê vazio estava estacionado.

— A mamãe chegou — Emily falou, meiga, ao abrir a porta. Ouvi um coro de risadinhas de algum lugar de dentro da casa, e um instante depois Jack apareceu carregando dois anjos vestidos de rosa.

— Olá, Jack — eu disse, sorrindo. — Olhe só para você. Nasceu para isso.

Emily o afagou nas costas carinhosamente.

— Ele se levanta todos os dias com os bebês, assim eu posso escrever.

— Ela te contou? — Jack perguntou, virando-se para mim.

Balancei a cabeça, negando.

— O quê?

— Ela escreveu um segundo romance. Vai ser publicado neste inverno.

Eu sorri.

— Que fantástico, Emily!

— Bem — ela disse, olhando para fora, na direção da água —, eu devo isso a este lugar. É mágico. Nunca me senti tão criativa. Enfim, entre! Sei que você não tem muito tempo, então vamos saborear cada segundo.

Caminhamos até a sala de estar, e Jack colocou as gêmeas no chão, sobre um cobertor repleto de brinquedos espalhados.

— Elas são lindas — comentei.

— A Nora é uma espoleta — Emily disse, apontando para a maior das duas, que tirou um chocalho das mãos da irmã. — Ela já discute comigo.

Eu ri.

— A MiniEmily?

Minha amiga acenou com a cabeça.

— Estou em apuros. Mas a Evelyn — nós a chamamos de Evie — é nossa pequena conciliadora. As meninas ainda dividem o berço, e, quando a Nora acorda chorando, a Evie afaga a cabeça dela. É a coisa mais fofa.

— Adorável — eu disse, entregando outro brinquedo a Evie.

Jack gesticulou em direção ao corredor.

— Por que você não a leva para visitar a Bee? — ele sugeriu para Emily. — Ela costuma estar acordada a esta hora.

— Sim — Emily disse —, a Bee adoraria te ver.

Assenti e me levantei, seguindo Emily até uma porta fechada no final do corredor. Ela bateu de leve e, instantes depois, ouvimos um frágil mas amigável “Pode entrar”.

Bee vestia uma camisola branca. Estava deitada na cama, escorada por travesseiros. Uma pilha de livros e revistas permanecia intacta em uma mesa à sua direita. Ela olhava fixamente para a janela aberta, onde ondas se formavam calmamente na praia.

— Olá, querida — Bee cumprimentou, colocando-se sentada. Emily viu a brisa batendo nas cortinas e correu para fechar a janela.

— Bee, você deve estar congelada — ela a repreendeu, puxando um cobertor de uma cadeira próxima e cobrindo a tia com ele.

— Sinto falta do ar do mar — Bee explicou. — Eu preferiria congelar até a morte a ficar sem ele.

— Bem — Emily disse, mexendo no termostato —, muito justo. Mas vamos pelo menos ligar o aquecedor um pouco aqui.

Bee pegou os óculos que estavam sobre a mesa.

— Oh, você tem companhia.

— Sim — Emily confirmou. — Você se recorda da minha velha amiga Claire, não é, Bee?

— É claro, a Claire — ela disse, acenando para mim. — Como você está, querida?

— Bem, na medida do possível — respondi. — E a senhora?

— Bem — ela disse, sarcasticamente —, na medida do possível para quem está confinada nesta droga de cama o dia todo.

A voz dela pode ter se mostrado frágil, mas eu estava feliz por ver que seu espírito permanecia forte.

— Você é escritora como a Emily, não é, querida?

Acenei com a cabeça.

— Sim, sou. A Emily e eu nos conhecemos na faculdade. Ela escolheu a glamorosa vida da ficção, enquanto eu fiquei com a realidade da redação do jornal.

Bee sorriu.

— Ah, eu me lembro. Você é jornalista.

— Sim — respondi. — No *Seattle Herald*.

— No que você está trabalhando no momento, querida? Eu leio o jornal da primeira à última página. — Eu me lembrei da pilha de

jornais que tinha visto empilhados do lado de fora da porta do quarto.

— Estou trabalhando em uma matéria particularmente interessante agora — contei. — Sobre um menininho que desapareceu em 1933. No dia da tempestade de neve.

Bee pareceu perplexa.

— Eu não pensava naquela tempestade de neve há muito tempo — ela comentou.

— A senhora se lembra dela?

Ela sorriu, os olhos perdidos nas lembranças.

— Eu era menina ainda. Nós morávamos em West Seattle na época. Mamãe nos deixava brincar na neve a manhã toda. Era um sonho que se tornava realidade para uma aluna que esperava escapar da aula de aritmética das manhãs. E que choque foi para todos nós. Neve em maio. A repentina onda de frio que tivemos esta semana me fez lembrar disso. Qual era o nome do menininho mesmo?

— Daniel — eu disse. — Daniel Ray. Acho que não tem a menor chance de a senhora se lembrar dele.

— Me desculpe — respondeu. — Quem dera eu lembrasse. — Ela juntou as mãos pensativa. — Mas você pode tentar conversar com uma velha amiga minha. Lilian Sharpe. Bem, ela se chamava Lilian Winchester quando frequentamos a escola juntas em Seattle. Nossas famílias tinham amizade de longa data. O pai dela era um dos advogados mais importantes de Seattle na década de 1930. Ele assumiu vários casos famosos. — Bee se demorou por um instante a olhar pela janela. — Eu me lembro da Lill comentar que achava o trabalho dele muito maçante quando éramos jovens, mas, quando adulta, ela se tornou bastante fascinada pelo legado dele. Após ele falecer, ela reuniu todos os seus documentos e doou a maioria a um museu em Seattle. Ele cuidou de alguns casos importantes da

época. Ninguém mais se lembra da maioria deles, é claro, mas vejamos... — Ela hesitou, como se estivesse tentando arduamente fazer as engrenagens em sua mente girarem com mais rapidez. — Sim, ele defendeu a mulher que atirou no marido. Só se falava disso em Seattle. Você deveria entrevistar a Lillian. É provável que seja um tiro no escuro, mas talvez ela saiba algo sobre esse menino perdido.

— Eu adoraria conversar com ela — falei. — Vou procurá-la quando voltar para Seattle.

— Eu a vi ontem mesmo — Bee comentou. — Na barraca de refrigerantes. Ela não gostava muito da Esther, mas a Evelyn...

Emily lançou um olhar intencional para mim, afagando o braço da tia carinhosamente.

— Bee, você deve estar se lembrando de algo do passado. Não fomos à barraca de refrigerantes ontem.

A mulher mostrou-se perplexa, e em seguida constrangida.

— Ah, sim — disse. — É claro. Os dias às vezes meio que se misturam.

— Posso dizer que tenho sorte se me lembrar do último ano que passou — eu me intrometi.

Bee abriu um sorriso compreensivo e pegou na minha mão.

— Que bondoso da sua parte — ela disse.

— Desculpe — respondi. — Não entendi.

— Que bondoso da sua parte se importar com uma história do passado — ela continuou. — Tantos jovens não dão a mínima sobre qualquer coisa que não tenha a ver com o aqui e agora.

— Bem — comentei —, a história prendeu minha atenção quando a descobri. Existe algo nessa separação da mãe e do menininho. Eu não poderia *deixar* de ir atrás. — Não tive coragem de dizer a ela que meu editor tinha acabado com a matéria. Para mim, ela estava muito viva.

Bee acenou com a cabeça.

— Você encontrará o seu menininho — ela disse, com segurança.

— Espero que sim — respondi, levantando-me.

— Você tomou o seu remédio, Bee? — Emily perguntou, pairando sobre ela como uma galinha sobre as crias.

A mulher forçou um sorriso e se virou para mim.

— Esta aqui está sempre me atazanando por causa do remédio.

Emily sorriu.

— Alguém tem que manter esse coração batendo.

— É bom ter alguém me atazanando — ela sussurrou para mim. — Francamente, eu não sei o que faria sem ela.

— Muito bem — Emily disse, abaixando a veneziana. — Hora de descansar. E chega de janelas abertas. Você vai acabar pegando uma pneumonia.

— Até mais, Claire — disse Bee, trocando de posição. — Espero que você volte a nos visitar. Vou procurar a sua história no jornal.

— Enviarei uma cópia à senhora — afirmei, caminhando até o corredor.

Peguei a balsa das seis horas para casa, e Gene me cumprimentou onde o táxi me deixou.

— Você acabou de desencontrar do Ethan — ele disse.

— Sério? — Eu não tinha notícias dele desde cedo; não que esperasse ter. Éramos duros na queda. Se fôssemos acabar com nosso casamento, seria dessa forma.

— Sim — Gene continuou. — Ele estava todo elegante. De smoking. Saiu de táxi há dez minutos.

*Para onde meu marido estaria indo de smoking? Sem mim? Meu coração encheu-se com a solitária percepção de que ele estava escapulindo de mim, como areia entre os dedos. Eu poderia impedir isso. Poderia encontrá-lo e tomá-lo nos braços. Dizer a ele que o amo. Nós poderíamos encerrar essa tolice. As dolorosas lembranças*

do passado começaram a se infiltrar em minha mente, mas eu as afugentei. Reconciliação. Era o que minha terapeuta vinha exigindo durante todo esse tempo. Um de nós precisava dar o primeiro passo, ela dissera. Um de nós precisava agarrar o outro pelo pescoço e dizer: “Olhe para nós! Estamos morrendo! Mas podemos consertar isso! Nós nos amamos!”. Eu vinha pensando em tomar a iniciativa havia meses, mas, a cada vez que eu tentava dar um passo à frente, dávamos dois para trás, às vezes três. Mas não desta vez. Acenei com a cabeça para mim mesma e estiquei o braço para o motorista.

— Espere um segundo, por favor! — gritei, antes de virar a cabeça com tudo na direção de Gene. — Ele disse para onde ia?

— Sim, algum grande evento no Olympic Hotel. — Ele parecia nervoso, como se estivesse preocupado por ter acabado de divulgar um segredo que acabaria com um casamento. — Eu, é, suponha que você o acompanharia.

— Obrigada, Gene — eu disse, abaixando a cabeça para entrar novamente no táxi. Então, virei-me para o motorista. — Você pode me levar até o Olympic Hotel?

Juntei as mãos de nervosismo quando o táxi se aproximou do antigo edifício. Fiquei admirando sua fachada adornada e suas colunas intrincadas. Manobristas zumbiam como abelhas, apanhando chaves e arrancando com os carros que chegavam para estacionamentos discretos. Um casal chegou em uma Mercedes preta e brilhante poucos metros à frente. O vestido de lantejoulas da mulher cintilou conforme ela pegou na mão do companheiro, rebolando o corpo esbelto para fora do carro com saltos de quase treze centímetros. Olhei de relance para minhas sapatilhas de balé cinza e gastas, com um uma mancha preta no dedão direito que eu não me incomodara em polir. Tentei em vão alisar as dobras da camisa. Não encontrei o batom na bolsa, então passei uma nervosa mão no meu cabelo alvoroçado pelo vento. Eu me arrependi de ter

me sentado no deque do lado de fora da balsa no retorno a Seattle; a brisa salgada tinha destruído meu cabelo, deixando-o uma verdadeira bagunça. Juntei os tufo dispersos em um cacho apertado e o enfiei sob a faixa de elástico que tirei do pulso. Entreguei ao motorista uma nota de dez dólares e desci do táxi.

Aproximei-me do segurança vestido com um casaco impermeável preto.

— Há algum evento acontecendo aqui hoje à noite? — perguntei, espiando pelas portas de vidro enfeitadas com ouro à frente, tentando compreender a cena.

Ele me analisou, desconfiado.

— Sim. Só entra quem tiver convite. — Ele se virou para uma mulher de no máximo vinte e cinco anos, a alguns centímetros dali. Ela segurava uma prancheta. A hostess. — Converse com a Lisa — ele me disse. — Seu nome tem que estar na lista.

— Oi — eu disse a ela. — Sou Claire Aldridge.

Ela examinou a prancheta e depois olhou de volta para mim com um sorrisinho de satisfação.

— Desculpe — respondeu. — Parece que seu nome não está na lista.

Balancei a cabeça.

— Não, não — eu retruquei. — Não estou aqui para o evento. O meu marido está lá dentro.

Ela pareceu em dúvida, como se considerasse a possibilidade de eu estar inventando uma história criativa para conseguir acesso.

— Se o seu nome não está na lista, você não pode entrar.

— Ouça — eu disse —, meu marido é...

E foi então que eu avistei Ethan. A cena estava um pouco borrada através das portas de vidro, mas ele parecia lindo; pelo menos isso estava bem claro. Smokings foram feitos para Ethan. Ele levou uma taça de champanhe aos lábios, depois meneou a cabeça e acenou

para alguém do outro lado da sala. Sabia como se portar em meio a uma multidão. Eu me lembrei do modo como ele costurara entre as mesas na festa de nosso casamento com tanta facilidade e graça, enquanto eu caminhava lentamente atrás dele, toda desengonçada, apavorada com a enxurrada de felicitações e abraços compulsórios. Ansiedade social, dissera minha terapeuta. Muitas pessoas têm isso. Mas Ethan não. Dentro, a sala brilhava, desde o enorme lustre de cristal preso ao teto até o resplendor das joias que enfeitavam os pescoços das mulheres.

Apontei para Ethan. Mas não me sentia como a sra. Ethan Kensington. Em vez disso, sentia-me com treze anos de novo, magricela, vestindo jeans desfiados e uma camiseta Hypercolor, com o nariz comprimido contra a cerca de corrente enferrujada atrás da escola, sozinha, assistindo às meninas populares jogarem basquete. Desta vez eu me manifestei.

— Está vendo? — eu disse. Meu marido está bem ali. Ethan *Kensington*.

Ela olhou para mim com olhos examinadores, como se fosse grande a chance de eu querer apenas aproveitar champanhe de graça e cogumelos recheados e petiscos à vontade.

— Ouça — ela disse —, eu não posso deixar você entrar se não tiver um convite.

Meu coração ficou aliviado quando vi Ethan virar-se na direção da entrada. Ele se aproximaria da porta e eu correria até ele. Eu seguraria seu rosto e diria que estava pronta para pôr um fim nesta guerra. Pronta para tentar outra vez. Ele colocou uma taça vazia de champanhe na bandeja do garçom e pegou outras duas. Sorriu enquanto caminhava na direção do saguão. Acenei para ele. Mas eis que meu coração se partiu quando uma mulher caminhou na direção dele e o beijou no rosto. Ele entregou a ela a segunda taça de champanhe. Eu estava tão perto que consegui ver as bolhas

efervescentes na taça. Levei um segundo até perceber quem era ela, e então a cena me atingiu como uma flecha no coração.

*Cassandra.*

Estremeci ao ver os dois juntos. Eles sorriam. Riam. Ela pôs a mão no braço dele, flertando. Parte de mim queria avançar por aquelas portas e arrancar a mão dela de cima da manga do meu marido. Em vez disso, peguei minha bolsa e tirei o celular de dentro dela. Digitei o número de Ethan e levei o aparelho até o ouvido. Um instante depois, observei-o, através das portas, tirar o telefone do bolso. Ele olhou de relance para a tela, disse algo para Cassandra e deu alguns passos em direção à porta. Eu recuei, preocupada que ele pudesse me ver pelo vidro.

— Claire? — A voz dele soou distante, diferente, embora ele estivesse a poucos metros de mim. — Está tudo bem?

Senti-me entorpecida demais para responder. Pensei em todas as coisas que queria dizer para o homem que eu amava, todas as coisas que tinha ensaiado durante o trajeto de táxi. Mas, quando tive a oportunidade, só consegui olhar fixamente para meus sapatos gastos.

— Claire, você ainda está aí?

— Estou aqui — respondi, com a voz falha. Mordi o lábio.

— Você não parece bem, querida — ele disse. — Ouça, que tal eu ir para casa? Estou em um compromisso de trabalho. Posso sair mais cedo.

Espiei pela janela e vi Cassandra enfiar um aperitivo na boca dele. Ela sorriu para ele e se serviu de outro em uma bandeja próxima.

— Desculpe — ele disse. — Estou comendo com pressa esta noite.

— Certo — respondi, recompondo-me. — Deixa para lá. Eu não queria interromper. Tenho que ir.

Observei Ethan caminhar de volta até o lado de Cassandra. Ela falou, com o rosto animado, e ele riu, antes de se misturarem em

meio à multidão.

— Com licença — a mulher com a prancheta pediu, com uma voz tanto melosa quanto excessivamente irritante. — Nós realmente temos que deixar esta entrada livre para os convidados.

— Sim — retruquei, sem tentar mascarar a derrota em minha voz.  
— Eu já estava de saída.

## *capítulo 13*

### **VERA**

Sentar-me à mesa com Lon foi doloroso. Não por causa da pressão do espartilho apertando minha cintura ou do ardor no olhar dele sobre os meus seios. Não, foi por ver o rosto das pessoas com as quais eu havia trabalhado, o rosto de decepção. Lou, o velho e divertido porteiro, que fora uma figura paterna para mim, desviou o olhar quando entrei de braço dado com Lon. Duas criadas que eu considerava amigas, Jenny e Vivien, lançaram-me olhares frios no saguão antes de se virarem para os candeeiros dos quais estavam tirando o pó. Eu não os culpei por se sentirem traídos. Adornada e apertada em roupas que não me pertenciam, eu representava o que todos nós detestávamos na classe alta. Mas eu não poderia me preocupar com isso agora. Senti um nó na garganta e fechei os olhos, o suficiente para enxergar o rosto de Daniel, suas delicadas bochechas, os cachos loiros e sedosos pendurados sobre os olhos azuis. Ele sempre ficava ali, no canto escuro da minha mente.

— Por que esse olhar triste, boneca? — Lon perguntou antes de abrir uma perna de caranguejo com os dentes. Uma gota de manteiga escorreu de seu queixo. — Por que você não come? — perguntou, apontando para a mesa.

As lágrimas estavam vindo. Eu não podia mais contê-las.

— Lamento muitíssimo, senhor..., digo, Lon — respondi. — É o meu filho. Sinto tanto a falta dele.

— Ora, ora — ele disse. — Tenho certeza de que ele está bem.

*Está bem?* Afundei as unhas no estofamento da cadeira. *Como as pessoas podem ser tão indiferentes a um menino perdido? Uma criança de três anos está desaparecida, e ninguém se importa.*

Apertei o rosto nas mãos, sentindo a mão quente e úmida de Lon no meu ombro no instante seguinte.

— Vou fazer algumas ligações de manhã — ele disse, tentando me consolar.

— De manhã? — lamentei, olhando para ele. — Perdoe-me, mas você não poderia ligar hoje esta noite?

Lon balançou a cabeça.

— Todos os escritórios estão fechados, querida — respondeu. — Amanhã.

Acenei com a cabeça.

— Agora — ele disse — vamos subir. Você poderá relaxar lá em cima.

Eu me levantei de forma hesitante, tocando de leve um guardanapo claro no rosto para esconder uma lágrima nova. Lon estendeu a mão para mim, e eu a peguei, relutante. Sua mão apertava a minha de forma sufocante enquanto ele me levava do restaurante até o saguão. Então, vi o elevador à frente. Os empregados não tinham permissão para usar o elevador dos hóspedes, com sua moldura ornada e as maçanetas de metal lustrosas. Mas eu já havia entrado nele antes, na primeira vez que fora hóspede do hotel. Com Charles. Tinha acabado numa cama macia. A cama onde Daniel fora concebido.

*Quatro Anos Antes*

Charles veio me buscar às sete. Uma semana havia se passado desde sua saída às pressas da pista de dança, acompanhado da irritadiça irmã. Eu havia pensando nele todos os dias depois daquele acontecimento, principalmente durante a noite, após meu turno no restaurante, quando o apartamento ficava silencioso. Naquela noite, deslizei até o banco da frente do Buick. O cheiro era refinado — couro; tabaco bom, de aroma doce; e colônia.

— Olá — ele disse, abrindo um sorriso. Meu coração acelerou no instante em que nossos olhos se encontraram. — Senti sua falta — contou, enfiando um tufo solto de cabelo atrás da minha orelha. Os dedos dele provocaram um arrepio em todo o meu pescoço. Um *bom* arrepio.

— Também senti sua falta — eu disse. — Como está sua mãe?

— Muito melhor — respondeu. — Pneumonia. O médico conseguiu tratá-la a tempo. — Ele inclinou a cabeça para a direita, olhando mais fundo em meus olhos. — Estava me sentindo péssimo por tê-la deixado no salão de dança como fiz.

— Não pense nisso — pedi. — A sua família precisava de você. Ele deu de ombros.

— Bem, minha irmã poderia ter sido um pouco mais simpática. Mas não se sinta ofendida. A Josie é assim mesmo. Ela desaprova qualquer garota com quem eu saia.

— Oh — respondi, olhando para o meu colo.

Charles aproximou-se alguns centímetros de mim.

— Acho que me expressei mal — explicou. — Eu não quis dizer que ela desaprova *você*, Claire. Ela é apenas, bem...

— Esnobe?

Ele sorriu alegremente.

— Bem, sim.

— Não se preocupe — eu disse.

Ele pisou no acelerador e virou o carro na rua. Ninguém que eu conhecia tinha um carro. Eu gostava do som do motor e do jazz que tocava no rádio.

— Por que não vamos até o Cabaña Club? Poderíamos jantar lá e tentar a sorte na dança outra vez.

— Eu adoraria — respondi, pressionando meu rosto contra o ombro dele.

Seattle parecia gloriosa de dentro do Buick dele, com seu para-brisa atuando como óculos coloridos, desfocando o mundo exterior e transformando-o em um local adorável. Do meu confortável assento, eu não via os tenebrosos prédios residenciais onde dezenas de famílias que eu conhecia se alimentavam de pão velho, nem notava os becos com lixo esparramado onde crianças brincavam com pedrinhas, desacompanhadas, enquanto suas mães, como a minha fizera, trabalhavam até tarde da noite nos lares da elite. Em vez disso, permiti-me sonhar com o que seria viver no mundo de Charles, um lugar onde a vida era dada a você, prensada e polida, em uma bandeja.

Charles parou no acostamento da rua, inclinando-se sobre meu assento para olhar pela janela. Eu não me importei com seu corpo pairando tão próximo do meu.

Uma placa de "Fechado" estava pendurada na porta do salão.

— Droga — ele disse. — Bem, que tal seguirmos para o hotel, então? A noite está linda. Podemos jantar na sacada da suíte dos meus pais.

— A *suíte* dos seus pais?

— Sim — respondeu. — Eles passam boa parte do tempo nela. Meu pai a usa algumas noites da semana quando trabalha até tarde e precisa de silêncio. Ou quando ele discute com minha mãe, o que hoje em dia acontece com mais frequência.

— Bem, acho que sim — eu disse, timidamente.

Charles dirigiu até a entrada do hotel, que ficava a algumas quadras, no final da rua, e entrou pelo acesso circular, num movimento tão liso quanto seda. Entregou a chave a um funcionário e acenou com a cabeça para o porteiro. Andamos diretamente até o elevador, onde Charles apertou o botão número dezessete.

Engoli seco.

— Primeira vez em um elevador?

— Sim — admiti, com uma sensação de aperto no estômago enquanto éramos lançados para cima.

— Não tenha medo — ele disse, puxando-me na direção dele com as duas mãos na minha cintura.

Ergui o olhar para os olhos dele.

— E o que acontece se ele... cair?

— Não vai cair — garantiu, apertando-me com mais força ainda. — Eu prometo.

Quando o elevador sacudiu e parou, as portas se abriram e um homem de terno branco aguardava do lado de fora.

— Boa noite, senhor — ele disse para Charles, antes de tirar o quepe para mim. — A suíte está pronta para seu uso. Preferem jantar dentro ou fora esta noite?

Charles virou-se para mim.

— Tudo bem se jantarmos na sacada?

Acenei com a cabeça, tão envolvida na grandeza do momento que me esqueci da minha voz.

O mordomo enfiou a chave na fechadura e segurou a porta aberta para entrarmos. Segui Charles para dentro do quarto e fiquei boquiaberta com o que vi. Sofás acolchoados com seda, tapetes orientais, cortinas feitas de veludo na cor de rubi — o lugar parecia um palácio, ou pelo menos eu sempre imaginara que um palácio seria daquela forma.

Charles tirou o paletó e o jogou com indiferença em um sofá à nossa direita. Ele caminhou até o bar que ficava ao lado da janela e ligou o rádio, deixando os sons reconfortantes do jazz penetrarem pelo ar, antes de apanhar dois copos de martíni do armário. Eu observei enquanto ele pegava dois decantadores de vidro ornados, despejando o líquido em uma coqueteleira prateada e brilhante. A seguir ele colocou gelo no fundo, fechou a tampa e chacoalhou o recipiente com mão de especialista.

Quando ele me entregou um dos copos, fiquei admirada com a fina camada de gelo no topo. Tomei o cuidado de manter a mão firme, senão correria o risco de derramar o drinque sobre meu vestido. Vi minha imagem de relance no reflexo da janela, enquanto levava a bebida até os lábios. Chique. Como se eu pertencesse àquele ambiente. Engoli o líquido frio como gelo, tão forte que um ataque de tosse veio em seguida.

— Desculpe — eu disse, colocando o copo na mesa ao lado. — Acho que não estava esperando que fosse tão forte. — Eu me repreendi pelo comentário ingênuo.

— O primeiro gole é sempre o mais difícil — Charles comentou, levando uma azeitona verde à boca. — Depois dele, o líquido desce como água.

Peguei o copo novamente, e após o segundo gole, e o terceiro, a bebida tinha perdido o ardor, assim como ele prometera. Meu rosto estava quente e minha cabeça, leve. Quando terminei de beber, ele encheu meu copo. Fiquei diante da janela olhando fixamente para Seattle, animada, efervescente. As cerejeiras da primavera na rua abaixo tinham acabado de florescer e, do décimo sétimo andar, pareciam animadas nuvens de rosa que guarneciam as ruas. A cidade estava cheia de promessas, e essa era exatamente a sensação que eu tinha naquele instante. Senti a barba rala do queixo

de Charles no meu pescoço quando ele repousou a cabeça sobre meu ombro para compartilhar a vista comigo.

— Está lindo lá fora, não está? — ele sussurrou no meu ouvido.

— Sim — respondi.

A lua crescente pairava baixa no céu, como um quadro pendurado apenas para nós dois.

— Para onde você gostaria de ir — ele disse — neste momento, se pudesse estar em qualquer lugar do mundo?

Pensei por um instante. Caroline e eu tínhamos conversado bastante sobre Paris. E Nova York. Mas, naquele momento, eu não queria estar em lugar nenhum a não ser onde estava.

— Bem aqui — sussurrei, virando-me para Charles.

— Eu também — disse ele, passando as mãos no meu rosto com ternura.

Quando ele se aproximou mais de mim, o mordomo limpou a garganta.

— Desculpe interrompê-los, mas o jantar está pronto, senhor. Ainda querem que seja na sacada?

— Sim — Charles respondeu, entrelaçando os dedos nos meus. Ele me mostrou a sacada, onde uma mesa, duas cadeiras e meia dúzia de vasos de pedra com plantas fluorescentes e tratadas com muito cuidado nos aguardavam. Como um mágico, o mordomo trouxe dois pratos em um carrinho atrás de nós. Afundei meu garfo em um pedaço de peixe tenro, a carne amanteigada desmoronando. Um pedaço de pão quente que soltava fumaça foi acompanhado de um gole de vinho tinto. Pisquei os olhos, incapaz de compreender as palavras francesas no rótulo, apenas a data: 1916. Naquela época eu era uma menininha mirrada, que ficava correndo atrás do meu irmão e da minha irmã mais novos pelas ruas empoeiradas ao redor do prédio caindo aos pedaços que chamávamos de casa. E pensar que este vinho fora envasado naquele exato instante.

— Eu não me esqueci da mulher que mora no seu prédio — ele disse.

Meu coração inflou-se.

— Não se esqueceu?

— Não — ele respondeu, tirando um envelope do bolso. —

Conversei com meu pai. Ele é dono de um novo empreendimento imobiliário em West Seattle. Todos lá têm quintais, móveis novos. Acho que seria o lugar perfeito para ela e os filhos.

— Ai, Charles! — eu gritei. — O seu pai concordou?

Ele balançou a cabeça.

— Não, ele recusou. Ele não acredita em esmolas.

— Ah — eu disse, confusa.

— Eu mesmo estou tomando conta disso — ele continuou. — Não preciso da permissão do meu pai para fazer um ato de caridade. Tenho meus próprios recursos. Ela pode se mudar para o novo lar na semana que vem, se quiser.

Balancei a cabeça, incrédula.

— É tão generoso.

Ele me entregou o envelope. Ergui a aba e espiei dentro para ver um bolo de notas.

— Charles! — Eu mal podia esperar para dar o dinheiro a Ginger. Tinha passado por ela na escada na outra noite, e ela parecera tão cansada, tão abatida que eu ficara preocupada com a possibilidade de desmaiar ali mesmo.

— Depois que você me contou sobre aquela pobre mulher, eu não consegui tirar as suas palavras da cabeça. Estive pensando, Vera... juntos, nós poderíamos fazer muitas ações boas para as pessoas.

Fiquei radiante e não pude evitar balançar o corpo quando o rádio tocou uma canção lenta e melódica.

— Dance comigo — Charles pediu, levantando-se e pegando em minhas mãos.

Ele ajudou a me levantar. Pressionei o rosto no peito dele, e nós nos mexemos no ritmo da música.

— Eu gostaria de passar todos os dias assim, com você — ele disse. — Para sempre.

Meus lábios encontraram os dele e uma força parecida com a da eletricidade percorreu todo o meu corpo. Ele me ergueu nos braços e me carregou até o quarto, deitando-me sobre um acolchoado tão macio e envolvente quanto creme chantilly. Eu afundei nele desejosamente, e não reclamei quando Charles aconchegou o corpo ao lado do meu. Ele me encheu de beijos. Fechei os olhos, tentando memorizar a sensação de ser amada. Verdadeiramente amada.

Lá em cima, na suíte de Lon, andei até a janela, olhando para a rua abaixo. Deveria haver também barras presas ao vidro. Eu me sentia enjaulada, presa. Ele pairou atrás de mim, com a respiração rápida e quente no meu pescoço.

— Sinto tanta falta do meu filho — lamentei.

— Ora, ora — Lon disse, virando-me para encará-lo. — Amanhã encontraremos o seu filho. Esta noite encontraremos... — ele parou, abrindo um botão no meu vestido — um ao outro.

O toque dele me deu repulsa, mas não afastei sua mão. Com sua riqueza, poderíamos encher a cidade de cartazes, as ruas de folhetos, contratar uma equipe de busca.

— Promete que vai ajudar a encontrar o Daniel? — Explorei os olhos dele. — Você é a minha única esperança.

— Você tem a minha palavra — ele disse, passando um dedo confiante ao longo da minha cinta.

Lon desligou a luz, e eu preendi a respiração enquanto ele me puxava para a cama.

## *capítulo* 14

### CLAIRE

**E**u me sentei no táxi por um momento, olhando fixamente para o hotel, mentalizando o instante em que Ethan tinha escapulado de mim.

O taxista não compartilhou minhas emoções.

— Para onde, senhorita? — ele vociferou, batendo com os dedos no painel, impaciente. — Eu não tenho a noite toda.

Eu não tinha vontade de voltar para casa, não após aquela noite.

— Para o Café Lavanto — pedi.

O lugar estava escuro quando eu cheguei, mas fiquei contente em encontrá-lo com a porta aberta. Uma universitária de cabelo loiro e curto balançou a cabeça atrás do balcão.

— Desculpe — ela disse. — Estamos fechados. Devo ter me esquecido de trancar a porta.

— Ah, eu...

— Está tudo bem, Brittany — Dominic falou, surgindo de uma sala dos fundos com uma pilha de papéis na mão. Ele se virou para mim. — Que bom te ver, Claire. Quer tomar algo?

Brittany, limpando a varinha do vapor da máquina de espresso com uma toalha úmida, parecia visivelmente incomodada com minha presença. Eu balancei a cabeça.

— Não — respondi. — Eu só... — Olhei fixamente para o chão. —  
Você tem um minuto para conversar?

Ele acenou com a cabeça, deixando os papéis em uma mesa próxima.

— Sou todo ouvidos.

Nós nos sentamos em duas cadeiras estofadas ao lado das janelas, contemplando a rua. Um casal passou com um pug, de mãos dadas sobre a guia do cão. Brittany parou na porta antes de sair.

— Até amanhã — ela disse.

Dominic acenou para ela e depois se virou na minha direção.

— O que há de errado?

Eu suspirei.

— Você passou por uma separação difícil, certo?

— E como — ele respondeu.

— Quando você soube que o relacionamento tinha... — eu hesitei — acabado?

— As coisas ficaram estremecidas por um bom tempo — ele contou. — Paramos de rir juntos. Ela ficava trabalhando até tarde e não me telefonava. Comecei a passar mais tempo com meus amigos. Virou uma bola de neve. E então teve o fato de ela ter ficado... como posso dizer? Louca.

Retribuí o sorriso dele, mas a expressão se desfez rapidamente. Não havia nada de engraçado no que eu estava prestes a dizer.

— Temo que meu casamento tenha chegado ao fim.

— Claire, lamento muito.

Apertei as mãos juntas e olhei fixamente para a frente. Meu coração doía, e eu não conseguia pensar em uma maneira de abrandar a dor.

— É a traição que eu não consigo superar.

— Eu sei — ele disse. — Eu já estive na sua situação. Dói muito. Eu gostaria de poder dizer algo que a fizesse se sentir melhor.

— Bem, estar aqui comigo já me ajuda — respondi. — Este lugar é um conforto para mim.

Dominic coçou a testa como se estivesse evocando uma memória incômoda. Ele olhou para o relógio.

— Ei, sabe do que você precisa?

Eu dei de ombros.

— Do quê?

— De uma cerveja — disse. — Vou te levar até o Kells. Meu amigo tem uma banda que vai tocar lá hoje à noite. Eles fazem covers de músicas do U2. Você vai adorar. E pode beber e cantar à vontade, e depois eu te levo pra casa e garanto que vai chegar em segurança.

— Eu não sei — respondi, apreensiva.

— Vamos — disse ele. — Não há nada que uma Guinness não possa consertar.

— Bem — falei, abrindo um sorriso. — Eu realmente gosto do U2. Dominic sorriu com satisfação.

— Que bom. Vou buscar o outro capacete.

Esperei no bar, olhando de relance a papelada que Dominic tinha deixado sobre a mesa à minha direita. A bagunça de papéis me fez lembrar do escritório de Ethan. Eu estava sempre arrumando tudo. As pastas eram o calcanhar de Aquiles dele. De repente, senti uma dor no coração enquanto recolhia os papéis, deixando-os num monte organizado.

— Oh — Dominic disse, nervoso, deixando o capacete de motocicleta extra na mesa e voando na minha direção para recolher as páginas das minhas mãos. — Pode deixar comigo. Desculpe, deixei um pouco bagunçado aqui.

Um momento embaraçoso se fez entre nós enquanto Dominic organizava os papéis em uma gaveta debaixo do bar. Ele sorriu, suprimindo qualquer tensão prolongada, e me entregou o capacete.

— Pronta?

— Sim — eu disse, seguindo-o até a rua onde sua motocicleta estava estacionada.

Dominic indicou uma trilha em meio à multidão de universitários suados que bebiam cerveja no Kells. Na mesma hora eu me arrependi de ter ido, mas então o inconfundível som do U2 veio do palco. Eu esperava ver o próprio Bono segurando o microfone, mas não me importei pelo fato de um rapaz careca e barrigudo estar no lugar dele. Dominic me passou uma cerveja, algo marrom-claro e espumoso, e eu dei um gole, e em seguida outro. Encostamo-nos juntos em uma parte livre do bar. Quando surgiu um lugar na pista de dança, Dominic pegou na minha mão.

— Quer dançar?

Eu já tinha terminado a segunda cerveja, então respondi que sim sem pensar muito. Quando a banda começou a tocar *With or Without You*, pressionei minha exausta cabeça no peito de Dominic. Sentia imensamente a falta do meu marido, mas gostei do jeito como Dominic me segurou, com tanta segurança. Quando a música terminou e a banda começou a tocar os riffs de abertura de *One*, eu não me opus quando as mãos dele escorregaram até a minha cintura.

— Claire?

Ouvi meu nome, sim. Uma voz feminina, familiar. Mas de quem? Olhei por sobre o ombro de Dominic, depois senti um tapinha nas costas. Virei-me e fiquei de boca aberta. Meu Deus. Leslie, a irmã de Ethan. Nós discutíamos bastante desde o dia em que nos conhecêramos, mas agora eu era capaz de enxergar o conflito elevando-se às proporções de uma Terceira Guerra Mundial.

Ela ficou olhando para Dominic por bastante tempo, depois olhou para mim, desconfiada.

— O que você está fazendo aqui, Claire?

— Oh, oi, Leslie — eu disse, fingindo serenidade. — Este é meu amigo Dominic.

— Amigo?

— Leslie — respondi —, eu não sei o que você está insinuando, mas não te devo nenhuma explicação.

— Vou falar com o Ethan — retrucou ela, pegando o celular.

— Sim, faça isso — eu disse. — Ele não vai se incomodar em atender. Está no Olympic Hotel com a Cassandra.

Agora foi a vez de ela ficar boquiaberta.

— Boa noite, Leslie — encerrei, agarrando Dominic pelo braço.

— Desculpe — ele disse. — Eu não queria causar nenhum problema.

Eu suspirei.

— Se ele pode tomar champanhe com a ex, eu posso tomar cerveja com você. — Acenei para o atendente do bar. — Outra rodada, por favor.

Eu não me lembro de como cheguei à casa de Abby, ou de ter subido os degraus até o apartamento dela. Mais tarde, descobri que Dominic tinha encontrado o número dela no meu telefone e ligado pedindo o endereço. Quando acordei, parecia que tinha sido atingida na cabeça por um machado.

— Onde estou? — resmunguei.

Abby me deu uma xícara de café. Espirais de vapor subiram da caneca verde. Eu as observei desaparecerem no ar.

— Eu não tomo café — disse, ingrata.

— Mas hoje vai tomar. — ela respondeu.

Dei um gole.

— O que aconteceu ontem à noite?

— Alguém se divertiu um pouco *demais* — ela disse.

— Caramba — gemi. — Será que vou querer saber sobre isso?

De repente me lembrei do Kells, do abraço aconchegante de Dominic, de Leslie. Cobri o rosto.

— Não foi nada bonito, Abs.

— Não, não foi — concordou.

— Eu o beijei?

— Eu acho que não — ela disse. — Ele é um cara decente. Não acho que ele teria deixado você beijá-lo, mesmo que ele quisesse te beijar.

Acenei com a cabeça.

— Ele carregou você por seis lances de escadas — contou. — Você estava cantando durante todo o trajeto.

— Não.

— Sim — ela disse. — E você acordou a louca do apartamento do quarto andar.

Afundi com força o rosto nas mãos, depois olhei para meu relógio e, de repente, fiquei em pânico.

— Não se preocupe — ela disse. — Hoje é sábado.

— Não estou preocupada com o trabalho — respondi. — É com a Eva.

— Eva?

Tateei à procura de minha bolsa e fiquei contente por encontrá-la próxima de mim, do lado do sofá.

— Ela conhecia o Daniel Ray. Vou encontrá-la hoje. — Tirei minha agenda da bolsa e a abri. — Que bom. Tenho uma hora.

— Vá tomar uma ducha — sugeriu Abby. — As toalhas estão no armário. Pode usar o que você precisar.

Dei outro gole longo no café. Ethan ficaria orgulhoso, mas eu não estava bebendo por ele.

— Obrigada, Abs. Você é a melhor amiga deste mundo.

— Eu sei — ela respondeu, dobrando o cobertor que havia espalhado por cima de mim na noite anterior. — Mas eu gostaria de

ressaltar que você babou nos meus travesseiros da Pottery Barn.

— Vou comprar travesseiros novos para você.

— Besteira — ela disse. — O que é uma amizade sem um pouquinho de baba?

Dei um sorriso de gratidão que não tinha nada a ver com os travesseiros.

— Eu te amo.

Ela me tocou para o banheiro.

— Vá escovar os dentes.

A banca no Pike Place Market estava cheia de flores frescas. Um balde de hortênsias recém-cortadas, azul-anil, chamou minha atenção, mas nem mesmo a beleza das pétalas conseguia arrancar um sorriso meu. Eu só conseguia pensar em Ethan e Cassandra, e em como estávamos enroscados em uma confusão colossal. Puxei da bolsa um frasco de Advil e peguei dois comprimidos, fazendo-os descer com um grande gole da garrafa de água que Abby tinha me dado. Enfiei o frasco de volta na bolsa e senti o celular vibrando, notificando-me de uma ligação perdida. Apertei o botão e vi que era Ethan. Então ele tinha falado com Leslie. Ou então ele queria pedir desculpas pela noite passada. De um jeito ou de outro, eu não queria falar com ele. Eu não tinha nada a dizer.

Verifiquei o endereço na agenda, caminhando ao longo de uma calçada até chegar à entrada do prédio de Eva. Dentro do saguão, havia um arranjo de flores de seda desbotadas pelo sol sobre uma mesa redonda; as pétalas estavam cheias de pó. O papel de parede estava com bolhas e descascado nas beiradas, e o cheiro de vegetais fervidos flutuava pelo ar. Peguei o elevador até o décimo primeiro andar, parando no apartamento 1.105 e batendo de leve na porta.

Instantes depois, a maçaneta virou e uma senhora apareceu. Seu cabelo branco estava preso em um coque, revelando um rosto fino e

simpáticos olhos castanhos. Ela sorriu.

— Você deve ser a Claire.

— Sim — respondi, estendendo a mão. Engraçado, eu sabia que ela era idosa, e ainda assim tinha imaginado uma menininha com tranças. — Muito obrigada pelo convite.

— Entre — ela disse, gesticulando dentro do apartamento. Eu me sentei em uma cadeira azul perto da janela, empurrando de lado um pequeno travesseiro bordado para acomodar minha bolsa. Modesto, mas organizado, o espaço cheirava a limão e talco. Isso me fez lembrar do pequeno condomínio onde morava minha avó em San Diego. Eu sentia falta dela.

— Posso preparar um chá para você, querida?

— Não, obrigada — respondi. — Estou bem.

Ela se sentou em uma cadeira ao meu lado, cruzando as mãos sobre o colo.

— Então — disse —, como posso ajudá-la?

— Bem — comecei, pegando meu caderno e uma caneta da bolsa. — Como mencionei pelo telefone, estou escrevendo uma matéria sobre um menininho que desapareceu no dia da tempestade de neve em maio de 1933. Acredito que vocês dois se conheciam.

— Sim — Eva afirmou, com os olhos cobertos de lembranças. — Sim, nós nos conhecíamos. — Ela fechou os olhos brevemente e os abriu outra vez. — Daniel era o filho da melhor amiga de minha mãe, Vera Ray. Nós éramos como irmãos.

— Então vocês moraram juntos?

— Bem, por um curto período de tempo, quando éramos bebês. Nossas mães eram solteiras. Meu pai morreu antes de eu nascer, e o do Daniel, bem, ele não era presente. Mas a Vera e o Daniel se mudaram para um apartamento logo após ela conseguir um emprego no Olympic.

Pensei na cena de ontem à noite e me encolhi de medo.

— O hotel?

— Sim — ela respondeu. — A Vera era criada lá.

— E a sua mãe também era?

— Não — disse. — Minha mãe trabalhava em uma fábrica no distrito industrial.

Virei a página do caderno.

— Certo, e o que a senhora se lembra do desaparecimento dele?

Ela respirou fundo e fixou o olhar fora da janela, onde a placa de letras vermelhas do Pike Place Market ocupava posição de destaque e uma balsa flutuava lentamente pela baía. Para uma casa de repouso de baixa renda, a vista era extraordinária.

— Minhas lembranças sumiram um pouco — ela contou, esfregando a mão direita. — Mas eu me lembro da tia Vera. Eu a chamava de titia. Eu me lembro de quando ela veio ficar conosco, logo após o Daniel desaparecer. A Vera sempre foi uma mulher muito sorridente, mas mudou depois do que aconteceu. Eu me lembro de vê-la soluçando no corredor. O corpo dela tremia de dor. Eu não compreendia isso na época, é claro. Mas agora entendo. — Ela apontou para uma foto de três crianças, afixada à parede. A iluminação e os vestidos mostravam que era da década de 1960. — O menino — ela disse. — O mais velho. Ele morreu em um acidente de carro há vinte anos. Uma colisão de frente. Um motorista bêbado estava na contramão em uma rampa de acesso. Pensei na Vera muitas vezes como uma mãe jovem, é claro. A ideia de perder um bebê era terrível. Mas, quando a polícia rodoviária me ligou para contar sobre a morte de Eddie, senti tanta proximidade com Vera. Eu finalmente entendi o que ela havia passado.

— Lamento muito — eu disse.

Ela acenou com a cabeça.

— Eu já tive muitos anos para me conformar com isso. Mas ainda sofro.

— A senhora acredita que o Daniel foi...? — Não consegui verbalizar o pensamento.

— Morto?

Assenti com a cabeça.

Eva jogou as mãos para o alto.

— Eu não sei, querida. Já pensei muito sobre isso ao longo dos anos. Minha mãe e eu sempre quisemos acreditar que ele se perdeu. Que alguma família bondosa o acolheu. Mas as chances de isso ter acontecido são pequenas. Minha mãe sabia disso. Mas Vera não. Ela se recusava a acreditar no pior. Teve esperanças até o fim.

— O fim?

Eva franziu a testa.

— Minha mãe me poupou dos detalhes, é claro — ela contou. — Eu era apenas uma menininha, muito nova para compreender. Mas, no final das contas, ouvi a história toda.

— O que aconteceu?

— O corpo dela foi encontrado boiando no Lago Washington — respondeu.

Fiquei perplexa.

Eva balançou a cabeça, pesarosamente.

— Quando a encontraram, sua pele estava tão inchada, tão encharcada, que o médico-legista não conseguiu chegar a uma conclusão.

Eu cobri a boca.

— Meu Deus.

— A polícia considerou o caso como suicídio — ela continuou —, mas ninguém que a conhecia acreditou nisso. Ela nunca deixaria esta terra por vontade própria sem saber se o filho estava seguro. — Ela parou, observando minha aliança de compromisso. — Quando você for mãe, querida, vai entender.

*Mas eu entendo.* Engoli em seco e olhei fixamente para meu caderno de anotações, espantando minha emoção.

— Então a senhora acha que alguém a matou, certo?

— Eu tenho minhas suspeitas — ela respondeu. — Mas ninguém realmente sabe a verdade. Naquele tempo não tínhamos uma justiça como temos agora. Se a filha de uma família importante fosse encontrada boiando no lago, pode apostar que uma investigação seria feita. Mas para Vera Ray, filha de um pescador? O fato triste é que ninguém realmente se importou. É por isso que a polícia mal se preocupou quando Daniel desapareceu. Por que gastariam recursos com os pobres? Esse era o pensamento notório da época.

— Tão triste — eu disse, balançando a cabeça. — Então não houve nem mesmo uma investigação?

— Eles interrogaram um homem a respeito do crime — ela disse. — Um construtor, creio. Pegaram-no após receberem uma pista de alguém. Mas o suspeito morreu na prisão. Ataque cardíaco. O caso foi deixado de lado depois disso. Minha mãe ficou arrasada. Ela sempre acreditou que encontraria a justiça para sua amiga.

Pensei em minha visita aos arquivos da polícia, que não tinha dado em nada.

— A senhora sabe se eles têm as transcrições?

— Pensei a mesma coisa na época — ela disse. — Tentei encontrá-las nos anos 1950, mas me disseram que todos os registros daquele ano em diante haviam sido destruídos em um incêndio.

O apito da chaleira soou.

— Tem certeza de que não quer uma xícara de chá?

— Bem — respondi —, eu aceito.

Eva retornou com duas xícaras. Ela me deu uma, e eu a segurei perto da boca, deixando o vapor esquentar meu rosto. Tomei um gole e pus a xícara em uma mesinha de centro próxima.

— A senhora sabe alguma coisa sobre o pai de Daniel?

Eva suspirou.

— Só sei que ele era muito rico — ela disse. — Vera era orgulhosa. Os dois não combinavam.

— Eles nunca se casaram?

— Não. Mas ela sempre usava um bracelete que ele lhe deu. Aquilo me fazia pensar que ela ainda o amava.

Pensei no meu bracelete escondido sob a manga da camisa. Presente de Ethan. *Será que eu o tiraria? Será que tiraria minha aliança?*

— Foi uma época complicada para minha mãe — Eva continuou. — Perder a melhor amiga de forma tão trágica a afetou.

— Terrível — eu disse. Então, tirei um envelope da bolsa e o entreguei a Eva. — Algumas coisas que encontrei.

Ela ergueu a aba do envelope e o abriu, colocando o conteúdo no colo. Ergueu a foto contra a luz.

— Esta é Vera, sim — disse. — Ela era tão linda.

Acenei com a cabeça.

— E o homem? É o pai de Daniel?

— Sim — ela respondeu. — Pelo menos, acho que é. Eu não o conheci, é claro. Mas olhe. — Apontou para a foto. — Ele tem o queixo de Daniel.

Mostrei a foto do menino que o *Seattle Post-Intelligencer* publicara e a ergui ao lado da foto dos pais dele.

— A senhora tem razão — concordei. — Consigo enxergar uma semelhança. — Daniel tinha o rosto em formato de coração, e o queixo dele revelava uma minúscula covinha, quase idêntica à do homem na fotografia.

— Ah, sim — Eva disse, com um suspiro. — Daniel teria sido um belo homem, igualzinho ao pai.

— A senhora sabe qual é o sobrenome de Charles? — perguntei, virando a foto e relendo a inscrição: "Vera e Charles".

Eva balançou a cabeça.

— Minha mãe não falava dele. Eu nunca soube.

— Obrigada — eu disse, fechando meu caderno de anotações. — Já tomei muito de seu tempo.

— Espere — Eva disse, erguendo o desenho que havia feito quando menina, admirando-se com a frágil página amarelada. — Mais uma coisa.

— O quê?

Ela segurou o desenho para eu ver e apontou para a figura desenhada atrás das crianças.

— Havia uma mulher — afirmou.

— Onde?

— A imagem está um pouco borrada — ela disse. — Talvez não seja nada.

— Continue tentando. Pode ser uma lembrança importante.

— Bem — ela começou, apoiando a mão na enrugada bochecha como se estivesse se esforçando para se lembrar de algo. — Daniel e eu costumávamos brincar em um parque próximo da Sexta Avenida. Nós ficávamos lá esperando nossas mães saírem do serviço. Às vezes uma mulher estranha ia até lá e ficava nos observando. Ela parecia deslocada ali, com seus elegantes vestidos e chapéus, na parte mais pobre da cidade. Era bem simpática, conversava principalmente com Daniel, mas eu não gostava dela. Mamãe me ensinou a não conversar com estranhos, e havia algo nela que me assustava.

— Quem a senhora acha que era?

— Eu não sei bem — Eva disse. — Na verdade, a mulher devia estar com pena de nós. Não sei. Mas eu nunca apaguei isso da memória, mesmo após todos esses anos, nem me esqueci do chapéu dela.

— O chapéu dela?

Eva apontou para a cabeça do desenho de palitos.

— Eram penas, eu acho — disse. — Eu devia estar desenhando as penas no chapéu dela.

Terminei de escrever a frase dela, depois desenhei um grande ponto de interrogação na página. *Como vou fazer para ir atrás disso?*

Os olhos de Eva pareciam cansados, então me levantei e juntei minhas coisas.

— MUITÍSSIMO obrigada por compartilhar suas lembranças comigo.

— A seu dispor, querida — respondeu ela. — Espero que você consiga resolver esse mistério. Pelas mães de todos os lugares. — Ela hesitou e inclinou a cabeça para a direita. — Eu supus que você não tivesse filhos. Você também é mãe, querida?

Era a primeira vez que eu ouvia a pergunta desde o acidente. Mordi o lábio. Sem pensar, falei com o coração aberto.

— Sim — eu disse. — Eu sou.

Eu raramente trabalhava nos fins de semana, mas segui até o escritório no sábado, ansiosa para ter um tempo ininterrupto para escrever. Uma placa na porta de Ethan dizia OCUPADO. Verifiquei meu celular e vi que ele tinha tentado me ligar outra vez. Atirei o aparelho de volta na bolsa e liguei meu *laptop*, puxando o documento que havia começado na balsa no dia anterior. Parecia mais fácil me perder na história de Daniel e Vera do que resolver a minha própria.

Inclinei-me na cadeira. *Quem era a mulher no parque da qual Eva falou? E o construtor?* Eu me lembrei do nome que tinha escrito no caderno de anotações no Café Lavanto na semana anterior e folheei as páginas até encontrá-lo: Ivanoff. Pesquisei o nome nos jornais on-line, e duas entradas apareceram, ambas do *Seattle Herald*.

Cliquei na primeira manchete, que apareceu como parte de um registro policial: homem preso por acusação de violência doméstica.

Sven Ivanoff, construtor, foi apreendido e levado para a prisão sob a acusação de ferir a esposa, Arianna Ivanoff, que teve lesões na cabeça e no pescoço.

*Então ele tinha um traço violento, esse construtor.* Cliquei na manchete seguinte. Suspeita de injustiça no caso Ivanoff. Senti um calafrio. "A polícia acusou Sven Ivanoff do assassinato de uma mulher cujo corpo foi encontrado boiando no Lago Washington na semana passada. Ivanoff, construtor, foi a última pessoa a ser vista com a mulher, que, acredita-se, atuava como prostituta.

*Uma prostituta?* Eu estremei. Se essa era, de fato, Vera, a vida dela tinha tomado uma guinada infeliz. Balancei a cabeça, incrédula. *Tem que haver mais fatos nesta história.* Eu me lembrei da sugestão de Bee, a tia de Emily, de falar com Lillian, a amiga dela. Talvez ela tivesse informações essenciais. Pesquisei o nome e, quando um número surgiu, liguei. Um homem de voz grave atendeu imediatamente.

— Alô?

— Oh, devo ter discado o número errado — eu disse. — Estou tentando encontrar uma pessoa chamada Lillian Sharpe.

— Sim — ele disse. — Minha esposa. Ela está aqui. Quem gostaria de falar com ela?

— Meu nome é Claire Aldridge, do *Seattle Herald*.

— Alô, é a Lillian.

— Senhora Sharpe — eu disse.

— Sim — ela respondeu.

— Odeio ter que incomodá-la, mas estou trabalhando em uma matéria sobre um menino que desapareceu em 1933. Durante a

tempestade.

— Sim — ela disse.

— A senhora se lembra?

— Bem, não, não do menino do qual você fala, mas da tempestade, sim. Todos se lembram dela. Quase fechou a cidade. E bem antes do verão. Assim como a tempestade que tivemos esta semana. Uma coincidência tão curiosa.

— Eu sei — respondi.

— Como posso ajudá-la, senhora Aldridge?

— Eu estava agora há pouco conversando com uma antiga amiga sua, Bee Larson — contei.

— Bee! Como ela está?

— Não muito bem. Ela está de cama. Problemas do coração.

— Deus a abençoe — ela disse. — Vou ter que fazer uma visita a ela. Ela ainda vive na ilha?

— Sim — respondi. — Eu estava visitando a sobrinha dela ontem. Bee me contou que o seu pai era um advogado importante na década de 1930.

— De fato ele era — confirmou. — Ele assumiu alguns dos casos mais famosos da época.

— Um desses casos pode ter sido o do assassinato de Vera Ray? Ela suspirou.

— Eu gostaria de poder lembrar. O nome não me parece familiar, mas é possível.

— Bee mencionou algo sobre os papéis e documentos dele — eu disse. — Por acaso a senhora guarda esses documentos?

— Guardo. Minha neta, Lisa, passou boa parte do último verão reorganizando-os para mim. Ela é jornalista, como você.

— Seria possível eu dar uma olhada? — perguntei. — Digo, se a senhora não se importar.

— É claro que não me importo, querida — respondeu ela. — Meu pai ficaria feliz em compartilhá-los com você. Ele lutava pela verdade, assim como você. Os documentos ficam na nossa antiga casa, em Windermere.

Eu conhecia a região, é claro. Uma das áreas mais elegantes da Seattle histórica. Ethan tinha um primo que morava em uma casa enorme junto do lago.

— Eu cresci ali, mas está vazia agora. Meu marido e eu estamos em um retiro — Lillian continuou. — Não consigo suportar a ideia de vender aquele lugar. Eu esperava que um dos meninos se mudasse para lá, mas eles tinham outros planos. Não posso dizer que os culpo. A casa está em mau estado. — Ela suspirou. — Você está ouvindo minhas lamúrias... Eu poderia encontrá-la lá, se você quiser. Contanto que não se importe com um pouco de poeira e teias de aranha. Faz algum tempo que não limpamos o lugar.

— Eu ficaria muito grata — eu disse.

— Tive que me desfazer de uma parte dos documentos, mas tenho uma seleção de caixas em um dos quartos, todas as coisas que Lisa pensou em guardar. Tomara que você encontre o que está procurando.

— Muito obrigada — respondi. — Eu poderia ir amanhã de manhã, lá pelas nove e meia?

— Você escolhe o horário — disse ela. — Meu marido e eu somos madrugadores, estamos de pé ao amanhecer. O endereço é Windermere Boulevard, 5985. É uma antiga casa colonial branca com um grande abeto azul na frente.

— Ótimo — eu disse, anotando o endereço no caderno. — Vejo a senhora lá, então.

Meu telefone vibrou na bolsa. *De novo não*. Eu o peguei e abri uma mensagem de texto. De Dominic. "Me encontre no Market à

uma para almoçar?” Sorri e digitei uma resposta rápida. “Estarei em frente à primeira banca de flores. Traga Advil.”

Dominic esperava na esquina no mercado, com um buquê de hortênsias envolvido em papel pardo nas mãos.

— Para você — ele disse, colocando o enorme ramalhete na curvatura do meu braço.

— São lindas — respondi, sentindo-me constrangida em aceitá-las, principalmente após a última noite.

— Como está a sua cabeça?

— Bem pesada — confessei.

Ele tirou um frasco de comprimidos do bolso.

— Tome — disse, entregando-me dois deles.

Eu os engoli com um gole da garrafa de água que estava na minha bolsa.

— Estou morrendo de fome. O que você tem em mente?

Ele apontou para uma creperia do outro lado da rua. Ethan e eu tínhamos comido lá quando eu estava grávida e com desejo de crepes.

— Que tal o La Bouche?

Dei de ombros.

— O.k.

Nós atravessamos a rua de paralelepípedos. Meus saltos afundaram nos largos sulcos. Eu adorava essa parte de Seattle. Era assim que a cidade deveria ser quando Vera e Daniel caminharam pelo Market havia tantos anos.

Dominic e eu nos sentamos em dois banquinhos de frente para a rua. A garçonete anotou nossos pedidos. Ele pediu um de cogumelos, e eu pedi um de queijo de cabra e pimentão assado, o mesmo que pedia para Ethan buscar nas diversas ocasiões em que os desejos da gravidez me acometiam.

— Ouça — eu disse —, lamento muito pelo meu comportamento ontem à noite.

— Não precisa se desculpar. Você não tem nada do que se envergonhar.

— Acho que tenho, sim — retruquei. — Sou casada, e estava agindo como uma...

— Você estava agindo como uma mulher magoada — ele disse. — E, só para constar, você não me beijou.

Eu ergui as sobrancelhas.

— Não beijei?

— Você tentou — contou ele, abrindo um sorriso. — E eu pensei em deixar você me beijar, mas não deixei.

Eu soltei o ar demoradamente.

— E o lance com a sua cunhada?

A memória estava vaga, mas eu me lembrei do olhar acusatório de Leslie.

— Ela nunca gostou de mim.

— Parece uma fofa — ironizou ele.

Dei um gole na água.

— Nem me diga. A esta hora, ela provavelmente contou a história para Ethan e para os pais dela com todos os detalhes. Mas, na versão dela, tenho certeza de que minha língua estava na sua garganta.

— Naturalmente — ele disse, sorrindo.

Momentos depois, a garçonete reapareceu com nossos crepes. Dei uma mordida no meu. A mistura de pimentões assados e queijo de cabra quente estava tão deliciosa quanto eu podia me recordar.

Dominic limpou a boca com um guardanapo.

— Deixando a brincadeira de lado, como você está?

Dei de ombros.

— É estranho. Eu sinto como se uma tempestade estivesse a caminho; uma bem grande, para a qual não estou preparada. Tenho a sensação de que ela vai levar minha casa, minha vida, tudo a que eu tive tanto apego, por tantos anos. Estou me preparando para isso. Sei que vai me machucar. — Suspirei. — E, depois do que passei este ano, não sei bem se tenho força para lidar com isso.

Ele me lançou um olhar confuso.

Eu não tinha contado a ele sobre o acidente, ainda não. Então, juntei minhas mãos e respirei fundo.

— Perdemos um bebê — expliquei. — Há um ano. — As palavras saíram rapidamente da minha boca antes que eu pudesse refletir sobre elas.

— Ah, Claire — Dominic disse, com os olhos cheios de pena. — Eu não sei o que dizer.

Fora da janela, uma mulher corria. Seu rabo de cavalo balançava enquanto suas pernas fortes a levavam pelo mercado. Eu a segui com os olhos até ela desaparecer na esquina. Eu queria me levantar, correr atrás dela e gritar: “Tome cuidado! Em um simples piscar de olhos, tudo o que você ama pode ser levado de você!”.

Dominic abriu a boca para falar, mas seu celular o interrompeu, tocando bem alto dentro da jaqueta. Ele olhou para a tela e, em seguida, sorriu como se pedisse desculpas.

— Tenho que atender. Já volto.

— Não se preocupe — respondi, voltando minha atenção ao crepe esquecido.

Dominic pisou na calçada, e eu o observei segurando o aparelho celular no ouvido enquanto andava nervoso de lá para cá. *Com quem ele está falando?* A multidão no café estava barulhenta, mas, como a janela tinha sido escorada para ficar aberta, partes da conversa de um lado vazaram.

— Eu não sei o que dizer... Bem, estou meio que sem palavras agora, acho que... Eu compreendo, mas não estava planejando... Tudo bem, vou pensar um pouco a respeito... Eu ligo para você.... sim.

Nervosa, enfiei um pedaço do crepe na boca quando ele retornou ao balcão.

— Desculpe — ele disse.

Minha curiosidade aumentou.

— Algo importante?

— É só a minha... irmã. Ela precisava de uns conselhos profissionais.

— Oh — respondi. Não fez muito sentido, mas resolvi não pressioná-lo. Se Dominic tinha um segredo, ele o revelaria com o tempo.

Após o almoço, caminhamos pelo Market, parando no parque que dá vista para a baía. Eu conseguia sentir o cheiro de salmão grelhado em tábuas de madeira de um restaurante próximo. Gaivotas patrulhavam o ar salgado acima, mergulhando para aceitar restos de comida e pão que os turistas ofereciam. Dominic encostou-se à grade de proteção.

— Podemos conversar sobre uma coisa?

— Claro — respondi, encostando-me ao lado dele. Nossos braços tocaram um no outro.

— O que você disse lá atrás — ele falou. — Sobre o bebê.

Meus olhos encontraram os dele.

— Parece — ele passou a mão no cabelo, tentando encontrar a palavra certa — que seu marido tomou a atitude errada ao não estar com você neste momento, depois do que você passou.

Dominic tinha razão, pelo menos em um sentido. No papel, o comportamento de Ethan parecia desprezível. A esposa perde o bebê, seguem-se uma crise de meia-idade e uma reconciliação com

a ex-namorada. No meu coração, no entanto, eu sabia que era tão culpada quanto ele. Eu tinha me afastado dele também. Na minha dor, eu tinha congelado, excluído Ethan. E, quando meu coração estava começando a descongelar, era tarde demais.

— Estou só dizendo — ele continuou — que ele deveria ter ficado ao seu lado. — Ele hesitou, virando-se para mim. — *Eu* teria ficado ao seu lado.

Ele me envolveu com o braço, e eu não me afastei.

## *capítulo 15*

### **VERA**

**A** luz da manhã penetrou pela janela quando eu abri os olhos. Odiei sentir os lençóis sedosos na minha pele nua, e odiei ainda mais sentir a perna bruta de Lon na minha. Afastei-me rapidamente da pele quente e úmida dele e me sentei, envolvendo todo o meu corpo com um lençol. Ele roncava tão alto que a fronha tremulava a cada inspiração e expiração do peito dele.

Meu vestido e minhas roupas íntimas estavam no chão, ao lado da cama. Eu tinha morrido um pouco por dentro a cada peça de roupa que Lon tirara. Eu me encolhi, lembrando-me do grande peso de suas mãos, apalpando para desabotoar meu vestido, e depois rasgando-o com ávida frustração. Eu tinha atenuado a dor com champanhe. Muito champanhe. E agora minha cabeça estava girando. Fechei a porta do banheiro e vomitei dentro do vaso sanitário, expurgando o conteúdo do meu estômago e da minha lembrança da noite passada. Senti uma repentina vontade de me banhar, de lavar cada respiração, cada digital de Lon do meu corpo. Girei o registro e fiquei observando enquanto a água caía em gotas do chuveiro de aço, ricocheteando no piso de mármore. Eu havia limpado centenas de chuveiros, talvez até este mesmo, em suítes do

hotel, esfregando o reboco com precisão. Estella era persistente com rebocos.

Cobri meu corpo com sabão, mas, mesmo com cada centímetro da pele envolvido por uma espessa camada de bolhas, eu ainda me sentia imunda. Corrompida. Esfreguei a pele com mais força, até provocar cãibra na mão e derrubar o sabonete. Meu lábio tremeu quando as lágrimas vieram. Eu não pude contê-las. Orei para que Lon não ouvisse meu choro. A água caía sobre mim, e, após um instante, eu não sabia mais diferenciar o que era água e o que eram lágrimas.

Fechei os olhos e o rosto de Daniel voltou a aparecer, olhando para mim, confortando-me. Eu me lembrei do motivo de estar ali. Desliguei o chuveiro com força renovada, enxugando-me com uma toalha de algodão macia que estava no bastidor. Escolhi um vestido do closet e o coloquei. Enquanto esperava Lon acordar, sentei-me à janela, pensando em Daniel e no pai dele.

### *Quatro Anos Antes*

Charles beijou meu pescoço e eu sorri, virando na cama para ficar diante dele.

— Bom dia, minha bela — ele disse, traçando meu rosto com o dedo indicador.

Desviei o olhar timidamente. *Será que a noite passada foi um sonho?* Nós dois olhamos para a frente quando ouvimos alguém bater na porta do quarto.

— O café da manhã está pronto, senhor. — A abafada voz masculina parecia ser a do mordomo da noite passada.

— Obrigado — Charles respondeu, sentando-se. Ele andou até o banheiro e retornou com um roupão branco macio nas mãos. — Você acha que ficará à vontade com isto?

Acenei com a cabeça.

— Desde que não tenhamos convidados para o café da manhã.

— Somente nós — ele disse.

Eu sorri, vestindo o roupão em seguida, e segui Charles até o quarto da frente.

— O senhor vai tomar o café da manhã na sacada?

Olhei para baixo, na direção dos meus pés, sem querer mais fazer contato visual com o mordomo. *O que ele pensa de mim?*

— Não — Charles respondeu. — Tem uma brisa esta manhã. Pode ser na mesa mesmo.

— Como desejar — o homem disse, distribuindo os conteúdos de duas bandejas prateadas na mesa. Observei os copos de suco de laranja. Nós tínhamos laranja em Seattle, mas toranja já era mais difícil de ver. No último ano, eu tinha poupado meu dinheiro de gorjeta por uma semana inteira e comprado uma única toranja. Tinha me custado uma fortuna, mas eu achara muito elegante cortar sua espessa casca, isso até descobrir que a polpa lá dentro estava estragada.

O mordomo curvou-se e saiu, e eu relaxei um pouco com a saída dele.

— Quero fazer isto todo dia — Charles comentou, sorrindo para mim do outro lado da mesa.

— Eu também — respondi.

Tomei um gole do suco de laranja, sentindo sua forte doçura. Desejei poder dividir um pouco com Caroline e os outros. Pensei em enfiar um croissant no bolso para Georgia. Ela sempre quisera experimentar um.

— Eu estava pensando — Charles disse entre garfadas em sua omelete. — O que você vai fazer hoje à noite?

— Receio que vou ter que trabalhar — respondi.

— Trabalhar?

— Sim. É uma coisinha que as pessoas fazem para ganhar a vida — eu disse, sarcasticamente.

— Muito engraçado — ele respondeu. Olhou para mim por um longo tempo. — E se você não tivesse mais que trabalhar?

— Como assim?

Ele pôs a mão sobre a minha.

— E se...

A dobradiça da porta rangeu. Alguém estava entrando na suíte. Minha vontade foi de afundar a cabeça ainda mais no roupão e me esconder debaixo da mesa, principalmente depois que vi quem era: a irmã de Charles, Josie. Uma criada estava atrás dela, carregando uma dúzia de sacolas de compras.

— Charles? — ela disse, com as sobrancelhas erguidas. — O que você está fazendo aqui?

— O que *you* está fazendo aqui? — ele retrucou. — Pensei que estivesse em Vancouver numa excursão de compras com a mamãe.

— Voltamos ontem para casa — ela respondeu, caminhando em nossa direção. — Eu estava apenas comprando algumas coisas na cidade, e pensei que passaria... — Parou no instante em que me reconheceu. Consegui ver o olhar de admiração no rosto dela.

— Josie, você se lembra da Vera — Charles disse, como se não houvesse nada de constrangedor em rerepresentar sua irmã para mim, sendo que eu estava vestida com um *roupão*. — Vera Ray.

— É claro — ela disse com desprezo, olhando fixamente para mim por um instante maior do que o confortável. Com a luz da manhã, notei uma qualidade familiar que não tinha visto na maratona de dança. Onde mesmo eu a vira antes? — Sim, Vera, do salão de dança.

— Olá — consegui dizer. Como eu queria ter resolvido me vestir antes de tomar o café da manhã. O roupão fora um erro terrível.

— *Bem* — Josie bufou. — Claramente estou interrompendo um momento íntimo, então já vou indo. — Ela observou o envelope de dinheiro na mesa de canto, aquele que Charles tinha me dado na noite anterior, para a viúva que morava no meu prédio. *O que ela deve pensar disso?* Rezei para que Charles explicasse a ela, mas ele ignorou a expressão de choque da irmã e continuou comendo.

— Até mais — ele disse simplesmente. A criada seguiu com os pacotes de Josie, e a porta bateu após elas saírem.

Passei mais oito gloriosas noites com Charles antes de o conto de fadas ter um fim rápido e inesperado. E houve presentes — uma noite, no jantar, ele passou um bracelete de safira ao redor do meu pulso —, flores, viagens, telefonemas. Foi o suficiente para deixar minhas colegas de quarto verdes de inveja.

Ainda assim, esperei para contar a ele sobre o bebê. Eu já sabia da gravidez havia quase duas semanas e queria dar mais tempo para ter certeza. Sabia que ele ficaria eufórico. Nós teríamos um filho. Um filho concebido pelo amor. Mas mesmo assim eu estava preocupada. Tudo estava perfeito e eu temia que a notícia pudesse mudar isso.

Então, uma noite, na suíte do hotel, ele se ajoelhou e pediu minha mão em casamento. Eu disse sim, é claro. Ele poderia muito bem ser um milionário; eu me casaria com ele mesmo assim. Eu tinha me apaixonado pela bondade dele, pelo coração dele, e não pelo dinheiro. Quando ele olhou nos meus olhos, quase lhe contei sobre o bebê naquela hora mesmo, mas a náusea tinha diminuído, e receei ter sofrido um aborto espontâneo. Eu não consegui suportar pensar em dizer a ele que tinha perdido seu filho. Então, esperei.

— Já está na hora de você conhecer minha família — ele disse. — Por que não vem jantar na minha casa hoje à noite?

— Eu não sei — respondi, sentindo-me apreensiva com as interações anteriores com Josie.

— Eles vão adorar você.

Franzi o nariz.

— Não estou tão certa disso.

— Você está preocupada com Josie, não está?

Acenei com a cabeça.

— Bem, não fique — ele pediu. — Você é a mulher que eu amo, e é isso que importa.

Aconcheguei minha cabeça na dobra da camisa dele, inalando o confortante aroma de tabaco de cachimbo e colônia.

— Você me faz tão feliz, Vera.

Não pude evitar o sorriso.

— Faço?

— Faz, sim. Eu amo a sua força. — Ele traçou meu nariz com a ponta do dedo. — Você é muito forte. Consegue olhar para mim com estes olhos e me fazer questionar tudo em que eu sempre acreditei neste mundo. — Ele pôs as mãos sobre meu coração. — Mas, aqui, aqui dentro, você tem tanto amor. Irradia de você.

Eu sorri alegremente.

— Você tem certeza de que seus pais não prefeririam que você se casasse com uma moça da alta sociedade?

— Eu posso lhe garantir, meu amor — respondeu ele, aproximando o rosto do meu —, eu preferiria me isolar no canto mais distante do Alasca a ter que me casar com uma moça da alta sociedade.

— Tudo bem — consenti. — Eu vou conhecer os seus pais. Mas só se você acreditar que esta é realmente uma boa ideia. — Pus a mão sobre a dele. Ele beijou a palma. — Você já contou para eles? Sobre nosso noivado?

— Ainda não — ele disse. — Acho que vou surpreendê-los hoje à noite.

Fiquei ocupada por horas resolvendo o que vestiria antes de Charles me pegar naquela noite. O vestido vermelho de Caroline parecia muito espalhafatoso para um jantar na casa dos meus futuros sogros; além do mais, ele ficava muito apertado em mim. Eu não estava tão gorda, mas Caroline e as outras meninas tinham feito comentários suspeitos sobre os quilinhos que eu havia ganhado. Analisei criticamente meu antigo vestido azul. *Muito monótono*. Eu não queria fingir ser alguém que não era, mas precisava da aceitação deles. Era uma situação delicada. No final, decidi pelo vestido amarelo que Charles tinha comprado para mim havia algumas semanas. Eu o usara em muitos de nossos encontros. Minha esperança era de que ele não tivesse se cansado dele.

Prendi a cinta uma dezena de vezes no carro a caminho da casa dos pais dele. Por mais que eu tentasse, não conseguia fazer com que o laço ficasse pendurado direito.

— Você está ótima — Charles comentou, notando minha ansiedade.

— Eu só quero que corra tudo bem — expliquei, virando-me para ele.

— *Vai* correr — ele me garantiu, envolvendo um tufo do meu cabelo ao redor de seu dedo.

Eu recuei.

— Cuidado — pedi. — Você vai estragar meu penteado.

Desobedientemente, ele afundou as mãos ainda mais no meu couro cabeludo.

— Você não tem jeito — eu disse.

Eu estava muito distraída com meu vestido e com meu cabelo, além de me preocupar por não ter prestado atenção a onde estávamos, mas ele já havia dirigido por vários quilômetros, então devemos ter percorrido um bom trecho desde o centro da cidade.

Charles virou o carro entre duas colunas de pedra — a entrada, segundo uma placa, para Windermere.

Eu tinha ouvido falar sobre o bairro privilegiado, é claro. Antes de sua morte, minha mãe havia cuidado dos filhos dos ricos dentro desta mesma vizinhança. E Georgia tomava conta dos filhos de uma abastada família que vivia ali. Ela pegava carona no caminhão de leite todo dia às cinco da manhã, chegando à casa pouco antes de as crianças acordarem. Sua patroa, uma mulher carrancuda que dormia até o meio-dia, reclamava que o caminhão deixava as roupas de Georgia com cheiro de azedo. A mulher a fazia se trocar nos fundos da casa antes de entrar na residência principal.

— Então você cresceu neste bairro? — perguntei, admirando uma mansão com o telhado triangular à nossa direita e uma propriedade vitoriana à esquerda. Eu queria que Charles dirigisse mais devagar, para que eu pudesse analisar cada uma dela com maior atenção. Nunca tinha visto moradias tão requintadas.

— Nasci e fui criado aqui — ele disse, como se a revelação arruinasse sua reputação. Admirei os jardins muito bem cuidados em ambos os lados da rua, sem ver uma única erva daninha. Uma fileira de azaleias, com as flores compondo uma sinfonia de vermelho, implorava para ser notada, mas Charles continuou a manter os olhos na rua, desatento à beleza delas. — Quando completei dezoito anos, mal podia esperar para cair fora — continuou.

— Por quê? — perguntei, pensativa.

— Acho que passei a desprezar tudo isso — ele disse. — O modo como todos fingiam ser tão perfeitos. — Olhou para mim por um instante antes de voltar a atenção para a rua. — Posso lhe assegurar que o que acontece dentro destas casas está longe de ser perfeito.

Ele não precisava me dizer isso; eu já sabia. Mamãe tinha me contado a história de uma menininha perturbada de quem ela tomara conta neste mesmo bairro anos atrás. A criança tinha

encostado um castiçal nas cortinas do quarto de vestir de sua mãe e quase ateara fogo à casa toda.

Ele virou em uma rua lateral, onde as casas pareciam ainda mais extravagantes, depois conduziu o carro por um longo caminho pavimentado. No final dela havia um portão, onde um homem de terno preto nos aguardava.

— Boa noite, sr. Charles — ele disse, tirando o quepe e abrindo o portão.

Charles prosseguiu ao redor da entrada circular adornada com cascalhos, estacionou e saiu para abrir minha porta.

— Deixe-me apresentá-la ao Velho Joe — ele disse. — Joseph! — gritou para o homem ao lado do portão. — Sentiu minha falta?

O homem mais velho, de cabelo grisalho, sorriu entusiasmado.

— Bem-vindo ao lar, sr. Charles — respondeu ele, pegando um rastelo para rearrumar o cascalho caído. Fiquei admirando o mundo de Charles, — um lugar exótico onde os serventes apareciam em todos os cantos, certificando-se de que cada pedra deslocada fosse devolvida ao seu lugar.

Olhei para cima, na direção da casa — tão bela, tão perfeita, que me assustou.

— Parece um... *palácio* — eu disse num sussurro, extasiada pela sua grandeza.

— Mamãe viu um *château* na França do qual gostou e papai fez seu arquiteto reproduzi-lo — ele explicou, soando um pouco constrangido pela opulência dos caprichos de sua família.

Dois ciprestes emolduravam a entrada, quase tocando o telhado de ardósia, onde havia uma chaminé colossal. Examinei a bela construção de pedras que ornava as espessas paredes, coroadas por cornijas intrincadas. Um par de vasos delimitava a porta da frente. Cada um tinha ramos de buxinho verde-esmeralda presos e enfeitados, formando espirais perfeitas.

— Charles! — Uma mulher com os braços esticados aproximou-se pela porta da frente. Seu vestido cor de marfim açoitava o ar enquanto caminhava. Notei na mesma hora a cintura minúscula, acentuada por uma larga cinta azul. O cabelo penteado para cima era digno da realeza.

— Mamãe — Charles dirigiu-se à dama, inclinando-se enquanto ela pegou nas duas mãos dele antes de beijá-lo em cada uma das faces. Eu esperei até que o olhar dela se virasse para mim, o que aconteceu.

— Ora, Charles — ela disse —, quem é esta?

— Esta é Vera — ele respondeu, orgulhoso e radiante. — Vera Ray. Estendi a mão e rezei para que ela não notasse meus dedos vermelhos, irritados, ásperos pela água da pia do restaurante e cortados por muitas facas de lâmina curta.

— É um prazer conhecê-la, senhora.

A pele dela parecia um veludo branco e fresco em contraste com a minha. Eu queria ter tido tempo de banhar minhas mãos em gordura de bacon, como Caroline havia me aconselhado. Agora eu pagaria por isso.

— Pode me chamar de Opal — ela recomendou, lançando um olhar aos meus sapatos. O vestido poderia ser de alta-costura, graças a Charles, mas os sapatos estavam inegavelmente surrados. Minha testa começou a transpirar. *O buraco está no meu sapato direito ou esquerdo?* Tentei adivinhar e pressionei o dedão direito para trás. Não ousei olhar para meus pés, o que só chamaria mais a atenção para os sapatos furados. E pensar que eu tinha poupado quase três meses de salário para comprar um par de sapatilhas pretas de couro a prazo na Frederick and Nelson. Charles os compraria para mim em um instante, é claro. Mas eu não pedia nada a ele. Não me parecia certo.

— Estou tão ansioso para apresentar Vera para a família — disse Charles, beijando de leve a minha mão.

— Que... fascinante — Opal disse, com a voz algumas oitavas mais alta na palavra *fascinante*. O sorriso dela rapidamente desapareceu e seus olhos estreitaram. Eu me senti sem jeito. — Acredito que a senhorita já conheça Josephine.

Eu me recordei das circunstâncias hostis sob as quais eu havia me encontrado com Josie, a irmã de Charles. Duas vezes.

— Sim — respondi, certa de que minhas bochechas haviam ficado vermelhas como cereja.

— Bem — Opal continuou —, estou contente por você ter aparecido, filho. Vai ficar para o jantar?

— Sim, é claro — confirmou Charles. — O papai está?

— Ele está no escritório — ela disse. — Vou pedir para Greta ligar para ele.

*Ligar para ele.* Fiquei admirada com o modo como eles se dirigiam uns aos outros com tanta formalidade. *Ela não pode ir correndo até o corredor que dá acesso ao escritório e chamá-lo?*

Seguimos Opal dentro da casa. No mesmo instante em que Charles tirou o casaco, uma governanta surgiu para recolher o traje que caía das pontas dos dedos dele.

— Greta cuidará de seu xale, senhorita Ray — disse Opal. Ela falou comigo lentamente, como se estivesse se dirigindo a uma criança.

Assenti com a cabeça, deixando o xale verde escorregar pelos meus ombros. Eu mesma o tinha feito com pedaços de linho que Caroline trouxera para casa da fábrica. Na época eu achava que ele competia com qualquer xale fino que já tivesse visto nas vitrines. Mas, dentro da casa de Charles, ele parecia mais adequado para servir de trapo de limpar poeira. Nervosa, eu o entreguei para a governanta, que olhou curiosa para mim.

— Obrigada — eu disse, impressionada com o interior da casa. Passamos por um longo corredor cheio de quadros pintados a óleo. Os temas retratavam uma vida confortável, com terriers mimados repousando em sofás, casas de campo entre colinas ondulantes e mulheres da alta sociedade sob guarda-sóis. O corredor levava a um cômodo grande com um imponente piano e janelas que davam vista para um enorme gramado que se estendia até um lago.

Eu me sentei em um sofá de veludo verde ao lado de Charles, incapaz de tirar os olhos do lago, suave como as poltronas cinza que ornavam o saguão do Olympic Hotel.

— Parece que você nunca viu água antes, srta. Ray.

— Bem, é a primeira vez que vejo o Lago Washington, senhora — respondi, antes de pensar no que aquilo implicava.

Opal levou uma mão até a boca. Uma risada escapou.

— Ora, isso é como dizer que você nunca viu a lua.

— Mãe — Charles disse em minha defesa —, a Vera mora na cidade.

— Ora, é claro, querido — Opal respondeu rapidamente. Ela me ofereceu uma xícara de chá, e, quando ergui o braço para pegá-la, meus membros pareciam pesados. *Por que estou tão dura, tão desconfortável neste lugar?*

Opal pôs sua xícara no pires e ergueu o dedo indicador.

— Já sei — ela disse. — Você poderia levá-la para um passeio de barco, Charles.

Ele pareceu cético.

— Não sei, mãe. O vento está terrível hoje. Talvez não seja a melhor hora para...

— Bobagem — Opal contestou. — A jovem senhorita disse que nunca viu o lago. Você *tem* que mostrar a ela.

— Mas não está quase na hora do jantar?

— Eu digo para a cozinheira esperar meia hora — ela respondeu.  
— Assim você terá tempo suficiente para dar uma volta com ela.  
Charles virou-se para mim.

— O que você acha?

As nuvens cinza no céu avultaram, e o vento balançou os galhos da árvore do lado de fora da janela com tanta força que eu pude imaginar o que ele faria com meu cabelo. Mas, sem querer desapontar Opal, me vi obrigada a concordar.

— Parece ótimo — eu disse, escondendo a apreensão.

— Está decidido, então — concluiu Charles, levantando-se.

Eu o segui até o deque dos fundos, e juntos descemos os degraus que levavam até o gramado. Eu tinha ficado muito fascinada pelo lago para notar a vista espetacular abaixo da casa, um verdadeiro zoológico moldado nos arbustos. Coelhos. Cães. Uma tartaruga. Uma égua e seu potro. Parei para admirar uma cerca viva entalhada no inconfundível formato de um elefante.

— São extraordinários — falei, passando a mão ao longo da áspera tromba do elefante. — A precisão é excepcional.

— O Joseph tem um dom com plantas — ele disse. — Meu pai preferiria cortar tudo isso. Mas minha mãe as adora. Ela passa boa parte do tempo aqui. Elas trazem bem-estar a ela.

Imaginei Opal mimando a girafa de madeira à minha direita ao seu modo extravagante.

— Acho que sua mãe não gostou muito de mim — comentei. Uma brisa fria veio do lago, e eu me arrependi de ter entregado meu xale.

— É claro que ela *gostou* de você — Charles disse, puxando-me na direção dele. — Por que não gostaria? Você é adorável em todos os aspectos. Apenas seja você mesma e eles enxergarão a mulher que eu amo tanto. — Ele beijou meu rosto de leve. — E ela vai adorar você ainda mais quando eu anunciar nossa novidade, hoje à noite.

Fiquei enrijecida de medo.

— Você acha mesmo que deveríamos contar para eles hoje?

Charles acenou com a cabeça.

— Não consigo mais guardar segredo por muito tempo.

— Meu receio — falei, atrapalhada — é que eles pensem que foi tudo muito repentino. Digo, não parece chocante ouvirem que estamos noivos momentos depois de me conhecerem?

Charles deu de ombros.

— Vera, você não está vendo? — Ele apontou para cima, na direção da casa. — Aquele é meu passado, e você — pôs uma mecha do meu cabelo atrás da orelha — é o meu futuro. Contar a eles é irrelevante. Não há o que temer.

Eu exalei.

— Tudo bem — admiti.

Eu o segui até a doca, onde dois barcos estavam virados.

— Agora — ele disse, examinando ambos —, qual dos dois está furado?

Meus olhos arregalaram-se.

— Furado?

— A última vez que estive aqui, o Joseph mencionou que um deles precisava de reparos. — Ele passou a mão ao longo do casco de uma das embarcações. — Arrá, aqui está. Encontrei o furo.

— Que bom — eu disse. — Eu não sei nadar.

— Eu posso nadar por nós dois — ele brincou, ajoelhando-se nas tábuas lascadas e branqueadas pelo sol da doca para desamarrar a corda que prendia o segundo pequeno barco a uma trava enferrujada. Quando Opal mencionara um passeio no lago, eu tinha imaginado algo de um porte um pouco maior. A pequena embarcação mal se passava por um bote, não muito diferente daqueles nos quais meu pai me levava, em minha infância, no Puget

Sound. Chegamos a virar uma vez, e eu quase me afoguei. Desde então eu nunca mais havia entrado em um barco.

— Venha — ele chamou, estendendo o braço para me pegar pela mão.

— Eu não sei — respondi, sentindo-me de repente insegura.

— Vamos, não fique com medo. Você vai adorar o lago. Não há nada mais sereno.

— Tudo bem — concordei, pegando-lhe a mão. Ele me estabilizou enquanto eu subia no barco e me sentava com tudo no banco de madeira, desviando por pouco de um excremento de pássaro. Charles sentou-se na minha frente, enfiando cada remo na fenda apropriada.

— Não se preocupe — ele disse, segurando os remos na posição.

— Eu fui salva-vidas do clube em todos os verões durante a faculdade.

Ele remou por algumas centenas de metros. Eu observei admirada enquanto o barco percorria seu trajeto pelo lago, cortando a água como uma faca que desliza pela manteiga mole. Uma garça, espantada pela nossa presença, grasnou de desaprovação. Arrastou as patas pela água, interrompendo uma colônia de lírios-d'água antes de elevar-se no ar.

— É lindo aqui — eu disse. — Você teve sorte de crescer com *este* quintal.

— Não sou mais feliz que os outros por isso — ele afirmou.

Balancei a cabeça.

— Como assim?

— As pessoas acham que a riqueza compra a felicidade — respondeu, apontando na direção do gramado. — Passe uma noite naquela casa e verá o contrário.

Olhei confusa para ele.

— Minha mãe está sempre mal-humorada — ele explicou. — Meu pai se tranca no escritório e, quando não está lá, está no hotel. E a Josie é, bem, a Josie. Está sempre aprontando. Quando tinha cinco anos, quase queimou a casa toda.

Meu coração começou a bater mais rápido. *Será que ela era a criança da qual a minha própria mãe tomou conta?* Endireitei o corpo.

— Como assim quase queimou a casa toda?

— Eu estava na escola — ele contou, balançando a cabeça como se a lembrança viesse com uma bagagem incômoda. — Uma governanta cuidava de Josie. Um dia, quando minha mãe estava na cidade, Josie conseguiu atear fogo às cortinas com um castiçal. Ela quase reduziu a casa a cinzas. Minha mãe dispensou a mulher na mesma hora, é claro. Mas não foi culpa dela. Josie sempre foi assim, desencaminhada.

— Ah — eu disse, sentindo-me atordoada. *Então foi minha própria mãe que tomou conta de Josephine!* Balancei a cabeça, lembrando-me de como mamãe reclamara de uma garotinha em Windermere. Eu crescera odiando a menina que ocupava o tempo e a atenção de minha mãe, e, quando ela perdera o emprego com a família, eu ficara contente, embora isso pudesse proporcionar falta de comida em nossa casa.

— O que foi, Vera? — Charles perguntou, notando meu olhar distante.

— Ah, não é nada — respondi, tentando expurgar as lembranças. *Será que Josephine sabe quem eu sou?*

— Bem — ele continuou —, você está vendo por que eu queria passar o máximo de tempo possível fora daqui. Quando era menino, sempre fiquei no lago ou seguindo Joseph por aí. Meu pai estava muito ocupado com os negócios.

Charles puxou os remos e nós deslizamos por alguns instantes. Estendi o braço, deixando minha mão passar sobre a água. Um lírio branco fez cócegas em minha palma e, num capricho, eu o ergui alguns centímetros de seu lar aquático.

— Olhe — eu disse, mostrando a impressionante flor.

— Cuidado — ele sugeriu, delicadamente baixando minha mão. — Esses lírios são frágeis.

Curiosa, eu sorri para ele.

— Você é o único homem que já conheci que se importa com flores.

Charles deu de ombros.

— Suponho que seja influência de Joseph. — Ele voltou o olhar a para o lago. — Os lírios são especiais. Eles nem sempre existiram por estes lados, sabe? Encontrei o primeiro bem ali, quando era menino. Só um. Joseph me mostrou. E, a cada ano que passava, havia mais. E agora... — Acenou com a mão em direção a um ponto distante, onde grupos de flores brancas do tamanho da minha mão boiavam na água. — Bem, olhe para eles.

— São maravilhosos — respondi, sorrindo para a vista diante de nós.

— Eles são exigentes quanto ao lugar onde querem crescer — afirmou ele. — Muito ou pouco sol e *puf*, eles morrem. Esses lírios são tímidos. Tímidos e orgulhosos.

Eu sorri.

— Muito delicados também — ele comentou. — Não se mantêm fortes se você os pega. Josie costumava vir aqui com as amigas dela e colher braçadas de flores, só por capricho. Uma hora depois elas murchavam na doca. — Hesitou, claramente incomodado pela lembrança. — Eu odiava vê-las morrer daquele jeito por nada.

Olhei de relance para trás, na direção do lago. As ondas na água levavam os lírios para cima e para baixo, como criancinhas

brincando.

— Elas estão felizes ali — ele afirmou. — Quando você as tira de seu lar, morrem sufocadas.

O vento tinha aumentado e estava batendo no meu cabelo, deixando-o todo desgrenhado. Troquei uma presilha que caiu assim que uma gota de chuva acertou meu rosto.

— Ah, não — eu disse, sentindo outra no braço.

Charles pegou os remos.

— É melhor voltarmos.

Quando chegamos à doca, o céu fechou-se e soltou sua fúria, tornando inútil qualquer tentativa de preservar meu cabelo. Ainda assim, tentei, em vão, remodelar meus cachos flácidos. Meu vestido encharcado grudou no corpo. Puxei o tecido, pouco à vontade, na esperança de que ele não acentuasse a curva crescente em minha barriga, mesmo que apenas eu soubesse da verdade.

— Olhe só para nós — Charles disse após amarrar o barco. — Um casal de ratos do lago ensopados.

Ele pegou em minha mão e nós corremos juntos pelo gramado até a casa. Odiei pensar em como minha aparência estava. Um olhar de relance no espelho margeado de ouro à frente confirmou meu pavor. O ruço escorria pelas minhas faces igual a uma aquarela rosa-clara. Meu cabelo, achatado, escorria em tufo encharcados.

— Oh, querida — Opal disse. — Greta! — ela chamou. — Pegue algumas roupas secas para a srta. Ray no quarto de hóspedes.

— Queira me acompanhar, srta. Ray — pediu a governanta. Eu a segui pelo corredor, consciente de cada pinga que caía do meu vestido no assoalho de madeira dura, polido até brilhar. Viramos num canto e Greta abriu uma porta na ala oeste da casa. — Deve haver um vestido a mais aqui — ela disse. — A família costuma receber hóspedes nos fins de semana. Eles mantêm o guarda-roupa bem provido.

Parecia estranho pensar em pessoas vindo se hospedar sem trazer bagagem, mas talvez isso não fosse uma preocupação para os abastados. Onde quer que eles aterrissassem, as coisas eram simplesmente providenciadas.

Greta mostrou um vestido cor de creme com o decote baixo.

— Este parece ser do seu tamanho — ela disse, segurando-o para mim. — Espero que sirva.

Eu teria preferido um traje mais elegante. O vestido parecia desajeitado e largo na cintura. Fiquei preocupada em como estaria quando conhecesse o pai de Charles. Greta tirou as roupas molhadas do meu corpo. Evitei os olhos dela quando ela desabotoou meu espartilho, rasgado sob o braço esquerdo e desbotado de tanto ser lavado com água da torneira. O sabão de lavar roupa era um luxo sem o qual minhas colegas de quarto e eu não ficávamos, mas nós fazíamos uma vaquinha e poupávamos cada grama. *Se ela veste as moças da casa com lingerie de seda francesa, o que vai pensar de mim, vestindo estes trapos?*

Contudo, fossem lá quais fossem os pensamentos de Greta, ela os guardou para si, obedientemente entregando-me uma toalha branca felpuda. Eu a usei para envolver meu corpo. Suas fibras espessas e macias fizeram cessar meus calafrios. Greta mostrou-me um conjunto de roupas íntimas em um armário perto dali.

— Vou pendurar estas — ela abaixou-se para pegar a pilha de trapos encharcados — para secar. Digo, se a senhorita ainda quiser guardá-las...

Acenei com a cabeça humildemente, constrangida pela troca. Ela saiu para a sacada e eu me sentei na cama. *Que mundo estranho este do Charles.* Senti-me como os lírios no lago — fora da minha essência, assustada, sem fôlego neste novo ambiente.

Greta voltou e me ajudou a vestir o espartilho, um tamanho menor que o meu; ele apertava meus seios de forma nada confortável.

Minha preocupação era parecer uma das garotas de programa que frequentavam os bares da Quinta Avenida.

— Tem certeza de que não há outro espartilho na gaveta?

Greta balançou a cabeça.

— É o único.

Entrei no vestido e, após ela abotoá-lo, olhei por um bom tempo para mim mesma no espelho de corpo inteiro ao lado da cama. Meus seios ficaram ressaltados com o corpete de corte baixo. O tecido não caía tão bem quanto o do vestido amarelo que eu usava quando cheguei. Ao contrário, ele me fazia sentir como um saco de papel.

*Como posso sair daqui deste jeito?*

Greta não parecia perceber minha preocupação, e, se percebesse, não revelaria.

— Tome — ela disse, entregando-me, com firmeza, uma escova de cabelo e uma toalha de rosto.

— Obrigada — respondi, passando a escova pelas minhas embaraçadas madeixas e fixando a presilha da melhor maneira possível. Dei outra olhada no espelho e suspirei.

Os olhos de Greta encontraram os meus, e pela primeira vez notei um vislumbre de compaixão.

— Não fique com vergonha de onde veio, senhorita Ray — ela disse baixinho.

Acenei com a cabeça. Sabia exatamente o que ela queria dizer, e as palavras me confortaram.

— Agora — ela disse —, posso levá-la de volta?

Eu quis gritar: *Não, não me faça voltar lá! Eu não consigo encará-los deste jeito!* Mas concordei, ergui a cabeça e a segui pela porta. No corredor, quando pensei que ninguém estava olhando, tentei em vão puxar o vestido mais para cima, na altura do peito.

— Aí está você — Charles falou, atrás do piano. — Venha cantar conosco.

Josie estava sentada ao lado dele e ficou de boca aberta quando me aproximei. Independentemente do que ela sabia ou não sobre mim, decidi não me importar. Em vez disso, lembrei-me do que Greta tinha dito e mantive a compostura.

— Olá, Josie — eu disse, da forma mais doce que consegui expressar. Ela usava um vestido lilás com uma cintura baixa e elegante. Brincos de diamante ornavam suas orelhas.

— Olá — respondeu friamente. — O Charles e eu estávamos cantando o hino de nossa universidade. Gostaria de participar? Pensando bem, talvez devêssemos cantar a de sua própria escola. Onde você estudou?

Olhei para meus pés enquanto eles, na expectativa, olhavam fixamente para mim.

— Eu, eu...

Então, senti a confortante mão de Charles na parte inferior das minhas costas.

— Eu não fui à universidade — contei, humildemente. As palavras de Greta soavam nos meus ouvidos. *Não tenha vergonha de onde veio.* — Tive que largar a escola para trabalhar. Meu pai morreu e minha mãe faleceu logo depois.

Josie fingiu demonstrar preocupação.

— Oh, você perdeu os *dois* pais?

— Chega de música por enquanto — comentou Charles, salvando o momento. — Estou morrendo de fome.

— O pai de vocês estará aqui daqui a alguns minutos, queridos — Opal sussurrou, olhando para mim com uma expressão sorridente. Ela deu um último gole em sua taça, parando no bar para enchê-la novamente. Fiquei observando enquanto o líquido cor de âmbar caía de um decantador de cristal. — Vamos para a sala de jantar.

A mesa, coberta de linho branco, brilhava com as pratas e os cristais polidos. Eu me sentei ao lado de Charles. Ele apertou minha

perna sob a mesa.

— Estou muito feliz por você estar aqui — sussurrou.

Alisei meu cabelo, ainda úmido do passeio de barco, e eis que o pai de Charles entrou na sala.

— Opal! — ele vociferou. — Não sei por que você insiste em jantar às sete e meia da noite sendo que o resto do mundo janta às seis.

Olhei fixamente para a frente, tentando permanecer imperceptível, quando alguém pairou por detrás de mim, despejando em meu prato uma sopa em tom verde-menta.

— William, esta é a amiga de Charles, a senhorita Ray — Opal me apresentou, gesticulando.

O pai de Charles sentou-se em uma cadeira na ponta da mesa e pôs um guardanapo dentro da gola da camisa.

— Você não contou que traria uma convidada para o jantar, filho — ele disse. Mas, quando se virou para me encarar, sorriu. — Muito menos uma jovem tão bela.

— O senhor é muito gentil — respondi, sentindo uma compulsão por cobrir meu peito com o guardanapo que trazia no colo.

— Eu queria que vocês a conhecessem havia algum tempo — Charles disse, pegando em minha mão. — Eu...

— Mãe — Josie o interrompeu —, você acha que a cozinheira extrapolou um pouco na quantidade de sal da sopa?

Opal acenou com a cabeça.

— Eu vou demiti-la. Tudo o que sai daquela cozinha tem gosto de salmoura.

— Oh, mãe — Charles disse. — Não está tão ruim assim. Eu até que gostei. Além do mais, a sra. Meriwether não é a chefe da própria família? Se não me engano, Joseph contou que ela é viúva.

William limpou a garganta.

— Você adquiriu um gosto por viúvas ultimamente, meu garoto — ele afirmou, virando-se para Opal. — Na semana passada mesmo ele

sugeriu que eu oferecesse pensão completa para uma mulher da cidade e seus cinco filhos.

Lancei um olhar intencional para Charles.

— Da próxima vez você vai me pedir dinheiro para bancar os estudos dos filhos dela em Yale.

Josie riu.

— Seu irmão tem um coração de ouro — ele continuou. — Se ele tivesse como, ajudaria cada plebeu desta cidade. — William voltou a me fitar. — Srta. Ray — disse —, eu não reconheço o seu nome.

Quem são seus pais?

Josie me fuzilou com os olhos, mas eu me recusei a fazer contato visual com ela.

— Os dois são falecidos, senhor — respondi.

— Lamento — William respondeu.

Opal estalou os dedos e uma jovem de vestido branco e avental preto veio correndo da cozinha. Ela manteve a cabeça baixa enquanto a mãe de Charles a instruía a recolher os pratos.

— Sim, senhora — ela disse, rapidamente.

Empilhou as tigelas de sopa em sua bandeja e, de repente, parou quando nossos olhos se cruzaram sobre a mesa.

— Vera?

Levei um instante até reconhecê-la com o uniforme de criada, mas o rosto familiar de uma amiga de infância ficou evidente.

— Sylvie — respondi, pouco à vontade, imaginando na mesma hora o que a família de Charles pensaria disso.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou.

— Eu estou... — Senti todos os olhos na sala me analisando. Meu rosto ardeu.

— Ela está comigo — disse Charles, preenchendo o constrangedor silêncio.

— Bem, vejam só — Josie zombou. — Amigas. Vera, conte para nós, ela é sua amiga do salão de dança?

Os pais de Charles olharam fixamente para mim, com desaprovação, quando pus meu guardanapo no prato e me levantei. *Como pude pensar que me sentiria bem neste mundo?*

As lágrimas borraram minha visão. Não, eu não os deixaria me ver chorar. Ergui a bainha da saia e corri pelo corredor até o saguão, onde saí pela porta da frente. Sentei-me em um banco de pedra na entrada, pensando no que faria a seguir. Instantes depois, ouvi o rangido da dobradiça da porta atrás de mim. Esperando ver Charles, eu me virei, mas me desanimei ao encontrar Josie de pé ao meu lado, com um sorriso de satisfação.

— Ele está lá dentro explicando para os meus pais que pediu sua mão em casamento — ela contou, balançando a cabeça para o que obviamente acreditava ser uma ideia ridícula. — Você deveria ver como minha mãe ficou. Ela está arrasada. — Olhou para trás, na direção da casa, e sorriu maliciosamente. — Eu sei quem você é, Vera Ray — continuou. — E eu também conheci a sua mãe. Acho que você é uma ladra como ela. Tal mãe, tal filha, certo?

Balancei a cabeça.

— Eu não sei o que você quer dizer com isso.

— Então a sua mãe não contou para você sobre as coisas que ela roubou de nossa família? As joias? As moedas do escritório do meu pai?

— Josie — gaguejei —, você... você deve estar enganada. Minha mãe nunca faria...

— Eu a vi pegando um bracelete de diamante do baú de joias de minha mãe — ela afirmou.

— Eu não acredito nisso! — gritei. — Como ousa falar assim da minha mãe? Ela era uma boa mulher. Fazia o melhor para tomar conta de você, Josie. Mas você a atormentava.

O olhar frio dela me assustou.

— Eu conheço o seu ponto de vista — ela disse. — Assim como sua mãe, você enxerga minha família como a salvação da lavoura. Balancei a cabeça, enxugando uma lágrima.

— Você entendeu tudo errado.

— Bem — ela prosseguiu —, se você espera que eu fique de braços cruzados enquanto meu irmão é trapaceado por uma puta, querida, está redondamente enganada.

As palavras me atingiram.

— Uma...? — Não pude deixar aquela palavra vulgar passar pelos meus lábios. — O que faz você pensar que eu...? — Então, lembrei-me do envelope na suíte. O dinheiro que Charles tinha separado para a pobre viúva. Josie o tinha visto. Ela pensara que era para *mim*.

— Não, não — continuei. — Você entendeu tudo errado. Aquele dinheiro era para...

Josie balançou a cabeça.

— E agora você vai ter um filho dele.

Eu levei a mão à barriga.

— Quanto tempo você pensou que esconderia *esse* segredo?

Ofeguei. *Como ela sabe?* Eu não tinha contado para ninguém.

Nem mesmo para Charles.

— Não perca tempo negando — ela disse. — Está na cara.

— Mas eu...

— Quanto? — perguntou ela.

Fiquei olhando para a cara dela.

— Não compreendo.

— Quanto tenho que pagar para você sumir de nossa vida, para sumir da vida de Charles?

Balancei a cabeça.

— Por que você faria isso?

— Porque ele não pode ficar com uma mulher como você — respondeu. — Isso devastaria minha mãe. E meu pai o privaria — ela apontou para a casa e os jardins — de tudo isto. Você acha que ele a amaria se isso acontecesse? Bem, srta. Ray, eu conheço meu irmão melhor do que você e posso lhe afirmar que a resposta é não.

Eu o amava profundamente, mas será que meu amor seria suficiente para fazê-lo feliz sem... a vida privilegiada à qual estava acostumado?

Então, eu percebi. Não poderia me enquadrar no mundo de Charles mais do que ele poderia se enquadrar no meu.

— Então, quanto eu preciso dar a você? — ela voltou a perguntar. — Para você sumir daqui.

Ergui a mão.

— Nada — respondi, levantando-me. — Já compreendi.

Andei até o caminho de cascalho e, em seguida, até a rua. A voz de Charles soou a distância, chamando-me como um farol que envia luz para uma embarcação perdida, e mesmo assim continuei caminhando. A farsa tinha que acabar. Josie podia ter sido cruel, mas ela tinha razão. Charles e eu nunca daríamos certo.

— Vera! — ele gritou, alcançando-me. Senti sua mão no meu ombro. — Por favor, espere. Quero pedir perdão pela maneira como eles trataram você lá dentro. Vamos. Vamos embora juntos.

Pisquei para conter as lágrimas.

— Não posso, Charles — falei. — Era isso o que eu temia o tempo todo, e hoje tive a confirmação. Eu te amo. Tanto. Mas não posso me casar com você.

Odiei ver que minhas palavras o magoaram tão profundamente.

— Por que não?

— Você não vê? — Passei a mão no rosto dele. — Nós dois nunca daríamos certo. Somos de mundos completamente diferentes.

— Isso não importa — ele implorou. — Não tem que influenciar.

— Mas influencia — respondi. — Me desculpe, Charles. Não sou a mulher certa para você.

Ele desistiria de tudo para ficar comigo, mas eu o amava o bastante para não deixá-lo fazer isso.

Charles permaneceu mudo enquanto eu passei correndo pela cerca viva, empurrando o portão de ferro para abri-lo. Caminhei pela rua, sem saber bem como chegaria em casa, a quilômetros da cidade. Quando ouvi o som do carro de Charles se aproximando e sua voz chamando meu nome pela janela, me abaixei atrás de uma árvore.

— Vera! — ele gritou. — Vera! — O tom desesperado me deixou de coração partido. Eu queria gritar: *Estou aqui, Charles! Vamos fugir juntos. Vamos começar uma vida nova à nossa própria maneira.* Mas, em meu coração, eu sabia que Josie tinha razão. Me agachei ainda mais até que o Buick desaparecesse de vista.

Na rua principal, os carros passavam em alta velocidade, jogando lama no meu vestido. *Que importa?* Estendi o braço, tentando sem sucesso fazer um carro parar, depois outro. No fim, um caminhão encostou. Branco, com o capô enferrujado e pilhas de telhas armazenadas atrás. Um homem acenou para mim do banco da frente.

— Para onde, senhorita? — ele falou, com um sotaque forte de estrangeiro, que me lembrou as famílias russas que viviam no meu prédio.

— Estou tentando voltar para a cidade — eu disse, enxugando uma lágrima. — O senhor pode me levar?

— É para onde estou indo — respondeu ele.

Subi no caminhão e fechei a pesada porta com toda a minha força. Cheirava a poeira e gasolina. Quando o homem trocou de marcha e voltou à rua, lancei um olhar para o outro lado, na direção da entrada de Windermere.

— Meu nome é Ivanoff — ele disse, lançando um olhar de relance para mim. — Sven Ivanoff.

— Sou Vera Ray.

## *capítulo 16*

### **CLAIRE**

**E**nfiei um pedaço de pizza na boca, fazendo-o descer com um gole de vinho tinto.

— Ele ligou — contei para Abby. Nós duas nos sentamos no chão em frente à TV do meu apartamento, com a caixa de pizza aberta na mesa de centro e uma garrafa de vinho na mão.

— Espere — ela disse. — Qual deles?

— Ethan.

— E...?

— Ele deixou duas mensagens de voz. A primeira: "Claire, fiquei na suíte do hotel dos meus pais na noite passada, depois da festa. Bebi além da conta. Você me entende, né?".

— Ah, querida — respondeu ela. — Isso não parece bom.

Eu franzi a testa.

— E piora. A segunda, que ouvi há uma hora, era assim: "Claire, vou para Portland hoje à noite para uma conferência. Volto no domingo".

Abby balançou a cabeça.

— Que conferência?

— Aí é que está — eu disse. — Eu fiz umas pesquisas, e adivinhe só.

— Não — arriscou Abby. — Não me diga que ele foi com a...

— Cassandra? Adivinhou. Bem, não tenho cem por cento de certeza, mas a única conferência que eu consegui descobrir em Portland é uma convenção de críticos de gastronomia. Então, é só fazer a conta.

— Não é um bom presságio — Abby disse, tomando um gole do vinho. — *Se for verdade.*

Dei de ombros.

— Após vê-los juntos ontem à noite, não tenho dúvida de que é verdade.

Pus o pé na base da mesa de centro e uma pilha de álbuns de fotografias tombou no tapete. Um deles caiu aberto, espalhando as páginas como se quisesse me provocar. Recolhi tudo e me debrucei sobre a página. Ali estávamos nós, Ethan e eu, no dia de nosso casamento, eu com meu vestido branco tomara-que-caia. A mãe de Ethan tinha feito um estardalhaço, dizendo que o modelo era inadequado para uma igreja católica, mas Ethan pusera um ponto-final nisso. Ele ficara do meu lado. Senti saudade daqueles dias. Senti saudade dele. Passei a mão sobre a foto, deixando meu dedo repousar sobre o rosto dele. Eu tinha enfiado uma foto dos meus avós no dia do casamento deles ao lado da nossa quando organizara o álbum. A fotografia em preto e branco tinha desbotado com o tempo. Quando menina, eu olhara para ela centenas de vezes, memorizando o olhar de amor em ambos os rostos. Amor verdadeiro. Mas foi só neste momento que notei um pedaço de papel nas mãos de minha avó. Pisquei os olhos com força, tentando decifrar as palavras.

— Abby, olhe para isto — eu disse, apontando para a foto. — Você consegue enxergar o que está escrito aqui?

Ela apanhou os óculos na mesa e pegou o álbum nas mãos.

— Bem — respondeu —, acho que está escrito "Soneto 43".

— O que quer dizer?

— Parece que estamos um pouco enferrujadas em literatura inglesa, não é? — ela comentou, rindo.

Eu virei os olhos.

— Bem, enquanto você estava recitando poesia, eu estava encurvada sobre a mesa de redação, revisando o jornal. Não havia tempo para *firulas*. — Abby tinha se formado em literatura inglesa, enquanto eu havia tomado o rumo do jornalismo. Era uma rixa de longa data.

— Tudo bem, tudo bem — ela disse. — Mas você quer saber o que é ou não?

— Me conte tudo, Shakespeare.

Abby forçou um sorriso.

— É de Elizabeth Barrett Browning, bobinha. O famoso poema “Como Eu Te Amo? Vou Contar as Maneiras”.

— Oh — falei, lembrando-me dele em um instante. — Eu conheço.

— É claro que conhece — ela continuou. — É só o poema de amor mais importante da história dos poemas de amor. — Fez uma busca na internet do celular e leu os versos.

Eu me encostei no sofá, mantendo a taça de vinho próxima à mão.

— Que romântico — suspirei, olhando de relance novamente para a foto. — Aposto que ela leu isso para ele na festa de casamento.

Abby acenou com a cabeça.

— Dá para ver as palavras ecoando nos ouvidos dele. Olhe seu rosto. Ele a valoriza.

— Sim — concordei. — Minha mãe falava muito disso quando eu era criança, e deve ter sido esse o motivo pelo qual dois casamentos fracassados, penso eu. Ela nunca conseguiu encontrar o príncipe encantado como a vovó encontrou. — Suspirei novamente, fechando o álbum.

Abby apoiou a cabeça no meu ombro.

— No que você está pensando?

— Estou com medo de fracassar, Abs. Temo que meu casamento tenha sido submetido a um teste e definhado sob pressão.

Abby abriu o álbum outra vez, apontando para a foto em preto e branco.

— Eu tenho certeza de que seus avós também enfrentavam problemas no casamento.

Lancei um olhar de dúvida para ela.

— Ouça, eu conheço você, Claire, e sei que ama o Ethan profundamente. Então, por que não luta por ele? A Cassandra está com as garras nele, mas só porque você deu espaço.

Peguei um pedaço da borda da pizza e o atirei na caixa, pensando na excelente comida que ela e Ethan provavelmente estavam apreciando na conferência.

— Então, o que você acha que eu deveria fazer? Ir até lá?

— Não, mas, em primeiro lugar, você poderia responder à ligação dele — ela disse. — Ele ligou para você duas vezes e deixou mensagens?

— Sim.

Abby sorriu.

— Ligue para ele.

Peguei meu celular e rolei a tela até o número. A ligação se completou, e meu coração bateu como quando uma pessoa telefona para outra após o primeiro encontro. Ao terceiro toque, no entanto, soltei um suspiro de decepção.

— Correio de voz — balbuciei para Abby.

— Deixe uma mensagem — ela sussurrou.

Balancei a cabeça.

— Deixe!

— Uh, Ethan, é a Claire. Eu recebi seus recados. Ouça, quando você voltar da, hum, conferência, podemos conversar? Sinto sua

falta. — Eu hesitei, e Abby me cutucou na coxa. — *Eu te amo.*

— Pronto — eu disse. — Fiquei parecendo uma idiota completa. Está feliz?

— Boa menina — ela respondeu, enchendo novamente minha taça com vinho.

Um instante depois, meu celular vibrou. Acabei me assustando com a vibração e derramei vinho na mesa de centro quando fui pegar o aparelho. Abby enxugou a sujeira com uma pilha de guardanapos que estavam ao lado da caixa de pizza. Olhei para a tela.

— Abby, é ele.

O telefone vibrou de novo.

— E aí, você não vai atender?

Respirei fundo e atendi, levando o telefone ao ouvido.

— Oi, Ethan. — Eu mal podia esperar para ouvir a voz dele, ouvi-lo dizer que sentia minha falta, que a mensagem que eu havia deixado para ele o tinha comovido. Afinal de contas, eu não conseguia me lembrar da última vez que havia dito *eu te amo*.

Mas, em vez de ouvir a voz dele do outro lado da linha, ouvi apenas uma agitação, um distante som de multidão. Percebi o tinido de chaves e, em seguida, uma porta sendo batida.

— Ethan? — chamei. — Está me ouvindo? — Virei-me para Abby com desânimo. — Acho que o celular ligou sozinho no bolso dele. — Continuei a ouvir até pensar ter escutado o som abafado de uma voz feminina.

E desliguei.

— O que houve? O que ele disse?

Enxuguei uma lágrima antes de afastar o álbum de fotos com o pé.

— Acho que ele está com *ela*.

— Como você sabe? — perguntou Abby.

Cruzei os braços, olhando fixamente para a frente, deprimida.

— Deu para ouvir uma voz de mulher no fundo.

— Claire, pode ter sido qualquer uma. Talvez fosse uma garçonete em um restaurante.

Balancei a cabeça.

— Não. Era ela. Eu sei que era ela.

Abby estendeu a mão.

— Ainda não — ela disse. — Não chore pelo seu casamento ainda. Não escreva o obituário. Espere até ele voltar de Portland. Converse com ele. Depois tome sua decisão.

Dei de ombros.

— Por enquanto, vamos comer pizza e tomar vinho — ela propôs, pegando o controle remoto. — E vamos assistir a filmes antigos no Lifetime.

Eu suspirei, sentindo-me grata por minha amiga mais do que nunca naquele momento.

Antes de minha viagem para ver Lillian Sharpe em Windermere, na manhã de domingo, parei na clínica onde o avô de Ethan estava se recuperando. Após a conversa com Glenda no hospital, limites foram estabelecidos, e estava claro que eu deveria deixar Warren sozinho. Mas ele tinha me ligado no fim de semana. Sentia minha falta. Por Warren, resolvi violar as regras.

— Como você está? — ele perguntou quando eu entrei. Gesticulou para que eu me aproximasse da cama. O quarto lembrava um hospital com alguns poucos móveis a mais: um sofá, um minirrefrigerador, uma penteadeira e um armário.

— Já estive melhor — respondi. — Estou pesquisando uma história que está virando algo impossível.

— Ah, é?

Antes que eu pudesse lhe dar detalhes, meu telefone tocou. Eu o tirei da bolsa.

— É o Ethan — eu disse para Warren, rejeitando a ligação e atirando o aparelho de volta na bolsa.

— Andei preocupado com você dois — comentou. — Problemas no casamento?

Suspirei.

— Sim, temo que sim.

— Me deixe contar sobre minha esposa — ele disse, sorrindo para um ponto na parede, como se pudesse enxergar sua amada ali, olhando para ele. — A Annie era muito parecida com você. Animada. Determinada. Um pouco temperamental.

Abri um sorriso.

— Eu teria gostado dela.

— Você a teria *amado*, Claire. Ela era apaixonada pela vida, assim como era apaixonada por mim.

O telefone tocou ao lado da cama.

— Ora, quem será? — comentou, olhando confuso para o aparelho. Ele atendeu. — Alô? — Hesitou por um longo momento, com os olhos mostrando sinais de decepção. — Não consigo acreditar que você não encontrou... Você pensou que fosse... Tudo bem. Não, agora não posso... Eu ligo mais tarde.

Eu me ocupei com uma revista que estava na mesa ao lado, imaginando sobre o quê Warren estaria falando.

Ele se virou para mim.

— Me desculpe. Onde estávamos mesmo?

— A sua esposa.

— Ah, sim, minha esposa.

Eu afaguei o braço dele.

— Aposto que você sente muita falta dela.

— Sinto — ele disse. — Perder o seu verdadeiro amor é como perder a sua mão direita. É exatamente a mesma sensação. Tudo exige mais esforço. Tudo parece diferente quando você não o tem mais.

— Eu nunca pensei dessa maneira.

Ele acenou com a cabeça.

— Eu quero lhe contar algo. — Ele juntou as mãos, apertando-as.

— Alguns anos depois do casamento, nós nos separamos.

Balancei a cabeça, incrédula.

— O que houve?

— Ela me deixou — ele disse. — Eu não tive um caso, veja bem, mas tive uma amizade inadequada com uma mulher. Uma secretária do escritório.

Ergui as sobrancelhas.

— Inadequada?

— Fui muito estúpido. Homens de trinta anos são... Sabe?

Concordei com um movimento de cabeça.

— Começou de forma muito inocente — continuou. — Eu ficava até mais tarde no trabalho. Nós flertávamos. Então, passamos a tomar drinques juntos. Eu estava brincando com fogo. Bem, a Annie descobriu, e pode acreditar que ela ficou furiosa. Fez as malas e se mudou de volta para a casa da mãe.

— Então, o senhor acha que eu deveria me mudar?

— Não — ele respondeu. — Só estou dizendo que, quando perdi a Annie por esse curto período, percebi como ela era preciosa para mim. Nunca me esqueci dessa lição. Nós dois nos amamos ainda mais depois daquele pequeno abalo em nosso casamento. Na verdade, a Annie passou a apreciar o que aconteceu.

— Eu gostaria de poder imaginar esse final feliz — eu disse. — Ethan parece ter outros planos.

Uma enfermeira veio e gesticulou para o relógio.

— Desculpe interromper, sr. Kensington, mas está na hora da sua fisioterapia.

Ele acenou com a cabeça e ergueu o dedo.

— Só um minuto — disse, virando-se para mim. — Ligue de volta para ele. Dê mais uma chance para ele provar que te ama. Lembre-se de mim e da Annie.

Eu o abracei.

— Tem razão. Obrigada, Warren.

A enfermeira o ajudou a se levantar da cama.

— Sabe, eles estão perdendo tempo comigo — ele comentou, alegremente. — Sou só um velho.

— Um velho que precisa de fisioterapia — a enfermeira retrucou.

Warren piscou para mim.

— Não conseguimos falar sobre o seu artigo — ele disse.

— A Glenda vai ficar contente — respondi. — Ela me proibiu de incomodar você com qualquer um de meus... como ela chamou mesmo? Ah, sim, "dramas".

— A Glenda que se dane — ele disse, sem medir as palavras. Ele amava a nora, eu sabia disso, mas não suas atitudes intrometidas.

— Volte e me conte sobre sua história assim que puder.

— Pode deixar.

— Agora, ligue para o seu marido — ele disse enquanto a enfermeira o levava pela porta. — Promete?

— Prometo.

O táxi me deixou em frente à casa de Lillian Sharpe, em Windermere, o tipo de bairro pela qual meus pais devem ter passado de carro aos domingos, quando eu era criança, sonhando acordados com uma vida melhor. Olhei para a enorme casa. Lillian tinha razão; parecia um lugar que não via visitantes havia muito tempo. A tinta estava descascando. As telhas cobertas de musgo pareciam antigas.

Embora a grama tivesse sido cortada e as ervas daninhas, eliminadas, o jardim não parecia ser amado da mesma maneira que os dos vizinhos. Olhei fixamente para a entrada de carros vazia e depois para meu relógio. Estava cinco minutos adiantada. Sentei-me na escadaria, esperando Lillian chegar. Meu coração se animou quando pensei que poderia estar um passo mais próximo de compreender por que Daniel Ray havia desaparecido.

Instantes depois, um Volvo sedã cinza encostou; uma mulher de cabelo branco e curto estava sentada atrás do volante. Ela saiu do carro e me cumprimentou com um simpático sorriso.

— Você deve ser a Claire.

— Sim — respondi, caminhando na direção dela com a mão estendida. — Muito obrigada por me encontrar aqui. Espero não estar sendo inconveniente.

— De jeito nenhum, querida — ela disse, olhando fixamente na direção da velha casa e exalando profundamente. — Nossa, como senti falta deste lugar.

— A senhora viveu aqui?

— Sim — respondeu. — Com dois filhos.

— Quando a senhora e o seu marido se mudaram?

Ela hesitou por um instante.

— Meu primeiro marido faleceu — contou. — Há algum tempo. Eu me casei de novo no ano passado. Suspirou, olhando para a casa. — Não consegui trazê-lo aqui. É claro, eu quero compartilhar este lugar com ele, assim como quero compartilhar tudo, mas receio que talvez eu tenha que mantê-lo só para mim. — Ela balançou a cabeça. — São muitas lembranças.

— Eu compreendo — falei.

— Bem — Lillian disse —, você não tem que ficar me ouvindo tagarelar. Você veio atrás de informações, e eu gostaria de ajudar a encontrá-las. Meu pai teve uma carreira muito interessante. Ele foi

sócio na maior firma de advocacia de Seattle: Sharpe, Sanford, O'Keefe, mas sempre teve tempo para os casos menores. Ele assumia casos mesmo quando sabia que não seria pago por eles. Era um homem bom. — Ela caminhou até a porta da frente, inserindo uma chave na fechadura. — Aqui estamos nós, lar, doce lar. — A voz dela ecoou contra as paredes solitárias.

Eu a segui para dentro removendo uma teia de aranha da entrada. As tábuas de madeira do chão rangeram sob meus pés. Os móveis em todos os cantos estavam cobertos com lençóis brancos.

— Deve ter sido uma casa maravilhosa para viver com a família — comentei, imaginando o som das risadas das crianças no ar.

— Sim — Lillian disse, pensando no passado. — Fomos tão felizes aqui. — Apontou para um corredor à frente. — Os arquivos do meu pai estão em algum lugar. Ele era meticoloso. Guardava cópias de cada documento relacionado aos casos que assumiu. Poucos advogados se incomodavam com isso naquela época, mas meu pai se importava com os detalhes. Além do mais, houve muitos incidentes estranhos com o departamento de polícia. Meu pai acreditava ser corrupção. — Ela acenou com a cabeça. — Ele sempre guardava os registros para o caso de alguém tentar falsificar um documento.

Lillian parou em frente a um cômodo na ala leste da casa. Observei quando começou a virar a maçaneta, empurrando-a com o braço frágil, mas ela estava emperrada.

— Que estranho — disse. — Parece que tem algo bloqueando a passagem.

— Me deixe tentar. — Peguei a maçaneta e dei um forte empurrão na porta. O que havia atrás dela era pesado, mas eu empurrei com tanta força que objeto que obstruía a passagem se mexeu, abrindo espaço suficiente para Lillian e eu nos espremermos e passarmos.

Lillian ofegou.

— Meu Deus. O que aconteceu aqui?

Havia vidro estilhaçado no chão.

— Tome cuidado — recomendei, apontando para um pedaço pontudo de vidro bem em frente aos pés dela. Uma janela havia sido quebrada; não parecia ter sido um acidente. No chão, havia dezenas de caixas viradas, transbordando montes de papéis e arquivos.

Lillian levou a mão à boca.

— Quem faria isso?

Estendi o braço para acalmá-la.

— Alguém que queria informações que seu pai tinha.

Ela balançou a cabeça, incrédula.

— Por todos esses anos esta casa nunca foi invadida, nem uma vez, e agora a encontro assim?

Eu me ajoelhei, afastando alguns papéis que chegavam à altura do tornozelo. Recolhi uma página, erguendo-a para Lillian ver.

— O Estado *versus* Edward Ainsburg. — Suspirei. — Vai ser como procurar uma agulha em um palheiro. — Tentei examinar a papelada antes de voltar a me levantar. — Quem passou por aqui estava atrás de algo. Talvez essa pessoa não tenha encontrado o que procurava. — Eu me virei para Lillian. — Alguma chance de ele ter guardado os arquivos em outro lugar da casa?

— Não — ela respondeu, visivelmente perplexa pela desordem, pela invasão.

Voltei a me ajoelhar.

— Tudo bem, pelo menos pode valer a pena tentar. Quem sabe eu dê sorte?

Lilian hesitou.

— Espere... Sim, tem um lugar onde podemos olhar. Como eu pude me esquecer? Venha comigo.

Nós subimos o lance de degraus até um cômodo repleto de livros. Fiquei admirada com os antigos volumes com capa de couro que

estavam dispostos nas prateleiras do alto. Se eu morasse naquela casa, passaria a maior parte do tempo ali, pensei.

— É a antiga biblioteca do meu pai — ela disse, sorrindo. — Após ele falecer, quando Bill, meu primeiro marido, e eu nos mudamos para cá, nós mantivemos este cômodo exatamente como estava. Eu não deixei que ele tirasse um único livro daqui. — Fechou os olhos. — Eu não queria perder nenhuma parte do que ele foi. — Passou a mão sobre a estante de livros, lendo cada lombada com as pontas dos dedos.

Dei um passo à frente.

— O que a senhora está procurando?

Perdida em pensamentos, ela não respondeu. Um momento depois, uma das prateleiras se moveu.

— Encontrei! — ela gritou.

Observei ansiosa enquanto ela empurrava a prateleira para dentro, revelando um espaço atrás da parede.

— Era aqui que ele guardava os objetos de valor da família — ela comentou. — Engraçado, eu quase me esqueci deste lugar. Venha e olhe comigo.

Eu me curvei e a segui para dentro do espaço, que tinha mais ou menos o tamanho de um típico armário de quarto. Um aroma doce e bolorento se fez presente. Lillian apontou para uma sombra quadrada em uma prateleira no alto.

— Os charutos dele — disse, pegando a caixa e cheirando-a.

Eu me virei para a porta, sentindo vontade de deixá-la entreaberta. Não queria correr o risco de ser trancada atrás de uma parede. E se alguém tivesse invadido mesmo a casa? E se essa pessoa voltasse? E se ela...

— Você deve estar um pouco assustada — Lillian disse.

— Bem — respondi —, um pouco.

— Eu passava horas neste quartinho quando era menina — contou ela. — Meu pai deixava minha amiga Martha e eu brincarmos de bonecas aqui enquanto ele trabalhava. Ele acendia uma pequena lanterna de querosene para nós. A gente se divertia muito.

Meu coração começou a bater mais forte enquanto eu examinava o lugar, desejando mais iluminação do que aquela que a minúscula fenda atrás de nós proporcionava. Mas não demorou muito para o fracasso se confirmar. O espaço havia sido obviamente esvaziado em algum momento. O que permanecera — a foto emoldurada de uma mulher, um par de ingressos desbotados para um espetáculo de ópera e o trenzinho de madeira de uma criança — era simplesmente recordação de muito tempo atrás.

— Me desculpe — Lillian disse. — Eu tinha esperança de que talvez você pudesse encontrar algo importante aqui. — Ela se virou para a porta no exato momento em que algo me chamou atenção.

— Espere — pedi. Cobertos na sombra, os contornos de algo escuro e retangular tornaram-se mais visíveis. Eu me ajoelhei e estendi o braço até meus dedos tocarem o que parecia ser couro. Notei um fecho e uma alça. — Será que é uma pasta?

Lillian piscou os olhos para enxergar o objeto.

— Ora, sim — respondeu. — Meu pai a levava para o trabalho todos os dias.

Eu a segui de volta à biblioteca, abrindo a pasta com mãos ávidas. Dentro, havia um monte de papéis amarrados com barbante, tão bem organizados quanto no dia em que foram guardados. Puxei um nó, mas ele não se soltou, então tentei arrancar os papéis pelas laterais, mas acabei deixando uma folha cortar o meu dedo indicador.

— Ai. — Recuei e balancei a cabeça.

Tentei de novo, desta vez com mais cuidado, e consegui. Lillian inclinou-se sobre mim enquanto eu folheava a pilha de páginas, de

pelo menos cinco centímetros de espessura. Balancei a cabeça de admiração quando li as palavras: "Testemunho de Sven W. Ivanoff".

— Meu Deus — ofeguei. — Encontramos.

Lillian sentou-se em um banco estofado próximo da porta. Era muita emoção para alguém da idade dela, e eu fiquei preocupada com isso.

— São os arquivos que você estava procurando?

— Sim — respondi. Passei os olhos sobre a primeira página, acenando com a cabeça. — Parece que o seu pai pode ter representado o suspeito no assassinato de Vera Ray, a mãe do menininho que desapareceu em 1933.

O rosto de Lillian parecia pálido.

— Não posso acreditar — ela disse. — Estou tentando entender por que ele resolveu esconder estes arquivos aqui.

Balancei a cabeça.

— Acho que há muitos mais fatos nessa história do que as pessoas acreditavam, e talvez o seu pai soubesse disso. Talvez ele quisesse provar alguma coisa. — Olhei para ela. — A senhora se lembra de ter ouvido o seu pai falar mais sobre algum caso em específico?

— Não — respondeu. — Ele passou a sofrer de demência. E começou cedo, aos sessenta anos. Infelizmente, perdemos muitos anos bons com ele. Deveria haver casos em que ele ainda pretendia trabalhar, mas nunca conseguiu. Não me lembro bem. Mas ele não teria colocado algo no espaço atrás da parede a menos que fosse de grande importância.

Meu avô também tivera demência. Vovó tinha começado a perceber a doença quando ele passara a colocar as caixas de cereais na geladeira. Talvez o pai de Lillian tivesse simplesmente escondido os documentos sem algum motivo aparente, ou quem sabe tenha percebido que estava ficando ruim da cabeça e tentara preservá-los antes que alguém destruísse a verdade. O ar no cômodo estava

pesado, misterioso. Enfiei as páginas soltas de volta dentro da pasta e me levantei.

— A senhora se importa se eu levar isto comigo para analisar no escritório? Vou devolver tudo, é claro. Prometo que vou mantê-los seguros.

— Sim, querida — ela disse. — Se você acha que pode trazer à luz a verdade, fique com eles. Meu pai ficaria contente em saber que estão em boas mãos.

Nós caminhamos na direção da escada, e eu olhei por sobre o ombro, sentindo vontade de correr dali, de deixar aquela casa o mais rápido que meus pés podiam me levar, mas mantive o passo lento e constante.

Quando chegamos à parte externa da casa, onde os pássaros gorjeavam e o sol brilhava no meu rosto, soltei um suspiro de alívio.

— Posso levá-la de volta, querida? — Lillian perguntou, andando até o carro.

— Seria maravilhoso, obrigada — respondi, abrindo a porta do Volvo. Virei-me para ver a casa pela última vez, observando cuidadosamente os quartos de cima. *Será que estamos sendo observadas?* Que tola, pensei comigo mesma. Enquanto Lillian ligava o carro, apertei a pasta nos braços com mais força, ciente de que estava de posse de algo muito importante. Agora, cabia a mim descobrir por quê.

Assim que me sentei no escritório, o telefone tocou. Atendi, incomodada. Não queria fazer nada além de mergulhar no conteúdo da pasta.

— Claire? — A voz de Ethan parecia bem distante. Do outro lado do mundo. — Querida.

Meu coração amoleceu, mas continuei em silêncio.

— Tentei ligar em casa. Não achei que te encontraria no escritório em um domingo.

— Estou trabalhando em uma matéria — respondi.

— Sinto sua falta.

*Ele recebeu minha mensagem de voz.*

— Também sinto sua falta — eu disse, desabando, espantando o ciúme, o ódio que tinha se estabelecido em meu coração. Eu queria perguntar o que ele estava fazendo em Portland, e se Cassandra fazia parte do negócio, mas me segurei.

— Passei o dia todo de ontem entrevistando candidatos para a Bolsa de Estudos da Associação dos Jornalistas — contou ele. — Foi cansativo.

— Oh — eu disse, aliviada. — Pensei que você estivesse...

— Estou indo para casa de trem hoje à noite. Adoraria jantar com você, se for possível.

Meus olhos brilharam.

— Você adoraria?

— Sim — ele continuou. — Isto é, se você quiser.

— Eu quero.

— Às sete horas, no Pink Door?

— Sim — respondi. — Estarei esperando.

Desliguei o telefone e voltei minha atenção à pasta. O pai de Lillian a tinha carregado consigo todos os dias de sua vida profissional, sem dúvida. Era meio como olhar dentro de uma velha bolsa de médico. Você não podia tirar o estetoscópio sem pensar no médico que o segurara sobre os corações centenas de vezes. Sim, eu podia sentir a presença do pai de Lillian. Segredos me aguardavam dentro dessa pasta, e eu acho que ele queria que eu os descobrisse.

## *capítulo 17*

### **VERA**

Lon dormiu até o meio-dia. Observei o relógio fazer tique-taque sobre sua cabeça, rezando para que acordasse logo, assim ele poderia dar os telefonemas que havia prometido em nome de Daniel. As pessoas costumavam obedecer a Lon. Ele era um homem poderoso.

Eu me endireitei na cadeira enquanto ele abria os olhos. Ele estendeu a mão para mim, gesticulando para que eu me aproximasse. A mão que tinha me devassado na noite anterior. Senti meu estômago revirar.

— Venha aqui, boneca — ele disse, esfregando os olhos. — Deite-se aqui do meu lado.

— Lon — respondi, da forma mais doce possível —, você prometeu que me ajudaria a encontrar o meu filho. Estou sendo bem paciente.

— Claro, linda — ele falou, bocejando. — Mas eu não saio da cama sem tomar café da manhã e sem — piscou para mim — uma mulher.

Balancei a cabeça.

— Não — eu disse firmemente —, você prometeu.

Lon sentou-se. Os olhos dele mudaram da diversão para o ódio.

— Quem você pensa que é para ficar me dando ordens desse jeito?

Minhas mãos começaram a tremer.

— Eu, eu...

— Você achou mesmo que por um instante eu me importei com a droga do seu filho? — ele disse, rindo sinistramente. — Pelo amor de Deus, como você ainda pode pensar que ele está vivo? Já se passaram dias. — Pegou a garrafa de champanhe pela metade na cômoda ao lado da cama e tomou um gole.

Senti como se tivesse saído do meu corpo e estivesse assistindo à cena se desenrolar na suíte, como uma espectadora. Os lábios de Lon se moviam, rindo, zombando de mim. Eu fiquei ali sentada, paralisada, assustada e pela primeira vez sentindo uma completa e total desesperança.

Lon levantou-se da cama e eu desviei o olhar de seu corpo nu.

— Agora, se souber o que é melhor para você, boneca — ele disse, dando um passo em minha direção —, vai desistir dessa bobagem de procurar o seu filho e voltar para a cama comigo.

*Meu Deus. Tenho que sair daqui.*

Olhei na direção da porta. Se eu fosse rápida, conseguiria correr dali. Conseguiria chegar lá antes de ele me pegar. Ele não me perseguiria pelo corredor sem as roupas. Eu poderia escapar.

— Boneca — ele voltou a me chamar, passando o dedo no adorno do meu vestido.

Eu me afastei dele, e a força do gesto rasgou o tecido. A fenda que se abriu na lateral revelou meu espartilho.

— Não me chame de boneca! — gritei, correndo em direção à porta. Senti seu ódio atrás de mim, ardendo como uma tora seca em uma lareira, atizada e crepitante. *Tenho que sair daqui.* Então, tropecei no tapete e perdi meu sapato. Sem tempo de recuperá-lo, puxei a maçaneta e abri a porta, correndo para o corredor a tal velocidade que até eu mesma me surpreendi.

— Não fuja de mim, sua puta! — ele gritou. — Volte aqui agora mesmo!

A voz dele ecoou pelo corredor. *Ele está me perseguindo?* Não me virei para ver. *Continue correndo.* Eu conhecia bem o hotel, cada fresta, cada toca de rato. Logo à frente ficava o armário das criadas. *Ele nunca vai me procurar lá.* Abri a pequena porta próxima à Suíte Rainier e me enfiei dentro dela. A voz de Lon tinha aquietado. Só dava para ouvir o silêncio e o som do meu coração batendo forte no peito. Uma gota de suor caiu da minha testa e escorreu pelo rosto. Em seguida, ouvi passos do lado de fora. Prendi a respiração. Momentos depois, a maçaneta foi puxada. Agarrei um esfregão. Se ele se aproximasse de mim, eu o acertaria.

A porta se abriu com um rangido. Ali, espiando dentro do armário, estava Gwen.

— Meu Deus — ela disse, ofegante. — Você quase me matou do coração, Vera Ray.

Nunca em minha vida fiquei tão agradecida de ver o rosto de uma amiga. Assim que comecei a chorar, não consegui mais parar.

— Oh, querida, vamos tirar você daqui — ela sussurrou.

Gwen destrancou a Suíte Rainier logo à frente, e nós corremos até o interior dela.

— Vera — ela disse, analisando meu vestido rasgado, muito mais elegante do que os que eu costumava vestir, e o rosto molhado de lágrimas. — O que aconteceu com você?

— Cometi um erro terrível ao vir aqui — eu disse. — Com ele.

— Com o Lon?

Mordi o lábio.

— Você já sabe?

Ela acenou com a cabeça, entregando-me um lenço branco recém-passado de uma bandeja prateada ao lado da cama.

— Você sabe como as criadas comentam.

Assoei o nariz.

— Não consigo imaginar o que você deve pensar de mim, Gwen.

— Acho que você é uma boa mãe, é isso o que eu penso — ela disse, antes de franzir os lábios. — E acho que o hotel deve expulsar aquele monstro por tratar as mulheres desse jeito.

Respirei fundo.

— Ele prometeu que me ajudaria a encontrar Daniel. E eu acreditei nele.

— Aquele homem é um rato — respondeu ela. — Depois do que ele fez com a Suzie, despedindo-a daquele jeito sendo que estava grávida de um filho dele. Desprezível.

Assenti com a cabeça.

— Eu sabia que não valia a pena. Mas minha cabeça estava confusa pela esperança de encontrar o Daniel.

— Querida, não se culpe por isso. Nem por um único segundo. Você fez o que tinha que fazer.

Suspirei, derrotada.

— Mas eu falhei.

Gwen balançou a cabeça.

— Não vou deixar você falar assim. Você fez o que tinha que fazer — ela repetiu, enfaticamente.

Eu me sentei na cama grande e macia, repousando a cabeça contra a cabeceira.

— Olhe para mim — falei —, sujando este quarto, dando mais trabalho a você.

— Claro que não — ela retrucou. — Além do mais, o quarto está vago esta noite. E Estella está de folga hoje. Então, pode ficar quanto tempo quiser. Vou pedir para Bruce trazer uma bandeja de comida. Você está pele e osso.

Olhei para meus braços, pálidos, esqueléticos, com uma ferida recente que só aumentava no meu pulso direito.

— Só se não for te dar muito trabalho — eu disse. — Não quero sobrecarregar ninguém.

— Não se preocupe com nada — ela disse. — Agora, descanse. Você está segura. Ele não vai te encontrar aqui. Finja que é uma hóspede por um tempinho. Pode até tirar um cochilo. Eu tiraria se fosse você, querida.

Observei a cama, tão luxuosa e aconchegante. Eu não tinha pregado o olho a noite passada, não com aquele monstro dormindo ao meu lado.

— Obrigada, Gwen — respondi, pondo minha pesada cabeça no travesseiro. Deixei minhas pálpebras fecharem. *Só por alguns minutos. Depois eu vou. Depois eu saio deste lugar e encontro meu filho.* Quando fechei os olhos, vi, como sempre, meu Daniel.

Já eram oito e meia quando abri os olhos. Como eu pude dormir tanto tempo? Sentei-me rapidamente, alisando o vestido. Com a pressa que eu tivera em sair do quarto de Lon, não tinha trazido um casaco. Andei até o espelho na parede e olhei por um longo momento para meu reflexo, envergonhada pela imagem da mulher escassamente vestida diante de mim. Mas não tinha tempo de me lamentar. Examinei o céu pela janela. Nuvens escuras tinham se acumulado. *Tenho que sair daqui.*

Pisei no corredor, com todo o cuidado, sem fazer barulho, ciente de cada rangido que o chão fazia conforme eu andava. Pensava em Lon a cada curva. *Será que ele ainda está me procurando?* Quando cheguei ao elevador, apertei o botão e rezei para que chegasse logo. Ouvi pesados passos no corredor e meu coração começou a disparar, mas, logo depois, um casal passou caminhando. O homem tirou o chapéu para mim, e eu meneei a cabeça, aliviada, para ele. Ainda assim, quando as portas do elevador se abriram, saltei para dentro dele, prendendo a respiração até que se fechassem. *Segura por*

*enquanto*. O elevador me deixou no saguão. Mantive a cabeça baixa para permanecer o mais imperceptível possível, mas gelei quando vi um homem que reconheci. Nossos olhos se encontraram por um breve instante. Eu não consegui identificá-lo de cara, tão fora de contexto. Depois, percebi quem era. O sr. Ivanoff, o construtor. Ele segurava uma barra de ferro e parecia estar trabalhando em uma lareira no saguão. Acenou com a cabeça para mim, mas eu não parei, principalmente depois de ter ouvido o que ele tinha feito com a esposa. Por mais simpático que ele tivesse sido com meu Daniel, um homem que era capaz de agredir a esposa não era um homem com quem eu queria me relacionar. Olhei diretamente para a frente.

Assim que empurrei as portas duplas que davam acesso à rua, ouvi um homem chamando a distância:

— Espere!

Olhei de relance para trás, para dentro do saguão, e vi o assistente de Lon correndo em direção à porta, acenando com as mãos.

— Volte aqui, srta. Ray! — ele gritou. — Não pode sair correndo dessa maneira. O sr. Edwards gastou uma fortuna no seu guarda-roupa.

Eu o ignorei e continuei a me afastar. Meu coração batia forte enquanto eu corria pela rua. Continuei correndo, entrando finalmente em um beco a quatro quarteirões de distância. Passei por trás de uma pilha de madeira, ofegante. Um rato com o rabo torto passou correndo pelas sombras. *Meu Deus, para onde vou agora? De volta para a casa de Caroline? Não, eu não poderia fazer isso com ela. Para onde, então?* Estava escurecendo; eu não poderia ficar nas ruas, onde seria presa dos homens nos bares. Então, levei as mãos à cabeça. *Charles*. A princípio, rejeitei o pensamento. Muitos anos haviam se passado. Eu era provavelmente apenas uma lembrança distante para ele agora. *Ele não sabe sobre Daniel, então,*

*como se sentiria se soubesse que eu o escondi dele por todo esse tempo?*

Balancei a cabeça. *Charles me amou uma vez. Ele não me daria as costas agora. Mas será que me reconheceria, esta mulher que eu me tornei?* Olhei para baixo, para minhas mãos, rachadas e vermelhas das horas que eu passara ocupadíssima com os baldes de água no hotel, um total contraste com a jovem de olhos brilhantes que ele conhecera quatro anos antes. Mas talvez ele enxergasse além disso.

Suspirei e me levantei, caminhando em direção à rua. Acenei para um caminhão de mantimentos que passava, e o motorista diminuiu a velocidade do veículo até parar.

— Alguma chance de o senhor passar por Windermere hoje à noite?

O motorista, um homem mais velho, simpático, sorriu como se estivesse com pena de mim.

— Não — ele disse. — Mas eu posso fazer um desvio. Estou fazendo uma entrega na região norte. Posso deixar você no meio do caminho.

Olhei para o banco da frente, abarrotado de caixas e engradados.

— Você vai ter que ir lá atrás — ele informou.

Acenei com a cabeça, dando a volta até a traseira. Subi na carroceria do caminhão, empurrando um engradado de lado para abrir um espaço. Quando o caminhão acelerou, me confortei, pensando em Charles.

— Chegamos — o motorista disse, pisando nos freios em frente a Windermere. Ele tirou o chapéu para mim. — Espero que encontre o que está procurando, senhorita.

— Eu também — respondi. — E obrigada.

As luzes da rua estavam esparsas, e meus olhos, cansados. Enfim, o lar dos Kensingtons apareceu a distância. Apertei o passo,

deixando para trás pelo portão e pela fonte. Olhei contemplativamente para a casa, lembrando-me do dia em que Charles me trouxera ali. Ele tivera orgulho de mim. Ele me amara. *Como teria sido se eu tivesse permanecido e ignorado os alertas da Josephine? Daniel poderia estar...*

Então, me espantei com um ruído murmurante sobre minha cabeça. Um pássaro batia as asas, voando em direção ao lago. Deixei meus medos de lado e continuei a caminhar na direção da casa, passando pelos vasos na entrada. Eles transbordavam de violetas recentemente plantadas. Ao chegar à porta, bati timidamente e esperei. Depois, bati de novo, desta vez com mais força. E então ouvi passos se aproximando. A porta se abriu com um rangido, revelando Charles, exatamente como eu me lembrava dele. O cordial sorriso. Aqueles olhos simpáticos.

— Vera? — ele exclamou, demonstrando surpresa. — Eu... eu... a Josephine disse que você...

— Olá, Charles — eu disse baixinho. Em seguida, estendi a mão e a passei em seu rosto. — Senti tanto sua falta.

Queria ter tido tempo de escovar o cabelo. Poderia ter pegado emprestado o batom de Gwen também. Mas minha aparência não tinha importância. Tudo o que importava era Daniel.

— Charles — eu continuei —, perdoe-me por vir até aqui assim, por...

— Não — ele respondeu, sorrindo afetuosamente. — Por favor, não peça desculpas. Posso ajudar? — Olhou para meu pé esquerdo, descalço, com os dedos saindo pelos buracos da meia. — Você está passando por algum problema?

— Sim — eu disse, odiando o tom desesperado em minha voz, mas não conseguia escondê-lo. — Eu sei que isso vai ser terrível. Eu deveria ter contado há muito tempo...

Vozes de mulheres ecoaram atrás de Charles, e momentos depois Josephine e uma mulher loira que eu não reconheci apareceram à porta ao lado dele. A loira enganchou o braço no dele. Um anel de diamante brilhava em sua mão esquerda.

— Charlie, querido, quem é esta?

Dei um passo para trás.

— Então você voltou, é? — Josephine perguntou. — Eu sabia. — Ela se virou para Charles. — Pedindo esmola?

— Josephine, pare! — Charles gritou. — Ela está aqui porque precisa de ajuda. — Ele se voltou para mim, com os olhos arregalados quase do tamanho de pires. — O que foi, Vera?

— Ela vai dizer qualquer coisa para conseguir o que realmente quer — Josephine continuou. — O seu dinheiro.

Balancei a cabeça.

— Não, por favor. Estou aqui porque algo terrível aconteceu. Meu filhinho desapareceu.

Charles ficou boquiaberto.

Josephine estendeu a mão.

— Não dê ouvidos a ela — disse. — Ela nunca foi digna de estar com você. Mamãe a viu nos braços de Lon Edwards no hotel uma noite dessas.

A reputação de Lon não era boa, e eu não poderia negar minha relação com ele. Então, olhei para baixo, na direção dos pés.

— Sim — respondi —, mas...

— Isso basta, senhorita Ray — Josephine interrompeu, tentando fechar a porta, mas Charles intercedeu.

— Josephine — ele disse —, já chega! — Virou-se para a outra mulher e sorriu de modo simpático. — Elaine, você pode nos dar licença por um momento? Eu gostaria de falar com a srta. Ray em particular.

A mulher recuou, como se se sentisse ofendida.

— Bem, se você diz — respondeu ela. — Mas não demore, querido, senão vai perder o jantar.

Charles caminhou para fora da casa e apontou para o banco de pedra à nossa esquerda.

— Quer se sentar?

Acenei com a cabeça, e ele se sentou ao meu lado. As mãos dele se mexiam inquietas no colo enquanto seus olhos miravam os meus.

— Meu Deus, Vera — ele disse. — Achei que nunca mais a veria.

Desviei o olhar. Não podia suportar olhar fixamente para os olhos que eu amara, que ainda amava.

— Você me deixou arrasado, sabia disso? — comentou, olhando de relance para a casa e voltando a atenção a mim. — Eu queria passar o resto da minha vida com você.

Senti uma dor no coração quando ouvi essas palavras.

— Oh, Charles — eu disse, virando-me para encará-lo. — Agi mal quando parti daquele jeito. Mas você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que só parti porque te amava?

Ele apertou os olhos.

— Eu não compreendo.

— Josephine — continuei. — Ela disse que os seus pais deserdariam você.

Charles balançou a cabeça.

— E daí se eles fizessem isso? — Ele suspirou, levando a mão ao rosto. — Você preferiu pensar assim e acreditar que eu preferiria escolher o dinheiro em vez do amor?

— Não... não — gaguejei. — Eu não queria ser a razão de você perder... — Parei para olhar ao redor da ampla propriedade, e meus olhos se detiveram na esmerada fonte à frente. — Tudo isto.

Ele olhou fixamente para a frente.

— Eu só queria que você tivesse deixado essa decisão para mim.

Coloquei a mão no antebraço dele, mas ele enrijeceu e o puxou para trás.

— Estou casado agora, Vera — contou ele. — O nome dela é Elaine. Ela é uma boa mulher. Estamos esperando nosso primeiro filho. Acabamos de descobrir que ela está grávida.

As palavras ecoaram no ar da noite, ridicularizando-me.

— Sim — eu disse. — Sim, é claro. — Eu me levantei. — Fui uma tola por vir até aqui.

Charles levantou-se.

— Vera, espere. Você está correndo algum tipo de perigo? Se precisar de um lugar para passar a noite, Greta pode arranjar um quarto para você.

Balancei a cabeça.

— Não. — *O que a Elaine pensaria disso? Ele tem uma família, uma família de verdade, com uma esposa adequada. Como posso contar-lhe sobre Daniel agora?* — Minha presença aqui só vai te causar problemas — eu disse. — Vou ficar bem.

Charles deu um passo em minha direção.

— Tem certeza?

Eu conseguia ver a emoção, a saudade em seus olhos. Sua presença parecia magnética. Eu só queria sentir o conforto de seus braços, contar a ele sobre nosso filho e pedir sua ajuda para encontrá-lo.

Quando abri a boca para falar, a porta abriu com um rangido. Elaine saiu até o pórtico com os braços cruzados e uma expressão de impaciência.

— Charles, querido, o jantar está na mesa. Sua sopa está esfriando.

— Adeus, Charles — falei, descendo os degraus até a entrada de cascalho.

— Vera, espere, eu...

— Adeus — voltei a dizer, desaparecendo na escuridão. Virei-me outra vez, com uma dor no coração, e vi Elaine enganchar o braço no dele como se marcasse território. Ele a beijou no rosto como um cavalheiro e a escoltou de volta para casa.

Enxuguei uma lágrima perdida com a beira da manga do vestido. A lua pairava sobre minha cabeça, uma testemunha silenciosa, brilhando ainda mais. *Para onde vou agora? O que vou fazer?* Saí cambaleando pela passagem lateral, olhando para baixo, na direção do lago. Grilos cricrilavam enquanto ondas suaves batiam na costa pantanosa. Eu me lembrei do que Charles tinha dito sobre os lírios, sobre como eles eram especiais, de outro mundo. Desejei vê-los novamente, observá-los boiando sob o luar. Daniel teria gostado de vê-los. Ele teria sido delicado, assim como Charles fora na infância, mergulhando a mão na água e tocando as pétalas com toda a doçura. Ele apreciaria sua beleza, assim como seu pai apreciava.

Com o coração pesado, caminhei em direção ao lago.

## *capítulo 18*

### **CLAIRE**

**E**rgui os papéis. Eles traziam o aroma do compartimento secreto da casa de Lillian: fumaça de charuto, mofo e um toque de couro velho. A primeira página confirmou que o pai de Lillian, Edward Sharpe, tinha de fato representado Sven W. Ivanoff no julgamento pelo assassinato de Vera Ray. As próximas páginas estavam repletas de jargão jurídico e tinha várias petições que eu não compreendia. Mas no fundo daquela pilha de papéis estava o material pelo qual eu esperava, a transcrição do testemunho do sr. Ivanoff. Senti um calafrio, pensando no que poderia haver naquelas páginas amareladas e datilografadas. Uma confissão de culpa? Os horripilantes detalhes da morte de Vera? Então, comecei a ler:

E. R. Sharpe: Sr. Ivanoff, por favor, diga para registro o seu nome e endereço.

S. W. Ivanoff: Sven W. Ivanoff, Quinta Avenida, 4695.

Sharpe: O senhor se declara inocente pelo assassinato da srta. Vera Ray. Está correto?

Ivanoff: Sim, senhor.

Sharpe: Por favor, conte como conheceu a senhorita Ray.

Ivanoff: Eu a conhecia há cerca de quatro anos.

Sharpe: E quando foi a primeira vez que vocês se viram?

Ivanoff: Nós morávamos no mesmo prédio. Ela morava no andar de baixo. Mas não foi lá que nos vimos pela primeira vez. Eu estava em Windermere para fazer um trabalho em uma casa. Eu a vi caminhando no acostamento da estrada. Ela parecia precisar de ajuda.

Sharpe: E o que o senhor fez, então?

Ivanoff: Parei o caminhão. Perguntei se ela precisava de uma carona. Ela perguntou se eu poderia levá-la de volta para o apartamento dela, em Seattle. Foi aí que percebi que morávamos no mesmo prédio.

Sharpe: Então, sr. Ivanoff, a acusação parece retratar a srta. Ray como uma mulher de moral questionável — talvez até uma prostituta. O senhor tem algum motivo para acreditar que isso seja verdade em relação à srta. Ray?

Ivanoff: Não, senhor. Ela era uma mulher decente. Uma boa mulher. Só tentava fazer o dinheiro cobrir as despesas, como todos nós.

Sharpe: E, quando o senhor deu carona a ela até seu apartamento na cidade, houve alguma ação inadequada, ou, devo dizer, íntima, no encontro?

Ivanoff: Não, senhor. Sou um homem casado, senhor.

Sharpe: Sobre o que vocês conversaram enquanto voltavam para Seattle?

Ivanoff: Ela disse que tinha que tomar uma decisão muito difícil. Parecia algum problema de relacionamento, pelo que entendi. Eu não fiz muitas perguntas. Ela não parecia muito disposta a conversar. Mas ela disse algo sobre uma das moças na casa em que estivera, que ela não havia sido gentil com ela. Nós dois concordamos que esse pessoal rico pode às vezes ser tão maldoso quanto o próprio diabo.

Sharpe: Então o senhor ficou com a impressão de que alguém tinha sido rude com a srta. Ray no bairro de Windermere, onde ela estivera pouco antes?

Ivanoff: Sim, senhor. Ela estava abalada. Dava para notar que estivera chorando. Senti pena dela.

Sharpe: Tudo bem. Então o senhor a deixou no prédio e acabou assim?

Ivanoff: Sim, senhor. Eu só a vi de vez em quando depois disso. Eu tirava o chapéu quando ela passava por mim. Uma vez consertei um tijolo solto na lareira dela.

Sharpe: Por que o senhor a ajudou com isso?

Ivanoff: O proprietário do apartamento era um verdadeiro tirano. Fazia os próprios inquilinos pagarem por reparos. Eu ajudava o máximo de pessoas que podia. Depois da tempestade, um galho da cerejeira que ficava do lado de fora acertou a janela de uma das senhoras que moravam ali. Ela não podia pagar pelo conserto, por isso teve que ficar sem o vidro. Eu tinha um pouco de sobra de madeira no caminhão, então fechei o vão para ela. Aquele apartamento era frio como uma geladeira.

Sharpe: Parece que o senhor era o faz-tudo não oficial do prédio.

Ivanoff: Pode-se dizer que sim. Alguém tinha que ajudar os pobres moradores. Eu tentava dar uma mão sempre que podia.

Sharpe: E, quando consertou a lareira da srta. Ray, o senhor teve algum indício de que ela estava tentando lhe fazer uma proposta indecente?

Ivanoff: Meu Deus, não. Como eu disse, ela era uma mulher honesta. Além do mais, quando visitei o apartamento dela para consertar a lareira, ela tinha um bebê recém-nascido. Fiquei surpreso no começo. Eu nem sabia que ela estava grávida. Ela era tão mirrada. Parecia difícil acreditar que poderia ter carregado um bebê no ventre. Além do mais, eu nunca tinha visto um homem perto do apartamento dela. Nem uma vez. Mas isso era assunto dela. Eu não ficava perguntando a respeito. Ela amava aquele bebê. Ela o paparicou o tempo todo em que eu fiquei trabalhando lá.

Sharpe: Ela disse ao senhor o nome da criança?

Ivanoff: Ora, sim, senhor. Ela o chamava de Daniel.

Sharpe: E houve alguma troca monetária por seus serviços?

Ivanoff: Não, senhor. Ela tentou me dar as últimas moedas do bolso, mas eu não quis aceitar. Então ela me ofereceu um pedaço de pão. Isso foi gentil da parte dela. Minha mulher estava doente e não assava pão havia algumas semanas.

Sharpe: Podemos esclarecer algo quanto à sua ficha? O senhor foi preso por supostamente ter batido em sua esposa durante um surto de embriaguez.

Ivanoff: É verdade que eu bebo mais do que deveria. Mas eu jamais levantaria a mão para minha esposa, ou para qualquer mulher.

Sharpe: Então, o que aconteceu na noite em que sua esposa foi agredida?

Ivanoff: Eu estava no bar que ficava abaixo do meu apartamento. O dia tinha sido longo. Eu tinha bebido cerveja um pouco além da conta. Minha esposa desceu para me procurar, para me levar para casa. Um dos homens no bar não gostou de ver uma mulher ali. Ele a chamou de um nome terrível.

Sharpe: Do que ele a chamou?

Ivanoff: De russa feia. Apontou para os dedos dela e disse que eles eram gordos, gordos como *pirogies*, ele disse. Ele a fez chorar. Eu não poderia deixá-lo falar com minha esposa daquele jeito. Então eu me levantei para dizer o que pensava dele, e ele deu um soco em mim, um direto na minha mandíbula. Perdi um dente naquela noite.

Sharpe: O senhor pode, por gentileza, levantar-se e mostrar à corte qual dente?

Ivanoff: Claro. Era este aqui, da direita. Caiu na mesma hora. Eu nunca mais o encontrei.

Sharpe: Sr. Ivanoff, pode nos dizer o que aconteceu com sua esposa naquela noite? Por que ela foi levada para o hospital?

Ivanoff: Ela tentou separar a briga, e aquele canalha a acertou. Ela ficou bem machucada.

Sharpe: Então o senhor não bateu na sua esposa?

Ivanoff: Não, senhor. A polícia veio até o bar, e alguém disse para eles que fui eu. Acho que pensaram que era melhor prender um imigrante. Eles me levaram à delegacia. Foi um erro terrível.

Sharpe: E eu suponho que a sua esposa tenha ido implorar à polícia no dia seguinte pela sua soltura. Por que eles não deram ouvidos a ela?

Ivanoff: Corruptos, é isso que são. Prenderam um homem inocente e não queriam dar ouvidos à razão, mesmo diante dos fatos. Acabaram com minha reputação. Eu não entendo este país. Na Rússia, os homens são honestos.

Sharpe: Deixem-me mostrar que tenho aqui uma declaração assinada da sra. Arianna Ivanoff afirmando que seu marido, Sven Ivanoff, não a agrediu na noite de 7 de maio de 1933. Agora, sr. Ivanoff, vamos falar sobre o que aconteceu na noite da morte da srta. Ray.

Ivanoff: Bem, eu sabia que ela estava em uma situação difícil, com problemas para pagar o aluguel e tudo o mais. Eu tinha ouvido que o filho dela estava desaparecido. Isso partiu meu coração. Ele era um bom menininho. Me lembrava o meu próprio filho.

Sharpe: Sr. Ivanoff, o senhor teve algo a ver com o desaparecimento de Daniel Ray?

Ivanoff: Não, senhor.

Sharpe: Por favor, descreva para mim os seus encontros com a srta. Ray na semana anterior à morte dela.

Ivanoff: Bem, senhor, eu me lembro de estar no bar, no dia da tempestade de neve. Eu a vi chegar em casa do trabalho, como de costume, e pouco depois ela saiu correndo pela escada, gritando em busca do filhinho. Eu sabia que algo terrível havia ocorrido.

Sharpe: O senhor tentou ajudá-la?

Ivanoff: Sim, senhor. Saí até a rua, mas ela já tinha sumido.

Sharpe: E depois disso o senhor a viu quando?

Ivanoff: Cerca de uma semana depois. A neve tinha derretido, pelo que me lembro. Eu estava fazendo um serviço no Olympic Hotel. Eu a vi lá toda bem-vestida, nos braços de um homem rico. Eu não a reconheci de cara. Ela me viu. Desviou o olhar. Acho que estava envergonhada.

Sharpe: Por que o senhor acha que ela estava envergonhada? O que acha que ela estava fazendo lá?

Ivanoff: Todos nós fazemos coisas por aqueles que amamos. Eu não a culpo por tentar se aproximar de uma pessoa influente que poderia ajudá-la a encontrar o filho.

Sharpe: A acusação caracterizou a srta. Ray como uma prostituta comum, uma mulher de moral questionável que abandonava o filho para ganhar dinheiro vendendo o próprio corpo. Eles também sugeriram que o senhor pagou a srta. Ray por tais serviços e que é o responsável pela morte dela. Como o senhor responde a essas alegações?

Ivanoff: É tudo invenção. Completamente falso. A srta. Ray nunca foi uma mãe ruim nem uma prostituta. Ela amava o menino dela assim como minha Arianna amava o nosso filho. A dedicação da srta. Ray para com aquela criança era inquestionável. E uma coisa eu digo, senhor, ela não era nenhuma prostituta.

Sharpe: Como o senhor sabe?

Ivanoff: Só pelo olhar dela quando estava com aquele homem no hotel. Ela não queria estar ali com ele. Qualquer um podia ver isso. Ela parecia tão triste, tão perdida. Eu só gostaria de ter podido ajudá-la.

Sharpe: Então vamos entrar na linha do tempo da noite em que ela foi assassinada.

Ivanoff: Eu estava saindo do trabalho no Olympic, empilhando minhas ferramentas no caminhão, quando a vi sair correndo do hotel. Ela não parecia bem. Seu vestido estava rasgado. Seu cabelo não estava arrumado como costumava estar. Ela estava chorando. Parecia estar correndo de alguém. Tentei chamar sua atenção, mas ela estava correndo muito rápido. Prendi o último carregamento no caminhão e parti pela Quarta Avenida. Foi quando notei que ela subiu na carroceria de um caminhão de mantimentos. Ela se sentou entre os engradados de frutas e pães. E eu segui o caminhão. Queria me certificar de que estava tudo bem. O caminhão a deixou bem em frente a uma rua chique em Windermere, próximo de onde eu a tinha visto pela primeira vez, anos antes. Parei o caminhão no acostamento da estrada, sem querer interferir. Esperei ali por um tempo.

Sharpe: Quanto tempo o senhor ficou ali?

Ivanoff: Ah, pelo menos vinte minutos. Eu pensei que ela pudesse voltar, e, se voltasse mesmo, queria oferecer a ela uma carona para casa. Ver se podia ajudá-la. Minha esposa poderia preparar uma refeição quente para ela, arrumar um lugar para ela dormir no sofá.

Sharpe: Então o senhor estava preocupado com a segurança dela?

Ivanoff: Sim, senhor. E, como eu disse, como ela não voltou depois de vinte minutos, resolvi ir atrás dela. Foi instinto, acho. Senti que ela estava em perigo.

Sharpe: O senhor deixou seu caminhão na rua e caminhou pelo passeio que levava até a residência dos Kensingtons?

**Eu desviei os olhos da página e ofeguei. Meu Deus. Os Kensingtons?**

Ivanoff: Isso mesmo, senhor. Caminhei pelo trecho de cascalho, passei pela fonte e pelas cercas vivas e olhei através da janela. Não vi nada, então dei a volta pelo jardim lateral até o gramado atrás da casa. Foi a mansão mais chique que vi na minha vida. Eu não conseguia entender o que a Vera estava fazendo ali.

Sharpe: O que o senhor viu quando chegou?

Ivanoff: De cara, nada. Só um grande gramado que ia até o Lago Washington. O sol tinha se posto, então havia pouca iluminação. Quando eu estava prestes a me virar, ouvi algo.

Sharpe: O quê?

Ivanoff: No começo pensei que fosse o som de um animal. Foi tão alto, tão agudo. Mas depois eu o ouvi de novo e logo percebi. Era o som de uma mulher chorando. Ela parecia muito apavorada, ou ferida, talvez.

Sharpe: E o que o senhor fez em seguida?

Ivanoff: Tentei descobrir de onde estava vindo o choro. Então, vi um movimento perto da doca. Primeiro foi uma sombra. Me escondi atrás de uma árvore, e então a vi.

Sharpe: Vera?

Ivanoff: Não, outra mulher. Ela estava fugindo do lago e indo para a casa.

Sharpe: O senhor conseguiu ver bem quem era ela?

Ivanoff: Foi difícil identificar o rosto, mas ela tinha cabelo escuro. Parecia alta.

Sharpe: E ela entrou na residência?

Ivanoff: Sim, senhor. Não fazia sentido. Alguém claramente precisava de ajuda ali embaixo. Comecei a correr pelo gramado, mas então os gritos pararam. Eu, eu...

Sharpe: Sr. Ivanoff, o senhor está bem? Podemos continuar?

Ivanoff: Farei meu melhor, senhor.

Sharpe: O que viu quando chegou ao lago?

Ivanoff: Deus do céu, foi terrível. Eu corri até a doca e a vi lá, boiando na água. Ela tinha perdido um dos sapatos...

Sharpe: O senhor viu a srta. Ray na água?

Ivanoff: Sim, senhor. Ela estava boiando ao lado de um pequeno bote a remo que estava afundando. Devia ter um furo. Tentei alcançá-la da doca, mas ela estava longe da margem. Eu teria ido atrás dela, mas não sei nadar, e, além disso, acho que cheguei

tarde demais. O rosto dela estava submerso. Os olhos, abertos. Foi a coisa mais horrível que já vi em toda a minha vida.

Sharpe: E o que o senhor fez em seguida?

Ivanoff: Eu não poderia nem pensar em deixá-la ali sozinha, no frio. Mas eu sabia que, se chamasse a polícia, seria o principal suspeito. Nunca acreditariam em um imigrante russo. Jogariam a culpa em mim, assim como tinham feito na última vez. Eu não poderia correr esse risco.

Sharpe: Então o senhor foi embora?

Ivanoff: Sim. Ela parecia tão tranquila flutuando ali, ao lado dos lírios. Além do mais, a alma dela tinha ido para um lugar melhor, com certeza.

Sharpe: E o que senhor fez depois?

Ivanoff: Comecei a caminhar de volta pelo gramado. Eu não queria que ninguém me visse. Aquela gente rica olharia para mim e pensaria que eu fui o responsável pela situação. Mas então eu ouvi alguns sons vindos da casa.

Sharpe: O que o senhor ouviu?

Ivanoff: Uma mulher estava chorando histericamente, e um homem estava gritando com ela.

Sharpe: O senhor conseguiu ouvir o que eles estavam dizendo?

Ivanoff: Não. Mas eu me agachei atrás de uma cerca viva e vi o homem correr até o lago.

Sharpe: Sr. Ivanoff, sabe o nome do homem que viu?

Ivanoff: Não, senhor. Mas, se quer minha opinião, ele amava a srta. Ray. Ele se ajoelhou e chorou ali na doca. Ele tirou a camisa e deu a entender que poderia ir atrás dela, mas a outra mulher correu até lá e o puxou de volta.

Sharpe: Então o senhor começou a caminhar de volta para seu caminhão?

Ivanoff: Sim, senhor. Eu passei pela casa no caminho. A noite estava quente. As janelas estavam abertas nos cômodos de cima. Ouvi uma criança na casa. Um menino. Ele estava chorando.

Sharpe: O senhor acha que poderia ser o filho da srta. Ray?

Ivanoff: Acho. Quando eu voltei para a cidade, liguei para a polícia. Disse a eles que tinha ocorrido um crime em uma residência em Windermere, e que eu achava que o menino da Vera poderia estar lá.

Sharpe: Sr. Ivanoff, o que o oficial da delegacia disse ao senhor?

Ivanoff: Ele disse que não levariam minhas informações em conta.

Sharpe: Por que não?

Ivanoff: Ele disse que os Kensingtons estavam entre os cidadãos mais honrados da cidade.

Sharpe: Deixe-me registrar que temos um documento do Departamento de Polícia provando que o sr. Ivanoff fez uma ligação para a delegacia para relatar o crime. Sr. Ivanoff, o que realmente acha que aconteceu com a srta. Ray naquela noite?

Ivanoff: Eu acho que ela foi até aquela casa em busca de ajuda e eles a atacaram. Aquela mulher, seja lá quem for, a colocou naquele bote ciente do furo em seu casco. Ela poderia ter salvado a srta. Ray, mas não salvou. Espero que pague pelo que fez.

Sharpe: Obrigado, sr. Ivanoff. Sem mais perguntas.

Ergui os olhos da última página com o coração pesado. A história tinha passado a ser o centro das minhas atenções. A própria família do meu marido tinha sido cúmplice de um dos crimes mais trágicos da história de Seattle, chegando até a encobri-lo. Não surpreende que Edward Sharpe tenha escondido os arquivos por tanto tempo. O sr. Ivanoff tinha esclarecido os fatos nos mínimos detalhes.

Folheei as páginas restantes e meus olhos pararam quando li as anotações do perito sobre os objetos pessoais de Vera.

Objetos encontrados com a srta. Ray: uma presilha de cabelo, uma chave de quarto de hotel e um bracelete. Todos enviados para o sr. Charles Kensington em 13 de junho de 1933.

*O pai de Daniel era da família... Kensington.*

Eu encontraria Ethan para jantarmos dentro de trinta minutos. *Será que deveria contar a ele?* Lembrei-me da invasão à casa de Lillian e rapidamente enfiei as páginas dentro da pasta, guardando-a sob minha mesa. Ela ficaria em segurança ali.

No restaurante, Ethan pediu uma garrafa de *merlot* 2001 de uma vinícola que nós dois adorávamos.

— Qual é a ocasião? — perguntei, notando o ano de nosso casamento.

— Apenas o fato de estarmos juntos já é uma ocasião — ele disse, sorrindo.

— É mesmo — respondi, tomando um gole.

— Ei. — Ele ergueu a taça. — Você se esqueceu de brindar. Isso dá azar.

Bati minha taça na dele.

— Pronto. A regra dos cinco segundos está valendo.

Ele sorriu.

— Como você está?

Ao pé da letra, era estranho um marido fazer uma pergunta dessa para a esposa, mas, como ficáramos tão distantes um do outro, fazia sentido.

— Bem, já estive melhor — eu disse, olhando para o cardápio em vez de mirar seus olhos. O cardápio era mais seguro. Queria perguntar a ele sobre Cassandra, mas não tive coragem. — O que há de bom aqui?

— O cordeiro é fantástico — ele garantiu. — Com risone. Ele tem uma leve crosta de...

Fechei o cardápio com força.

— E desde quando você é um gourmet? Você nunca foi. Costumava se orgulhar de ser antigourmet.

Ethan parecia confuso.

— Não finja que não sabe do que estou falando. Você tem passado boa parte do seu tempo com *ela*. Ela fica se esfregando em você.

— Claire, a Cassandra é só uma amiga. E desde quando você se ofende por eu apreciar boa comida?

Eu suspirei.

— Desculpe — pedi, desviando o olhar. O restaurante estava cheio de casais. Casais felizes. *Por que* nós não podemos ser felizes? — Não foi minha intenção te atacar desse jeito.

— Podemos recomeçar do zero? — ele perguntou, pondo o cardápio de lado.

— Sim — respondi. — Botão reiniciar.

— Então, do que podemos falar com segurança? Trabalho? Acenei com a cabeça apreensivamente.

Ele tomou um gole do vinho e em seguida inclinou-se em sua cadeira com um suspiro.

— Como está o trabalho? Está preparando alguma matéria boa?

— Bem — eu disse, tomando um longo gole do vinho e perguntando-me se deveria ou não revelar o segredo. — Estou trabalhando em uma matéria fascinante.

— Ah, é?

— Sim, sobre um menino que desapareceu em 1933, no dia em que a nevasca caiu, igual à que tivemos esta semana.

Ethan pegou um pedaço de pão e o mergulhou no prato de azeite que estava entre nós.

— Você descobriu o que aconteceu com ele?

— Mais ou menos — falei. — Se eu te contasse, você ficaria chocado.

— Experimente — ele pediu, interessado.

— Bem — eu disse, calmamente —, acontece que ele é um Kensington.

Ethan parou de mastigar e engoliu rapidamente o pedaço de pão.

— Como assim?

— É uma longa história, mas, para resumir, um de seus antepassados teve uma aventura com uma mulher pobre. Ela engravidou e, três anos mais tarde, acho que a irmã dele raptou o menino. Pelo menos é como eu suspeito que ocorreu.

— Meu Deus — ele disse. — Você sabe o nome deles?

— O pai do menino se chamava Charles Kensington.

Ethan balançou a cabeça.

— Você não pode estar falando sério.

— Por quê? Quem é ele?

— Meu Deus, Claire, esse é o meu bisavô.

— É uma história de cortar o coração — continuei. — Acho que finalmente tenho a informação de que necessito para redigir um rascunho.

Ethan franziu a testa.

— Você sabe que não pode escrever sobre isso.

— Como assim?

— Isso arruinaria o nome da minha família, o jornal. Isso destruiria o vovô.

— Acho que você entendeu tudo errado, Ethan — eu disse. — Eu conheço o Warren. Ele iria querer publicar a verdade.

Ele pôs o guardanapo no prato.

— Não. Não podemos correr o risco de magoá-lo agora que está tão doente.

— Olha — retruquei —, ainda bem que você não é o meu chefe, Ethan.

— Você tem razão — ele retrucou. — Eu sou o chefe do seu chefe. Ofeguei.

— Você acabaria mesmo com essa matéria porque ela envolve assuntos secretos de sua família?

— Sim — ele respondeu. — Acabaria.

O garçom apareceu, mas eu gesticulei, dispensando-o.

— Eu não sou a única que está procurando essas respostas. Você deveria ter visto a cena na casa da Lillian Sharpe, em Windermere. O pai dela esteve envolvido no julgamento do assassinato da mãe do menino. Alguém invadiu o lugar em busca dos arquivos dele. A verdade surgirá no final.

— Mas não no meu jornal — ele declarou, pondo uma nota de cinquenta dólares na mesa e apanhando o casaco.

Eu não tinha previsto que iria ao Café Lavanto. Tinha instruído o taxista a me deixar em casa, mas balancei a cabeça quando o condutor parou o carro na frente do prédio.

— Não — falei. — Mudança de planos. Me leve para a Quinta Avenida, por favor.

Bati na porta e Dominic a destrancou.

— Se importa se eu entrar? — perguntei.

— Por favor — ele disse, cordialmente. O fogo crepitava na lareira a alguns metros dali. Música ambiente tocava nas caixas acústicas que ficavam no alto. Ele sorriu para mim de um modo que me fez engolir em seco. — Venha, sente-se.

Algo parecia diferente no café. Algumas caixas de papelão estavam próximas da porta. *O que mais mudou? Tinta nova? As cortinas?* Eu me sentia desorientada demais para me concentrar nos detalhes. Dominic pegou uma garrafa de vinho no bar e tirou o saca-rolhas do bolso.

— Vinho?

Dei de ombros.

— Claro, por que não?

Eu o observei enquanto ele enchia as duas taças, entregando uma para mim.

— Aos recomeços — ele disse.

Acenei com a cabeça, brindando com ele. Mas coloquei a taça de volta na mesa antes de tomar um gole. Espere, você disse “recomeços”, no plural. O que quis dizer com isso?

— Bem — ele respondeu, olhando ao redor —, há algo que eu provavelmente deveria te contar. — Ele hesitou. — Eu deveria ter te contado sobre isso antes, Claire.

— O que é?

— Tomei uma decisão importante sobre o meu negócio. Sobre este lugar.

— O quê? Você vai converter o espaço lá de cima no apartamento que sempre quis? Acrescentar um cardápio de almoço?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Claire, eu decidi vendê-lo.

Fiquei boquiaberta.

— Mas... mas você disse que jamais faria isso. Você disse que amava este lugar. Que não conseguiria vê-lo nas mãos de um grupo de incorporadores. Que capítulo eu perdi?

— Eu de fato disse tudo isso — ele continuou. — E disse para valer. Disse tudo isso mesmo — repetiu. — Mas ontem um construtor me fez uma oferta que eu não pude recusar. Ele vinha tentando me convencer a vender havia algum tempo e eu estava determinado a não aceitar, mas a última oferta que ele fez foi tão generosa que, quando pensei nas circunstâncias, percebi que seria tolo se não aceitasse. Ouça, é uma quantia capaz de mudar minha vida, Claire. Com ela eu posso garantir que minha mãe seja tratada adequadamente, depois posso comprar um estabelecimento e — ele se inclinou mais próximo de mim — me estabilizar.

— Não — reclamei, levantando-me. — Não posso acreditar nisso. — Eu me senti traída. Eu sabia que ele estava enfrentando pressão financeira por causa da mãe, mas ainda assim não podia pensar naquele prédio sendo demolido. — Há muita história nestas paredes — retruquei. — Você não pode deixar que o dinheiro substitua algo tão especial.

— Desculpe, Claire — ele disse. — Acredite em mim, foi uma decisão angustiante. Eu gostaria de ter uma alternativa.

Afastei a taça.

— Não quero mais vinho.

— Claire — Dominic falou, tentando me fazer sorrir —, por favor, diga que isto não vai mudar nada entre... nós.

Ele ergueu a mão e afagou meu rosto carinhosamente. Fechei os olhos quando ele me puxou para mais perto. Seu abraço era afetuoso, confortável, mas eu recuei.

— Me desculpe, Dominic. Tenho que ir.

## capítulo 19

- **W**arren, é a Claire — eu disse ao telefone na manhã seguinte.
- Oi, querida — respondeu ele, quase num sussurro.
- Por que a voz rouca?
- A enfermeira acha que estou dormindo.
- E por que ela se importaria se você está ou não dormindo?
- Ela disse que tem que me dar uma injeção quando eu acordar.
- Uma injeção.
- Sim.
- Abafei o riso, mas não o sarcasmo.
- Temos seis anos de idade, não temos?
- Aparentemente, sim — ele disse.
- Ouça — continuei —, medo de agulha à parte, como você *está* se sentindo?
- Muito bem, querida — respondeu. — Eu não sei por que estão me mantendo aqui. O médico disse que eu posso ir para casa mais tarde, ainda hoje. Espero que dê certo. Enfim, como você está?
- Andei pensando em muita coisa — contei. — E é por isso que estou ligando. — Hesitei, pensando no alerta de Glenda para não incomodá-lo com meu “drama”. Uma mariposa pousou na tela do computador, bem acima da primeira linha da minha história. Eu a

espantei e ela voou na minha direção, provocando-me. Voltei a afugentá-la. Independentemente de Glenda, eu não diria nada a ele sobre o artigo, sobre a ligação com os Kensingtons. Ainda não. No entanto, poderia fazer uma pergunta. — Warren, é só uma curiosidade — comecei, pensando em como expressar a questão. *Seja delicada.* — Curiosidade sobre a árvore genealógica da família Kensington. Me ocorreu que eu nunca perguntei ao Ethan sobre os ancestrais dele. Sabe, os bisavós, os tios. Eu gostaria de saber mais sobre a família do Ethan... uh, sobre minha família.

— Bem — Warren disse, suspirando —, os Kensingtons foram uma das primeiras famílias de Seattle. Somos um clã muito importante.

— E um pouco convencidos, também — acrescentei divertida.

— Claire, você é uma Kensington, completamente.

Eu sorri.

— Sobre os seus pais, o senhor pode me dizer o nome deles? Não me recordo bem.

— Ah, sim — ele disse, obviamente apreciando a chance de voltar no tempo. — O nome da minha mãe era Elaine. E o do meu pai era Charles.

Meu coração bateu mais rápido.

— Ele era um bom homem. Um bom pai.

— E você tinha... irmãos?

— Uma irmã mais nova, sim, mas não tive irmãos — respondeu. — Mas eu tive um por um tempo. Bem, era o mais próximo de um irmão. Era o filhinho da tia Josephine. Ele e a tia Josephine vieram para ficar com a gente por um tempo antes de ele morrer.

— Morrer?

— Sim — ele disse, suspirando. — Caiu de uma escada. Bateu a cabeça. Morreu em casa, na calçada de cascalho. Eu estava lá quando isso aconteceu. Tia Josephine me culpou. Eu era um pouco mais velho do que ele. Ela disse que eu o desafiei a subir na escada.

Mas eu não fiz isso. Eu morria de medo da escada, mas aquele ali não tinha um pingo de medo. Ele colocou na cabeça que queria ver os ovos de passarinho, então subiu.

— Qual era o nome dele, Warren? — Meu coração bateu mais rápido.

— Thomas — contou. — Mas esse não era o primeiro nome dele. Não me lembro de qual era. Nós o chamávamos de Thomas. A velha casa nunca mais foi a mesma depois que ele morreu. Tia Josephine nunca se recuperou completamente. Os filhos não deveriam morrer antes das mães.

— Não, não deveriam — concordei, abrindo meu caderno de anotações. — Qual era o nome do marido de Josephine?

— Sabe — ele disse, hesitando —, eu não me lembro muito bem. Me disseram que ele morreu.

— Morreu?

— Enfim, ele nunca estava por perto. Até onde consigo me lembrar, eram apenas Thomas e Josephine.

*Então, em sua dor, ela pegou Daniel e alegou que era seu próprio filho? Mas por quê?*

— Warren, você sabe onde Thomas foi enterrado?

— Por que você pergunta?

— Ah, só curiosidade. Eu sempre tive uma queda por cemitérios.

— No Bryant Park — ele disse. — Onde todos os Kensingtons são enterrados. É o cemitério da colina, ao lado da universidade.

Senti uma dor profunda emanando do peito, do coração.

— Eu conheço o cemitério — afirmei. — É onde o meu bebê foi...

— Oh, querida. Que insensível eu fui. É claro que eu me lembro. Eu...

— Está tudo bem — eu disse. Mas não estava. Eu não voltava àquele cemitério desde que Ethan e eu tínhamos visto nosso primogênito, deitado naquele caixão de mogno sinistramente

minúsculo, ser baixado em um buraco na terra. Nosso bebê era a mais jovem adição ao túmulo dos Kensingtons, onde dúzias de membros da família descansavam. Glenda já tinha providenciado para que três metros da terra ao lado do túmulo do bebê fossem reservados para mim e para Ethan. Minha sogra me desagradava em muitos aspectos, mas sempre serei grata por ela ter providenciado um lugar para ficarmos juntos na morte.

— A única coisa de que me lembro do funeral de Thomas era o monte de sujeira e aquele caixão pequeno — contou Warren, lembrando. — Ele era adornado com ouro. Eu não consegui entender por que eles colocaram uma coisa tão bonita sob a terra. Meu pai teve que conter tia Josephine. Ela quase se atirou na cova depois que o caixão baixou. Era muito estranho para um menino de seis anos assistir a tudo aquilo.

Eu suspirei.

— Hum... se o senhor tinha seis, quantos anos tinha o menino? Thomas?

— Ele era um pouco mais novo do que eu — ele respondeu, hesitando.

Ouvi uma agitação do outro lado da linha, além da voz de uma enfermeira.

— Vou deixar você descansar — eu disse. — Prometo fazer uma visita em breve.

— Claro, querida. Quando você quiser.

A chave do BMW de Ethan estava no balcão da cozinha. Eu só tinha dirigido o carro uma vez ou duas, já que preferia táxis a um veículo com transmissão manual. Trocar marchas nas montanhosas ruas de Seattle me assustava, principalmente depois da vez que deixei o carro descer de ré enquanto colocava a segunda marcha. Eu tinha jurado que nunca voltaria a dirigir. Era o domínio de Ethan, não meu

— um acordo não declarado desde o acidente. Assim como muita coisa em nossa vida, desde o ano passado, uma linha tinha separado o meu mundo do dele. Mas as chaves brilhavam com a luz da manhã. Seria mais fácil dirigir até o cemitério do que me incomodar com um longo trajeto de táxi ou com as linhas de ônibus. Eu odiava ônibus. Acenei com a cabeça, recolhendo a chave e deixando cair na minha bolsa.

Peguei o elevador até o estacionamento e entrei no carro, pondo a bolsa no banco do passageiro. Então, respirei fundo. Ethan. O carro cheirava à sua colônia, sua pele e — peguei uma batata frita petrificada perto do porta-copos — seu amor secreto por *fast-food*. Sorri comigo mesma, enfiando-a em um saco plástico no banco de trás.

Os pneus cantaram quando saí da garagem, virando à direita na rua. Era uma sensação boa estar atrás do volante novamente. Eu me sentia no controle. Liguei o rádio e a música *With or Without You* do U2 saiu dos alto-falantes. Eu mal notei as grandes colinas antes de entrar na autoestrada. Aumentei o volume, deixando a música me tranquilizar enquanto eu dirigia, e peguei a saída que levava até o cemitério. Me deram Valium na manhã em que o bebê foi enterrado. O medicamento me fez sentir sonolenta e segura, como se fosse encoberta com um grande e macio edredom. Mas eu preferia não ter tomado o comprimido. Deveria ter sentido as emoções em sua mais pura crueza. Deveria ter me permitido sofrer. Eu precisava sofrer. E agora, enquanto dirigia o carro e passava pelos portões do cemitério, sofri completamente consciente, sentindo cada pontada no coração, cada lembrança obscura, cada arrependimento.

Saí do carro com todo o cuidado, trancando as portas com um rápido clique no botão do chaveiro. Olhei na direção da colina relvada. Quando éramos crianças, meu irmão e eu costumávamos

brincar em um cemitério próximo de casa. Meu pai nos alertava para não pisarmos muito próximo das lápides.

— É falta de respeito pisar nos mortos — ele dizia.

Depois disso, eu passara a me certificar de que tomaria mais cuidado ao pisar no chão. Mas, uma vez, meu irmão tinha se escondido atrás de uma lápide e saltado, gritando “Buuu!”. Assustada, eu saltara para trás, caindo com meu pé bem em cima de um espaço ao lado da lápide de uma menininha que tinha morrido nos anos 1940. Eu me sentira terrível por ter feito aquilo. Meu pai tinha me dito que não era nada demais, que eu não tinha perturbado o túmulo da garotinha, mas eu chorara o caminho todo até chegar em casa, triste demais para pedalar, então meu pai a empurrou para mim.

O sol brilhava sobre minha cabeça. Eu estava grata pelo calor depois da nevasca da última semana. Pensei em como o cemitério devia ter ficado, com as lápides cobertas de neve, como bolos cheios de glacê branco.

Olhei fixamente para a frente, reconhecendo o salgueiro a distância. O bebê estava enterrado bem debaixo dele. Uma brisa soprou em meu rosto uma flor de magnólia, e eu a tirei com a mão. Senti um calafrio, virando-me na direção do carro. *Eu não tenho que fazer isso. Poderia voltar agora mesmo.* Então, lembrei-me de Vera. Eu estava aqui por ela. Eu poderia ser forte por ela. Dei um passo à frente, depois outro, seguindo meu caminho pelos túmulos até chegar ao salgueiro, que ocupava posição de destaque sobre a última morada dos Kensingtons.

Com uma força quase magnética, a lápide do bebê atraiu minha atenção. Ethan a tinha escolhido, com a ajuda dos pais dele. Nós preferimos algo simples. Sem nome. Poucos detalhes. Foi como eu queria que fosse. Ethan não conseguia entender por que eu não quisera saber o sexo da criança. Ele tinha me acusado de ser fria.

Talvez eu fosse. Mas era a única maneira que eu conhecia de não sucumbir à tristeza. Se eu não *soubesse*, não tinha que *sentir*. O psicólogo do hospital havia dito que, embora não fosse necessário um funeral, isso nos daria uma sensação de fim. Um casal que tinha perdido gêmeos recentemente, ele explicara, havia enterrado as cinzas dos filhos sob duas ameixeiras que tinham plantado no quintal dos fundos. Outro casal tinha enterrado a filha que nascera morta debaixo de uma roseira no jardim. Ethan havia insistido que nosso bebê precisava de um enterro, mas, para mim, isso só parecia aumentar a dor. Eu ficara perturbada, e uma enfermeira tivera que vir me dar um sedativo.

Eu me ajoelhei ao lado do túmulo, passando a mão sobre a borda da lápide e limpando um pouco do musgo com a mão. Puxei um pacote de lenços da bolsa e usei um para esfregar a poeira do lustroso granito. Bebê Kensington, dizia a primeira linha. nascido em 3 de maio de 2010; nos braços de Jesus 13 minutos após o nascimento.

Não me incomodei em enxugar uma lágrima que escorreu. Ninguém estava me vendo. Eu poderia me permitir o sofrimento.

— A mamãe sente sua falta — sussurrei, enquanto o vento soprava pelo salgueiro. Eu ansiava em segurar meu bebê, sentir sua maciez em meu peito. Lembrava-me de como meus seios tinham inchado de leite, pulsando com dor, no dia em que voltara do hospital para casa. Que cruel, eu pensara, ter leite para uma criança que eu jamais alimentaria. Olhei fixamente para a lápide. Cada parte de mim ficou dolorida pelo que eu havia perdido. E, quando a corrente de lágrimas veio, não tentei contê-la.

Assustada com um ruído murmurante, olhei para trás, onde um homem mais velho vestido num macacão com manchas na altura dos joelhos estava de pé com um rastelo no monte acima. *Quanto tempo será que ele ficou me observando?*

Ele apoiou o rastelo na árvore e caminhou em minha direção. Eu queria pedir para ele ir embora, para me deixar em paz, mas algo no rosto dele — amigável, gentil — me disse para não fazer isso.

— É seu filho, senhora? — ele perguntou, apontando para a lápide.

Acenei com a cabeça.

— Meu nome é Murphy — ele disse, tirando a mão enrugada de dentro da luva de trabalho. — James Murphy. Sou o zelador daqui.

Ele apertou minha mão.

— Sou Claire Aldridge — respondi, com os olhos fixos na lápide.

— Deve ser especial esse filho — ele comentou, ajoelhando-se ao meu lado.

Não respondi. *Ele provavelmente diz isso para todos.*

— Eu cuido destas terras há mais de quarenta anos — contou. — Nunca vi uma vinha de amora-preta crescer aqui, pelo menos não na minha época. O solo é muito denso. Mas olhe. — Ele parou, apontando para um ramo verde-claro que espreitava atrás da lápide. As folhas enrugadas cobriam uma vinha espinhosa com uma única flor branca, cujas pétalas eram tão delicadas que poderiam muito bem ter sido feitas de renda.

Eu me abaixei para tocar o caule, mas retraí a mão rapidamente, sentindo uma picada aguda. Começou a escorrer sangue do meu dedo.

— Ai! — gritei.

— Tome cuidado — ele disse. — Esses espinhos são afiados.

Então, levei o dedo à boca para estancar o sangramento.

— Nós, que zelamos pelos túmulos, acreditamos há muito tempo na lenda da amora-preta — ele continuou. — A senhora a conhece?

Balancei a cabeça.

— Elas escolhem almas para proteger. As especiais.

Notei o modo como as folhas da amora-preta repousavam na lápide, quase abraçando-a.

— Estou surpreso pela tempestade não ter matado este brotinho — ele comentou, tocando a minúscula flor delicadamente com o dedo indicador. — Especiais — repetiu, levantando-se e batendo as mãos nos joelhos para tirar a sujeira. — Bem, vou deixar a senhora agora. Só pensei que gostaria de saber disso.

— Obrigada — respondi, olhando para ele com mais gratidão do que as palavras poderiam expressar.

Eu me sentei ali por um longo tempo, pensando na criança que nunca conheceria, nas etapas importantes de sua vida que eu nunca veria. Primeiros passos. Primeiras palavras. Jardim de infância. As feiras de ciências da sexta série. O balanço e a lousa. Os acampamentos de verão. Os jogos de soletrar. Eu me levantei e me equilibrei segurando no tronco do salgueiro. Eu tinha vindo até aqui para encontrar Daniel, e não para me afundar ainda mais em meu sofrimento. *Eu vim por Vera*. Respirei fundo e segui meu caminho pela série de lápides dos Kensingtons, a maioria delas feita de mármore cortado com urnas e decorações elaboradas. Lápides para pessoas ricas. Ruby Kensington. Elias Kensington. Merilee Kensington. Onde estava Daniel? Eleanor Walsh Kensington. Louis Kensington III. Espremi os olhos ao ver uma lápide menor. Um cavalinho de madeira estava entalhado no topo dela. Meu coração bateu mais forte quando li:

THOMAS KENSINGTON  
Filho de Josephine Kensington  
☆ 21 de abril de 1930  
† 9 de junho de 1936

Escrevi as palavras no meu caderno de anotações.

As datas coincidiam. Josephine devia tê-lo pego quando ele tinha três anos, e ele falecera alguns anos mais tarde. Ali estava ele, o pequeno Daniel — bem, como Warren tinha dito, eles o chamavam de Thomas na época —, repousando na terra sob meus pés. Balancei a cabeça. *Não, ele não está repousando. Não sem sua mãe.*

Fui direto para o escritório, parando o carro no estacionamento ao lado do prédio do *Herald*. Caminhei rapidamente até minha mesa, passando pelas garotas do departamento de vendas, que fumavam no intervalo, sem parar para cumprimentá-las. Na minha mesa, abri o rascunho da matéria no computador e escrevi, consultando os detalhes no caderno. Eva. Café Lavanto. A família Kensington. Recortes de jornais de décadas atrás. O testemunho do sr. Ivanoff. E agora o túmulo, que amarrava toda a história. Escrevi durante a hora do almoço, sendo que eu geralmente estava faminta ao meio-dia. Às duas, sentei-me confortavelmente na cadeira e fiquei contemplando a história completa na tela. Redigi a última frase, depois subi o texto até o início, onde o cursor piscou ao lado da manchete. *Inverno das Amoras-Pretas: Tempestade de Neve no Final da Estação Desvenda o Segredo de Menino Desaparecido em 1933*. Abaixo da manchete, digitei meu nome com os dedos firmes. *Por Claire Aldridge*. Eu não conseguia me lembrar da última vez que me sentira tão orgulhosa da minha assinatura em um artigo.

Imprimi o artigo, cinco páginas ao todo. Embora tivesse me tirado da história, Frank ia querer vê-la. Fui até a baia de Abby primeiro. Ela desviou o olhar do computador e eu joguei as páginas na mesa dela, sentando-me na cadeira de visita enquanto ela lia em silêncio. Ela olhou para mim entre um parágrafo e outro com uma expressão de choque.

— Uau — disse, devolvendo as páginas.

— Então, o que você achou?

— Simplesmente... uau — ela repetiu. — Você percebe que está incriminando toda a família do seu marido com esse texto, né?

Eu dei de ombros.

— É a verdade.

Abby parecia indecisa.

— Verdade ou não, você sabe que os Kensingtons nunca vão deixar você publicar isto.

— Eles têm que deixar — afirmei. — Isto precisa ser divulgado.

— Precisa — ela concordou, com um olhar reflexivo. — Mas, espere, e quanto à Vera? Você chegou a encontrar o túmulo dela?

Eu suspirei.

— Não — respondi, olhando de relance para as páginas na minha mão. — E a história não fica tão completa sem essa informação, pelo menos para mim.

Abby franziu a testa.

— O que você pensa que os Kensingtons vão achar disso tudo?

— Eu não me importo mais com o que eles acham — eu disse.

Olhei para a janela que dava vista para a rua, onde uma jovem mãe caminhava na calçada de mãos dadas com seu menininho. Ele vestia uma capa de chuva amarela com botas combinando. Eu me volvei para Abby. — Está na hora de o mundo descobrir o que aconteceu com Daniel Ray.

Ela olhou para mim por um longo tempo.

— Estou orgulhosa de você, querida. Você batalhou muito por isso.

— Obrigada — respondi, virando-me na direção da porta.

Frank estava ao telefone, então deixei as páginas em sua mesa, na frente dele, e sussurrei:

— Eu sei que você derrubou esta história, mas, como valia a pena, aqui está. Tive que terminá-la.

O sorriso dele dizia que havia me perdoado.

De volta à minha mesa, a luz vermelha no telefone estava piscando, avisando-me de uma mensagem de voz. Digitei a senha e ouvi.

— Claire, é Eva. Desculpe, eu estava fora de casa quando você me ligou. É estranho deixar essa informação na secretária eletrônica, mas vou deixá-la de qualquer modo, assim não atraso a sua pesquisa. Você me perguntou onde Vera estava enterrada. Você pode encontrar o túmulo dela em um pequeno cemitério em First Hill, ao norte da cidade. Nono lote à esquerda, bem ao lado de uma cerca de correntes. Eu costumava visitá-la com frequência, mas, com a idade, bem, não tenho ido àquele local há muito tempo. Fico contente por você visitá-la, querida.

Meu coração acelerou. Peguei a bolsa e a jaqueta, mas quase trombei com Frank na porta.

— Isto — ele disse, gesticulando para eu voltar à cadeira — é uma obra de arte.

Eu sorri, modesta.

— Você acha mesmo?

— Sim. A sua melhor pesquisa até hoje. E a redação — ele balançou a cabeça como se estivesse admirado com uma bela pintura — está linda. Me fez chorar. — Ele olhou para mim, impressionado. — Você voltou, Claire.

— Obrigada — respondi. — Mas, quanto ao caso dos Kensingtons, eu...

Ele ergueu a mão.

— Isto é história. Tem que ser impresso. Não se preocupe. Vou convencer o conselho editorial.

— Tudo bem — concordei, levantando-me novamente.

Frank ergueu as sobrancelhas.

— Para onde você está indo?

— Vou atrás de outra pista — eu disse. — Te mando um e-mail sobre a história hoje à noite.

— Vou ficar aguardando — ele disse, seguindo-me para fora.

Estacionei em frente ao cemitério no final daquela tarde. Bem distante do maravilhosamente bem cuidado Bryant Park, o Cemitério First Hill, rodeado por uma cerca de correntes enferrujadas, parecia abandonado. O gramado e as plantas marrons cresciam em direção às lápides, muitas das quais tinham sido pichadas. Tive o cuidado de trancar o BMW antes de passar pelos portões, onde grandes cedros lançavam sombras escuras no chão.

Onde Eva dissera que o túmulo de Vera ficava mesmo? Nono lote à esquerda. Eu caminhei cemitério adentro, contando as lápides enquanto andava. Não havia decoração nem mármore; apenas pedras simples, sem adornos. Um cemitério bem pobre. Cheguei ao nono lote e me agachei, tentando ler a inscrição, mas o musgo escurecia as palavras. Usei a ponta da chave do carro para raspar a sujeira que cobria as letras.

## VERA RAY 1910-1933

Balancei a cabeça. Não havia nenhuma referência a ela ser uma mãe carinhosa. Uma amiga estimada. Uma irmã. Uma filha. Apenas um nome e algumas datas vagas. O que havia de errado com o mundo? Um mundo onde um nome como Kensington tornava uma pessoa especial e um nome como Ray a marcava como dispensável, esquecível? Olhei fixamente para o túmulo, com toda atenção. *Eu não vou deixá-los se esquecerem de você, Vera.*

Senti uma agitação dentro de mim quando percebi uma vinha espinhosa crescendo ao longo da borda da pequena lápide. Flores

brancas saltavam das folhas verdes aveludadas. Eu me lembrei do que o homem no cemitério tinha dito, sobre o fato de as amoras-pretas serem especiais, pois escolhem almas, protegendo-as. É claro que elas escolheriam *Vera*. Senti um calafrio quando um carro passou rapidamente pela rua, do outro lado da cerca caindo aos pedaços.

Pensei em Ethan ao voltar para o escritório. Claro, ele ficara apreensivo com a história, mas, depois que lesse, compreenderia como isso era importante. Meu coração me dizia isso. Eu mal podia esperar para levar o rascunho a ele. É claro, Glenda não ficaria empolgada, mas isso não importava para mim. Já a opinião de Warren, sim. O coração dele estava frágil. Será que ele suportaria descobrir esses segredos obscuros da família? Será que eles lhe causariam muita dor? Afinal de contas, ele não sabia que o primo dele não tinha sido apenas *raptado*, mas também era seu *meio-irmão*.

Frank estava me esperando no escritório quando voltei. Ele estava com um lápis entre os lábios.

Deixei minha bolsa cair no chão.

— O que foi?

— A matéria foi rejeitada.

— O quê? Por quem?

Ele balançou a cabeça, decepcionado.

— O caso não está nas minhas mãos. Você vai ter que discutir isso com seu marido.

Meu rosto ardeu quando passei correndo pelas baias até a sala de Ethan. Ele tinha me avisado que não se sentia confortável com a matéria, mas eu não acreditara que ele, de fato, acabaria com ela.

Ethan estava de costas para a porta quando entrei no seu escritório. Então, fechei a porta.

— Como você pôde? — gritei.

Ele se virou, segurando meu artigo.

— É uma boa história, Claire — ele disse. — De verdade. Bravo!

— Você não pode acabar com ela. Não pode.

— Eu posso. — Os olhos dele pareciam distantes, inexpressivos.

Eu não sabia o que odiava mais naquele momento: a morte do meu trabalho ou a morte de nosso casamento.

Sentei-me em uma cadeira em frente à mesa dele e soltei um longo suspiro.

— Ouça — Ethan disse, sentando-se —, não fui eu quem decidi.

Olhei para ele.

— Não?

— Não — respondeu. — Warren decidiu.

— O quê?

— Sim — ele continuou. — Ele sabia que você estava trabalhando nisso e me pediu para enviar o rascunho por fax quando saísse.

— Eu não compreendo. Ele não mencionou nada para mim. Como ele...?

Ethan deu de ombros.

— Bem, ele sabia e leu o artigo.

Franzi os lábios.

— E eu suponho que ele não tenha gostado de saber.

Ethan acenou com a cabeça.

— Acho que você vai ter que discutir com ele. Afinal de contas, ele ainda é o editor-chefe emérito.

— Vou fazer isso — respondi, levantando-me.

— Ele teve alta do hospital, sabe? — ele disse. — Ainda está fraco, mas se recuperando bem.

Assenti, notando uma mala de viagem próxima da mesa dele. Sua jaqueta estava sobre a mala, indicando que a partida aconteceria logo.

Balancei a cabeça, confusa.

— Para onde você vai?

— Ah, isso — ele respondeu, e seu olhar encontrou o meu. —  
Pensei em ficar na ilha por um tempo... até resolver as coisas.

Engoli em seco.

— Pensei que seria bom para nós... um tempo longe um do outro.  
— Ele mirou meus olhos em busca de aprovação. — Nós passamos  
por tanta coisa neste último ano — continuou. — Vai ser bom.  
Poderíamos usar esse tempo para... entender as coisas.

— Certo — eu disse rapidamente. — É claro. — Meus olhos  
arderam. Caminhei ao redor da mesa dele e o beijei no rosto. Eu  
sabia que tinha que sair dali rapidamente, ou correria o risco de  
chorar em seu escritório. Não queria implorar para ele ficar. Queria  
que ele *quisesse* ficar. — Bem — falei, sentindo um caroço na  
garganta —, então, acho que é... adeus.

Não esperei para ouvir o que Ethan resmungou quando passei pela  
porta. Eu tinha que sair. O ar dentro daquelas quatro paredes estava  
denso e sufocante. Do lado de fora, fechei os olhos e pensei no  
pequeno veleiro que minha avó me dera quando eu era criança. A  
memória, a princípio nebulosa, veio tão nítida que pude sentir o  
borrifo da água do mar no meu rosto. Eu havia brincado com o  
barquinho carinhosamente todos os verões nas poças que o mar  
fazia na areia da praia até um mês de julho, quando reunira  
coragem para levá-lo até o mar, uma ideia inspirada exclusivamente  
por um livro infantil dos anos 1950 que eu havia encontrado em um  
baú no quarto de hóspedes, *Scuffy the Tugboat*. Então eu colocara o  
barquinho na água, dera um ligeiro empurrão e imediatamente vira  
uma onda envolver o minúsculo mastro com sua rebentação,  
arrastando-o mar adentro. Eu ficara com o coração partido de vê-lo  
ir embora, e ficara olhando fixamente para a costa por um longo

tempo depois disso, repreendendo-me. Eu o enviara para longe, assim como temia ter afastado meu marido.

Eu não suportava mais continuar no escritório, então apanhei minha bolsa na mesa e saí. Me assustei quando ouvi um carro cantar os pneus a centímetros de mim, seguido de uma buzina de um motorista zangado.

— Olhe por onde anda! — gritou o homem atrás do volante. — Eu quase te atropeliei!

Acenei com a cabeça e continuei caminhando, sem ligar muito para a bronca. Atravessei a rua e fui até o estacionamento, onde o carro de Ethan aguardava. Olhei fixamente para o BMW vermelho por um instante, piscando para conter as lágrimas. Ele brilhava no sol da primavera, tão superficial, tão triste. Um símbolo de nosso casamento fracassado. Balancei a cabeça, virei-me para a rua e chamei um táxi.

Warren morava em uma área mais antiga e alta do centro da cidade. Ele tinha adquirido a cobertura com suíte quando a esposa ainda era viva, alguns anos antes. Era um lugar grandioso — ou, pelo menos, fora um dia. O terraço panorâmico, sobre a sala de estar, costumava ser meu esconderijo favorito em Seattle. Em noites quentes, Ethan e eu fazíamos companhia a Warren para tomar vinho ali, contando as estrelas sobre a nossa cabeça e absorvendo uma visão que só os pássaros tinham a sorte de desfrutar — desde o Space Needle até a Alki Beach. Porém, ninguém mais subiu ali. A escadaria em espiral tinha se tornado muito difícil para os frágeis joelhos de Warren, e Ethan andava muito ocupado para tomar vinho e contemplar as estrelas. Eu estivera no telhado uma última vez na primavera, só para descobrir que o local tinha se tornado um ninho para uma família de pombas muito sujas.

Warren dispensara a governanta logo após o Natal.

— Eu não me importo se tiver poeira na minha mesa de centro! — ele havia exclamado para Glenda em uma visita havia alguns meses, enquanto ela examinava as pilhas de revistas e livros desalinhados e os parapeitos empoeirados. Warren era o único Kensington que parecia não se importar em manter as aparências, e eu sempre o adorara por isso. Ainda assim, não havia como negar que ele não vinha sendo ele mesmo nos últimos tempos. Achei que tivesse a ver com a doença, mas não conseguia deixar de imaginar se havia algo a mais. Respirei fundo e apertei o número de seu apartamento.

— Sim?

— Warren, sou eu, Claire.

— Sim — ele disse. — Suba.

Peguei o elevador até o vigésimo terceiro andar, imaginando o que ele diria quando eu chegasse lá. Ele diria que eu não poderia publicar a história porque isso envergonharia sua família. Diria que isso incriminaria Josephine, mexeria com sua reputação. Ele me faria prometer não proferir uma só palavra sobre o artigo.

Bati na porta.

— Entre — ele gritou de dentro. — A porta está aberta.

Warren estava sentado à mesa, comendo um sanduíche.

— Eu estava esperando você — ele disse, limpando levemente, com um guardanapo, uma mancha de mostarda do canto da boca.

— Você é uma repórter brilhante, Claire. — Ele gesticulou para as páginas à sua frente.

Eu me aproximei mais e reconheci a manchete. Meu artigo.

— Você é melhor até do que meus investigadores particulares.

A casa estava misteriosamente silenciosa. O tique-taque do relógio na parede irritava.

Ele juntou as mãos.

— E pensar que investigadores com treinamento militar não conseguiram encontrar os arquivos na casa dos Sharpes, mas você

conseguiu. — Ele balançou a cabeça, impressionado. — *Isso* sim é habilidade.

Meu coração bateu mais rápido. *Meu Deus*. Ele sabia da invasão na casa de Lillian. Pior, parecia ser o responsável por ela.

Balancei a cabeça.

— Warren, eu não compreendo.

— Venha, sente-se — ele pediu, apontando para a cadeira ao seu lado. — Eu venho tentando resolver esse mistério há anos — continuou. — Levei muito tempo para descobrir o que aconteceu com Vera Ray. Os arquivos do caso foram misteriosamente perdidos em um incêndio na delegacia de polícia. Muito conveniente, não acha? Então eu...

Minha mão tremeu. *O que ele está me contando? O que quer dizer tudo isso?*

— Warren — interrompi, balançando a cabeça. — Eu não compreendo.

O sorriso dele me tranquilizou.

— Primeiro pensei que fosse porque eu queria proteger minha família, esconder a verdade em toda a sua feiura. Só que é mais do que isso. É uma história muito pessoal para mim.

Cobri a boca com as mãos, e as rodas na minha mente giraram tão rapidamente que eu mal conseguia acompanhar o ritmo.

— Warren, você está me dizendo que...?

Ele acenou com a cabeça.

— Sim. Derrubei a matéria porque ela precisava de um novo fim. Thomas Kensington não era Daniel. — O sorriso dele disse tudo. — Daniel sou eu. Eu mesmo queria lhe contar isso.

Eu ofeguei.

— Como você descobriu? Era só um menino quando...

— Sim, o passado é obscuro, claro — concordou. — Eu tinha três anos quando fui levado.

*Levado.*

Balancei a cabeça, processando o peso da revelação. *Estou olhando agora mesmo para Daniel Ray. Ele esteve aqui o tempo todo.*

— Mas um menino pode sentir as coisas, mesmo com pouca idade — ele disse. — Minha mãe me olhava de um jeito diferente do que olhava para os outros.

— Você quer dizer Elaine?

— Sim — respondeu. — No início eu pensava que era menos adorável do que minha irmã. Mas, quando cresci, comecei a refletir se havia algo a mais nisso. Uma noite, depois de uma festa em que minha mãe e meu pai tinham bebido muito vinho, eu os ouvi discutindo no salão. Minha mãe mencionou o nome dela. *Vera*. Ela disse que era tudo culpa dela eu ter um mau desempenho na escola. Ela culpava os “genes fracos” de Vera pelas notas que eu tirava. É claro, eu não sabia do que ela estava falando, não sabia quem era Vera. Eu não pensei mais nisso até tia Josephine ter um derrame, nos anos 1980. A família se reuniu ao redor da cama dela no hospital. Meu pai não via a irmã havia mais de cinquenta anos. Ele se recusou a falar com ela depois de uma desavença que tiveram quando eu era criança. Então, quando ele apareceu — quando todos nós aparecemos —, ela estava histérica, tentando me dizer que se arrependia por ter arruinado minha vida, por me raptar quando eu era uma criança, por me tirar de Vera. Minha mãe e meu pai disseram que ela estava falando aquelas coisas por causa da doença, que ela não estava com a cabeça boa, mas eu sabia que não era o caso. Quando comecei a ir atrás do meu passado, descobri que eles estavam me protegendo de algo terrível. Pelo que consegui descobrir, Vera e meu pai eram loucamente apaixonados, mas ela era pobre e a família a desaprovava, principalmente a irmã dele, Josephine. A mãe de Vera trabalhou como babá dela anos antes

disso. Tia Josie não gostava da mulher, então descontou o ódio na filha dela, Vera. Ela detestava pensar em mim, um Kensington, sendo criado por uma plebeia, então resolveu arregaçar as mangas e tomar uma atitude.

— O seu pai, Charles, sabia disso?

— Até onde eu sei, ele descobriu a verdade tragicamente por intermédio de Josephine, após a morte de Vera — ele disse. — Suspeito de que Josephine tinha receio de que, sendo o bom homem que era, Charles me faria voltar aos braços da minha mãe se ela ainda estivesse viva. Na cabeça dela, ela tinha que esperar até Vera estar totalmente fora de cena.

Eu estremei.

— Então o que o seu pai disse quando você apareceu na casa da família?

— Josephine orquestrou tudo isso com a precisão de uma marionete — contou. — Do que eu consegui entender dos murmúrios dela no hospital, anos atrás, ela não contou para ele quem eu realmente era, não no começo. Meu pai tinha um bom coração. Ele era um homem caridoso. Ela disse que eu precisava de um lar, e meu pai me acolheu. Então, logo depois de Thomas morrer, tia Josephine confessou o crime ao pai dela — talvez a perda, que foi terrível, a tenha feito perceber a dor que causou a Vera. Ela alegou que só fez isso para o meu bem-estar, disse que um Kensington nunca deveria ter sido criado na pobreza. Meu pai não falou mais com tia Josephine por um bom tempo depois disso.

— Então ele e sua madrasta adotaram você e mantiveram o segredo por todos esses anos?

— Sim — ele respondeu. — Ninguém falava sobre o passado. Ele foi cuidadosamente escondido, até encontrar a liberdade à força. Os segredos têm dessas: sempre encontram seu caminho. Mesmo que leve uma vida toda.

— Vera, sua mãe, morreu em um barco no lago naquela noite — eu disse. — Você acha que ela morreu pelas mãos de Josephine?

Warren suspirou.

— Acho que ela teve algo a ver com isso. Acho que ela pode ter conduzido Vera até aquele barco furado, ciente de que ela não sabia nadar.

Balancei a cabeça.

— O que eu não entendo muito bem é por que a polícia não investigou o caso mais a fundo e por que foi tão rápida para responsabilizar Ivanoff pelo assassinato de Vera.

— É por isso que eu queria pegar os arquivos desse caso — ele afirmou. — Suspeito que Josephine e outros na família tenham tido algum envolvimento no incêndio da delegacia. Minha família é bem relacionada. Se Josephine ou outra pessoa precisasse de um favor da polícia, conseguiria. Ivanoff era um alvo fácil. Ao ir atrás dele, desviaram os holofotes da família e do que realmente aconteceu. — Virou-se novamente para o rascunho do meu artigo diante dele. — Eu não poderia ter escrito melhor que isso.

— Quando você se deu conta do que aconteceu, por que não procurou a polícia? Por que não fez algo?

— Fazer o quê? Denunciar minha família para a polícia? Fazê-los prender uma mulher que estava morrendo?

Entendi o ponto de vista dele.

— Não — Warren continuou. — O que aconteceu está no passado. Nada que eu faça pode trazer minha mãe de volta.

— Você tem razão.

Ele hesitou, como se tentasse se lembrar de algo.

— Eu estava vasculhando alguns dos antigos documentos do meu pai no ano passado e encontrei o livro onde seu contador registrava os dados de suas finanças. Descobri algo interessante.

— O quê?

— Sabe o abrigo de mulheres na Primeira Avenida?

Acenei com a cabeça.

— Casa da Esperança, certo? Fiz uma reportagem lá no ano passado. É um lugar maravilhoso. Eles acolhem mães e grávidas desabrigadas.

Warren olhou pela janela para a linha do horizonte de Seattle.

— Foi meu pai que fundou esse lugar — ele revelou.

Eu sorri de satisfação.

— Charles.

Os olhos de Warren encheram-se de orgulho.

— Minha mãe nunca conseguia entender por que meu pai passava tanto tempo fazendo trabalhos de caridade. Acho que as pessoas pobres a amedrontavam, mas não ao meu pai.

— Tudo faz sentido agora — eu disse. — Ele construiu a Casa da Esperança em homenagem a Vera. Oh, Warren, você é filho do seu pai mesmo. Agora sei de onde vem esse seu grande coração, esse seu senso de humanidade.

— Eu só gostaria de ter conseguido conversar com ele sobre isso anos atrás — afirmou.

Apontei para o artigo.

— Agora que tem a história toda, você se sente em paz?

— Sim, de certa forma — respondeu. — Mas, ainda assim, há algo que está faltando, algo que eu espero que você consiga me ajudar a descobrir.

Acenei com a cabeça.

— Sim, qualquer coisa.

— Minha antiga casa — ele disse saudosamente. — O apartamento que eu compartilhava com Vera. Você esteve lá, não esteve?

— Sim.

Ele suspirou.

— Essa é a única peça do quebra-cabeça que eu não consegui resolver. É engraçado, eu consigo me lembrar dos detalhes mais estranhos, o jeito como o poste da rua piscava do lado de fora da janela e o som áspero das mulheres lavando roupa nas bacias do beco. Mas durante toda a minha vida não consegui me lembrar da localização do apartamento. Eu costumava sair a pé tarde da noite, na esperança de me recordar do endereço, desejando que alguma fachada de loja ou um edifício antigo me fizesse lembrar. Mas, em todos esses anos, o lugar me fugiu à memória. — Os olhos dele, suplicantes e nostálgicos, miraram fixamente os meus. — Pode me levar até lá, Claire?

— Eu adoraria mais do que tudo — respondi. — Que tal amanhã à tarde?

Ele fechou os olhos por um instante, abrindo-os em seguida com a força renovada.

— Obrigado, querida.

Eu me inclinei para dar um beijo em seu rosto.

— É estranho eu querer te chamar de Daniel agora? Deve soar estranho ouvir esse nome.

— Não — ele disse. — Não é estranho. É o nome que sempre estive em meu coração.

## *capítulo 20*

Na manhã seguinte, eu me sentei na cama e estiquei os braços. Ethan tinha ido embora, sim, deixando um lugar vago em meu coração, mas tentei não pensar nisso. Pus uma tigela de farinha de aveia instantânea no micro-ondas e vi pela janela uma balsa percorrer a baía. Ethan e eu costumávamos nos sentar e observar as balsas indo e vindo. Tínhamos até apelidos para elas. Edgar. Duncan. Maude. Eu sorri, lembrando-me do dia que ele nomeara uma de Horace.

O telefone tocou na cozinha, e eu corri para atendê-lo.

— Alô?

— Claire, é Eva.

— Oi — eu disse. — Que bom ouvi-la novamente. — Eu mal podia esperar para contar a ela sobre Warren.

— Você poderia passar aqui hoje? — ela perguntou. — Eu me lembrei de algo e... bem, podemos conversar quando você chegar. Está livre?

— Sim — respondi, pensando nos meus planos vespertinos com Warren. Poderíamos passar na casa de Eva antes. Eu poderia reunir dois velhos amigos. — Meio-dia está bom?

— Ótimo — ela disse.

— Eva, eu vou levar um amigo. Alguém que eu gostaria que você conhecesse.

— Perfeito — respondeu ela. — Quanto mais gente, mais divertido.

Terminei meu café da manhã e preendi o cabelo em um rabo de cavalo. Sem pensar no que estava fazendo, tirei um short e uma camiseta do guarda-roupa e fiquei de pé em frente a um espelho que ia até o chão no meu quarto. Minhas pernas não eram mais o que foram. Antes tonificadas e fortes, elas pareciam moles e frouxas agora. Eu não era mais uma corredora. *Será que um dia conseguiria voltar à forma?*

Fui até o closet, que parecia vazio sem as roupas de Ethan. Desviei o olhar e um lampejo azul chamou minha atenção na prateleira inferior de sapatos. Meus tênis de corrida. Eles estavam ali despreziosamente, sem me provocar como faziam nos meses anteriores. Agora, apenas aguardavam, em silêncio. Caminhei até eles e os peguei, sentando-me na cama enquanto lentamente afundava os pés em suas palmilhas macias. Gostei da sensação de calçá-los, confortáveis e firmes. Amarrei os cadarços, dando um laço duplo. Meu coração bateu mais forte quando tomei um gole d'água e enfiei o celular e a chave no bolso, rituais que eu havia feito no passado centenas de vezes antes de correr.

Gene não disse nada quando saí do elevador e passei pelo saguão. Não era o momento adequado para conversa. Além disso, minha mente estava agitada e meu coração, pesado. Fazia um ano desde a última vez que saíra para correr. Um ano de mudanças na vida. Ele simplesmente segurou a porta aberta para mim enquanto caminhei até a rua, acenando com a cabeça enquanto cruzava o portal do edifício. Eu havia feito muitas corridas ao longo dos anos. Mas esta, mesmo se durasse apenas três quarteirões, parecia a corrida da minha vida. E era.

No começo eu caminhei. *Um pé na frente do outro.* Antes fortes e firmes, minhas pernas pareciam palitos de sorvete sob meu tronco. Balancei a cabeça. *Não, não consigo fazer isso.* Uma abertura na calçada acelerou o ritmo do meu coração. Eu me lembrei do carro se lançando em minha direção. Do modo como tombei. Do impacto, seguido do estalo em meu abdômen. *Um pé na frente do outro.* Recuperei o ritmo cautelosamente. *Respire.* O sol brilhava em meu rosto, quente e amigável. Uma mulher olhou para mim de um café próximo e sorriu. *Respire.* Os pássaros gorjeavam de seus poleiros em fios de eletricidade. Antes que eu pudesse notar, estava correndo novamente, correndo para valer.

Ziguezagueei pelos quarteirões próximos de casa e depois resolvi fazer o percurso passando pelo Café Lavanto. Eu não entraria nele, não depois da revelação de Dominic. Mas eu ansiava passar correndo por ele, para imaginar Warren brincando do lado de fora na infância. Suada e sem fôlego, alcancei o topo da colina e inclinei o corpo para a frente, com uma dor na lateral. Apertei o local dolorido e respirei fundo por várias vezes, antes de olhar para cima, na direção do café, na quadra à frente. O edifício estava separado com cones laranja. Homens usando capacetes seguravam pranchetas e se agitavam na entrada, apontando para a estrutura. Uma fita amarela proibia qualquer um que quisesse tomar um café com leite. Ou um chocolate quente. *Certamente eles não começaram a demolição ainda.* Puxei o celular do bolso e digitei o número de Dominic, mas, após três toques, o correio de voz atendeu.

— Dominic — eu disse em voz alta por causa do barulho de um grande caminhão que dava marcha à ré em frente ao café. — Você disse que estava vendendo, mas não achei que seria tão rápido. Eu...

Sem palavras, desliguei o telefone, aproximando-me da fita amarela, e acenei para um homem que usava um capacete amarelo.

— Com licença! — gritei.

Ele caminhou até onde eu estava com a expressão de alguém que não queria ser incomodado.

— O que está acontecendo aqui?

— O prédio vai ser demolido — ele disse. — Bem, não hoje.

Estamos apenas preparando as coisas.

— Não! — gritei. — Não pode ser.

O homem deu de ombros.

— Pode acreditar. — Ele virou a prancheta para mostrar os croquis do que parecia ser um novo condomínio de prédios. Nos esboços, uma loja da Starbucks ocupava o piso inferior. — Conseguimos a aprovação das licenças rapidamente neste aqui. O chefe quer o novo prédio em pé antes de o edifício do outro lado da rua ficar pronto.

Balancei a cabeça.

— Difícil acreditar que uma construção velha como esta tenha resistido até hoje — ele comentou, olhando de relance para a placa na janela. — Um monte de entulho.

— Acontece que este *entulho* — eu disse — é um lugar muito especial. É onde...

O homem gritou algo para um trabalhador a distância e se afastou.

— É onde Vera e Daniel viveram — continuei, ainda que só eu estivesse ouvindo minha voz. — Vocês não podem demolir. Não podem.

Observei por um tempo enquanto a equipe de construção andava de um lado para o outro. Eles se aglomeravam como cupins que se juntam para devorar um pedaço apodrecido de madeira. Eu queria me jogar no prédio e envolvê-lo com os braços para protegê-lo, assim como ambientalistas obstinados se acorrentam a árvores. Sentia enjoo ao pensar em todas as lembranças, todos os segredos que viriam abaixo quando a bola de demolição atravessasse a

estrutura. Eu odiava pensar que poderia ter perdido algo, mas o mais importante era garantir que Warren tivesse a chance de ver este lugar mais uma vez.

Decidi me afastar dali, recuperando o ritmo de trote assim que virei a esquina. Quando minha respiração acelerou, minha mente voltou a lembrar-se de Ethan. As memórias fizeram com que meus pés pisassem com mais força e meu coração batesse mais alto. Antes que eu pudesse perceber, já tinha passado correndo pelo Pacific Place e alcançara a Broad Street, onde o Space Needle brilhava no alto. Foi então que me toquei. *Não é o perdão de Ethan que estou buscando; é o meu próprio perdão.*

Meu telefone tocou dentro do bolso e eu diminuí o ritmo. Quando vi o número de Ethan na tela, o primeiro instinto foi deixar a ligação ir para o correio de voz. Pensei em *desistir* dele. Enfiei a mão no bolso e agarrei o telefone quando ele tocou pela segunda vez e, em seguida, pela terceira. Então, tirei o aparelho do bolso. Nós tínhamos perdido um bebê. Tínhamos perdido parte de nós mesmos. Tínhamos passado por tantos obstáculos. Por muita coisa. Mas isso não significava que tínhamos perdido um ao outro.

Apertei o botão verde.

— Oi — eu disse.

— Oi — ele respondeu. — Quero ir pra casa. Isto é, se você deixar.

— Mas eu pensei que você tinha dito que...

— Claire, eu não sei o que eu disse e posso francamente dizer que não sei como consertar nosso relacionamento. Só sei que quero consertar.

— Ethan — chorei. — Eu também quero. Muito.

— Vou estar na próxima balsa.

Corri outro quilômetro e diminuí o ritmo para uma caminhada quando estava a um quarteirão de distância do nosso prédio. Meu

coração batia forte. O rosto não conseguia conter o sorriso. Peguei o celular no bolso e liguei para a Elliott Bay Jewelers.

— Sim, meu nome é Claire Aldridge. Eu comprei um relógio para meu marido há um tempo e, bem, resolvi que quero fazer a gravação.

— Sim — a mulher disse —, o que será escrito?

— Você pode gravar simplesmente "Soneto 43"?

— Só isso? — a mulher perguntou. — Nada mais?

— Não — respondi. — Isso resume tudo o que eu preciso dizer.

Desliguei o telefone assim que cheguei ao prédio. Gene segurou a porta aberta para mim; o suor escorria pelo meu rosto.

— Você está de volta — ele disse, com um sorriso de orgulho.

— Estou de volta — confirmei, entrando no elevador. Desta vez, as palavras finalmente pareciam verdadeiras.

Olhei por sobre o sofá quando Ethan entrou no apartamento. Ele deixou a mala ao lado da porta e ela tombou, deixando cair uma pasta no tapete, mas ele não parou para recuperá-lo.

— Claire, me perdoe — ele disse, com um sorriso envergonhado — pelo jeito como me comentei.

— Me perdoe também — pedi baixinho.

Ele caminhou até mim e se ajoelhou, ficando com o rosto bem na minha frente.

— Você está correndo de novo — sussurrou.

— Sim — respondi. — Finalmente. — Passei os dedos no cabelo dele. Um toque de grisalho aparecia em suas têmporas, lembrando-me de quanto eu desejava envelhecer ao lado deste homem.

— Aconteceu uma coisa engraçada — ele disse. — Na balsa até a ilha, vi um casal com um menininho. — Enxugou uma lágrima. — Ele tinha mais ou menos a idade que nosso filho teria hoje. Um ano. Mal conseguia andar.

Juntei as duas mãos atrás do pescoço de Ethan e comecei a chorar.

— Nosso *filho*?

Ele acenou com a cabeça.

— Nós tivemos um menino.

— Ethan — eu chorei, deixando a revelação perfurar meu coração.

— Era um menino lindo — ele disse em meio a lágrimas. — Ele tinha o nariz igual ao seu. Eu amo o seu nariz.

Afundi o rosto no peito dele enquanto ele me balançava lentamente.

— Comecei a pensar em como seria a vida sem você, Claire, sem nós dois. Querida, eu não quero essa vida.

— Eu também não quero — respondi, sentindo um nó na garganta.

— O que o psicólogo do hospital disse mesmo? Que, quando você perde um filho, a chance de acabar divorciado aumenta duas vezes?

Acenei com a cabeça.

— Algo assim.

— Vamos derrubar essa estatística — ele disse, envolvendo minha cintura com o braço. — Vamos recomeçar.

Assenti.

— Daniel — eu disse baixinho.

Ethan parecia confuso.

— Daniel?

— Sim — confirmei sorrindo. — Nosso bebê. Eu quero chamá-lo de Daniel.

— Ah — ele respondeu, com a voz trêmula de emoção. — Daniel. Um nome perfeito para nosso primeiro filho.

Eu sorri.

— Você fala como se fôssemos ter outro.

Ele abriu um sorriso.

— Eu gostaria. Se você estiver pronta...

— Estou quase lá — respondi, esfregando meu rosto no pescoço dele.

— Me perdoe por não estar lá com você — ele pediu baixinho. — Você vai conseguir me perdoar por isso um dia?

Entrelacei meus dedos nos dele.

— Você vai conseguir *me* perdoar?

— Eu já perdoei — ele disse, olhando pela janela na direção do Sound e, em seguida, de volta para mim. — Ei, vamos esquecer o trabalho hoje e ir para algum lugar, agora mesmo, para comemorar nosso recomeço.

Olhei para o relógio.

— Não posso — avisei. — Ainda não. Já tenho um encontro.

Ethan parecia confuso.

— Com seu avô — eu disse, pressionando o rosto em seu peito, aspirando o cheiro fresco de sua camisa branca. Senti uma dor no coração quando me lembrei da demolição que ocorreria no café. Era tarde demais, mas não para uma última olhada. Talvez isso bastasse para Warren. — Eu adoraria se você pudesse vir com a gente — pedi, olhando para Ethan. — É um grande momento para ele. — Parei. — E para mim.

As chaves tilintaram quando ele as tirou do bolso, o som de duas pessoas seguindo em frente — juntas.

— Eu levo vocês.

Ethan estacionou na rua, em frente ao prédio de Eva, e Warren virou-se para mim com uma expressão confusa.

— Mas eu pensei que estivéssemos indo para o...

Olhei para o relógio, ciente de cada minuto que passava. Ainda que o prédio não fosse ser derrubado hoje, saber que a demolição estava tão próxima de ocorrer me deixava cada vez mais ansiosa

para que Warren o visse pela última vez. Mas eu tinha prometido a Eva.

— Precisamos fazer uma parada aqui antes — respondi. — Só por um minuto. Tem alguém que eu gostaria que você conhecesse.

Warren e Ethan me seguiram até o elevador, a caminho do andar de Eva. Quando chegamos à porta dela, eu bati.

— Claire — Eva disse, toda animada, recepcionando-nos dentro do apartamento. — E você trouxe amigos! Vejamos, este deve ser o seu marido — ela disse, virando-se para Ethan.

— Sim, senhora — Ethan confirmou, passando o braço ao redor de minha cintura. Adorei o calor de seu abraço, mas esse momento não era nosso; era deles.

— Eva — eu disse baixinho —, este é Warren Kensington, mas você o conhece por outro nome.

Ela olhou para mim e, em seguida, para Warren, analisando seu rosto.

— Eva — Warren disse. A lembrança tremulou em seus olhos quando ele estendeu a mão para ela. — É tão bom vê-la novamente. Talvez você se lembre de mim como Daniel. Daniel Ray.

— Meu Deus — Eva ofegou. — Estou sonhando? — Ela se sentou em uma cadeira ao lado da janela. — É um milagre — continuou, virando-se para mim. — Como...? Onde você...?

— Ele é o meu avô — Ethan contou.

Impressionada, Eva olhou para mim e, em seguida, para Warren, que apontou para mim:

— E esta bela repórter aqui decifrou o caso.

Eva parecia chocada.

— Você quer dizer que estava vivo esse tempo todo?

Warren sentou-se ao lado dela e sorriu.

— Bem, o velho coração ainda está batendo, então, acho que sim.

Eva estendeu a mão e pegou no braço de Warren.

— Mal consigo acreditar que você está aqui comigo — ela disse. — Sua mãe sentiu tanto a sua falta.

— Eu posso imaginar — ele respondeu.

— Você se lembra, Daniel?

— Acho que sim. Tem momentos em que acredito conseguir me lembrar daquela vida. Quando fecho os olhos, consigo ver o rosto dela.

Eva sorriu.

— O rosto de Vera?

— Sim — ele sussurrou.

Eu me ajoelhei ao lado da cadeira de Warren.

— Eu encontrei o túmulo dela — contei.

Warren pareceu profundamente comovido.

— Como conseguiu?

— Eva.

— Meu Deus — ele disse. — Eu a procurei por tanto tempo. Eu...

— Você gostaria que eu te levasse lá hoje, depois de visitarmos o prédio onde vocês moravam?

— Sim — respondeu Warren, mexendo-se na cadeira. Quando ele ergueu a perna, acabou derrubando uma revista da mesa de centro. Eu me abaixei para recolhê-la e meu bracelete escorregou do pulso. As safiras reluziram com a luz solar da tarde que entrava pelas janelas.

Eva sentou-se na cadeira.

— Claire, esse bracelete — ela disse. — É sobre isso que eu queria conversar com você. Eu o notei em seu pulso no outro dia. Posso perguntar onde você o conseguiu?

Eu me virei para Ethan, que esperava em silêncio próximo da saída, inclinando-se sobre a moldura da porta.

— Meu marido o deu para mim — respondi, orgulhosa. — Foi um presente de Ethan.

— Me deixe vê-lo — ela pediu, estendendo a mão.

Ergui o pulso diante de Eva, que analisou a corrente de ouro por um longo tempo.

— Sim — ela disse.

— O que foi?

— O bracelete de Vera. Aquele que Charles deu a ela de presente quando a estava cortejando.

— Não pode ser — respondi.

— Ela tem razão — Warren disse, resolutivo. — Meu pai o deu para mim quando eu era jovem. Ele disse que eu deveria dá-lo para uma mulher muito especial porque tinha pertencido a alguém que ele amara um dia. Eu o dei para minha esposa, e, quando ela faleceu, repassei-o para o Ethan dá-lo a você.

Balancei a cabeça, sem acreditar.

— Durante todo esse tempo eu estive usando o bracelete dela.

Ethan ajoelhou-se ao meu lado e eu apertei a mão dele.

— Eu me lembro agora — falei, recordando-me de minha pesquisa. — O laudo da autópsia. Charles Kensington — eu me virei para Warren —, o seu pai, recolheu os objetos pessoais dela. Isso deve ter ocorrido depois que Josephine contou a ele a verdade sobre você, depois que ele descobriu que Vera tinha morrido enquanto procurava o filho.

Apertei o bracelete com carinho. Ele estava no pulso de Vera na noite em que ela dera seu último respiro e viera parar no meu braço, cerca de oitenta anos mais tarde.

— Minha falecida esposa sempre amou esse bracelete — Warren comentou. — Se ela tivesse descoberto sua verdadeira história. Mas nós vamos nos encontrar novamente — ele disse, olhando para cima, na direção do céu, e dando uma piscada. — E eu vou ter uma história e tanto para contar a ela.

— Um dia você vai contar — Eva disse.

Eu me levantei.

— Tenho certeza de que vocês dois poderiam ficar relembrando o passado eternamente, mas Warren tem mais uma parada a fazer... isto é, se você estiver pronto.

— Sim — ele respondeu, levantando-se. — Estou.

Eva nos seguiu até a porta.

— Não consigo expressar como foi bom vê-lo — ela disse para Warren. — A sensação que tenho é de que a alma de minha mãe agora poderá descansar.

— Tia Caroline? — ele perguntou, como se extraísse uma lembrança havia tanto tempo enterrada em sua mente.

— Sim. Minha mãe. O desejo dela antes de morrer era encontrar você.

— Espero que ela esteja sorrindo lá de cima agora — Warren disse.

— Eu sei que ela está — Eva respondeu. — Com Vera.

Meu coração bateu mais forte quando Ethan começou a dirigir rumo ao Café Lavanto. Ele encostou o carro em uma zona de carga e descarga, na base da colina que dava acesso ao café.

— Parece que não tem nenhuma vaga na rua — ele disse, espremendo o olho. — Vou deixar vocês aqui.

Soltei o cinto no banco de trás e me inclinei na direção de Warren, que estava no banco do passageiro.

— Pode ser a última oportunidade de ver o velho prédio — avisei. — Eles vão demoli-lo.

— Que lástima — ele disse, tentando dar uma olhada na cena à frente. — Por quê?

— Um novo condomínio — respondi.

— Esta cidade já não tem condomínios suficientes?

Dei de ombros.

— Seattle parece ter um apetite insaciável por condomínios e Starbucks. — Olhei para fora, na direção do café. — É uma lástima, realmente. O proprietário é um bom homem. Está vendendo o local para ajudar a mãe. Ela está doente há muito tempo e ele não tem como pagar as despesas médicas.

Eu não sabia se Warren estava me ouvindo. Seu olhar permanecia fixo na rua.

— Você vai entrar? — perguntei a Ethan, antes de pisar na calçada. O sol da tarde irradiava pelo para-brisa e fazia os olhos verdes dele reluzirem.

Ele olhou de relance para o avô e depois para mim.

— Vá na frente, Claire — disse, com um sorriso. — É a sua história.

— Obrigada — sussurrei.

— Eu volto para pegar vocês daqui a meia hora — ele disse, com os olhos cheios do amor do qual eu sentira tanta falta. — Acham que é tempo suficiente?

Acenei com a cabeça e apertei a mão de Warren ao sairmos do carro e pisarmos na calçada, aproximando-nos cautelosa e silenciosamente do café.

— Está pronto? — perguntei.

Ele assentiu, e nós dois caminhamos lentamente pelo quarteirão íngreme, parando muitas vezes para que Warren recuperasse o fôlego. Um canteiro de obras não era lugar para alguém que tivera alta recentemente, e por um instante eu me senti culpada por levá-lo até ali. Mas então me lembrei de que tinha sido ideia dele, desejo dele.

— Claire! — Olhei para cima e vi Dominic correndo em nossa direção. — Estou tão contente que você esteja aqui. Fiquei tentando ligar a tarde toda, mas seu telefone devia estar desligado.

Peguei minha bolsa e percebi que tinha acidentalmente colocado o aparelho no modo vibratório.

— Dominic — falei —, eu não culpo você.

Ele apanhou um envelope.

— Eu vou assinar os papéis esta tarde — disse, como se se desculpasse. — Vai levar um ou dois dias para começar a demolição.

— Coçou a testa. — Claire, eu realmente odeio ter que fazer isso, mas foi a única maneira que arranjei para sustentar minha mãe.

Ergui a mão.

— Por favor, não se desculpe por isso. Eu compreendo.

— Mesmo?

— Sim — confirmei. — Eu só queria que houvesse outra maneira de manter o prédio. Estou arrasada por saber que este lugar não vai mais existir.

— Meu irmão e minha irmã ofereceram-se para compartilhar as despesas — ele disse. — Abrimos uma conta em nome dela para conseguir apoio da comunidade. Um banco da região se ofereceu para equiparar as doações dólar por dólar. Mas ainda não levantamos dinheiro suficiente.

Warren estava ao meu lado, ouvindo a troca de ideias sem tirar os olhos da porta do café. A soleira, num tom vermelho queimado, estava precisando urgentemente de uma pintura, principalmente a borda superior direita, que expunha a madeira crua sob a camada de tinta descascada. Fiquei imaginando que cor a moldura da porta deveria ter nos anos 1930.

Dominic lançou um olhar intencional para mim e acenou com a cabeça na direção do café assim que outro caminhão encostou no meio-fio.

— Tudo bem — ele sussurrou. — Eu vou pedir para não entrarem até que vocês dois saiam de lá. Fiquem quanto tempo precisarem.

Olhei para Dominic com curiosidade.

— Como você sabe quem ele...?

Dominic sorriu.

— Daniel, certo?

Acenei com a cabeça.

— Mas como você...?

— Eu sabia que você o encontraria — respondeu, sorrindo.

Demos um passo à frente e Warren olhou para mim em busca de apoio.

— Eu venho esperando este momento há muito tempo — ele confessou, olhando fixamente para a porta e em seguida se virando para mim com os olhos nostálgicos.

Eu estava preocupada com o coração dele, tanto pela carga física quanto pela emocional. Mas ele precisava disso. A vida dele fora como um trágico romance sem o capítulo final, um belo desfecho. Nós descobrimos, tiramos a poeira que o cobria, e agora era hora de ele ler esse livro.

— Obrigado, Claire — ele disse.

Dominic segurou a porta aberta e nós entramos. A velha máquina de espresso La Marzocco tinha sido removida do bar. Uma sombra escura de manchas de café permanecia em seu lugar. As mesas e cadeiras haviam sido empurradas para uma parede lateral, enfileiradas e prontas para serem transportadas em carrinhos. A bela lareira parecia solitária na parede distante. Respirei fundo. Os lindos azulejos colocados por Ivanoff, o construtor, seriam destruídos com tudo o que restara ali.

— Warren? — chamei.

Ele não respondeu. Peguei em sua mão.

— Warren, você está bem?

— Eu me lembro — ele disse, com os olhos arregalados e o corpo paralisado. — Este corredor. Havia homens aqui. Bêbados. Minha

mãe costumava me arrastar para dentro; nós passávamos correndo por eles e subíamos os degraus.

Ele andou lentamente por alguns metros, na direção dos fundos do café.

— Posso? — perguntou, virando-se para Dominic.

— Por favor — respondeu ele.

Segui Warren pela porta que levava até o compartimento dos fundos e escadaria acima. Os degraus rangiam sob nossos pés, e ofereci o braço para que ele segurasse em mim, mas ele balançou a cabeça.

Ficou parado na pequena plataforma entre dois lances de escada e passou a mão pelo balaústre.

— Todos esses anos — ele disse, levando a mão ao bolso do casaco — eu sonhei com este lugar. — Interrompeu a fala para tirar um lenço e enxugar o canto do olho. — E estar aqui... é do jeito que eu me lembro.

Peguei sua mão.

— Você se lembra dela? De Vera?

Ele balançou a cabeça.

— Eu me lembro. Acho que não é bem uma lembrança, mas sim um... *sentimento*. — Ele fechou os olhos e respirou fundo. — Um instinto. O coração nunca se esquece da nossa mãe.

Pisquei para conter uma lágrima, observando seus olhos examinarem a parede da escadaria. Ele caminhou até mais perto, como por instinto, e passou a mão pela base da estrutura.

Eu me aproximei da parede.

— O que foi?

Ele deu um passo para trás e suspirou.

— Não é nada — respondeu. — Pensei que tivesse me lembrado de algo, mas...

— Deve ser difícil — eu disse — estar aqui novamente.

Os olhos dele brilharam.

— Ela deve ter se sentido devastada por me perder daquela forma. Minha esposa teria enlouquecido se tivesse perdido um de nossos filhos. Ela nunca mais teria sido a mesma.

— Para ter te procurado como ela procurou, ela deve ter amado muito você — afirmei.

Warren acenou com a cabeça antes de começar a descer os degraus. Eu o segui, mantendo a mão perto do cotovelo dele para ajudá-lo a se equilibrar.

— Vou te levar de volta agora — eu disse. — Você deve estar cansado.

Ele não pareceu ter me ouvido. Olhou para a direita, depois para a esquerda, como se pudesse perceber algo, *sentir* algo.

— Warren? — perguntei. — Você está bem?

Ele caminhou de volta até os degraus em silêncio, depois parou em frente a algumas caixas encostadas na parede. Ajoelhou-se e as empurrou de lado, expondo o revestimento ao longo do gesso caindo aos pedaços. Dominic e eu observamos enquanto ele passava os dedos nos sulcos da parede, como se estivesse operando à base da memória motora. Momentos depois, ouvimos o ranger de uma dobradiça, e Warren abriu com esforço uma minúscula porta. *Um compartimento secreto*. Meu coração bateu mais forte.

Ele enfiou a mão dentro do pequeno espaço na parede. Eu me ajoelhei ao lado dele e o observei enquanto tirava de lá uma pena coberta de poeira. Ele a retorceu entre os dedos e sorriu para si mesmo antes de deixá-la no chão de madeira. Ao lado dela, pôs uma pedrinha cor de damasco, uma moeda de um centavo, três conchas brancas e um surrado ás de copas.

— Encontrei isto lá embaixo — ele disse, admirando-se com a carta. — Mamãe me deixou guardar.

*Mamãe.*

Fiquei observando quando ele enfiou a mão de novo dentro da parede, desta vez tirando um envelope. Ele o ergueu para mim com a mão trêmula. À tinta desbotada estavam escritas as palavras “Para Daniel”. Ele se virou para mim.

— Claire, você poderia ler esta carta?

Levantei a aba do envelope amarelado. Tirei uma página frágil de dentro e a desdobrei, olhando para Warren antes de lançar o olhar à primeira linha:

*Meu querido Daniel,*

*Meu mundo terminou no dia em que você desapareceu, amado filho. Seja lá quem tenha levado você para longe, roubou meu coração, minha vida. Eu vivi para ver você sorrir, para ouvir você gargalhar, para compartilhar sua alegria. O mundo parece menos belo sem você. Eu sei que você está por perto. Sinto isso em meu coração; acredito que você voltará a este lugar. Nosso lugar especial. E, quando você voltar, quero que saiba o quanto eu te amo, mesmo que eu possa não estar mais aqui para te dizer.*

*Um dia nós vamos nos encontrar de novo, meu filho. Um dia eu vou cantar para você outra vez e te segurar em meus braços. Até lá, vou continuar amando você e sonhando com você.*

*De sua amorosa mãe,*

Vera

E ali estava o pequeno Daniel, diante de mim. Eu conseguia enxergá-lo como um dia Vera conseguira. Com as bochechas macias, rechonchudas e enrugadas. Com cachos loiros em vez de fios brancos. Olhos azuis brilhantes desanuviados pela idade.

Warren olhou para mim.

— O café — ele disse. — Vai ser demolido?

Acenei com a cabeça.

— Lamento muito, Warren. Dominic o vendeu. Ele tem que...

— De quanto foi a oferta?

— Como?

— O incorporador que quer comprá-lo. Quanto ele ofereceu?

Balancei a cabeça.

— Eu não sei. Dominic não me disse.

— Eu pago o dobro.

Não consegui conter o sorriso.

— Sério, Warren? Você faria isso?

Ele sorriu.

— Eu não posso deixá-los demolir o lar da minha infância agora, posso? Ele não disse que a família dele precisava de dinheiro? Assim eu faço um bom uso do dinheiro deste velho Kensington. — Ele olhou ao redor do pequeno cômodo. — Sim, aquele bom rapaz pode ficar com as coisas do jeito que estão. Eu não vou mudar nada de lugar. — Os olhos dele pareciam nostálgicos. — Bem, com exceção de *uma* coisa.

— O que é?

— O nome — ele disse. — Vou mudar o nome para Café da Vera.

— Oh, Warren! — exclamei, dando um abraço apertado nele. — Ela ficaria tão orgulhosa.

Olhei de relance para a letra de Vera pela última vez, e uma frase no final da página chamou minha atenção. Um P.S. De alguma forma eu não o tinha visto ao ler a carta.

— Espere — falei. — Tem algo que deixei de ler.

*P.S. Daniel, não se esqueça do Max. Eu o encontrei na neve. Ele sentiu sua falta.*

Balancei a cabeça, confusa.

— Max?

Warren ficou atônito. Ele enfiou a mão na parede de novo, desta vez um pouco mais no fundo. Instantes depois, trouxe para fora um ursinho de pelúcia esfarrapado, com um laço azul de veludo em pedaços.

— Max — ele disse, arrumando o empoeirado laço. — Eu o deixei cair na noite em que ela veio me buscar. — O queixo dele tremeu. — Ela não me deixou voltar para pegá-lo.

— Josephine?

— Sim — respondeu ele. — Eu só conseguia pensar em como ele passaria frio na neve. Estava muito frio.

Pus a mão no ombro dele.

— A sua mãe o encontrou e o guardou para você — eu disse. — Ela sabia que você voltaria para casa.

Warren levantou-se, segurando o ursinho nos braços. Ele o apertou contra seu rosto, enfiando o dedo sob a fita corroída, do jeito que devia fazer quando era criança. Era apenas tecido, fios e enchimento, grosseiramente costurado. Mas, para Warren, essa criatura de pelúcia podia ter valido cada dólar de sua fortuna.

— Vou lá para a frente — sussurrei, oferecendo o instante de solidão do qual senti que ele necessitava. — Podemos ir embora quando você estiver pronto.

Ele concordou com a cabeça, e eu saí até a frente do café. Dominic enfiou as mãos nos bolsos e olhou para mim, todo encabulado.

— Me perdoe por...

— Por favor, não se desculpe — eu pedi. — Tudo saiu como deveria acontecer. — Olhei de volta para Warren. — Quando ele estiver pronto para sair, vai ter algo para falar com você.

Dominic olhou para mim com uma expressão de dúvida.

— Ah, é?

Eu sorri e caminhei até a porta sem parar para ver o arrependimento nos olhos dele.

— Até logo, Dominic — eu disse, empurrando a porta para abri-la e pisando na rua. Ethan logo estaria ali. Nós estávamos começando um novo capítulo, muito mais bonito, e cada pedaço de mim sentia-se mais leve por causa disso. O sol infiltrava-se em meio às árvores, e eu notei um pássaro de peito inflado dando bicadas perto dos meus pés. Ousada e sem se importar com minha presença, a ave

olhou para mim fixamente, virando a cabeça para a direita. Levei um instante até notar seu ninho, a alguns metros de distância, disposto em uma pilha destrocada de galhos finos e soltos e fileiras de musgos na calçada. Um único ovo azul com uma fissura irregular ao longo do centro estava sobre o concreto, e a gema se derramava no meio-fio.

*Pobre criatura.* Ela perdeu seu bebê, assim como Vera perdera o dela e — respirei fundo — assim como eu perdera o meu. Não era justo. Era trágico. Mas era a vida.

A ave circundou o ninho, bicando um galho em vão, antes de se refugiar a alguns centímetros de distância no meio-fio. Eu quase consegui sentir o momento em que ela percebeu que seus esforços eram inúteis. O momento em que ela *desistiu*. Voou pelo ar, parando brevemente em um galho de cerejeira, como se fosse guardar a cena na mente, dizendo o último adeus.

Senti uma pontada na barriga naquele momento, a antiga dor. Envolvi com os braços o abdômen que tinha carregado e perdido um bebê. *Adeus, meu Daniel.*

— Eu sempre vou amar você — sussurrei.

E então o vento recuperou seu ritmo, fazendo farfalhar os galhos do choupo acima, agitando seus botões felpudos e soltando-os pelo ar. *Como se fosse neve.* Eu peguei um com a mão e sorri, olhando para o alto, na direção do céu, enquanto o pássaro bateu as asas, voou em círculos e voou para longe.

## *agradecimentos*

Muito obrigada a minha querida agente literária, Elisabeth Weed, pelo incentivo, orientação e bondade de sempre. Elisabeth, trabalhar com você é um prazer e um privilégio. Devo também muita gratidão e um café com leite duplo a Stephanie Sun, cujo *feedback* sempre fortalece minhas histórias. (Espere, vamos querer um triplo!) E um enorme obrigada a Jenny Meyer, por compartilhar meus livros com leitores em tantos países — da Alemanha à Itália, da Espanha à Turquia e outros (uau!) — e a Dana Borowitz, do UTA, por representar meus livros de forma tão eficiente no mundo do cinema.

Aos amigos da Plume, começando por minha extraordinária editora, Denise Roy, que se mostrou imediatamente entusiasmada com esta história, desde o título até os personagens, lendo o primeiro rascunho tarde da noite para me dar um rápido *feedback* — você é, em uma palavra, incrível. Eu amo trabalhar com você. A Phil Budnick, Kym Surrige, Milena Brown, Liz Keenan, Ashley Pattison, a maravilhosa equipe de vendas da Plume e a muitos, muitos outros da Penguin que trabalharam duro para fazer das minhas histórias livros bem-sucedidos, sou muito grata pelo apoio e parceria de vocês.

Este livro poderia nunca ter sido escrito se eu não tivesse ouvido no rádio a marcante canção *Blackberry Winter*, da talentosa cantora e pianista Hilary Kole (conheça a história completa lendo a *Nota da Autora*). E eu poderia nunca ter ouvido a música se não tivesse sintonizado no fantástico programa *Siriusly Sinatra*, da Sirius Satellite Radio, que sempre me deixa com vontade de escrever um romance sobre Frank Sinatra.

Obrigada às amigas que torceram por mim — principalmente aquelas que são mães. Grande abraço para vocês, Sally Farhat Kassab e Camille Noe Pagán, as adoráveis meninas da PEPS, e tantas outras. Eu também quero mencionar duas amigas muito especiais que se recuperaram de decepções e perdas nos últimos anos — ambas foram uma tremenda inspiração para mim, como mulheres e como mães: Lisa Bach, sua grande força e resiliência me deixam impressionada e me inspiram. Wendi Parriera, você me ensinou muito sobre ter fé e esperança diante do inconcebível.

Aos meus pais, por razões demais para listar aqui, mas principalmente a minha mãe, Karen Mitchell, por suas tortas de amoras-pretas e por tornar adorável a vida de seus filhos e netos; e ao meu pai, Terry Mitchell, por sua dedicação aos filhos, por nossas corridas juntos e por todas aquelas longas caminhadas até o antigo cemitério, onde a curiosidade da infância desenvolveu minha inspiração literária. Aos meus irmãos, Josh e Josiah, e a minha irmã, Jessica, minha queridíssima amiga, que é uma profunda inspiração para mim na maternidade e na vida — amo todos vocês.

Sou eternamente grata a meu marido, Jason, por ser o tipo que me incentiva e adora comemorar todas as pequenas (e grandes) coisas da vida comigo. J, eu amo estar nesta jornada com você. Meus amados filhos — Carson, Russell e Colby —, este livro é para vocês.

Por fim, aos meus leitores: obrigada por receberem tão bem minhas histórias em suas vidas, obrigada por lerem meus livros e por divulgá-los para amigos e familiares. Tenho muitas outras histórias para lançar — algumas em andamento, outras apenas pequenos vislumbres em minha mente —, e mal posso esperar para que vocês as conheçam.

## *nota da autora*

Uma manhã, enquanto estava no carro com meu marido e nossos filhos pequenos, uma música intrigante tocou no rádio. Eu nunca a tinha ouvido antes, mas fiquei paralisada na mesma hora com a melodia e com a voz da cantora. Virei-me para meu marido, que estava dirigindo:

— Esta música é *linda!* — exclamei. — Você a conhece?

Ele balançou a cabeça. Olhei para o rádio e na tela estava escrito “*Blackberry Winter*, de Hilary Kole”. O título fez meu coração palpitar. Como nasci no noroeste do País, tenho um apreço especial pelas amoras-pretas. Sinto-me nostálgica quando penso nas caminhadas que eu fazia após o jantar com meus pais e irmãos durante os verões da minha infância. Nós todos levávamos tigelas e caminhávamos pelos matagais perto de nossa casa atrás de amoras-pretas. Minha irmã e eu comíamos a maioria delas, e o restante ia para as famosas tortas ou bolos de frutas de minha mãe. O verão não era o mesmo se não tivesse os dedos manchados de suco de fruta.

Nesse dia no carro, peguei meu telefone (que, ahn, por acaso é um BlackBerry) e mandei um e-mail para mim mesma com o nome da música e da artista. Queria conhecer a letra, mas acima de tudo

queria entender a origem do título. *O que é um inverno das amoras-pretas?* Mais tarde, em casa, comecei a pesquisa. Descobri que o termo é um jargão antiquado sobre clima, e significa uma onda de frio repentina no final de uma estação — pense em temperaturas baixíssimas e nevasca em maio no hemisfério norte, exatamente quando as delicadas flores brancas estão começando a aparecer nos ramos de amoras-pretas.

Eu não conseguia tirar as palavras “inverno das amoras-pretas” da cabeça, e, naquela noite, comecei a esboçar o conceito deste livro. A história surgiu de forma rápida e nítida: Vera, Daniel e o pequeno apartamento que eles dividiam nos anos 1930; seu adorável ursinho de pelúcia, caído com o rosto na neve; Claire e sua curiosa mente de repórter, enfrentando sua própria dor e pesar; flocos de neve caindo nas cerejeiras da primavera.

Pelos próximos meses, vivi e respirei *Neve na Primavera*. No núcleo da história, para mim, estavam as emoções brutas de ser mãe. Comecei a escrever o romance quando estava grávida do meu terceiro filho, e canalizei a dor de Vera e Claire e algumas experiências dolorosas. Pensei muito em como seria a sensação de perder um filho e no que eu faria. Então, numa reviravolta de cortar o coração, pouco antes de terminar o livro, uma de minhas melhores amigas, Wendi Parriera, perdeu o filho de dois anos de idade para uma rara espécie de câncer cerebral. Foi de cortar o coração vê-la se despedindo de seu precioso menino; eu chorei com ela ao telefone enquanto ela segurava o filho contra o peito nas últimas horas de sua vida. Mas também vi a força daquela mulher e a luz em seus olhos — a mulher que me disse que é grata por ter sido a mãe daquele lindo menino e que ela estava feliz por saber, com certeza, que o reencontrará no céu. Wendi sempre me faz lembrar que a maternidade — a vida —, independentemente da duração, é uma dádiva.

Embora os desafios dos meus personagens sejam grandes e suas histórias, trágicas, eu gosto de pensar, como minha estimada amiga, que eles encontraram seu próprio sentido de paz e verdade — rodando em uma nevasca de final de estação e escondido entre os protetores espinhos dos ramos de amoras-pretas.

Obrigada pela leitura. Espero que esta história tenha tocado seu coração da mesma forma que tocou o meu.